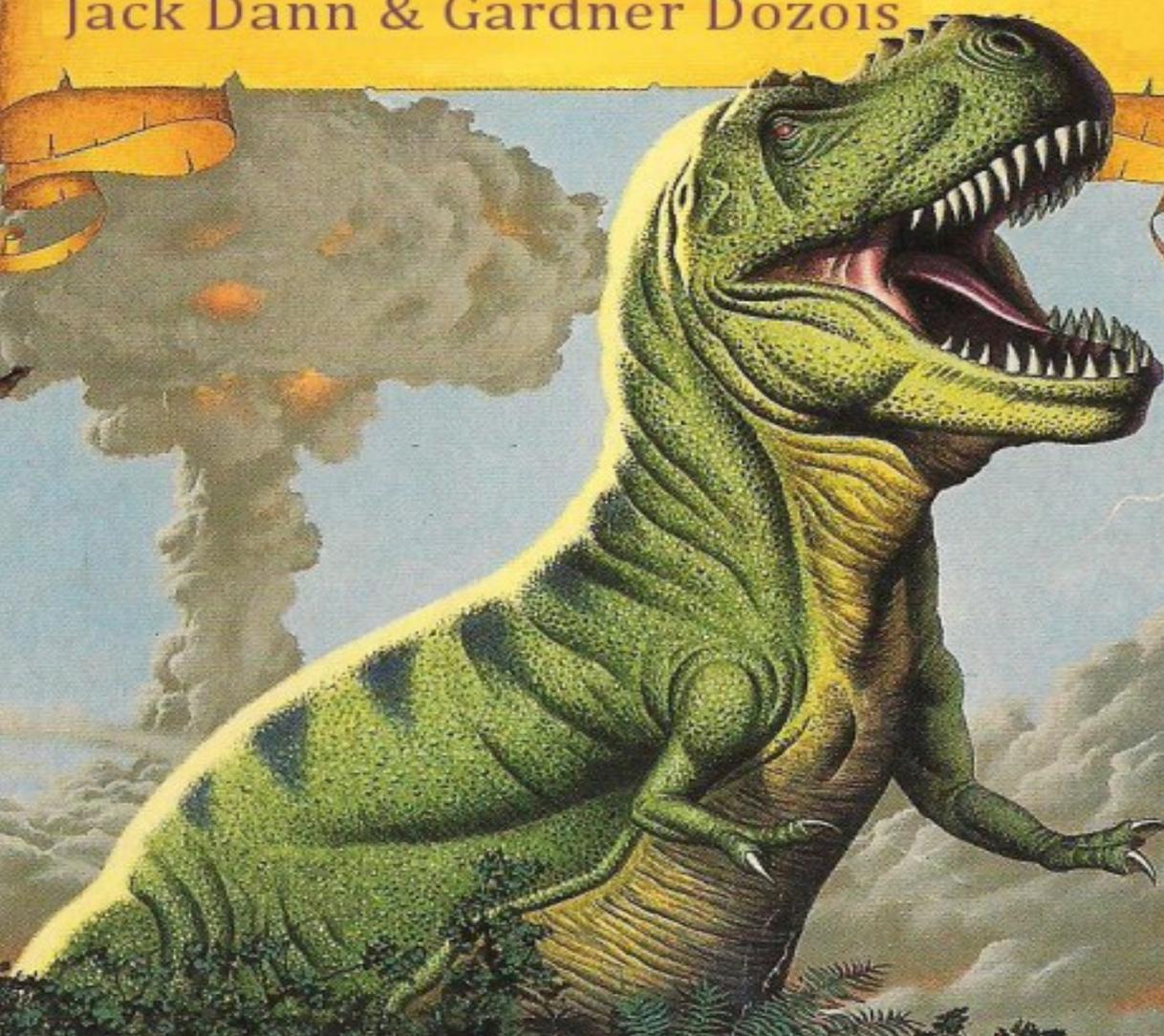


DINOSSAUROS!

Organizado por
Jack Dann & Gardner Dozois



APRESENTANDO

ARTHUR C. CLARKE, BRIAN W. ALDISS,
L. SPRAGUE DE CAMP AND MANY MORE...

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Editado por Jack Dann & Gardner Dozois

DINOSSAUROS!

Eles são os senhores supremos de um mundo selvagem e esquecido. Espreitando as antigas florestas, derrubando árvores a seus pés e estremecendo a Terra, os poderosos "lagartos terríveis" habitaram este planeta por quase 140 milhões de anos, até mergulharem misteriosamente para a extinção total. Mais de 60 milhões de anos separam o último dinossauro do primeiro homem. A idade dos répteis gigantes terminou há muito tempo porém, nos escuros sonhos, além das fronteiras do tempo e do espaço, eles vivem para sempre em nossos pesadelos.

Agora, neste livro, através de 14 contos escritos por verdadeiros "monstros" da Ficção Científica, poderemos viajar até o selvagem e esquecido universo dos DINOSSAUROS!

Uma maravilhosa antologia de Ficção Científica escrita por 15 autores de primeiríssima linha:

ARTHUR C. CLARKE Caminho do Tempo

BOBBUCKLEY Os Corredores

BRIAN W. ALDISS Pobre Pequeno Guerreiro

EDWARD BRYANT Estratos

GEOFFREY A. LANDIS Dinossauros

HARRY TURTLEDOVE Estação de Incubação

HOWARD WALDROP Irmão Verde

JACK DANN & GARDNER DOZOIS

Mudança de

Tempo

JAMES TIPTREE, JR Os Falsários

L. SPRAGUE DE CAMP Arma para Dinossauros

SHARON N. FARBER O Último Cavalo-Trovão a Oeste do Mississipi

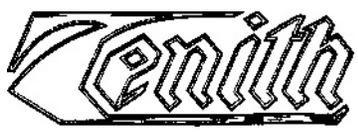
STEVE RASNIC TEM Dinossauro

STEVENUTLEY

Pulando Fora

TIM SULLIVAN

Dinossauro de Bicicleta

COLEÇÃO 

Organizado por

Jack Dann & Gardner Dozois

DINOSSAUROS!

Tradução de

Cláudia Freitas e Fábio Fernandes



Título original: Dinosaurs!

Copyright © 1990 by Jack Dann & Gardner Dozois



Título original: Dinosaurs!

Copyright © 1990 by Jack Dann & Gardner Dozois

Todos os direitos reservados à

Aleph Publicações e Assessoria Pedagógica Ltda.

Av. Dr. Luiz Migliano, 1110-3- andar

CEP05711 001 São Paulo SPtel.:

(011) 843-3202/843-0514



Diretor Editorial: Pierluigi Piazzi

Diretora Pedagógica: Betty Fromer

Colaboração Editorial: Silvio Alexandre Ferreira Neto

Diagramação: Fernando Fabbrini

Revisão: Michel Friedhofer e Geórgia Robles

Ilustração da capa: Vagner Vargas

Dados de Catalogação na Publicação Internacional (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dinossauros! / Arthur C. Clarke... et al.; tradução Cláudia Frdtas, Fábio Fernandes.
Paulo: Aleph, 1993. - (Coleção Zenith; VoL 6)

I. Ficção científica norte-americana. 2. Rccção notte-americana. L Clarke, Arthur
Charies, 1917-. D. Série.

Índices para catálogo sistemático

1. Ficção: Século 20: Literatura norte-americana 813.5
2. Século 20: Ficção: Literatura norte-americana 813.5

CRÉDITOS

"A Gun for Dinosaur", de L. Sprague de Camp. Copyright © 1956, Galaxy Publishing Corporation. Publicado pela primeira em Galaxy Science Fiction, março 1956. Reimpresso com permissão do autor.

"Poor Little Warrior", de Brian W. Aldiss. Copyright © 1958, Fantasy House, Inc. Reimpresso com permissão do autor.

"Green Brother", de Howard Waldrop. Copyright © 1982, Flight Unlimited, Inc. Publicado pela primeira em Sayol, n-5 - inverno 1982. Reimpresso com permissão do autor.

"Hatching Season", de Hany Turtledove Copyright © 1985, Davis Publications, Inc. Publicado pela primeira em Analog, dezembro. Reimpresso com permissão do autor.

"Getting Away", de Steven Utley. Copyright © 1976, UPD Publishing Corporation. Publicado pela primeira em Galaxy Science Fiction, março 1976. Reimpresso com permissão do autor.

"The Runners", de Bob Buckley. Copyright © 1978, Davis Publications, Inc. Publicado pela primeira em Analog, abril 1978. Reimpresso com permissão do autor.

"The Last Thunder Horse West of the Mississippi", de Sharon N. Farber. Copyright © 1988, Davis Publications, Inc. Publicado pela primeira em Isaac Asimov's Science Fiction Magazine, novembro 1988. Reimpresso com permissão do autor.

"Strata", de Edward Bryant. Copyright © 1980, Mercuiy Press, Inc. Publicado pela primeira em The Magazine of Fantasy and Science Fiction, agosto 1980. Reimpresso com permissão do autor.

"Time's Arrow", de Arthur C. Clarke. Copyright © 1952, Hillman Periodicals, Inc. Publicado pela primeira em Worlds Beyond. Reimpresso com permissão do autor.

"A Change in the Weather", de Jack Daim and Gardner Dozois. Copyright © 1981, Playboy. Publicado pela primeira em Playboy, junho 1981. Reimpresso com permissão do autor.

"The Night-Blooming Saurian", de James Tiptree Jr. Copyright © 1970, Universal Publishing and Distributing Corporation. Publicado pela primeira em Worlds of If, mai-jun 1970. Reimpresso com permissão do agente do autor.

"Dinosaur", de Steve Rasnic Tem Copyright © 1987, Davis Publications, Inc. Publicado pela primeira em Isaac Asimov's Science Fiction Magazine, maio 1987. Reimpresso com permissão do autor.

"Dinosaurs", de Geoffrey A. Landis. Copyright © 1985, Geoffrey A. Landis. Publicado pela primeira em Analog, junho 1985. Reimpresso com permissão do autor.

"Dinosaur on a Bicycle", de Tim Sullivan. Copyright © 1987, Davis Publications, Inc. Publicado pela primeira em Isaac Asimov's Science Fiction Magazine, março 1987. Reimpresso com permissão do autor.

Prefácio

Jack Dann e Gardner Dozois

Por 140 milhões de anos, o mundo foi governado por monstros.

Monstros cobertos de chifres, espinhos, cristas e armaduras impenetráveis; monstros cheios de garras, mandíbulas gigantescas que se abriam para mostrar filas de dentes mortais, afiados como os dos tubarões, monstros que pairavam e deslizavam nos céus pré-históricos como grandes dragões e nadavam como serpentes do mar nas profundezas geladas dos oceanos.

Monstros que ainda hoje habitam nossos pesadelos e podem ainda dividir o mundo conosco.

Monstros que nos fascinam.

Dinossauros.

Se você cresceu nos anos cinquenta ou sessenta, provavelmente foi ensinado a pensar nos dinossauros como imensas, desajeitadas, estúpidas feras de sangue frio que passavam os dias submersas até o pescoço em águas profundas (para ajudar a suportar seu vasto peso), ou talvez vagando lentamente por algum pântano tropical. Há um esperto ar de auto-parabenização nessa visão; os dinossauros desapareceram por que eram muito estúpidos e inflexíveis, incapazes de adaptar-se às mudanças de condições - diferentes de nós, espertos primatas. O termo "dinossauro" ainda é usado nesse sentido hoje em dia, aplicado a instituições fora de moda e obsoletas ou pessoas que são incapazes de acompanhar a mudança dos tempos em suas profissões, e ainda há uma presunção mamífera para esse uso. Como se nós tivéssemos sobrevivido - ou, ao menos, nossos ancestrais distantes - baseados em cérebro, habilidade e coragem, enquanto os obtusos titãs de cérebro de ervilha não o conseguiram; como se tivéssemos superado os dinossauros, como se os tivéssemos expulso do Terra.

Nada podia estar mais longe da verdade. Como Adrian J. Desmond disse: "Os mamíferos existiam desde o fim do Triássico, 190 milhões de anos atrás, e ainda assim pelos primeiros cento e vinte milhões de anos de sua existência, do fim do Triássico até meados do Cretáceo, foram uma raça reprimida, incapaz de gerar, nesse período, algum carnívoro maior que um gato ou um herbívoro maior que um rato... Os dinossauros eram os senhores do mundo, criaturas tão eficientes em sua fisiologia e locomoção que arrebataram o mundo das garras dos mamíferos e o monopolizaram por 120 milhões de anos."

É verdade que muitos dinossauros eram imensos - o "Ultrassauro", por exemplo, que acredita-se ter pesado cerca de setenta toneladas e medido quinze metros, pode ter sido o maior animal que já existiu. E é verdade que muitos dinossauros eram relativamente estúpidos - o grande Brontossauro (conhecido

agora como "Apatassauro" pela paleontologia moderna), por exemplo, tinha um cérebro que pesava apenas 1/100.000 do peso de seu corpo. Mas esses eram apenas alguns dos dinossauros. Com diversidade espantosa, os dinossauros adaptaram-se com sucesso - e preencheram - quase todos os nichos ecológicos, exceto pelo nicho ultra-pequeno, do tamanho de ratos, que era o refugio para onde se retiraram os mamíferos pelos 120 milhões de anos seguintes. Diz Desmond: "Durante sua (dos dinossauros) temporada como senhores da terra, eles produziram uma corrente de formas para preencher os nichos hoje ocupados por mamíferos e pássaros tão diferentes quanto elefantes, tigres e avestruzes." Havia alguns dinossauros, como o Echinodon e o Compsognathus Longipes, que tinham o tamanho de galinhas. Havia alguns que eram graciosos e ligeiros. E enquanto alguns dinossauros eram bem burros, alguns dromaeosarurídeos dos meados do Cretáceo, como o Deinonychus e o Sauronithoides, eram relativamente inteligentes, com grandes cérebros, visão binocular e dedos para agarrar com um polegar opositor; dinossauros que, nas palavras de Desmond: "são separados de outros dinossauros por um golfo comparável com aquele que divide homens de vacas".

O debate sobre se os dinossauros tinham ou não sangue quente (pela primeira vez levantado por Robert T. Bakker e outros no início da década de 70) continua a existir e, provavelmente, será assunto de controvérsia em círculos científicos por décadas. Ainda assim, qualquer que seja o lado que essa controvérsia favoreça, nossa visão de vida dos dinossauros mudou consideravelmente daquela existente nos anos cinqüenta, de obtusos chafurdadores de lama. Como Silva J. Czerkas e Everett C. Olson disseram: "Quilo por quilo, a maioria dos dinossauros gigantes era mais forte, mais rápido e mais manobrável que os rinocerontes e elefantes de hoje em dia". Agora é amplamente aceito que alguns dinossauros viajavam em bandos, com uma organização social similar aos animais de rebanho de hoje, e mesmo o maior dos comedores de plantas é agora cada vez mais considerado como habitante de florestas, preenchia um nicho parecido com o que é hoje ocupado por elefantes e girafas, ao invés de vagueadores de pântanos. Alguns outros dinossauros, como algumas variedades de hadrossauro "bico de pato", são conhecidos por terem posto ovos em grandes colônias ou "incubadoras", como alguns pássaros marinhos de hoje, e acredita-se que realmente criavam seus filhotes depois de nascidos, em vez de abandonarem os ovos ainda fechados ao seu próprio destino, como muitas tartarugas fazem. Já foi sugerido que os pássaros modernos são descendentes diretos dos dinossauros; assim, num sentido, os dinossauros não se extinguíram realmente - em vez disso, você vê um representante vivo deles cada vez que vai ao parque. Você até mesmo pode ter alimentado-o com pedaços de pão.

Entretanto, se isso é verdade, - e ainda é altamente controvertido - então os pássaros são apenas descendentes remanescentes dos dinossauros. Porque há 65 milhões de anos, todos os outros dinossauros desapareceram repentina e

misteriosamente da terra, do mar e do ar. Mortos. Todos eles, mortos - num período que calcula-se variar de um milhão a alguns milhares de anos, ou mesmo alguns dias. Extintos.

O que matou os dinossauros?

Esse tem sido um dos maiores mistérios da ciência por décadas, e há quase tantas teorias quanto há teorizadores. Por anos, a teoria principal era que uma supemova próxima havia atingido a Terra com uma mortal onda de radiação. Outras favoritas eram as teorias da seca global (lembra-se daqueles dinossauros em Fantasia, vagando pelo deserto e morrendo de sede?), ou uma mudança do clima, quando então morreram de frio (embora haja algumas novas evidências que sugerem que alguns deles já viviam em áreas com um clima frio o bastante para formar gelo e congelar lagos). Períodos de grande atividade vulcânica por todo o mundo já foram acusados, assim como a chuva ácida. Uma teoria sugere que pequenos mamíferos furtivos correram pelas florestas comendo os ovos dos dinossauros. Há uma teoria que atribui seu desaparecimento à mudança da dieta causada pelo aumento das plantas floridas; outra diz que os dinossauros foram mortos por envenenamento alcalóide ao se alimentarem de plantas floridas; ainda outra diz que morreram de febre do feno pelo aumento das plantas floridas; e há ainda uma teoria que diz que os dinossauros morreram de constipação quando uma certa planta com propriedades laxativas se tomou extinta.

A última favorita, sugerida pela primeira vez em 1979 pelo Dr. Luiz de Alvarez, é que um imenso asteróide atingiu a superfície da Terra provocando monstruosos terremotos, imensos maremotos, incêndios globais e, muito pior, nuvens de poeira de rocha, fumaça, sujeira e vapor de água que espalharam-se pela atmosfera, bloqueando o sol e criando um cenário similar àquele de um "inverno nuclear": nenhuma luz solar, uma catastrófica queda de temperatura por todo o mundo e a morte da maior parte da vida vegetal, incluindo o tão importante plâncton no oceano, a base de toda a cadeia alimentar.

Essa teoria foi amplamente aceita durante os anos 80. Mas detratores começaram a aparecer, e agora está novamente sob ataque. A verdade é que nenhuma dessas teorias parece explicar adequadamente todos os intrincados detalhes da Grande Extinção Cretácea. Você pode muito bem sugerir, como Clifford D. Simak fez, que alienígenas famintos comeram os dinossauros, ou sugerir, como Isaac Asimov, que aqueles inteligentes e vorazes pequenos dinossauros que mencionamos, Sauronithoides e sua espécie, desenvolveram uma arma e caçaram seus parentes maiores e mais tolos até a extinção antes de inventarem a guerra e se virarem uns contra os outros.

É interessante especular sobre como seria o mundo hoje se os dinossauros não tivessem se tornado extintos. O professor Carl Sagan da Universidade Cornell escreveu: "Se não fosse pela extinção dos dinossauros, as formas de vida dominantes na terra hoje seriam descendentes do Sauronithoides, escrevendo e

lendo livros, especulando sobre o que teria acontecido se os mamíferos tivessem prevalecido?”

E o título deste livro teria que ser... “Mamíferos!”!

Sabe-se lá. Enquanto isso, fique feliz de que as coisas tenham acontecido desse modo, e continue lendo.

Arma para Dinossauros

L Sprague de Camp

L Sprague de Camp é uma figura seminal, alguém cuja carreira atravessou quase todo o desenvolvimento da fantasia e ficção científica moderna. Para a revista de fantasia *Unknown*, no fim dos anos trinta ele ajudou a criar um novo estilo moderno de escrever fantasia - engraçado, excêntrico e irreverente - do qual ainda é o mais proeminente praticante. Seus livros mais famosos incluem *Last Darkness Fall*, *The Incomplete Enchater* (com Fletcher Pratt), e *Roque Queen*. Seu livro mais recente é *Bones of Zora*, um romance escrito em colaboração com sua esposa, Catherine Crook de Camp.

Na brilhante história que se segue, uma das mais interessantes e convincentes histórias de dinossauros já escrita, ele nos mostra que mesmo o melhor profissional pode não estar preparado para todas as eventualidades...

Não, sinto muito, Sr. Seligman, mas não posso levá-lo para caçar um dinossauro no final do Mesozóico.

Sim, eu sei o que a propaganda diz.

Por que não? Quanto o senhor pesa? Cinqüenta e nove quilos? Vamos ver, isso é menos que dez stones, que é o meu limite mais baixo.

Posso levá-lo a outros períodos, sabe. Eu o levarei a qualquer período do Cenozóico. Posso levá-lo para atirar em um entelodonte ou um uinatério. Eles tem belas cabeças.

Até mesmo esticarei um pouco e o levarei ao Pleistoceno, onde pode tentar um mamute ou mastodonte.

Eu o levarei de volta ao Triássico, onde o senhor poderá atirar em um dos pequenos ancestrais dos dinossauros. Mas não o levarei alegremente ao Jurássico ou ao Cretáceo. O senhor é muito pequeno.

O que o tamanho tem haver com isso? Olhe aqui, meu rapaz, com o que pensa que vai atirar no seu dinossauro?

Oh, não tinha pensado nisso, hem?

Bem, sente aqui um minuto... Aqui está, minha arma particular para esses trabalhos, uma Continental .600. Parece uma espingarda, não é? Mas é um rifle, como pode ver olhando através dos canos. Atira um par de cápsulas de Nitro Express .600 do tamanho de bananas; pesa seis quilos e meio e da boca da arma sai uma energia de dois milhões novecentas e quarenta e nove mil e oitocentas unidades de energia. Custa um milhão, quatrocentos mil e cinqüenta dólares. Um bocado de dinheiro por uma arma, hem?

Tenho algumas extras que empresto para os sahibs. Foi desenhada para derrubar um elefante. Não apenas feri-lo, mas derrubá-lo de queixo no chão. É por isso que não fazem armas como essa na América, embora suponho que terão de fazer se as expedições de caça continuarem voltando no tempo.

Ora, eu tenho guiado grupos de caça por vinte anos. Os guiei na África até que a caça acabou, menos para os preservadores. E por todo esse tempo nunca conheci um homem do seu tamanho que pudesse agüentar uma seis-zero-zero. Ela os derruba, e mesmo quando conseguem se manter em pé, ficam tão apavorados com seus tiros que depois de algumas balas desistem. E a acham muito pesada para arrastá-la pelo terreno difícil do Mesozóico. Acaba com eles.

É verdade que muita gente matou elefantes com armas mais leves: a .500, .475, e a dupla .465, por exemplo, ou mesmo os repetidores magnum .375. A diferença é que, com uma .375, você tem que atingir algo vital, de preferência o coração, e não pode depender de um simples choque de força.

Um elefante pesa - vamos ver - quatro ou seis toneladas. O senhor está se propondo a atirar em répteis pesando duas ou três vezes mais que um elefante e com uma tenacidade de vida muito maior também. É por isso que o sindicato decidiu não levar mais ninguém para caçar dinossauros, a não ser que possam usar uma .600. Aprendemos do jeito mais difícil, como os americanos dizem. Houve alguns incidentes infelizes...

Vou lhe contar, Sr. Seligman. Já passou das dezessete horas. Hora de fechar o escritório. Por que não paramos no bar no caminho para casa enquanto lhe conto a história?

... É sobre nossa quinta viagem no tempo, minha e do Rajá. O Rajá? Oh, ele é a metade Aiyar de Rivers & Aiyar. Eu o chamo de Rajá porque ele é o monarca hereditário de Janpur. Não significa nada hoje em dia, é claro. Eu o conheci na Índia e o reencontrei em New York, dirigindo a agência de turismo indiana. Aquele cara escuro na fotografia na parede de meu escritório, aquele com o pé sobre o dente-de-sabre morto.

Bem, o Rajá estava cheio de lidar com brochuras sobre o Taj Mahal e queria fazer um pouco de caçada de novo. Eu estava perdido quando ouvimos falar da máquina do tempo do Prof. Prochaska na Universidade de Washington.

Onde está o Rajá agora? Em um safári no Antigo Oligoceno, atrás de um titanotério, enquanto eu cuido do escritório. Vamos um de cada vez, mas nas primeiras íamos juntos.

De qualquer jeito, pegamos o primeiro avião para St. Louis. Para nossa decepção, descobrimos que não éramos os primeiros. Deus, não! Havia outros guias de caça e um sem fim de cientistas, cada um com sua própria idéia do jeito certo de usar a máquina.

Nos livramos dos historiadores e arqueólogos logo no começo. Parece que a

maldita máquina não funcionava para períodos mais recentes que 100.000 anos atrás. Funcionava dali para cerca de um bilhão de anos.

Por quê? Oh, não sou um pensador em quatro dimensões; mas, como entendo, se gente pudesse voltar para um tempo mais recente, suas ações poderiam afetar nossa própria história, o que criaria um paradoxo ou uma contradição dos fatos. Não se pode ter isso em um universo bem cuidado, não mesmo.

Mas, antes de 100.000 a.C, mais ou menos, as ações das expedições se perdem na corrente do tempo antes que a história humana comece. E assim, uma vez que um pedaço do tempo tenha sido usado, digamos o mês de janeiro, um milhão de anos a.C, não se pode usar esse pedaço de novo, mandando outro grupo para lá. Paradoxo de novo.

Mas o Professor não está preocupado. Com um bilhão de anos para explorar, ele não vai ficar sem eras muito cedo.

Outra limitação da máquina é quanto ao tamanho. Por razões técnicas, Prochaska teve que construir a câmara de transição grande o bastante para quatro homens com seus pertences pessoais e o wallah da câmara. Grupos maiores têm que ser enviados aos poucos. Isso significa, sabe, que não é prático levar jipes, lanchas, aeronaves e outros veículos automotores.

Por outro lado, já que está indo para períodos sem seres humanos, não há necessidade de arrastar uma centena de carregadores nativos para levar seus pertences na cabeça. Então normalmente levamos um grupo de asnos - burros, como eles chamam aqui. A maioria dos períodos tem forragem natural bastante para você chegar onde quer ir.

Como eu disse, cada um tinha sua própria idéia de como usar a máquina. Os cientistas olhavam de nariz empinado para nós, caçadores, e diziam que seria um crime desperdiçar o tempo da máquina para nosso divertimento sádico.

Nós levantamos outro ângulo. A máquina custava pelo menos trinta milhões. Entendo que isso veio do Conselho Rockefeller e sua gente, mas isso era apenas para o custo original, não o de operação. E a coisa usa uma fantástica quantidade de energia. A maioria dos projetos dos cientistas, mesmo valendo muito, estava no osso, falando financeiramente.

No entanto, nós providenciávamos divertimento para gente com dinheiro, uma espécie da qual a América parece bem provida. Sem ofensa, meu rapaz. A maioria deles podia pagar um valor substancial para passar pela máquina para o passado. Assim podíamos ajudar a financiar a operação da máquina para propósitos científicos, tanto quanto nós conseguíssemos nossa justa parte de seu tempo. No fim, os guias formaram um sindicato de oito membros, um membro sendo a sociedade de Rivers & Aiyar, para repartir o tempo da máquina.

Tivemos problemas desde o início. Nossas esposas - a do Rajá e a minha -

fizeram o maior barulho por algum tempo. Elas esperavam que, quando a caça graúda acabou em nosso próprio tempo, não teriam mais que nos dividir com leões e coisas assim novamente, mas o senhor sabe como as mulheres são. Caçar não é realmente perigoso se você mantém sua cabeça fria e toma precauções.

Na quinta expedição, tínhamos dois saibs para paparicar; ambos americanos, por volta dos trinta anos, ambos fisicamente bem e ambos com dinheiro. No resto, eram tão diferentes quanto a diferença pode ser.

Courtney James era o que vocês chamam de playboy: um jovem rico de Nova York que sempre teve tudo à sua maneira e não vê por quê essa condição agradável não deve continuar. Um cara grande, quase tão grande quanto eu; atraente de uma maneira vistosa, mas começando a ficar gordo. Ele estava em sua quarta esposa e, quando apareceu no escritório com uma escultural loira com a palavra "modelo" escrita por todo o corpo, entendi que essa era a quarta Sra. James.

- Senhorita Bartram - ela me corrigiu com um sorriso embaraçado.

- Ela não é minha esposa, - James explicou. - Minha esposa está no México, acho, conseguindo um divórcio. Mas Bunny aqui gostaria de ir junto...

- Desculpe, - eu disse, - não levamos damas. Ao menos, não para o final do Mesozóico.

Isso não era completamente verdade, mas eu sentia que estávamos correndo muitos riscos, indo atrás de uma fauna pouco conhecida, sem levar as ligações domésticas de ninguém. Nada contra sexo, entenda. Instituição maravilhosa e coisa e tal, mas não quando interfere com meu trabalho.

- Oh, bobagem! - disse James. - Se ela quer ir, ela vai. Ela esquia e voa meu avião, então por que ela não poderia...

- Contra a política da firma, - eu disse.

- Ela pode ficar fora do caminho quando encontrarmos os perigosos - ele disse.

- Não, desculpe.

- Maldito seja! - ele disse, ficando vermelho. - Afinal de contas, estou pagando uma soma absurda e tenho o direito de levar quem eu quiser.

- O senhor não pode me contratar para fazer nada contra meu bom senso, - respondi - Se é assim que se sente, vá procurar outro guia.

- Muito bem, eu vou - ele disse. - E vou contar a meus amigos que você é um maldito... - Bem, ele disse um bocado de coisas que não vou repetir, até que lhe disse para sair do escritório ou eu mesmo o atiraria para fora.

Eu estava sentado no escritório e pensando tristemente em todo aquele adorável dinheiro que James teria nos pago se eu não fosse tão certinho, quando

me chegou outra ovelha, um August Holtzinger. Esse era um carinha esbelto e pálido, de óculos, polido e formal. Holtzinger sentou-se na beira de sua cadeira e disse:

- Olá, Sr. Rivers, não quero que pense que estou aqui por falsos propósitos. Não sou mesmo um homem de atividades físicas, e provavelmente ficarei mortalmente apavorado quando vir um verdadeiro dinossauro. Mas estou determinado a pendurar uma cabeça de dinossauro sobre minha lareira, ou morrer tentando.

- Muitos de nós ficam apavorados no princípio, - eu o acalmei, - embora não ajude mostrá-lo. - E pouco a pouco arranquei a história dele.

Enquanto James sempre esteve flutuando no troço, Holtzinger era um produto local que apenas há pouco entrara para a coisa verdadeira. Ele tinha um pequeno negócio aqui em St. Louis e mal e mal conseguia viver quando um tio bateu as botas em algum lugar e deixou uma fortuna para Augie.

Agora Holtzinger conseguira uma noiva e estava construindo uma grande casa. Quando estivesse acabada, eles se casariam e se mudariam. E uma decoração que ele exigia era uma cabeça de ceratopsiano sobre a lareira. Esses são aqueles com as grandes cabeças com chifres e bicos de papagaio, e com um babado no pescoço, você sabe. Tem que pensar duas vezes antes de colecioná-los, porque se você coloca uma cabeça de Triceratops de dois metros numa pequena sala de visitas, não vai haver mais espaço para qualquer outra coisa.

Estávamos falando sobre isso quando entrou uma garota: uma pequena garota por volta dos vinte anos, de aparência bem comum, e chorando.

- Augie! - ela gritou. - Não pode! Não deve! Você vai ser morto! - Ela o agarrou pelos joelhos e falou para mim: - Sr. Rivers, o senhor não pode levá-lo! Ele é tudo que tenho! Ele nunca agüentará os problemas!

- Minha cara jovem dama, - disse, - detestaria causar-lhe angústia, mas isso é para o Sr. Holtzinger decidir, se ele quer contratar meus serviços.

- Não tem jeito, Claire - Holtzinger disse. - Eu vou, embora vá detestar cada minuto.

- O que é isso, meu rapaz? - eu disse. - Se você vai detestar, por que ir? Vai perder uma aposta ou algo assim?

- Não - Holtzinger respondeu. - É desse jeito. Uh, eu sou um tipo de homem completamente indistinto. Não sou brilhante, ou grande, ou forte, ou atraente. Sou apenas um comum comerciante do meio-oeste. Você nunca me notaria nos almoços do Rotary, eu desapareço na massa. Mas isso não quer dizer que eu esteja satisfeito. Sempre sonhei em ir a lugares distantes e fazer grandes coisas. Eu gostaria de ser o tipo de cara aventureiro e glamoroso. Como o senhor, Sr. Rivers.

- Ora, vamos - eu disse. - Caça profissional pode parecer glamorosa para o

senhor, mas para mim é apenas trabalho.

Ele balançou a cabeça.

- Não. Sabe o que quero dizer. Bem, agora que tenho essa herança, eu poderia me aposentar para jogar bridge e golfe pelo resto de minha vida, e tentar fingir não estar enfasiado. Mas estou determinado a fazer algo com alguma cor, uma vez pelo menos. Já que não há mais nenhuma grande caçada nos dias de hoje, vou matar um dinossauro e pendurar sua cabeça sobre minha lareira, nem que seja a última coisa que eu faça. Nunca serei feliz de outro modo.

Bem, Holtzinger e sua garota discutiram mas ele não desistiu. Ela me fez jurar que tomaria conta de seu Augie e partiu, fungando.

Quando Holtzinger saiu, quem chegou, se não meu mal-humorado amigo Courtney James? Desculpou-se por me insultar, embora ninguém pudesse dizer que ele se humilhava.

- Não tenho realmente um mau temperamento, - ele disse, - exceto quando as pessoas não cooperam comigo. Então, às vezes, eu fico furioso. Mas enquanto elas cooperam, não sou difícil de lidar.

Eu sabia que por "cooperar" ele queria dizer fazer o que Courtney James desejasse, mas não pressionei mais.

- E quanto à Srta. Bartram? -Perguntei.

- Tivemos uma discussão - disse. - Estou cheio de mulheres. Então, se não houver ressentimentos, vamos continuar de onde paramos.

- Muito bem - eu disse, negócios são negócios.

O Rajá e eu decidimos por um safári conjunto para oitenta e cinco milhões de anos atrás: o início do Alto Cretáceo, ou o Médio Cretáceo como alguns geólogos americanos chamavam. É o melhor período para dinossauros no Missouri. Havia algumas espécies um pouco maiores no final do Alto Cretáceo, mas esse período nos dava uma maior variedade.

Agora quanto ao nosso equipamento. O Rajá e eu tínhamos, cada um, uma Continental .600 como aquela que te mostrei e algumas armas menores. Naquele tempo não tínhamos conseguido capital suficiente para ter .600 extras para alugar.

August Holtzinger disse que iria alugar uma, porque esperava que esse fosse seu único safári e não havia razão em gastar mais de mil dólares por uma arma que atiraria apenas algumas vezes. Mas, já que não tínhamos .600 sobrando, sua escolha ficava entre comprar uma dessas ou alugar uma de nossas de menor calibre.

Nos dirigimos ao campo e montamos um alvo para deixá-lo testar a .600. Holtzinger levantou a arma e soltou a bala. Errou completamente e o coice o jogou de costas no chão. Ele levantou-se, parecendo mais pálido que nunca, e devolveu-me a arma dizendo:

- Uh - acho que é melhor tentar algo menor.

Quando seu ombro parou de doer, eu o testei com os rifles menores. Ele gostou da minha Winchester 70, carregada para munição magnum .375. Essa é uma arma geral - perfeita para grandes gatos e ursos, mas um pouco pequena para um elefante e definitivamente leve para um dinossauro. Eu nunca deveria ter cedido, mas estava com pressa, e poderia levar meses para termos uma nova .600 pronta para ele. James já tinha uma arma, uma Holland & Holland .500 expresso duplo, quase da mesma classe de uma .600.

Os dois sahibs já tinham dado alguns tiros, então não me preocupei com suas pontarias. Atirar num dinossauro não é uma questão de uma pontaria acurada, mas bom julgamento e coordenação para que não tenha problemas com o mecanismo de sua arma, para que não caia em buracos ou suba numa pequena árvore da qual o dinossauro possa te arrancar, ou para que exploda a cabeça de seu guia.

Pessoas acostumadas a caçar mamíferos às vezes atiram no cérebro do dinossauro. Essa é a coisa mais estúpida para se fazer porque um dinossauro não tem nenhum. Para ser exato, eles têm um pequeno monte de tecido do tamanho de uma bola de tênis na parte frontal do fim de suas espinhas, e como você vai acertar isso quando está envolvido por dois metros de crânio?

A única regra segura com dinossauros é: sempre tente acertar o coração. Eles têm grandes corações, mais de quarenta e cinco quilos nas espécies maiores, e alguns tiros de .600 no coração vão atrasá-los, pelo menos. O problema é fazer as balas atravessarem a montanha de carne à volta deles.

Bem, aparecemos no laboratório de Prochaska em uma manhã chuvosa: James e Holtzinger, o Rajá e eu, nosso guia Beauregard Black, três ajudantes, um cozinheiro e doze asnos.

A câmara de transição é um cubículo do tamanho de um pequeno elevador. Minha rotina era os homens com as armas primeiro para o caso de um terópode faminto estar parado perto da máquina quando ela chegasse. Então os dois sahibs, o Rajá e eu entupimos a câmara com nossas armas e malas. O operador se apertou depois de nós, fechou a porta, e brincou com seus instrumentos. Ele marcou a coisa para vinte e quatro de abril, oitenta e cinco milhões de anos a.C. e pressionou o botão vermelho. As luzes se apagaram, deixando a câmara iluminada apenas por uma lâmpada operada por bateria. James e Holtzinger pareciam bem verdes, mas isso pode ter sido a luz. O Rajá e eu já tínhamos passado por isso antes, então a vibração e a vertigem não nos incomodavam mais.

O pequeno rodopiar dos instrumentos diminuiu e parou. O operador olhou para o registro do nível do solo e virou a roda que elevava a câmara para que essa não se materializasse sob o chão. Então apertou outro botão e a porta se abriu.

Não importa quantas vezes eu faça isso, sempre sinto um arrepio assustado

ao saltar numa era passada. O operador tinha levado a câmara um pouco acima do nível do chão, então eu pulei para fora, minha arma pronta. Os outros vieram depois.

- Certo - eu disse para o wallah da câmara, e ele fechou a porta. A câmara desapareceu e olhamos em volta. Nenhum dinossauro a vista, nada além de lagartos.

Nesse período a câmara se materializava no topo de uma elevação de rocha, da onde podíamos ver em todas as direções até onde a névoa nos permitisse. Para oeste, podia se ver um braço do mar de Kansas que avançava pelo Missouri, e um grande pântano à volta da cabeça da baía onde os sauropodes vivem.

Para o norte, havia uma pequena elevação que o Rajá chamou de Colinas Janpur, por causa do reino indiano que seus antepassados uma vez governaram. Para leste, a terra subia em um platô, bom para ceratopsianos, enquanto o sul era terreno plano com alguns pântanos de sauropodes e um bocado de omitópodes: bico de pato e iguanodonte.

A melhor coisa sobre o Cretáceo é seu clima: brando como as Ilhas dos Mares do Sul mas não úmido como a maior parte dos climas do Jurássico. Era primavera, com magnólias anãs florescendo por todo o lugar.

Uma coisa sobre essa paisagem era que combinava um razoavelmente alto índice pluviométrico com um tipo de cobertura vegetal aberta. Isso quer dizer que a grama não se desenvolvera ao ponto de formar carpetes sólidos que cobrissem todo o terreno aberto. O chão era cheio de loureiros sassafrás e outros arbustos, com terra nua entre eles. Havia grandes moitas de palmeiras e juncos. As árvores à volta da colina eram na maioria cicadáceas, sozinhas ou em grupos. Você as chamaria de palmeiras. Mais abaixo, perto do Mar do Kansas, havia mais cicadáceas e salgueiros, enquanto as terras altas eram cobertas de pinheiros e nogueiras do Japão.

Ora, não sou nenhum maldito poeta - o Rajá escreve essas coisas, não eu - mas posso apreciar uma bela cena. Um dos ajudantes veio pela máquina com dois dos asnos e os estava puxando para fora, e eu olhava através da névoa e cheirava o ar, quando uma arma explodiu atrás de mim - bang! bang!

Dei a volta e lá estava Courtney James com sua .500 e um ornitomime afastando-se a cerca de quarenta e cinco metros. Omitomimes são dinossauros corredores de tamanho médio, coisas esbeltas com longos pescoços e pernas compridas, como um cruzamento entre um lagarto e um avestruz. Esse tipo tinha cerca de dois metros de altura e pesava tanto quanto um homem. O maldito estivera se afastando do último cadáver e James gastara nele os dois cartuchos. Errara.

Eu estava irritado, um sahib apressado no gatilho era tão perigoso para o grupo quanto um terópode. Gritei:

- Maldito seja, idiota! Não disse que não era para atirar até eu dizer?

- E quem diabos é você para me dizer quando devo atirar minha própria arma? - ele respondeu.

Tivemos uma violenta discussão até que Holtzinger e o Rajá conseguiram nos acalmar. Eu expliquei:

- Olhe aqui, Sr. James, tenho minhas razões. Se você acaba com toda sua munição antes que a viagem termine, sua arma não vai valer um níquel e é a única desse calibre. Se você esvazia ambos os cartuchos num alvo sem importância, o que aconteceria se um grande terópode avançasse antes que pudesse recarregar? Finalmente, não é esporte atirar em qualquer coisa à vista só para ouvir a arma disparar. Entendeu?

- É, acho que sim - ele disse.

O resto do grupo saiu da máquina e nós montamos acampamento a uma distância segura do lugar de materialização. Nossa primeira tarefa era conseguir carne fresca. Para um safári de vinte e um dias como esse, calculávamos nossas necessidades de comida bem perto, assim podemos viver de nossas coisas enlatadas e concentradas se precisarmos, mas contávamos em matar pelo menos uma peça de carne. Quando estivesse cortada, sairíamos num pequeno tour, parando em quatro ou cinco acampamentos para caçar e voltando à base alguns dias antes da câmara estar marcada para aparecer.

Holtzinger, como eu disse, queria uma cabeça ceratopsiana, de qualquer tipo. James insistia em apenas uma cabeça: um tiranossauro. Então todo mundo ia pensar que ele matara o animal mais perigoso de todos os tempos.

O fato é que o tiranossauro é superestimado. Ele é mais um comedor de carniça do que um predador ativo, embora te engula se tiver a chance. É menos perigoso que alguns dos outros terópodes - os comedores de carne, você sabe - como o Gorgossauro do período em que estávamos. Mas todos falam sobre o lagarto tirano, e ele tinha mesmo a maior cabeça entre os terópodes.

O do nosso período não era o rex, que é mais novo, um pouco maior e mais especializado. Esse é o trionyclies, com as patas dianteiras não tão reduzidas, embora ainda as tenha pequenas para qualquer outra coisa que não limpar os dentes do monstro depois de uma refeição.

Quando o acampamento estava montado, ainda tínhamos a tarde. Então o Rajá e eu levamos nossos sahibs em sua primeira caçada. Tínhamos um mapa do terreno local de viagens anteriores.

O Rajá e eu tínhamos trabalhado um esquema para caçar dinossauros. Nos dividíamos em dois grupos de dois homens cada e andávamos em paralelo, separados por vinte a quarenta metros. Cada grupo tinha um sahib na frente e um

guia seguindo, lhe dizendo onde ir. Dizíamos aos sahibs que os colocávamos à frente para que tivessem o primeiro tiro. Bem, isso é verdade, mas outra razão era que eles estavam sempre escorregando, tropeçando e caindo com suas armas destravadas, e se um guia estivesse na frente, acabava atingido.

A razão para os dois grupos era que se um dinossauro avançasse sobre um, o outro tinha um tiro do coração pelo lado.

Enquanto andávamos, havia o ruído dos lagartos saindo do caminho: pequenos bichos, rápidos como um raio e coloridos como todas as jóias da Tiffany's, e os grandes cinzentos que sibilavam contra você enquanto se afastavam. Havia tartarugas e algumas pequenas cobras. Pássaros com bicos cheios de dentes voavam para longe guinchando. E sempre havia aquele maravilhoso e suave ar do Cretáceo. Faz um cara querer tirar suas roupas e dançar com folhas de vinhas na cabeça, se sabe o que quero dizer.

Nossos sahibs logo descobriram que o terreno do Mesozóico era cortado em milhões de nullahs - ravinas, como vocês dizem. Andar era uma longa escalada, para cima e para baixo, para cima e para baixo.

Escalamos por uma hora, e os sahibs estavam molhados de suor e com as línguas de fora quando o Rajá assobiou. Ele vira um grupo de cabeças-de-osso se alimentando numa moita de cicadáceas.

Esses são os troodontes, pequenos ornitópodes do tamanho de homens, com uma saliência no topo de suas cabeças que os faz parecer quase inteligentes. Não significa nada, porque a saliência é de osso sólido. Os machos batiam-se uns contra os outros com essas cabeças, lutando pelas fêmeas.

Esses caras caíam de quatro, mordiam um bocado, então se levantavam e olhavam em volta. Eram mais cuidadosos que a maioria dos dinossauros, porque eram a comida favorita dos grandes terópodes.

As pessoas pensam algumas vezes que, porque os dinossauros são tão estúpidos, seus sentidos devem ser lentos também. Mas não é assim. Alguns, como os saurópodes, são bem ruins de sentidos, mas a maioria tem um bom olfato, boa visão e uma audição razoável. Sua fraqueza é que não tendo mentes, eles não têm memória. Então, fora de vista, fora da mente. Quando um grande terópode vem correndo atrás de você, sua melhor defesa é se esconder em uma nullah ou atrás de um arbusto, e se ele não pode vê-lo ou cheirá-lo, vai se afastar.

Nos escondemos atrás de uma moita de palmeiras, contra o vento, próximo aos cabeças-de-osso. Sussurrei para James:

- Você já atirou hoje. Segure seu fogo até Holtzinger atirar, e então atire só se ele errar ou se o bicho estiver se afastando ferido.

- Uh-huh - James disse.

Nos separamos, ele com Rajá e Holtzinger comigo. Esse tinha que ser nosso

arranjo regular. James e eu vivíamos às turras, mas o Rajá era um tipo amigável e sentimental que ninguém conseguia deixar de gostar.

Nos arrastamos à volta das palmeiras por lados opostos, e Holtzinger levantou-se para atirar. Você não deve atirar um rifle de alto calibre estando deitado. Não há espaço bastante e o coice pode quebrar seu ombro.

Holtzinger olhou através das últimas folhas das palmeiras. Vi seu cano balançando e vagando. Então ele abaixou a arma e colocou-a debaixo do braço para limpar os óculos.

O tiro veio da arma de James, os dois cartuchos novamente.

O maior dos cabeças de osso caiu, rolando e se batendo. Os outros correram apoiados em suas pernas traseiras e dando grandes saltos, suas cabeças sacudindo e seus rabos esticados duros para trás.

- Trave sua arma - eu disse para Holtzinger que começava a avançar. Quando chegamos até o cabeça de osso, James estava sobre ele, abrindo sua arma e soprando os canos. Ele parecia tão feliz como se tivesse encontrado outro milhão e pedia para que o Rajá tirasse uma foto sua com o pé sobre sua presa.

Eu disse:

- Pensei que você ia dar o primeiro tiro para Holtzinger..

- Diabos, eu esperei, - ele respondeu, - e ele levou tanto tempo que pensei que tivesse medrado. Se ficássemos ali tempo demais, eles nos veriam ou sentiriam nosso cheiro.

Não foi nada do que ele disse, mas na maneira como disse que me pôs a pulga atrás da orelha. Eu disse:

- Se algo assim acontecer mais uma vez, nós vamos deixá-lo no acampamento da próxima vez que sairmos.

- Ora, cavalheiros - Rajá disse. - Afinal, Reggie, esses não são caçadores experientes.

- E agora? - Holtzinger disse. - Nós mesmos o arrastamos, ou chamamos os homens?

- Vamos amarrá-lo em um varapau - eu disse. - Ele pesa menos de noventa quilos.

O varapau era uma estaca de alumínio telescópica que eu carregava em minha mochila, com protetores almofadados nas pontas. Eu o trouxe porque, nesses tempos, não se pode contar em achar galhos fortes o bastante para fazer varapaus apropriados no local.

O Rajá e eu limpamos nosso cabeça-de-osso para diminuir-lhe o peso e o amarramos à estaca. As moscas começaram a chegar aos milhares. Os cientistas dizem que não são moscas de verdade no sentido moderno, mas elas pareciam e

agiam como moscas. Havia uma mosca de quatro asas que se alimenta de cadáveres, que voava com uma distinta nota de rumor profundo.

O resto da tarde foi gasto suando sob a estaca, nos revezando. Os lagartos saíam do caminho e as moscas zumbiam à volta da carcaça.

Chegamos ao acampamento logo antes do pôr-do-sol, sentindo que podíamos comer todo o cabeça-de-osso em uma única refeição. Os rapazes colocaram o acampamento funcionando perfeitamente, então nos sentamos com nossa dose de uísque, sentindo-nos como senhores da criação, enquanto o cozinheiro preparava os bifes do cabeça-de-osso.

Holtzinger disse:

- Uh, se eu matar um ceratopsiano, como traremos sua cabeça de volta?

Expliquei:

- Se o terreno permitir, nós a amarraremos numa base de alumínio com rolamentos e a arrastaremos.

- Quanto uma cabeça dessas pesa? - ele perguntou.

- Depende da idade e da espécie - eu disse. - A maior pesa mais de uma tonelada, mas a maioria fica entre duzentos e quatrocentos quilos.

- Todo o terreno é difícil como o de hoje?

- A maior parte dele - respondi. - Sabe, é a combinação da cobertura de vegetação aberta com a queda moderada de chuva. A erosão é assustadoramente rápida.

- E quem arrasta a cabeça no trenó?

- Todos que tiverem mãos, - respondi. - Uma cabeça grande vai precisar de cada grama de músculo desse grupo. Nesse trabalho não há lugar para turistas.

- Oh - disse Holtzinger. Eu podia ver que ele pensava se uma cabeça de ceratopsiano valia o esforço.

Nos dias seguintes andamos pelas redondezas. Nada em que valesse a pena atirar; apenas uma manada de ornitomimes, que se afastou como um bando de bailarinos. Fora isso, havia apenas os lagartos comuns, pterossauros, pássaros e insetos. Há uma grande mosca de asas rendadas que morde dinossauros, então, com pode imaginar, sua mordida destrói a pele humana. Uma fez Holtzinger pular e dançar como índio pele vermelha quando o mordeu através da blusa. James o gozou sobre isso, dizendo:

- Que confusão é essa, por causa de um pequeno inseto?

Na segunda noite, durante a vigília do Rajá, James deu um grito que tirou a todos nós das tensas com armas em punho. Tudo que acontecera foi que um carrapato de dinossauro arrastara-se sobre ele e começara a perfurar sua axila. Já que tem o tamanho do seu polegar, mesmo que não tenha se aumentado, ele ficou

compreensivelmente assustado. Foi sorte tê-lo pego antes que tirasse sua parte em sangue. Ele pegara tanto na perna de Holtzinger por causa da mordida da mosca que agora Holtzinger repetiu suas palavras:

- Que confusão é essa, por causa de um pequeno inseto?

James esmagou o carrapato sob o sapato, com um rosnado, não muito feliz em ser gozado com suas próprias você-sabe-como-chamam.

Empacotamos e começamos nosso circuito. Pretendíamos levar os sahibs primeiro ao pântano dos saurópodes, mais para ver a vida selvagem do que para caçar algo.

De onde a câmara de transição se materializara, o pântano dos saurópodes parecia a algumas horas de caminhada, mas era na verdade um dia inteiro de escalada. A primeira parte era fácil, porque era montanha abaixo e os arbustos não eram pesados. Então, quando você se aproximava do pântano, as cicadáceas e os salgueiros cresciam tão próximos que você tinha que serpentear entre eles.

Liderei o grupo até uma saliência de areia na beira do pântano que era bem nua de vegetação, e oferecia uma boa vista. Quando chegamos na saliência, o Sol estava para se pôr. Dois crocodilos escorregaram para a água. Os sahibs estavam tão cansados que se jogaram sobre a areia como se estivessem mortos.

A névoa é mais pesada à volta do pântano, então o Sol é profundamente vermelho e estranhamente distorcido pelos gases atmosféricos. Também havia uma grande camada de nuvens refletindo o vermelho e dourado do Sol, então, tudo junto, era algo sobre o que o Rajá escrevera seus poemas. Alguns poucos pequenos pterossauros estavam voando sobre nossas cabeças como morcegos.

Beauregard Black fez fogo. Começamos com nossos bifés e aquele Sol em forma de templo estava desaparecendo no horizonte, e algo atrás das árvores estava fazendo um som como uma dobradiça rangendo, quando um saurópode respirou dentro d'água. Eles são realmente grandes, sabe. Se a Mãe Natureza fosse suspirar por causa dos erros de suas crianças, soaria exatamente assim.

Os sahibs pularam, gritando:

- Onde ele está? Onde ele está?

Eu disse:

- Aquela mancha escura na água, bem à esquerda daquele ponto.

Eles reclamaram quando o saurópode encheu seus pulmões e desapareceu.

- Isso é tudo? - James disse. - Não vamos ver mais dele?

Holtzinger falou:

- Li que eles nunca saem da água porque são muito pesados para andar.

- Não - expliquei. - Eles podem andar muito bem e o fazem com frequência, para botar ovos e mudar-se de um pântano para outro. Mas a maior parte do

tempo eles passam na água, como hipopótamos. Eles comem quatrocentos quilos de plantas macias do pântano por dia, tudo por essas pequenas cabeças. Então vagueiam pelas beiras de lagos e pântanos, mastigando, e levantam suas cabeças e respiram a cada quinze minutos mais ou menos. Está escurecendo, então esse amigo aí logo vai sair e deitar-se em terra para dormir.

- Podemos atirar num? - James exigiu.

- Eu não o faria - respondi.

- Por que não?

Eu disse:

- Não há razão para isso, não é esporte. Primeiro, eles são quase invulneráveis. São mais difíceis de atingir o cérebro que outros dinossauros por causa do jeito que balançam suas cabeças sobre seus longos pescoços. Seus corações são enterrados muito fundo para se alcançar, a não ser que se tenha muita sorte. Então, se você matar um desses na água, ele afunda e não se pode recuperá-lo. Se matar em terra, o único troféu é essa pequena cabeça. Não pode levar todo o animal de volta porque ele pesa trinta toneladas ou mais, e nós não temos utilidade para trinta toneladas de carne.

Holtzinger disse:

- Aquele museu em Nova York tem um.

- Sim - respondi. - O Museu Americano de História Natural mandou um grupo de quarenta e oito pessoas para o Baixo Cretáceo com uma metralhadora de calibre cinqüenta. Eles mataram um saurópode e gastaram dois meses inteiros despelandos e cortando a carcaça em partes e arrasando-a para a máquina do tempo. Eu conheço o cara responsável por esse projeto e ele ainda tem pesadelos nos quais sente o cheiro de dinossauros em decomposição. Eles tiveram que matar uma dúzia de grandes terópodes atraídos pelo cheiro, então eles ficaram caídos a volta, apodrecendo. E os terópodes comeram três homens do grupo, à despeito da grande arma.

Na manhã seguinte, acabávamos o café da manhã quando um dos ajudantes disse:

- Olhe, Sr. Rivers, ali em cima!

Ele apontou para a linha da costa. Havia seis grandes bico-de-pato com cristas, alimentando-se na beira. Eles eram do tipo chamado Parassaurolohus, com uma crista óssea atrás de suas cabeças e uma teia de pele conectada isso com as costas de seu pescoço.

- Mantenham suas vozes baixas! - eu disse. O bico-de-pato, como outros ornitópodes, são bichos cuidadosos porque não têm nem armadura nem armas. Eles se alimentam nas margens dos lagos e pântanos, e quando um gorgossauro

avança do meio das árvores, eles pulam fundo na água e nadam para longe. Então quando o Phobosuchus, o supercrocodilo, os ataca na água, eles voam para terra. Um tipo de vida excitante, hem?

Holtzinger disse:

- Uh, Reggie! Estive pensando a respeito do que disse sobre cabeças de ceratopsianos. Se eu pudesse pegar uma dessas maravilhas, ficaria satisfeito. Ficaria bem grande em minha casa, não é?

- Tenho certeza que ficaria, meu rapaz - respondi. - Agora olhe aqui. Podemos nos desviar para sairmos na margem próxima, mas teremos que atravessar oitocentos metros de lama e arbustos, e eles nos ouviriam chegando. Ou podemos seguir para a parte norte desse ponto de areia, que é cerca de duzentos e cinquenta a trezentos metros - um tiro distante, mas não impossível. Acha que poderia fazê-lo?

- Hum - Holtzinger disse. - Com minha mira telescópica e em posição sentada - certo, tentarei.

-Você fica aqui, Court, - disse para James. - Essa é a cabeça de Augie e não quero nenhuma discussão por você ter atirado primeiro.

James grunhiu enquanto Holtzinger prendia a mira telescópica em sua arma. Abrimos nosso caminho pelo pântano, mantendo a faixa de areia entre nós e os bico-de-pato. Quando chegamos ao fim, não havia mais cobertura, deitamos sobre mãos e joelhos e nos movemos lentamente. Se você se mover lento o bastante, direto para ou se afastando de um dinossauro, provavelmente ele não vai notá-lo.

O bico-de-pato continuou comendo de quatro, levantando a cabeça em intervalos de segundos para olhar em volta. Holtzinger se colocou numa posição sentada, arrumou sua peça, e mirou através da visão especial. E então...

Bang! Bang! Veio de um grande rifle no acampamento.

Holtzinger pulou. Os bico-de-pato balançaram suas cabeças e saltaram para a água profunda, nadando como loucos. Holtzinger atirou uma vez e errou. Eu atirei no último bico-de-pato antes que desaparecesse também, mas errei. A .600 não foi construída para longa distâncias.

Holtzinger e eu começamos a voltar para o acampamento, porque nos ocorreu que nosso grupo poderia estar tendo problemas com terópodes.

O que aconteceu foi que um grande saurópode vagueou até o acampamento sob a água, comendo enquanto andava. Ora, a água tornava-se rasa cerca de noventa metros do nosso ponto, a meio caminho do pântano do outro lado. O saurópode tinha subido a inclinação até que seu corpo estivesse quase todo fora d'água, balançando sua cabeça de lá para cá, procurando por qualquer coisa verde para engolir. Esse era uma espécie de Alamosauro, que parece muito com o conhecido Brontossauro, exceto que c maior.

Quando pude ver o acampamento, o saurópode estava se virando para voltar pelo caminho que viera, produzindo horríveis grunhidos. Quando finalmente alcançamos o acampamento, ele tinha desaparecido na água funda, todo menos a cabeça e seis metros de pescoço, que balançou por algum tempo antes de desaparecer na névoa.

Quando chegamos ao acampamento, James estava discutindo com Rajá. Holtzinger estourou:

- São bastardo idiota! Essa é a segunda vez que estraga meus tiros.

- Não seja idiota, - James disse. - Eu não podia deixá-lo vagar pelo acampamento e achatar tudo.

- Não havia nenhum perigo disso, - Rajá disse. - Você pode ver que a água está bem longe da praia. É só que nosso atirador apressado Sr. James não pode ver um animal sem atirar.

Eu completei:

- Se ele chegasse perto, tudo que tinha que fazer era jogar um pedaço de madeira da fogueira nele. Eles são completamente inofensivos.

Isso não era bem verdade. Quando o Conde de Lautrec correu atrás de um para um tiro de perto, o saurópode olhou para ele, balançou seu rabo e arrancou a cabeça do Conde tão perfeitamente como se ele tivesse sido decapitado na torre. Mas, de regra, eram bastante inofensivos.

- Como eu iria saber? - James gritou, ficando roxo. - Vocês todos estão contra mim. Para que diabos vocês estão nessa maldita viagem se não para atirar nas coisas? Vocês se chamam de caçadores, mas fui o único que acertou algo!

Eu fiquei bem furioso e disse que ele era apenas um rapazola excitável com mais dinheiro que cérebro, a quem eu nunca deveria ter trazido.

- Se é assim que se sente, - ele disse, - me dê um burro e alguma comida e eu voltarei para a base sozinho. Não poluirei seu ar puro com minha presença!

- Não seja ainda mais idiota, se puder evitar, - eu disse. - O que você propõe é impossível.

- Então eu vou sozinho! - Ele pegou sua mochila, jogou algumas latas de feijão e um abridor nela, e começou a andar com seu rifle.

Beauregard Black falou:

- Sr. Rivers, não podemos deixá-lo ir assim. Ele vai se perder e morrer de fome, ou será comido por um terópode.

- Eu vou buscá-lo, - disse o Rajá, e seguiu atrás do fugitivo.

Ele alcançou James quando este estava desaparecendo entre as cicadáceas. Podíamos ver os dois discutindo e balançando as mãos a distância. Depois de um tempo, eles voltaram com os braços sobre o pescoço um do outro, como velhos

amigos de escola.

Isso mostra o problema que nos metemos se cometemos erros planejando tal viagem. Um vez tendo voltado no tempo, temos que tirar o melhor de nossa barganha.

Eu não quero dar a impressão, entretanto, de que Courtney James não era mais nada além de um chato de galocha. Ele tinha boas coisas. Superava essas discussões rápido e no dia seguinte estaria alegre como sempre. Era prestativo com o trabalho geral do acampamento, ao menos quando estava com vontade. Ele cantava bem e tinha uma inesgotável coleção de piadas sujas para nos manter entretidos.

Ficamos mais dois dias nesse acampamento. Vimos crocodilos, do tipo pequeno, e um bocado de saurópodes - até mesmo cinco de uma vez - mas nenhum outro bico-de-pato. Nem mesmo um daqueles supercrocodilos de quinze metros.

Então, no primeiro de maio, levantamos acampamento e seguimos norte, para as Colinas Janpur. Meus sahibs estavam começando a endurecer e ficando impacientes. Estávamos no Cretáceo há uma semana e nenhum troféu.

Não vimos nada digno de nota no trecho seguinte, a salvo uma rápida visão de um gorgossauro fora de alcance e algumas trilhas indicando um colossal iguanodonte, de sete a nove metros. Montamos o acampamento na base das colinas.

Tínhamos acabado com o cabeça-de-osso, então a primeira coisa a fazer era conseguir carne fresca. Com um olho nos troféus também, é claro. Nos aprontamos na manhã do dia três e eu disse a James:

- Olha aqui, meu rapaz, nada mais de seus truques. O Rajá lhe dirá quando atirar.

- Uh-huh, entendi, - ele respondeu, imitando Moisés.

Marchamos, nós quatro, para as colinas. Havia uma boa chance de conseguir o ceratópode de Holtzinger. Tínhamos vistos alguns deles na subida, mas apenas adolescentes, sem chifres decentes.

Como estava quente e abafado, logo estávamos suando e ofegando. Subimos e abrimos caminho por toda a manhã sem ver qualquer coisa que não lagartos, até que eu senti o cheiro de um corpo em decomposição. Parei o grupo e funguei. Estávamos em uma planície aberta sobre uma das pequenas nullahs secas. As nullahs seguiam juntas para dentro de uma dupla de gargantas profundas que cortavam uma pequena depressão sufocada por uma densa vegetação, cicadáceas e pinheiros. Quando prestei atenção, ouvi o rumor de moscas de cadáver.

- Por aqui, - eu disse. - Algo deve estar morto - ah, aqui está!

E ali estava: os restos de um imenso ceratópode caído em um buraco na

beira da garganta. Deve ter pesado entre seis e oito toneladas quando vivo; uma variedade com três chifres, talvez a penúltima espécie de Triceratops. Era difícil dizer porque a maior parte do couro da superfície havia sido arrancada e muitos ossos também, sendo espalhados por ali.

Holtzinger disse:

- Oh, puxa! Por que não cheguei antes que ele morresse? Essa seria uma cabeça danada de boa.

Eu disse:

- Mantenha a calma, amigo. Um terópode esteve nessa carcaça e provavelmente está por perto.

- Como você sabe? - James perguntou, com o suor escorrendo por seu rosto redondo e vermelho. Falou no que para ele era voz baixa, porque um terópode por perto era um pensamento no mínimo sombrio.

Funguei de novo e pensei poder detectar o distinto odor rançoso do terópode. Entretanto, não podia ter certeza porque a carcaça fedia fortemente. Meus sahibs estavam ficando verdes por causa da visão e cheiro do cadáver. Eu disse a James:

- É raro que mesmo o maior terópode ataque um ceratopsiano completamente crescido. Esses chifres são demais para eles. Mas adoram um morto, ou morrendo. Eles ficam por perto de ceratopsiano morto por semanas, comendo e então dormindo por dias após suas refeições. Normalmente conseguem cobertura durante o calor do dia, porque não suportam a luz solar diretamente. Você os encontrará deitados em buracos como esse ou em planícies, onde quer que haja sombra.

- O que vamos fazer? - Holtzinger perguntou.

- Vamos fazer nossa primeira varrida por essa ravina em dois pares, como normalmente. O que quer que façam, não sejam impulsivos ou entrem em pânico.

Eu olhei para Courtney James, mas ele me olhou de volta e simplesmente checou sua arma.

- Devo carregar isso aberto? - Ele perguntou.

- Não, feche-o, mas mantenha a segurança até estar pronto para atirar, - respondi. - Vamos nos manter próximos como sempre, então estaremos a vista uns dos outros. Comece daquele ângulo, Rajá; vá devagar, e pare entre os passos para ouvir.

Passamos pela beira da garganta, deixando a carcaça, mas não seu fedor, atrás de nós. Por alguns passos, não se podia ver nada.

Ela se abriu quando passamos para debaixo das árvores, que sombreava alguns arbustos. O sol se intrometia através das árvores. Não podia ouvir mais

nada além do rumor dos insetos, o correr dos lagartos e o guinchar dos pássaros com dentes nas árvores. Eu pensei estar certo sobre o cheiro do terópode, mas disse a mim mesmo que poderia ser imaginação. O terópode podia ser de qualquer espécie, pequena ou grande, e o próprio animal podia estar em qualquer lugar num raio de oitocentos metros.

- Vá, - disse para Holtzinger. Eu podia ouvir Rajá e James avançando a minha direita e via as folhas das palmeiras e os juncos balançarem quando eles as perturbavam. Suponho que tentavam mover-se silenciosamente, mas para mim soavam como um terremoto numa loja de louça.

- Um pouco mais perto! - Chamei.

No momento pareciam avançar para mim. Caímos num rego coberto de juntos e escalamos o outro lado. Então descobrimos que nosso caminho estava bloqueado por um grande tronco de palmeira.

- Vocês dão a volta por aquele lado; nós vamos por esse, - eu disse. Começamos a nos afastar, parando para ouvir e cheirar. Nossas posições eram a mesma do primeiro dia, quando James matou o cabeça-de-osso.

Tínhamos andado dois terços do nosso caminho a volta da nossa metade da palmeira quando ouvi um ruído a nossa frente à esquerda. Holtzinger o ouviu também e soltou sua segurança. Coloquei meu dedão na minha e dei um passo para o lado para ter um campo limpo para atirar.

A batucada ficou mais alta. Levantei minha arma para mirar na altura do coração de um grande terópode. Havia um movimento na folhagem - e um cabeça-de-osso de um metro e oitenta entrou no campo de visão, andando solenemente a nossa frente e jogando a cabeça para frente a cada passo, como um pombo gigantesco.

Ouvi Holtzinger soltar a respiração e tive que me segurar para não rir. Holtzinger disse:

- Ai-ai...

Então aquela maldita arma de James disparou, bang! bang! Tive uma rápida visão do cabeça de osso sendo jogado no chão com seu rabo e pernas traseiras voando.

- Eu peguei! - James gritou. - O acertei direito! - Eu o ouvi correr para frente.

- Bom Deus, ele fez isso de novo! - eu disse.

Então houve um grande movimento de folhagem e um grito selvagem de James. Algo apareceu em meio aos arbustos e vi a cabeça do maior dos comedores de carne locais, o próprio Tyrannosaurus trionuches.

Os cientistas podem insistir que o rex era a maior espécie, mas eu juraria que esse sujeito era maior que qualquer rex que já nascera. Ele deveria ter seis

metros de altura e quinze metros de comprimento. Eu podia ver seus grandes olhos brilhantes, dentes de quinze centímetros e a grande papada que pendia de seu queixo até o peito.

A segunda das nullahs que cortava através da garganta corria transversalmente ao nosso caminho no lado mais afastado do tronco da palmeira. Talvez tivesse um metro e oitenta de profundidade. O tiranossauro estivera deitado ali, dormindo depois de sua refeição. Onde suas costas se elevavam sobre o nível do solo, os juncos da beira da nullah o mascaravam. James atirara os dois cartuchos sobre a cabeça do terópode e o acordara. Então o idiota correria para frente sem recarregar. Mais seis metros e ele teria pisado no tiranossauro.

James, naturalmente, parou quando essa coisa apareceu na sua frente. Lembrou-se que tinha queimado os dois cartuchos e que deixara o Rajá muito longe para um tiro limpo.

Primeiro James manteve a compostura. Ele abriu sua arma, pegou dois cartuchos do cinto e os colocou nos canos. Mas na sua pressa de fechar a arma, prendeu sua mão entre os canos e o mecanismo de acionamento. A pressão dolorosa assustou tanto James que ele deixou a arma cair. Então ficou aos pedaços e fugiu.

O Rajá estava correndo com sua arma em posição, pronto para colocá-lo no ombro no instante que tivesse uma visão perfeita. Quando viu James correndo direto para ele, hesitou, não querendo acertar James por acidente. O idiota avançou, esbarrando no Rajá, e mandando os dois rodopiando para os juncos. O tiranossauro juntou os poucos miolos que tinha e avançou para pegá-los.

E quanto a Holtzinger e eu no outro lado da palmeira? Bem, no instante que James gritou e a cabeça do tiranossauro apareceu, Holtzinger correu para frente como um coelho. Levantei minha arma para atirar na cabeça do tiranossauro, esperando acertar pelo menos um olho; mas, antes que pudesse localizá-la em minha mira, a cabeça estava fora de vista atrás das palmeiras. Talvez eu devesse ter atirado a esmo, mas toda a minha experiência era contra tiros soltos.

Quando olhei de novo para minha frente, Holtzinger já tinha desaparecido na curva do tronco da palmeira. Eu estava indo atrás dele quando ouvi seu rifle e o barulho da trave entre os tiros: bang - click-click - bang - click-click, assim.

Ele alcançara o lombo do tiranossauro quando o bruto avançara para pegar James e o Rajá. Com poucos seis metros de distância do couro do tiranossauro, Holtzinger começou a lançar balas de .375 no corpo do animal. Ele dera três tiros quando o tiranossauro deu um grande rugido irritado e virou-se para ver o que o estava picando. As mandíbulas se abriram, a cabeça balançou e desceu.

Holtzinger deu mais um tiro e tentou pular de lado. Como estava num lugar próximo ao troco da palmeira e da nullah, ele caiu na nullah. O tiranossauro continuou seu mergulho e o pegou. As mandíbulas começaram a morder e a cabeça

subiu com Holtzinger entre elas, gritando como uma alma penada.

Cheguei só então e mirei no rosto do bruto, mas então percebi que suas mandíbulas estavam cheias com o meu sahib e eu poderia atirar nele também. Quando a cabeça subiu como o cabo de uma pá no fim do trabalho dei um tiro no coração. O tiranossauro já estava se virando, e suponho que a bala apenas se alojou entre as costelas. O animal dera alguns passos quando esvaziei o outro cano sobre ele. Tropeçou no passo seguinte, mas continuou em frente. Mais um passo e estava quase fora de vista entre as árvores, quando o Rajá atirou duas vezes. O amigo conseguira se livrar de James, levantar-se, pegar sua arma e dar uma no tiranossauro.

A pancada dupla derrubou o monstro com um tremendo barulho. Ele caiu numa magnólia anã, e vi uma de suas imensas pernas traseiras parecida com as dos pássaros em meio a uma chuva de pétalas rosas e brancas. Mas o tiranossauro levantou-se e avançou sem nem mesmo largar sua vítima. A última visão que tive foram as pernas de Holtzinger balançando num dos lados de suas mandíbulas (ele parará de gritar) e seu grande rabo batendo contra os troncos enquanto o balançava de um lado para o outro.

O Rajá e eu recarregamos e corremos atrás do monstro dando tudo que podíamos. Tropecei e cai uma vez, mas pulei em pé novamente e não notei meu cotovelo arranhado até mais tarde. Quando saímos do meio das árvores, o tiranossauro já estava no lado mais distante da garganta. Nós dois demos um tiro rápido mas provavelmente erramos, e ele estava fora de vista antes que pudéssemos atirar de novo.

Corremos em frente, seguindo as trilhas e as marcas de sangue, até que tivemos que parar por exaustão. Nunca mais vimos aquele tiranossauro. Seus movimentos pareciam lentos e tontos, mas com aquelas tremendas pernas, ele não tinha que andar muito rápido para desenvolver uma velocidade considerável.

Quando recuperamos nosso fôlego, levantamos e tentamos localizar a trilha do tiranossauro, que na teoria podia estar morrendo e devíamos alcançá-lo. Mas, embora encontrássemos mais pegadas, elas desapareceram e nos deixaram perdidos. Nós demos voltas em círculo, tentando achá-las, mas sem sorte.

Horas mais tarde, desistimos e voltamos à garganta.

Courtney James estava sentado com as costas contra uma árvore, segurando seu rifle e o de Holtzinger. Sua mão direita estava inchada e azul onde ele a prendera, mas ainda usável. Suas primeiras palavras foram:

- Onde diabos vocês dois estavam?

Eu respondi:

- Estivemos ocupados. O falecido Sr. Holtzinger. Lembra-se?

- Vocês não deviam ter saído e me deixado; outra dessas coisas podia ter

aparecido. Não é ruim o bastante perder um caçador por causa de sua estupidez sem ter que arriscar o outro?

Eu estivera me preparando para uma repreensão de James, mas esse ataque me surpreendeu tanto que só pude balbuciar:

- O quê? Nós perdemos...?

- Claro, - ele disse. - Vocês nos colocaram a sua frente, então se alguém fosse comida ia ser nós. Vocês mandaram um cara mal armado contra esses animais. Vocês...

- Seu maldito porco fedorento! - eu disse. - Se você não tivesse sido um completo idiota e gastado seus dois cartuchos e então corrido como um covardão que é, isso nunca teria acontecido. Holtzinger morreu tentando salvar sua vida inútil. Por Deus, gostaria que ele não tivesse conseguido! Ele valia seis bastardos estúpidos, mimados, cabeças de vento como você...

E continuei dali. O Rajá tentou me acompanhar, mas seu inglês acabou e ele foi reduzido a xingar James em hindustani.

Podia ver pela cor púrpura no rosto de James que estava chegando lá. Ele disse:

- Ora vocês... - e avançou e socou meu rosto com sua mão esquerda.

Ele me balançou um pouco, mas eu disse:

- Agora meu amigo, estou feliz que tenha feito isso! Me dá a chance pela qual estive esperando...

Então me atirei contra ele. Era um cara de bom tamanho, mas entre meus cem quilos e sua mão direita inchada, ele não tinha chance. Eu acertei uns bons e ele caiu.

- Agora levante! - Eu disse. - E eu ficarei feliz em acabar!

James levantou-se apoiado em seus cotovelos. Eu estava pronto para mais socos, embora as minhas juntas já estivessem raladas e sangrando. James rolou, pegou sua arma, cambaleou em pé e balançou a mira de um para o outro de nós.

- Você não vai acabar com ninguém! - Ele ofegou pelos lábios inchados. - Muito bem, levantem as mãos! Vocês dois!

- Não seja idiota, - o Rajá disse. - Abaixar essa arma!

- Ninguém me trata assim e sai livre!

- Não adianta nos assassinar, - eu disse. - Nunca vai escapar com isso.

- Por que não? Não vai sobrar muito de vocês quando uma dessas o acertar. Só vou dizer que o tiranossauro comeu vocês também. Ninguém pode provar nada. Eles não podem te prender por um assassinato de oitenta e cinco milhões de anos de idade. A lei de prescrição, vocês sabem.

- Seu idiota, nunca vai voltar ao acampamento vivo! - Gritei.

- Vou arriscar a sorte... - James começou, colocando o cão de sua .500 contra o ombro, com os canos apontados para meu rosto. Eles pareciam com um maldito par de túneis.

Ele estava me observando tão atentamente que perdeu o contato com o Rajá por um segundo. Meu sócio estivera descansando apoiado em um joelho, e agora seu braço direito moveu-se com um rápido movimento de boliche com uma pedra de um quilo. A pedra acertou na cabeça de James. A .500 disparou. A bala deve ter raspado em meus cabelos e a explosão quase arrebentou meus tímpanos. Lá se foi James de novo.

- Bom trabalho, velho amigo! - Eu disse, pegando a arma de James.

- Sim, - o Rajá respondeu pensativamente, enquanto recolhia a pedra que jogara e a sacudia. - Não tem bem o equilíbrio de uma bola de críquete, mas é tão dura quanto.

- O que devemos fazer agora? - Perguntei. - Estou inclinado a deixar o maldito aqui desarmado e ver como ele se vira.

O Rajá soltou um pequeno suspiro.

- É uma idéia tentadora, Reggie, mas nós não podemos realmente, você sabe. Não dá.

- Suponho que esteja certo, - respondi. - Bem, vamos amarrá-lo e levá-lo de volta ao acampamento.

Concordamos que não estaríamos em segurança a menos que mantivéssemos James sob guarda todos os minutos até voltarmos para casa. Uma vez que um homem tentou matá-lo, você é um tolo se lhe der outra chance.

Marchamos de volta ao acampamento com James e contamos ao grupo o que enfrentávamos. James amaldiçoou todo mundo.

Passamos três lúgubres dias revistando o terreno atrás do tiranossauro, mas sem sorte. Sentíamos que não seria justo não fazer uma boa tentativa em recuperar os restos de Holtzinger. De volta ao nosso acampamento principal, quando não estava chovendo, recolhíamos pequenos répteis e coisas para nossos amigos cientistas. O Rajá e eu discutimos a questão de procedimentos legais contra Courtney James mas decidimos que não havia nada que pudéssemos fazer quanto a isso.

Quando a câmara de transição se materializou, caímos uns sobre os outros para entrar nela. Jogamos James, ainda amarrado, em um canto, e dissemos ao operador para mexer nos comandos.

Enquanto estávamos em transição, James disse:

- Vocês deviam ter me matado lá.

- Por quê? - Perguntei. - Você não tem uma cabeça particularmente boa.

O Rajá completou:

- Não ficaria nada bem sobre uma lareira.

- Podem rir, - James disse, - mas eu vou pegá-los algum dia. Descobrirei um jeito e sairei completamente livre.

- Meu caro rapaz! - Eu disse. - Se houvesse algum jeito de fazer isso, eu faria com que fosse acusado da morte de Holtzinger. Olhe, você estará melhor sozinho.

Quando aparecemos no presente, nós lhe entregamos sua arma vazia e suas outras coisas, e ele se foi sem uma palavra. Quando ele saiu, a garota de Holtzinger, aquela Claire, avançou chorando:

- Onde ele está? Onde está Augie?

Houve uma cena tremendamente emocional, apesar das habilidades do Rajá nessas situações.

Levamos nossos homens e animais para o velho prédio do laboratório que a universidade havia preparado como entreposto para essas expedições. Pagamos todo mundo e descobrimos que estávamos quebrados. Os pagamentos adiantados de Holtzinger e James não cobriam nossas despesas e tínhamos uma chance muito pequena de receber o resto do nosso pagamento tanto de James quanto da herança de Holtzinger.

E falando de James, sabe o que o maldito estava fazendo? Ele foi para casa, pegou mais munição e voltou a universidade. Achou o Professor Prochaska e lhe perguntou:

- Professor, gostaria que me mandasse de volta ao Cretáceo para uma viagem rápida. Se puder me encaixar em sua agenda agora mesmo, basta dizer seu preço. Ofereço cinco mil só para começar. Eu quero ir para vinte e três de abril, oitenta e cinco milhões de anos a.C.

Prochaska respondeu:

- Por que quer voltar tão rápido?

- Perdi minha carteira no Cretáceo, - James disse. - Imaginei que se voltasse um dia antes que cheguei naquela era na minha última viagem, poderia me observar quando cheguei naquela viagem e seguir-me para ver onde perdi minha carteira.

- Cinco mil é muito por uma carteira, - disse o professor.

- Ela tem algumas coisas que não posso repor, - James respondeu.

- Bem, - disse Prochaska, pensando. - O grupo que devia partir essa manhã telefonou para avisar que iriam se atrasar, então talvez eu possa incluir você. Sempre imaginei o que aconteceria quando um mesmo homem ocupasse a mesma

era duas vezes.

Então James fez um cheque, e Prochaska o colocou na câmara e o viu partir. A idéia de James, parecia, era sentar atrás de um arbusto alguns metros de onde a câmara de transição iria aparecer e acertar o Rajá e eu quando emergíssemos.

Horas mais tarde, tínhamos mudado para nossas roupas de rua e telefonado para nossas esposas virem nos buscar. Estávamos no Boulevard Forsythe esperando por elas quando houve um ruído alto, como uma explosão, e um brilho de luz há não mais de quinze metros de nós. A onda de choque nos fez cambalear e quebrou janelas.

Corremos para o local e chegamos lá justo quando um policial e vários cidadãos apareceram. No boulevard, bem no meio-fio, estava um corpo humano. Ao menos fora um, mas parecia que cada osso fora pulverizado e cada vaso sangüíneo explodira, então era pouco mais que uma massa disforme de protoplasma rosa. As roupas que estivera usando estavam esfarrapadas, mas eu reconheci o rifle H & H .500 expresso duplo. A madeira estava queimada e o metal amassado, mas era a arma de Courtney James. Nenhuma dúvida mesmo.

Pulando as investigações e a enrolação sobre o assunto, o que aconteceu foi isso: ninguém atirara em nós quando emergimos no dia vinte e quatro, e isso não podia ser mudado. Por isso, no instante que James começou a fazer alguma coisa que causaria uma mudança visível no mundo de oitenta e cinco milhões de anos a.C, como fazer uma pegada na terra, as forças do tempo e espaço arrastaram-no para o presente para prevenir um paradoxo. E a violência da passagem quase o fez em pedaços.

Agora que isso está melhor entendido, o professor não manda mais ninguém para um período menor que cinco mil anos antes do tempo em que outro viajante temporal já tenha explorado, porque seria muito fácil fazer algo que poderia afetar o mundo mais tarde. Em longos períodos, ele me disse, tais mudanças diluem-se e são perdidas na corrente do tempo.

Tivemos um tempo difícil depois disso, com a má publicidade e tudo, embora tenhamos recebido nosso pagamento da herança de James. Felizmente para nós, um industrial do aço apareceu querendo a cabeça de um mastodonte para sua cabana.

Agora compreendo essas coisas melhor também. O desastre não foi só culpa de James. Eu não deveria tê-lo levado quando sabia que tipo de mimado e instável idiota ele era. E se Holtzinger pudesse ter usado uma arma realmente pesada, provavelmente teria derrubado o tiranossauro, mesmo que não o tivesse matado, e então daria ao resto de nós a chance de acabar com ele.

Então, Sr. Seligman, é por isso que eu não o levarei a esse período para caçar. Há muitas outras eras e se observá-las, tenho certeza que achará algo que lhe agrade. Mas não o Jurássico ou o Cretáceo. O senhor simplesmente não é

grande o bastante para lidar com uma arma para dinossauros.

Pobre Pequeno Guerreiro

Brian W. Aldiss

Falando de profissionalismo, como fizemos na introdução anterior, esta história clássica de Brian W. Aldiss é uma dura - e ainda assim mordazmente engraçada - acusação ao moderno caçador urbano de fim-de-semana. Irresponsável, inseguro e armado até os dentes, ele segue por campos e florestas a procura de uma perfeita e primal catarse.

Quão mais excitante seria viajar no tempo, de volta ao Sonhado Tempo Jurássico em busca da maior presa de todas...

Isso seria excitante, não seria?

Um dos verdadeiras gigantes em seu campo, Brian W. Aldiss vem publicando ficção científica há mais de um quarto de século (tem mais de duas dúzias de livros). Sua novela clássica *The Long Afternoon of Earth* recebeu um prêmio Hugo em 1962. *The Saliva Tree* recebeu um prêmio Nebula em 1965 e sua novela *Starship* recebeu o Prêmio Jules Verne em 1977. Ele foi premiado com outro Hugo em 1987 por seu estudo crítico da ficção científica, *Trillion Year Spree*, escrito com David Wingrove. Seus outros livros incluem a aclamada trilogia *Helliconia* - *Helliconia Spring*, *Helliconia Summer*, *Helliconia Winter*, - *The Malacia Tapestry*, *An Island Called Moreau*, *Frankenstein Unbound*, e *Cryptozoic*. Seu último livro é a coletânea *Season in Flight*. Ele mora em Oxford, Inglaterra.

Claude Ford sabia exatamente como era caçar um brontossauro. Você engatinha negligentemente pela lama em meio aos salgueiros, através das flores primitivas com pétalas verdes e marrons, como um campo de futebol, através da lama de produtos de beleza. Você examina a criatura escarrapachada entre juncos, seu corpo tão gracioso quanto um saco cheio de areia. Fica ali, deixando a gravidade embalar sua soneca em meio ao pântano, escorregando as narinas do tamanho de tocas de coelhos a meio metro da grama, numa varrida em semi-círculo, uma procura barulhenta por juncos mais roliços. Era bonito: aqui o horror havia atingido seus limites, dado a volta completa e finalmente desaparecido em seu próprio esfíncter. Seus olhos brilhavam com a falta de vida de um dedão do pé de um defunto de uma semana, e sua respiração composta e os pêlos em suas grosseiras cavidades auriculares eram especialmente recomendados a qualquer um que, de outro modo, se sentiria inclinado a achar adorável o trabalho da Mãe Natureza.

Mas você, pequeno mamífero com polegar oponível e um impiedoso rifle super-poderoso, calibre .65, auto-carregável, semi-automático, de dois canos, mira

digital e visão telescópica, agarrado em suas patas, que de outro modo seriam indefesas, desliza sob os antigos salgueiros, onde o que lhe atrai primordialmente é o impressionante couro do lagarto. Ele libera um cheiro profundamente ressonante como uma nota baixa de um piano. Faz a epiderme de um elefante parecer um lençol de papel higiênico enrugado. Ele é cinza como os mares vikings, tão profundo quanto as fundações de uma catedral. Que possível contato profundo poderia diminuir a febre dessa carne? Em sua corrida - podem vê-la daqui! - os pequenos piolhos marrons que vivem em meio a paredes cinzas e desfiladeiros, alegres como fantasmas, cruéis como caranguejos. Se um deles pular sobre você, muito provavelmente lhe quebra as costas. E quando um desses parasitas pára para levantar uma perna contra uma das vértebras do bronto, você pode vê-lo carregar para dentro sua própria colheita de boas-vidas, cada um tão grande quanto uma lagosta, porque você está tão perto agora, oh, tão perto que pode ouvir o primitivo órgão do coração da criatura batendo, enquanto o ventrículo mantém-se miraculosamente em ritmo com o átrio.

O tempo para ouvir o oráculo já passou: está além do estágio dos presságios, está seguindo agora para a morte, sua ou dele; superstição já teve seu espaço por hoje, de agora em diante é apenas esse seu temperamento tempestuoso, essa trêmula aglomeração de músculos emaranhados sem vestígio sob uma carapaça de pele brilhante de suor, essa pequena necessidade imperiosa de matar o dragão, vai responder a todas suas preces.

Você poderia atirar agora. Espere apenas até que a pequena cabeça de escavadeira pare mais uma vez para engolir outro carregamento de juncos, e com um inexpressivo e vulgar bang você pode mostrar a todos, no indiferente mundo jurássico, que estão olhando para a evolução definitiva de uma 6 tiros. Você sabe por quê parou; a velha consciência de verme, longa como um lançamento de beisebol, de vida tão longa quanto a de uma tartaruga, está trabalhando; escorrega por todos os sentidos, mais monstruosa que uma serpente. Pelas paixões: dizendo, aqui está um alvo fácil, Oh Inglês! Pela inteligência: sussurrando que tedioso, o abutre que nunca se alimenta, irá descansar quando o dever estiver cumprido. Pelos nervos: zombando de quando o fluxo de adrenalina pára e o vômito começa. Através do maestro por detrás da retina: forçando plausivelmente a beleza da vista a sua frente.

Poupe-nos desse pobre e antigo clichê sobre a palavra beleza; mãe sagrada, esses são diários de viagem, ou não estamos livres disso? "Empoleirado agora nas costas dessa criatura titânica, vemos uma dúzia de roliços - e, amigos, deixem-me enfatizar esse roliço - pássaros de plumagem exagerada, exibindo entre si todas as cores que se pode esperar encontrar na adorável e lendária Praia de Copacabana. Eles são tão roliços porque se alimentam das sobras que caem da mesa do homem rico. Observe essa bela cena agora! Veja como o rabo do bronto se ergue... Oh, adorável, sim, um monte duplo de feno emergindo de sua parte inferior

Isso certamente é uma beleza, amigos, entregue diretamente de consumidor a consumidor. Os pássaros brigam por ele agora. Ei, você, há bastante para ficar roliço, e, de qualquer jeito, você já está bastante roliço... E nada para fazer agora a não ser saltar de volta para a velha anca e esperar pela próxima rodada. E agora, enquanto o sol afunda no oeste do Jurássico, dizemos 'Coma bem essa dieta'..."

Não, você está adiando, e isso é um trabalho para a vida. Atira na fera e ponha um fim na sua agonia. Toma a coragem em suas mãos, levanta-a à altura do ombro e semicerra sua visão. Ali está uma terrível informação; você está meio paralisado. Tremendo, olha a sua volta. O monstro ainda mastiga ruidosamente, aliviado por ter quebrado bastante vento para in-tranquilizar o Antigo Marinheiro.

Raivoso (ou é alguma outra emoção mais sutil?), você agora atravessa os arbustos e o confronto, e essa posição exposta é típica dos dilemas em que sua consideração de si mesmo e de outros continuamente o coloca. Consideração? Ou, novamente, algo mais sutil? Por quê você deveria estar confuso só porque veio de uma civilização confusa? Mas este é um ponto com que lidar depois, se houver um depois, enquanto esses dois olhos chafurdadores o observavam a distância de uma cuspidela, com ar desafiador. Que não seja apenas com mandíbulas, Oh monstro, mas também com cascos gigantescos e, se lhe for conveniente, com montanhas rolando sobre mim. Que a morte seja uma saga, épica, heróico cavaleiro desafiador de dragões.

A quatrocentos metros o som de uma dúzia de hipos espalhando-se turbulentamente em escorregadelas acrobáticas na lama ancestral e no segundo seguinte um grande e surrado rabo, comprido como domingo e grosso como a noite de sábado, passa arrebetado sobre sua cabeça. Você se desvia como deve desviar-se, mas a fera o erra de qualquer jeito porque sua coordenação não é melhor que a sua seria se tivesse que balançar o prédio Woolworth contra um tásio. Isso feito, parece achar que seu dever foi cumprido. Ele o esquece. Você desejava poder esquecer de si mesmo tão facilmente; essa é, afinal, a razão por quê veio até aqui. Afaste-se de tudo, dizia a propaganda de viagem temporal, que significava afastar-se de Claude Ford, um marido tão fútil quanto seu nome com uma esposa terrível chamada Maude. Maude e Claude Ford. Que não podiam ajustar-se a si mesmos, um ao outro, ou ao mundo onde nasceram. Essa era a melhor razão nesse mundo constituído de um presente assim para voltar aqui e atirar em dinossauros gigantes - se você for tolo o bastante para pensar que cento e quinze milhões de anos para qualquer lado fazem um grama de diferença no lamaçal de pensamentos do córtex cerebral de um homem.

Você tenta e pára seus estúpidos e escorregadios pensamentos, mas eles nunca param realmente desde os dias de seu crescimento ajudado por coca-cola; Deus, se a adolescência não existisse, seria desnecessário inventá-la! Fragilmente, o firma para olhar de novo para a carcaça gigantesca desse vegetariano tirânico em cuja presença você chegou com tal desejo confuso de morte e vida, entrou com

todas as emoções que um organismo é capaz. Desta vez o bicho-papão é real, Claude, exatamente como você queria que fosse, e desta vez você tem mesmo que enfrentá-lo antes que ele se volte e o encare novamente. E de novo, você levanta o Velho Equalizador, esperando até encontrar um ponto vulnerável.

Os pássaros brilhantes balançam, os piolhos correm como cachorros, o pântano geme enquanto o bronto passeia sobre ele e joga seu pequeno crânio para baixo, sob a brilhante água cor de bile numa procura por grosseiras substâncias para sua alimentação. Observe isso; você nunca esteve tão nervoso em toda sua vida nervosa, e você estava contando com essa catarse para espremer a última gota do medo ácido de seu sistema para sempre. OK, você fica se dizendo insanamente, de novo e de novo, sua educação milionária, sua educação do século vinte e dois para nada. OK, OK. E quando você diz isso pela enésima vez, a cabeça louca sai da água como um expresso renegado e olha em sua direção.

Tangencia em sua direção. Porque quando a mandíbula triturante com seus grandes molares brutais como postes de concreto descem e sobem, você vê a água do pântano escorrer pelos lábios grosseiros, círculos sem lábios, batendo seus pés e fazendo o solo tremer. Junco e raiz, restos e caldo, folha e barro, tudo isso é intermitentemente visível nessa mandíbula mastigante, e lutando, perdendo-se ou sendo jogados entre eles, peixinhos, pequenos crustáceos, sapos - todos fadados nesse desagradável movimento de mandíbula a tornar-se movimento nos intestinos. E enquanto o glup-glup-glup acontece, acima disso o olhos resistentes ao limo o observam.

Essas feras vivem mais de duzentos anos, dizia a propaganda da viagem temporal, e essa fera obviamente tenta conseguir isso, porque seu olhar têm séculos, cheio de décadas e mais décadas de balançar-se nesse vazio de pensamentos super-pesados até alcançar a sabedoria em gorjeios sem apoio. Para você é como olhar uma pertubada piscina de névoa; lhe dá um choque psíquico, você atira com os dois canos por puro reflexo. Bang-bang, as dum-dums, grandes como pata-patas, vão.

Sem indecisão, essas luzes seculares, sombrias e sagradas, apagam-se. Esses claustros estão fechados até o Dia do Juízo Final. Seu reflexo, para eles, está rasgado e sujo de sangue para sempre. Suas brilhantes membranas nictitantes destruídas, escorregam lentamente, como lençóis sujos cobrindo um cadáver. A mandíbula continua a mastigar tão lentamente quanto a cabeça que afunda. Um esguicho de sangue frio escorre pelos dentes no flanco de uma das bochechas. Tudo é lento na arrepiante Era Secundária, de lentidão como uma gota d'água, e você sabe que se estivesse encarregado da criação, teria encontrado algum meio menos doloroso que o Tempo para colocá-la.

Deixe pra lá! Engulam seus copos, senhores, Claude Ford matou uma criatura indefesa. Vida longa a Claude, o Dilacerado!

Você observa sem fôlego enquanto a cabeça toca o solo, o comprido pescoço

risível toca o solo, as mandíbulas fechadas para sempre. Observa e espera que algo mais aconteça, mas nada mais acontece. Nada vai acontecer. Você pode ficar parado aqui por cento e quinze anos. Lorde Claude, e nada mais vai acontecer. Gradualmente, a poderosa carcaça do bronto, completamente limpa por predadores, iria afundar na lama, levada por seu próprio peso para o fundo, então as águas subiriam, e o antigo Mar da Conquista apareceria com o pachorrento ar de um trapaceiro dando aos meninos uma mão ruim. Lodo e sedimentos iriam se infiltrar na poderosa cova, uma chuva lenta, com séculos para chover. A cama do antigo bronto poderia ser levantada e abaixada cerca de meia dúzia de vezes, gentilmente o bastante para não perturbá-lo, embora por agora as rochas sedimentares estejam muito grossas a volta dele. Finalmente, quando ele estivesse envolvido numa tumba tão elegante quanto qualquer rajá indiano, poderia sonhar, os poderes da Terra iriam levantá-lo bem alto em seus ombros até que, ainda adormecido, o bronto estaria em um cume nas Rochosas, acima das águas do Pacífico. Mas pouco disso irá contar com você, Claude, a Espada; uma vez que a minúscula larva da vida está morta no crânio da criatura, o resto não é da sua conta.

Não tem nenhuma emoção agora. Está vagamente desconcertado. Esperava uma destruição dramática do chão, ou rugidos; por outro lado está feliz porque a coisa parece não ter sofrido. Você é como todos os homens cruéis, sentimental; é como todos os homens sentimentais, melindroso. Coloca a arma sob o braço e anda a volta do dinossauro para observar sua vitória.

Passa pelos cascos deselegantes, circula a putrefação branca na parede da barriga, além da brilhante e provocativa caverna da cloaca, finalmente posando abaixo da flexível vassoura traseira do rabo. Agora seu desapontamento é agudo e visível como um cartão de visitas. O gigante não tem a metade do tamanho que você imaginava que teria. Tem a metade do tamanho, por exemplo, da imagem que você e Maude tinham em mente. Pobre guerreirozinho, a ciência nunca inventará nada para ajudar a morte titânica que você deseja nas cavernas contraterrenas do desajeitado feudo medroso de seu id!

Nada lhe resta a não ser voltar para seu tempo móvel com uma barriga cheia de anticlímax. Veja, os brilhantes pássaros consumidores de excrementos já entenderam o verdadeiro estado das coisas, um por um, eles abrem suas asas curvas e voam desconsoladamente através do pântano até outros hospedeiros. Eles sabem quando uma coisa boa fica ruim, e quando não esperar que os abutres os expulsem; toda esperança abandonada, você que se entranha aqui. Você também dá as costas.

Você vira mas pára. Não há mais nada a não ser voltar, não, mas 2181 d.C. não é a data caseira; é Maude. É Claude. É todo o desagradável, desesperançado, infundável negócio de tentar ajustar-se a um ambiente super-complexo, de tentar transforma-se em um dente da engrenagem. Sua fuga disso para As Grandes

Simplicidades do Jurássico, para citar a propaganda de novo, foi uma fuga parcial, que agora terminou.

Então você pára e quando pára, algo pousa como um soco em suas costas, empurrando seu rosto para a frente, dentro da apetitosa lama. Você luta e grita enquanto as garras da lagosta cortam seu pescoço e garganta. Tenta pegar o rifle mas não pode, então, em agonia, você rola, e no momento seguinte aquela coisa-caranguejo está atacando seu peito. Você bate contra sua carapaça mas ela ri e arranca seus dedos. Você esqueceu que quando matou o bronto, seus parasitas iriam deixá-lo e, para um pequeno camarão como você, eles seriam algo muito mais perigoso que seu hospedeiro.

Faz o melhor que pode, chutando por pelo menos três minutos. No fim desse tempo, há todo um bando de criaturas sobre você. Eles já estão deixando sua carcaça completamente limpa. Vai gostar de lá, no topo das Rochosas; você não vai sentir nada.

IRMÃO VERDE

Howard Waldrop

Tão conhecida é a imagem do dragão - criaturas parecidas com dragões aparecem em todas as mitologias do mundo - e tão poderosas as emoções que eles evocam que o Dr. Carl Sagan, entre outros, sugeriu que os dragões são verdadeiras memórias raciais dos dinossauros, da época que nossos ancestrais remotos eram pequenos insetívoros habitantes de árvores que encolhiam-se de terror cada vez que um dos imensos comedores de carne, como o Tyrannosaurus Rex, apareciam esmagando a floresta.

Qualquer que seja a verdade, o arquétipo do dinossauro está em nosso sangue, e ainda vagueia assustador por nossos sonhos, onde pode ser encontrado, invocado e às vezes colocado em uso - mesmo que não saibamos exatamente o que seja...

Howard Waldrop é amplamente considerado o melhor autor de contos na área, e sua famosa história *The Ugly Chinkens* recebeu tanto o prêmio Nebula quanto o *World Fantasy* de 1981. Seu trabalho foi reunido em duas coleções: *Howard Who?* e *All About Strange Monsters of the Recent Past*. *Neat Stories* de Howard Waldrop, e mais coleções estão sendo preparadas. Waldrop também é o autor do romance *Them Bones* e, em colaboração com Jake Saunders, *The Texas-Israeli War: 1999*. Outro romance solo, *A Dozen Tough Jobs* acaba de ser lançado. Waldrop vive em Austin, Texas.

Estou falando do tempo em que Nuvem Vermelha lutava com os Pernas Amarelas na estrada suja que construíram em meio a nossas terras.

Isto começou no último inverno em que os Pernas Amarelas empurraram os Homens Brancos Cinzas para leste. Nós não compreendíamos por que queriam matar uns aos outros, mas não nos importávamos, contanto que nos deixassem em paz.

Eu sou Manto Raro. Naquele tempo eu era um grande curandeiro para minha gente. Eu não estaria lá em todas as lutas com os soldados se meus dois genros não quisessem estar com os outros. Não me importo muito com o resto de minha gente, mas gosto de minhas filhas e dos homens com quem se casaram.

Então, no início daquela primavera, mudamos nossas tendas para o lugar onde o resto dos Lakota estavam acampados, fizemos as danças rituais e os jovens foram lutar com os soldados em seu forte na grande estrada suja.

Eu ficava no acampamento a maior parte do tempo, embora,

ocasionalmente, saísse para olhar os tiros e mortes. Às vezes os grupos de guerra traziam um dos nossos homens e nós cantávamos as canções da morte e chorávamos. As vezes os ouvíamos pegar um grupo de soldados, brincar com eles e então matá-los. Não era uma verdadeira guerra. Nós apenas mostrávamos a eles o quanto aborrecidos estávamos.

Eles tiveram um grande encontro alguns anos atrás, com representantes do Grande Pai Branco e todos nós usamos a caneta, trocamos belos presentes e tivemos um grande jantar. Eles nos deram várias mantas, bolachas e contas de colar. Então construíram uma estrada cortando nossas melhores terras de caça.

A estrada encheu-se de vagões e as pessoas que passavam por ali nos deixavam saber que não gostavam de nós. Eles tinham medo também, então, logo os soldados vieram, enquanto estávamos nas terras para a caça de inverno, e construíram um grande forte de madeira. Foi quando nossos primeiros batedores voltaram do norte. Os soldados também estavam atirando nos búfalos por causa de seus fígados.

Nuvem Vermelha, o melhor orador de nossa gente, foi ao grande forte e perguntou ao soldado principal se eles iriam embora antes do frio voltar. O homem disse que não.

Eles mandaram um homem do leste que disse a Nuvem Vermelha que ele concordara com a construção do forte e da estrada.

Nuvem Vermelha disse não se lembrar desse assunto sequer ter sido mencionado.

Então veio mais gente branca falar com Nuvem Vermelha.

- Comemos muito bem por uma semana, - ele disse ao Conselho, - mas não acredito que nenhum deles tenha falado com o coração todo o tempo. - Ele disse que os homens brancos reclamavam que estavam lutando entre si por causa dos Homens Brancos Negros e precisavam da grande estrada suja.

Nuvem Vermelha disse a eles que o grande prédio de madeira era um aleijão na visão do Grande Mistério, e a estrada suja estava afastando os búfalos, e se, por favor, podiam retirar os dois.

Eles disseram não e acenaram com o pedaço de papel.

Então Nuvem Vermelha e algumas centenas de guerreiros saíram uma noite e queimaram o forte.

Os homens brancos o reconstruíram dois invernos atrás. Agora todo mundo está em guerra. Meus genros estão longe a maior parte do tempo, exceto quando trazem comida e estou sempre na companhia de homens mais velhos, mulheres e crianças. Ocasionalmente é prazeroso fazer isso. Dá perspectiva a um homem.

O favorito entre meus netos se chamava, então, Potro Caído, mas logo mudaria, porque se aproximava seu décimo terceiro aniversário. Ele aprendia

depressa e absorvia a sabedoria que eu lhe passava rapidamente.

Eu podia dizer que ele gostaria de estar fora com os homens, lutando a volta do forte, mas ainda era muito jovem.

Eu fumava do lado de fora de minha tenda um dia quando ele veio me ver. Soprei meu cachimbo depois de oferecer alguma fumaça aos ventos. Então sentei-me, encarando a parte aberta em meio ao círculo de tendas. O Sol já se levantara há algumas horas.

- Avô! - Ele disse, sem fôlego. Era magro e seu cabelo era tão negro quanto a noite. Usava pernas de pele de veado mesmo no verão. Essa era a moda entre os jovens rapazes naquele ano, lembro-me.

- Sim? Alguma coisa o agita?

- Menino Cebola não é mais Menino Cebola. Ele se foi três dias atrás e voltou, agora ele é Pé de Falcão.

- Ah, isso é bom. Tentarei me lembrar de seu novo nome. Ele mudou muito?

- Não, exceto que agora ele carrega um saquinho medicinal com um pé de falcão dentro. Ele disse que o falcão deve ter levado um tiro, porque enquanto voava sobre ele, balançou-se no ar e seu pé caiu no chão a sua frente.

- Ah, um bom sinal. Ele sonhou em voar? Geralmente quem toma o nome de um pássaro sonha em voar durante sua busca.

- Esqueci de perguntar.

- Não é importante, - eu disse.

- Avô?

- Sim?

- Como foi a busca de sua visão?

Eu vi à minha frente, no olho da minha mente, o vale do rio, o vagar de minha visão e do meu cansaço, senti a dor nas minhas pálpebras e os cortes em meus pés onde pisara sobre pedras afiadas. Experimentei de novo tremores e suores, e o calor do dia. Então, vi novamente o homem que era eu andando através da neve sem uma manta, andando e andando, sem frio, sem cansaço, sem doença e sem febre. Continuou para sempre em meu cérebro.

- Oh, isso foi há muito tempo, - eu disse. - Vi um homem que não precisava de cobertor no inverno.

- O senhor viu o espírito de um animal? - Ele perguntou.

A grande fera rosnou à minha frente, imensa e terrível, seus olhos queimando, seu casaco peludo cheio de força, suas garras grandes como facas, seus dentes do tamanho de balas, sua cabeça tão grande quanto um escudo largo, sua respiração rançosa, seu cheiro pesado, seu avanço aberto. Eu evacuei meus

intestinos.

- Um urso, - disse. - Vá e brinque agora.

Um dos meus genros foi trazido com uma bala em sua perna. Eu fiz a medicina e arranquei a bala, mastiguei tabaco e invoquei o Grande Mistério para lutar com a morte por ele. Ele estava de pé sem demora.

Decidi cavalgar até a grande estrada suja onde a luta continuava e ver por mim mesmo.

- Posso ir com o senhor. Avô? - Potro Caído perguntou.

Olhei para sua mãe. Ela sacudiu os ombros.

- liiuuuuppppeeee! - Ele gritou, correndo para pegar seu pônei.

- Deve lembrar que não conseguiremos ver muito, - eu lhe disse.

- Não me importo! - Respondeu. - Eu não me importo!

Havia três pequenas colinas antes de se chegar ao grande forte de madeira. Nossa gente ficava na terceira colina, logo depois do alcance dos rifles nas paredes.

Entre a primeira e segunda colina, árvores costumavam crescer mas os soldados as cortaram para construir o forte e tiveram que andar entre a segunda e terceira colina para conseguir madeira para fogo. Isso ainda estava à vista do forte e, ocasionalmente, eles mandavam homens para recolher toras em uma carroça. Eles também enviavam homens para atirar em nós enquanto os outros recolhiam a madeira. Isso era quando eles tentavam nos matar e nós tentávamos matá-los.

Nós não gostávamos de lutar desse modo, mas outros métodos haviam falhado. Antes, alguns guerreiros atacaram durante a noite e foram feridos. Outros tentaram se aproximar durante o dia mas os soldados os usavam para prática de tiro. Eles pareciam ter bastante comida e munição, mas não madeira para fogo. Então nós esperávamos até eles saírem.

Era um trabalho entediante. A maior parte do tempo nossos homens ficavam deitados e observando através da grama quente das colinas, polindo seus bordões e afiando suas facas. Outros iam caçar ou pescar. Eles sempre cozinhavam num local em que os soldados podiam vê-los. Os soldados sempre atiravam neles quando faziam isso. Foi assim que meu genro conseguiu uma bala na perna.

Potro Caído e eu subimos a colina onde seu pai. Lobo Terrível, dormitava ao sol.

- Ho, Pai, - ele disse, levantando, quando nos viu subindo. Sentou-se.

- Não precisa se levantar por nós, - eu lhe disse.

Potro Caído correu para seu pai e abraçou-o.

- Você me embaraça, -Lobo Terrível disse. O rapaz se afastou.

- Como estão as coisas no campo?

- Aborrecidas, - eu disse. - Seu irmão está bem. Ele voltará esta semana. - Nos sentamos. Lobo Terrível e eu começamos a conversar.

Passaram-se alguns minutos antes que eu notasse que Potro Caído não dissera nada. Ele voltara até onde estavam os cavalos. Mas ficava olhando para o topo da colina à minhas costas. Ele parecia nervoso.

- Hei-a! Hei-a! - Alguém gritou do topo da colina. Instantaneamente Lobo Terrível e todos os outros homens estavam de pé, rifles em punho e em seus cavalos. Eles subiram para o topo da colina em meio a uma nuvem de pó.

Da direção do forte podíamos ouvir barulhos de tiros de rifle. Fui até meu cavalo e tirei minha arma do coldre e Potro Caído pegou seu arco de garoto e flechas de sua algibeira. Então subimos a colina.

Abaixo de nós o chão seguia até o forte. Soldados estavam nas paredes, outros espalhados a volta dos portões abertos. No meio de caminho entre eles e nós, uma carroça e várias dúzias de soldados montados estavam no lado da colina mais próxima.

Os guerreiros desceram sobre eles vindos de todos os lados, gritando e fazendo grande estardalhaço. Os soldados avançavam determinados até alcançarem a mata no lado da segunda colina. Então a carroça parou e os cavaleiros desmontaram, começando a atirar, enquanto outros com machado cortavam as árvores mortas.

Os bravos cavalgaram até eles, pararam, desmontaram e começaram a atirar. Os soldados atiravam todos juntos, os guerreiros quando queriam. O som dos machados podia ser ouvido intermitentemente.

Então veio mais uma carga do forte, com outras duas dúzias de soldados cavalgando em direção aos bravos. Os guerreiros montaram e voltaram para a terceira colina. Então pararam e atiraram de volta contra os soldados vestidos de azul.

Então um segundo bando de bravos saiu do acampamento na terceira colina e os soldados no forte ficaram loucos. Fumaça elevava-se de todo o canto nas paredes enquanto eles atiravam. A onda de tropas, avançando contra a colina, virou. Havia movimento e tiros em todo lugar. Um bocado de pó foi levantado.

Alguns dos primeiros bravos correram de volta à colina, ao nosso lado, gritando e zombando dos soldados. Uma bala ocasionalmente passava assobiando por nós. Um homem abaixou as calças e dançou alegremente com as nádegas viradas para o forte. Então ele segurou seus tornozelos e pulou para trás, rolando colina abaixo até o tiroteio.

Várias balas começaram a bater à nossa volta.

A segunda onda de soldados nunca subiram na terceira colina. Alguns até começaram, mas o homem com a espada e as duas listas no chapéu os impediu.

Eles eram normalmente mais cautelosos do que aqueles com apenas uma lista no chapéu.

Poeira obscurecia tudo. Os guerreiros no morro atiravam no grupo de cortadores de madeira, segurando seus rifles no alto. Os soldados ali e no forte atiravam o mais rápido que podiam. As tropas entre nós e eles apareciam e sumiam em meio a fumaça e poeira.

Então tudo ficou quieto. A poeira começou a baixar.

A carroça e os soldados estavam voltando para o forte com apenas umas poucas toras de madeira balançando no seu interior. Os soldados montados mantinham um olhar atento nas colinas. Alguns dos nossos homens colocavam os polegares nas orelhas e as línguas para fora, num antigo insulto dos homens brancos.

As portas do forte se fecharam. Nós voltamos para trás da colina.

Ninguém foi ferido.

Olhei em volta e depois para cima. Potro Caído estava parado contra a linha do horizonte, olhando para o forte. Ele tremia e estava pálido.

- Desça, - eu disse. - Eles podem atingi-lo por engano.

Ele sacudiu-se, olhou em volta.

- O que é?

Ele olhou para o arco em sua mão.

- Eu não sei, Avô,... eu... eu...

- Foi excitação demais para você?

- Não... eu... eu não prestei muita atenção.

Seus olhos estavam ensombreados. Não lhe disse mais nada e nós cavalgamos de volta ao nosso acampamento.

Não me surpreendi quando o vi reunindo seus amigos dois dias depois. Ele entregou seu arco a um, as flechas a outro, e sua faca. Então tirou suas pernas de veado, seus mocassins, sua tanga. Nu, ele virou as costas às tendas e fogueiras de nossa gente e andou na direção das montanhas distantes.

Sua mãe veio até mim.

- Pai, o senhor viu...

Eu tirei meu cachimbo da boca para que sua sombra não caísse sobre ele e estragasse o tabaco.

- É a hora, - disse. - Isso vinha se aproximando há dias. Ele ficará bem.

Nós o observamos até que ele se perdesse no sol do fim da tarde.

Então ficamos ocupados por alguns dias e pensei raramente em Potro Caído.

Acompanhei meu outro genro quando ele foi até a grande estrada suja. Chegamos lá quando o sol estava bem no alto. O calor já era opressivo, o ar parado. Ruídos viajam uma longa distância. Ouvimos o som dos portões do forte se abrindo do alto de nossa colina. O bravo em vigília lançou seu grito então. Olhei para o céu. Um solitário papa-moscas caçava um inseto voador. Retirei minha arma do seu coldre e montei.

Nós fizemos as mesmas coisas que fizéramos no outro dia. A carroça saiu e nós a perseguimos. Os outros soldados avançaram. Então nossas reservas saíram de seus esconderijos. Nossos guerreiros montaram e voltaram para a colina.

Eu vi o que estava acontecendo antes dos outros. Soltei um grito e comecei minha canção da morte.

Porque a segunda onda de soldados não parará ao lado da segunda colina. Eles continuavam vindo. Eram liderados por um soldado com uma única lista no chapéu. Ele apontava sua espada para nós e esporeava seu cavalo. Eu podia ver cada uma das patas de seu cavalo levantando poeira. Seus olhos prenderam-se aos meus.

Supondo que o ritual seria o mesmo, alguns dos nossos desmontaram e estavam passeando no topo da colina.

- Ha, ha, ha! - Eles diziam, dando saltos. - Ha, ha, ha. Não pegam a gente! - Então notaram que os soldados montados não haviam parado, mas avançavam contra eles. Caíram uns sobre os outros por um segundo, então pularam sobre seus cavalos.

Balas voavam ao meu lado enquanto os soldados subiam a colina. Quando pulava em meu cavalo, pude ver o homem no comando do grupo da carroça balançar seu punho contra o homem que liderava o ataque à colina. Era uma coisa muito tola para o homem com uma tira no chapéu fazer.

Por alguns segundos pareceu como uma coisa maravilhosa, mas só porque nós não a esperávamos. Mas mesmo quando eles se aproximavam do topo da colina e nós corríamos pelo vale abaixo, vi que nossas reservas, que já haviam feito seu ataque ritual, haviam voltado e estavam subindo pelo outro lado. Touro Manchado estava no comando e ele era um bom homem.

Então nós batemos em nossos pôneis e os fizemos correr. Poderíamos dizer quando os homens brancos atingiram o topo da colina, porque começaram a atirar em tudo o que viam. Balas caíam a nossa volta. Alguém à minha esquerda caiu. O homem à minha direita virou-se e atirou, e circulamos para a direita porque logo os homens brancos ficariam entre nós e nosso apoio. Nós nos voltamos para os soldados logo que seus tiros ficaram espaçados.

Isso foi porque Touro Manchado ficou entre eles e o topo da colina. Eu vi os soldados girarem em círculos quando seu bando caiu sobre eles.

Havia mais ou menos uns vinte soldados a cavalo. Havia uma centena de nós. Eu mandei Lobo Terrível para o topo da colina.

- Avise quando todo o forte estiver vindo, - disse.

Então voltamos para a batalha.

Não tinha nenhum bordão comigo, então me inclinei sobre minha montaria e balancei para cima e para baixo quando me aproximei de um soldado. Ele atirou contra mim com sua pistola. Pólvora queimou meu rosto e braços. Eu me abaixei e o atingi debaixo do queixo com o cabo do meu rifle. Ele ficou mole e escorregou do cavalo.

Então vi o homem com uma lista no chapéu e atirei no rosto dele com os dois canos. Ele morreu rápido.

Alguns dos soldados haviam matado seus cavalos e atiravam em nós por detrás deles. Desmontamos e começamos a andar para eles, atirando enquanto nos aproximávamos. Havia fumaça em todo lugar.

- Todo o forte está vindo, - Lobo Terrível gritou.

- Continuem matando! - Eu disse. - Continuem matando!

- Eles estão na segunda colina, - gritou Lobo Terrível, mas ele ainda não havia montado.

Nós matamos o último soldado justo quando o mundo se encheu com o som de cascos. Lobo Terrível montou em seu cavalo e partiu através do cume.

Eu peguei a minha montaria e fiz o mesmo. Nós nos dividimos, metade indo para leste, metade para oeste.

Setenta soldados aparecerem na colina em ondas marrom e azuis. Balas passavam como abelhas. Então todos nós viramos e seguimos pela mesma colina de volta para o forte. Pegamos o grupo da carroça despreparado.

Matamos a maioria deles, saqueamos e colocamos fogo na carroça.

Alguém desceu do cavalo e mijou no rosto de um dos homens mortos. Então cavalgamos o mais rápido que podíamos dali com tudo que pegamos na carroça. Eles nos caçaram até estar escuro demais para ver.

Nós mudamos o acampamento para alguns quilômetros além de onde estava. As coisas se acalmaram por alguns dias, e nossos guerreiros voltaram para a colina e os soldados voltaram para o forte.

Era noite. Eu estava sentado fumando na frente de minha tenda. Então vi, bem longe, um menino nu aproximando-se do acampamento. Era meu neto. Ele parava muitas vezes. Estava mancando. Ficava se voltando para olhar as montanhas próximas, onde ficava o forte.

- Olá, meu neto, - eu disse. - Você seguiu nossa trilha de viagem?

Ele me encarou por um momento.

- Avô? - Perguntou.

- Sim?

- Posso dormir agora? Eu lhe contarei tudo depois.

- Aqui, - eu disse, movendo-me e dando metade de minha coberta de búfalo. Ele deitou-se devagar e adormeceu. Eu acariciei sua cabeça enquanto ele sonhava.

Ele acordou tarde na noite seguinte.

- Poderia me ajudar com meu novo nome? - Meu neto perguntou.

- A maioria das pessoas não precisa de ajuda com os seus, - eu disse.

- Isso é porque eles viram um totem do espírito de uma animal e sabem seu nome, - ele respondeu.

- Você não viu um animal?

- Eu vi um animal. Avô, mas não sei seu nome.

- Isso é um problema. Talvez eu possa ajudar.

Ele começou a me contar o que se lembrava da busca de sua visão. Estava desconexo, como a maioria, até a visão vir. Ele vagara pelas colinas, cantara e não dormira. Colocara pedras entre seus dedos do pé e esfregara seus olhos com amoreiras silvestres para manter-se acordado. Ouviu vozes, mas era sempre o vento quando ele prestava atenção. Deitou-se sobre uma rocha com a cabeça para baixo para ajudar a ter uma visão. E nenhuma veio até o terceiro dia.

- Me virei na direção da grande estrada suja, - ele disse. - E vi. Vi tudo. Havia água ali, muita água. Estava brilhando ao sol. O chão fumegava e tudo era verde e crescia. Vários pequenos animais que não conheço moviam-se entre as plantas crescidas. Na água, coisas com longos pescoços vagavam no fundo, como búfalos nas planícies. Animais como morcegos com narizes compridos passeavam pelos céus e mergulhavam na água para pescar. Todos eram grandes e fora de proporção. Todos gritavam, chamavam e rosnavam como pumas. Eu não compreendi.

- Algumas vezes as visões não são para serem compreendidas, mas para motivarem uma ação, - eu disse. - Como era o seu animal?

- Então eu era um animal, movendo-me por entre a floresta. Os animais chafurdadores que me pareceram grandes, eram pequenos agora, do meu tamanho. Eu atravessava pântanos. Cacei uma das coisas de pescoço comprido que tentava fugir de mim. Seus olhos estavam cheios de terror. Eu o peguei num pulo. Mordi sua cabeça e a quebrei como uma noz. Senti sangue e osso. Arranquei sua cabeça e a engoli, enquanto o resto da coisa caía e contorcia-se ali, sangrando em grande profusão. Esperei e então a empurrei e comecei a comê-la enquanto virava

e pisava no chão, amassando o lugar com seu rabo e pernas. Eu jogava minha cabeça para trás para comer e engolia grandes pedaços sem mastigar.

- Estava próximo da água e vi meu reflexo. Eu era imenso e verde. Ficava em duas pernas e tinha pequenas garras onde estavam meus braços. Meus olhos estavam ao lado de uma grande cabeça. Eu tinha uma boca comprida cheia de dentes afiados e um longo e fino rabo que usava para me equilibrar.

- Me afastei de minha presa e dei um rugido de desafio a todo o mundo a minha volta. A terra ficou em silêncio por um momento, então tudo continuou como era. - Meu neto me encarou. - Senti grande afinidade com aquela fera, Avô. Não sei o que é. É uma fera de terror e força e tinha a pele como a de uma cobra.

- Não há dúvida que é um animal poderoso.

- Avô, há mais alguma coisa.

- O que é?

- Ainda está aqui. Perto do forte dos homens brancos.

Meu neto olhou em volta, viu alguns dos saques do ataque à carroça alguns dias atrás.

- Precisarei disso, - falou, escolhendo uma ferramenta.

- Não há grande mágica numa pá, - eu disse.

- Não há nenhuma grande água perto do forte dos homens brancos, também, - ele respondeu. - Mas eu a vi ali.

Ele disse que escolheria seu novo nome depois que terminasse seu trabalho. A pá era mais alta do que ele. Amarrou-a em seu pônei e cavalgou para a grande estrada suja.

- Onde Potro Caído vai? - Sua mãe me perguntou.

- Seu nome não é mais Potro Caído.

- Qual é então?

- Ele está indo descobrir isso, - eu disse.

- Não vai com ele. Pai? - Ela perguntou.

- Já estava indo, - respondi.

Quando cheguei, Lobo Terrível estava parado no topo da colina cocando a cabeça. Ele segurava seu rifle cruzado sobre o cotovelo do braço esquerdo.

- Ele estava em sua busca de visão, não é? - Meu genro perguntou.

- Sim. Ele está perturbado. Foi inconclusiva.

- Eu posso... espere... o que ele está fazendo?

Olhamos morro abaixo para o forte. Vi que meu neto estivera mantendo cobertura atrás de um grupo de pequenas árvores, mas agora, de pá em punho, ele

corria em direção à fortaleza.

Vimos bolas de fumaça nas paredes, então ouvimos o bater dos rifles do Exército. Meu neto ziguezagueava como um pica-pau em vôo. Nuvens de pó levantavam-se a sua volta.

Alguns outros juntaram-se a nós na colina, curiosos já que haviam ouvido tiros, mas nenhum soltou um grito. Eles observavam a figura solitária correndo sobre o solo.

- Ele perdeu sua consciência? - Alguém perguntou.

- Problemas do Grande Mistério, - eu respondi.

- Oh!

Então ele parou. Olhou em volta e para frente. Poeira levantava-se a toda sua volta, e o fogo vindo do forte tornou-se pesado. Vi uma de suas trancas balançar no ar à suas costas.

Ele caiu. Pensei que estivesse morto. Ele estava obscurecido por um pequeno arbusto que mal podia esconder um cachorro. Então vimos o brilho de sua pá movendo-se, o punho esticado para trás no ar como uma grande língua.

- laaiii! - Todos nós gritamos.

Mais uns poucos tiros vieram do forte e então tudo ficou quieto. Podíamos ouvir vagamente o som da pá, cavando.

Ao cair da noite ele desaparecera atrás de um monte de terra.

- Eu vou descer lá logo, para ver se ele está bem, - Lobo Terrível disse.

- Melhor lhe levar alguma comida e seu arco, - eu disse. - Os homens brancos podem mandar alguém para tentar machucá-lo.

Meu neto estava a cerca de duas flechadas de distância do forte mas isso parecia preocupar os soldados. Os homens brancos não compreendiam coisas que lidavam com o Grande Mistério. Tenho certeza que pensavam que sua escavação tinha alguma coisa a ver com seu forte. Eles estavam mortalmente apavorados que um garoto de treze anos fosse cavar um túnel sob seu prédio e matar a todos durante o sono. Então não havia como saber o que os soldados fariam.

Depois de completamente escuro, Lobo Terrível seguiu até o som da pá.

- Mantive meus olhos afastados, - Lobo Terrível disse mais tarde. - Quando vi o que ele fazia.

- Oh, - eu disse, fumando meu cachimbo no lado da colina afastado do forte.

- Havia partes das Feras das Tempestades ali. Ele estava cavando entre elas.

- Isso é ruim, - eu disse. Nós acreditávamos que as Feras das Tempestades mergulhavam do céu durante as chuvas. Elas eram monstros que viviam nos céus

com o Pássaro do Trovão. Eles se matavam com rugidos que eram os trovões, e caíam com um brilho que era o relâmpago.

Acreditávamos nisso porque sempre pode-se encontrar seus restos depois das tempestades, pois ficam expostos quando as chuvas carregam a terra. Seus ossos espalhavam-se por quilômetros em nossas terras de caça depois das tempestades de primavera. Normalmente nós dávamos a volta neles, pois são animais de má sorte.

- Ele mencionou Feras das Tempestades em sua visão? - Lobo Terrível perguntou.

- Não havia nenhum trovão ou relâmpago em sua história, - respondi.

- O senhor acha que o Grande Mistério deixou meu filho louco? - Ele perguntou.

- Deixe-me conseguir mais informações, - respondi. Eu mesmo estava começando a ter dúvidas.

Fiz três cerimônias, cada uma mais exigente que a outra. Eu estava suando e cansado e minha bolsa medicinal estava oleosa e cheirando mal quando terminei.

- O Grande Mistério não está punindo seu filho, - eu disse para Lobo Terrível. - Mas há mágica funcionando ali, e é tão grande que eu preferia não estar por perto quando acontecer.

- Mas estará.

- É claro que estarei.

O monte crescera. Ele o estava aumentando ao lado da grande estrada suja. Ocasionalmente uma pá cheia de pó limpava o lugar em que ele estava. Senão, os dias passavam tranquilos.

Nós podíamos ver homens movendo-se no forte. Às vezes um deles atirava no lugar onde meu neto cavava. Então eles pararam de fazer até isso.

Entramos em uma rotina. Lobo Terrível levava comida e água para seu filho a noite, e nós observávamos e esperávamos durante o dia, no caso dos soldados saírem por madeira para fogo ou para ferir meu neto. Não era o tipo de coisa que gostávamos de fazer.

Lobo Terrível voltou uma noite. Sentou-se cansadamente, colocou a cabeça entre os joelhos e encarou o chão. Percebi na luz da Lua que seus mocassins já haviam começado a se estragar tão cedo no verão.

- Eu não sabia que uma pessoa podia mover tanta terra.

- Avô, - alguém disse, me acordando.

- Sim, - respondi, sentando-me em minha manta onde caíra adormecido. Esfreguei os olhos e endireitei-me. Faltava algumas horas para o nascer do Sol. Ouvia-se um estrondo surdo a distância.

- Preciso de grande medicina funcionando.

Ele estava coberto de terra, exausto. Seus olhos estavam ensombreados pela fadiga, mal refletindo as fogueiras na colina. Estava nu como quando saíra em busca de sua visão.

A distância, ouvi outro rugido do trovão, e o céu brilhou em luz.

- Se uma tempestade está vindo e você está trabalhando entre as Feras das Tempestades, vai precisar de mais força do que eu posso pedir. Mas verei o que posso fazer.

A primeira coisa que fiz foi me desnudar e perfazer uma dança de proteção para mim. Não sou tolo. Então fiz uma curta para ele porque era tão pequeno. De qualquer modo, não achava que isso impediria o relâmpago de nos atingir. Então peguei minha bolsa medicinal.

- Já pensou num nome, meu neto? - Perguntei, enquanto descíamos a colina. O horizonte ao leste falava consigo mesmo através de brilhos de luz. Grandes nuvens avançavam para nós através do céu, seus topos alcançando muito longe em nossa direção.

- Eu serei chamado de Irmão Verde, - ele disse.

- Irmão Verde é um bom nome.

As pequenas árvores estavam sendo castigadas pelo vento crescente. Eu estava começando a ficar com medo, apesar de meu neto não saber disso.

Um relâmpago atingiu o chão atrás do forte dos homens brancos. Homens se mexeram nas paredes. Talvez um relâmpago atingisse o forte, queimando-o completamente e terminando com nossos problemas. Eu não podia me preocupar com os soldados agora.

O buraco estava à nossa frente. Irmão Verde fizera uma rampa que descia até o lugar que escavara no chão. Começava bem antes, o buraco era muito fundo.

Eu também não conhecia uma pessoa que pudesse mover tanta terra.

- Me guie, - eu disse, fechando meus olhos. Movi meus lábios na canção da morte. Se visse os espíritos dos animais todos ao mesmo tempo seria mais fácil para mim. Eu poderia viver ou morrer naquele instante.

Senti que descíamos para o interior da terra. O sopro do vento parou, apenas poeira era jogada em meu rosto vinda de cima. Sentia meu coração batendo contra meu peito. Não podia respirar direito.

Irmão Verde virou-se para mim.

- Está à sua frente. Avô.

- É terrível, meu neto?

- Não depois que você se acostuma. Então meu sangue frio falhou.

- Me afaste dele, - disse. - A mágica funcionará melhor se eu não me acostumar.

- Pronto, - ele disse, me virando.

Abri meus olhos. Os lados do buraco desciam a minha volta. A rampa subia a partir do ponto onde me encontrava. O brilho de um relâmpago criou uma sombra terrível no chão a minha frente. Senti a presença morta da coisa a minhas costas.

- Faça mágica com ele. Avô, - Irmão Verde disse.

- Está de pé? Suas pernas e braços estão livres? Irá pisar em nós?

- São apenas ossos, mas são como ferro. Está de pé embora curvado sobre nós como se estivesse caindo. Seu corpo está preso na rocha sob nós. Não pude libertá-lo com a pá.

- Foi bom não tê-lo feito. Ele poderia cair sobre você e eu não saberia seu novo nome. - Levantei a sobrancelha. - Isso vai ser difícil. O que deseja que ele faça?

Irmão Verde levantou os olhos atrás de mim. Sorriu.

- Eu quero que ele suba essa rampa, atravesse a grande estrada suja e entre no forte.

- Isso provavelmente impressionaria os homens brancos, - eu disse. Um trovão soou fora do buraco com um brilho branco. Isso me enervou enormemente. Algumas gotas de chuva caíram em minha cabeça. Logo a tempestade chegaria. Talvez mais das Feras das Tempestades caíssem sobre nós e nos matassem.

- Afaste-se, - eu disse. - Preciso de muito espaço.

- Há algo que posso fazer? - Meu neto Irmão Verde perguntou. - Sinto familiaridade com essa fera. Eu era essa fera em minha visão.

- Se ele se mover, - eu disse, - você pode fazer o que quiser.

Espalhei as coisas de minha bolsa medicinal à minha frente. Precisaria de tudo. Desejei ter mais coisas sagradas. Eu nunca tinha tentado nada tão poderoso antes.

Chamei o Grande Mistério e lembrei-o que eu era pequeno diante da tempestade, como todos os homens e mulheres. Pedi que se lembrasse das coisas que nossa gente fizera em agradecimento por suas bênçãos e agradei pelas várias vezes em que lutara com a morte por mim.

Quando aumentei seu entusiasmo por mim, comecei a falar de coisas específicas que os soldados tinham nos feito, então lhe pedi que intercedesse através da Fera da Tempestade atrás de mim.

Quando parei para tomar fôlego ouvi o primeiro tiro. Então um grito de aviso de nossa gente que significava que os soldados estavam vindo do forte.

- Cante sua canção da morte. Irmão Verde, - eu disse. - Tentarei acabar com isso.

Eu deixara minha arma na colina porque não gosto de carregá-la durante uma tempestade. Anos atrás eu vira um homem ser derretido junto com seu rifle onde estava sentado. Não fora uma coisa bonita.

A tempestade desabou sobre nós. Havia som de tiros e cascos soavam perto.

- Depressa, Avô! - Irmão Verde disse. - Depressa!

Eu estava chamando o espírito da Fera da Tempestade para nos ajudar. Estava realmente inspirado, já que não era apenas minha gente, era Irmão Verde e eu que estávamos com problemas. Uma arma disparou do monte de terra acima do buraco e vozes chamaram. O vento rosnou e rugiu. O céu dançava com barulho e luz.

Uma bala pousou no chão perto de mim. Apertei os olhos fechados. Ouvei os homens no topo da rampa, risadas nervosas.

- Coisa! - Gritei, abrindo meus olhos e dançando. - Coisa! Crie vida! Crie vida!

Um grande relâmpago atingiu a entrada do buraco.

Vi várias coisas ao mesmo tempo.

Eu vi seis soldados a pé no meio da rampa. Alguns estavam encolhidos, rifles empunhados à frente. Dois estavam esticados, armas apontadas para mim.

Eu vi Irmão Verde ao meu lado, a pá levantada em suas mãos, pronto para bater nos soldados para fora da rampa.

Eu vi a sombra da coisa atrás de mim no chão.

Ela se moveu. Poderia ter sido apenas sombra de um relâmpago diferente.

Eu vi dois soldados estacarem. Vi seus corações pararem de bater em seus peitos. Vi seis pares de olhos ficarem grandes como as maçanetas nas portas das casas dos homens brancos. Os olhos dos dois homens que morreram caíram para os lados. Os outros desapareceram de volta pela rampa.

Trovões caíam sobre nós.

Virei-me e olhei para a coisa atrás de mim.

Molhei-me todo pelas pernas e cai para frente no chão macio.

A chuva caía em torrentes, empurrando meu rosto e olhos. Me sentei. Água estava caindo no buraco. Irmão Verde estava no chão perto de mim, sua cabeça sangrando onde atingira a pá.

Fui até ele depois de recuperar minha bolsa medicinal. Estranhamente não havia mais trovões e relâmpagos, apenas a chuva.

Peguei os rifles dos homens mortos e os coloquei sobre um ombro. Carreguei Irmão Verde e subi pela rampa enlameada. Não olhei para trás. Não me importava se os outros soldados ainda estavam lá, ou não.

Estava muito calmo sob a chuva fria.

Logo depois que os homens brancos partiram e queimamos o forte de novo. Logo que as neves derreteram na nova primavera, assinamos outro tratado e um Doutor em Ossos veio do Grande Rio Potomac para ver o campo das Feras das Tempestades.

Ele e Irmão Verde passaram muito tempo dentro do buraco e por toda a volta. Então homens e uma carroça vieram e levaram todas as Feras das Tempestades embora. O Doutor de Ossos disse que o animal da visão de Irmão Verde era um *Tirannosaurus Rex* na linguagem do homem branco. Ele disse que esse era esplêndido.

Irmão Verde pediu para ir para o Leste com o doutor e aprender mais sobre os espíritos dos animais que vira.

Então ele está na universidade e eu sinto muito sua falta. Estamos em paz agora aqui, recebemos nosso café, gado e farinha todo mês, e as coisas estão muito entediadas.

Antes de partir, Irmão Verde disse que seu animal de espírito era como o lagarto de rabo comprido, amarelo e marrom, só que muito maior e muito mais feroz.

Sou um homem simples e sou ignorante em muitas das coisas dos homens brancos. Mas sei uma verdade, e enquanto houver um céu azul sobre mim, e o Grande Mistério sorrir, sei isso. Aquela coisa que vi naquele noite no buraco não era nenhum lagarto.

Por favor, vire-me para o Sol para que eu possa fumar.

Estação de Incubação

Harry Turtiedove

A ficção científica é um campo conhecido por promoções repentinas. Não é verdadeiramente surpreendente, portanto, olhar em volta e ver quão longe Harry Turtiedove chegou, e quão depressa. Em um punhado de anos (escrevendo tanto como Turtiedove quanto como Eric G. Iverson), ele se tornou um autor regular na Analog, Amazing e Isaac Asimov's Science Fiction Magazine, assim como vendia trabalhos para Fantasy Book, Playboy, The Magazine of Fantasy and Science Fiction e Universe, embora sua reputação até hoje se baseie em duas séries populares de histórias para revistas, ele também está começando a deixar sua marca em textos maiores. Um romance chamado Agent of Byzantium apareceu em 1987 e uma tetralogia chamada The Videssos Cycle aparecerá um volume de cada vez nos próximos anos. Seu livro mais recente é o romance A Different Flesh. Um californiano nativo, Turtiedove é Ph.D. em história bizantina pela U.C.L.A. e publicou uma tradução de crônicas bizantinas do século IX. Ele vive em Canoga Park, Califórnia, com sua esposa e duas filhas pequenas.

Aqui ele sugere que algumas coisas atravessam muito facilmente as aparentes barreiras sem pontes entre espécies - e talvez bem demais.

As Montanhas Rochosas erguiam-se contra o horizonte oeste, em uma mistura de pedras preto-arroxeadas. A brisa vinha do leste. Carregava um penetrante e condimentado cheiro resinoso de coníferas e, mais vagamente, o perfume do mar.

De detrás de seu anteparo em meio à moita de cicadáceas, Paula Shaffer observava os hadrossauros pastando pelo rio. Não muitas pessoas, ela pensou com ressentimento, lembravam-se dos grandes, desajeitados bico-de-pato quando ouviam a palavra "dinossauro". O bizarro ceratopsiano cornudo e os selvagens tiranossauros eram os que saltavam a mente, assim como "mamífero" mais comumente chamava a imagem de um tigre ou girafa em vez de uma vaca.

Mas havia muito mais vacas que tigres e girafas, e os hadrossauros estavam entre os dinossauros de maior sucesso do Cretáceo. E assim continuariam por mais dez milhões de anos, até que o asteróide caísse e mudasse o clima do mundo tão bruscamente que levaria todos os dinossauros à morte.

Além do que, a tese de Paula era sobre comportamento de hadrossauros. As bestas não eram dramáticas, mas ela as achava fascinantes. Uma boa coisa também; sua subvenção só lhe dava duas semanas de trabalho de campo. Estava agradecida por ter chegado no meio da estação de incubação. Isso fora pura sorte. A sonda de tempo não podia escolher uma estação específica, nem um ano específico.

Algo a mordeu no tornozelo: um carrapato de dinossauro. Ela gritou enojada e jogou o carrapato dentro de uma ampola de formol para que pudesse levá-lo através do tempo. Ele já estava se soltando quando ela o agarrou. O sangue quente que compartilhava com seus hospedeiros usuais o tinha atraído, mas ela simplesmente não tinha o gosto certo. Um eon de evolução cuidou disso.

- E eu não estou nem um pouquinho chateada, - Paula murmurou, colocando um band-aid no machucado gotejante.

Enquanto ela tomava conta de si, um hadrossauro aproximou-se a passos lentos para experimentar as folhas das palmeiras em uma das cicadáceas a volta dela. Mesmo ele andando - gingando, na verdade - com uma pronunciada inclinação para frente, ainda era um metro e meio mais alto que ela; tinha cerca de sete metros de comprimento. Se ele decidisse atravessar pelo meio da moita de cicadáceas em vez de rodeá-las, tudo que ela poderia fazer seria desviar-se.

Mas ele não mostrou nenhuma intenção de fazer isso, enquanto mastigava alegremente ao se afastar. Os pequenos e chatos dentes no bico de pato produziam um rangido como de um gigantesco moedor de pimenta. Paula riu.

- Seu ronco abdominal é simplesmente fenomenal, - ela disse no gravador, citando o único verso tanto engraçado quanto limpo já escrito.

O hadrossauro tinha um odor fresco, quase gostoso, não se parecendo com nada que conhecesse em seu tempo - estranhas plantas em sua dieta e estranhos feromônios, ela pensou. A besta fez um bom trabalho em desnudar a cicadácea antes de se afastar a procura de mais comida. Como um elefante, gastava bastante tempo comendo.

Ele parou, grunhiu e levantou o rabo, deixando um grande monte de excremento para trás enquanto continuava gingando. Apenas um especialista poderia diferenciar as moscas que zumbiam à volta do monte das suas equivalentes modernas. Assim como as baratas, elas logo encontraram seu nicho e prosperaram ali.

Era algo depressivo com que lidar. Apenas viajantes no tempo, Paula pensou, realmente percebiam quão efêmero era o homem sobre a Terra... e ninguém voltava do Cretáceo sem uma nova perspectiva sobre a permanência de seu trabalho.

Com um esforço de vontade, afastou a melancolia. Antes que começasse esse trabalho de campo, seu diretor a avisou que ela seria seu pior inimigo aqui.

- Sempre acontece deste jeito, - ele disse. - Você será o único ser pensante no planeta. Às vezes acho que é um peso grande demais para qualquer pessoa.

- Sim, Professor Musson, - ela respondera obedientemente, desejando que ele não fosse tão simbólico. Agora percebia que ele falava por experiência.

O hadrossauro grunhiu de novo, uma distração bem vinda. Ele dobrou-se

para arrancar uma grande samambaia pela raiz, e depois fez o mesmo com outra próxima. Entretanto, em vez de comê-las, ele as deixou na boca enquanto caminhava propositadamente descendo o rio.

Excitação percorreu o corpo de Paula. Enrolou a rede de nylon verde sob a qual estivera se escondendo e guardou-a na mochila. Então emergiu de detrás das cicadáceas para seguir o hadrossauro.

Ele olhou-a com suspeita. Não tinha nenhum medo inato do homem, é claro, mas muitos pequenos dinossauros carnívoros eram bípedes; ele poderia tê-la considerado um desses. Ela escondeu-se atrás do tronco de um cipreste. Sem ter qualquer memória a se apegar, o hadrossauro a esqueceu no momento em que ela deixou de estar visível.

Ela trotou atrás dele; mesmo o gingado de uma besta de sete metros está longe de ser lento. De tempos em tempos, seu hadrossauro trocava carpidos e pios com outros de seu rebanho que passavam. Ela percebeu que os chamados eram simples sinais de reconhecimento mas continuou a gravá-los mesmo assim. Alguém recentemente fizera um trabalho sobre os chamados dos hadrossauros no Novo México; poderia valer a pena descobrir se os "dialetos" variavam de Norte a Sul.

Um hipsilofodonte passou rápido por ela, gritando de terror. O pequeno dinossauro corria em suas pernas traseiras, mas era um vegetariano; rapidez era sua única defesa. Ele ia a toda, seu longo rabo esticado para trás para servir de contrapeso ao peso de seu tronco.

Ele precisava de toda a velocidade que conseguisse, porque em seus calcanhares estava um dos horrores que deixavam os grandes hadrossauros nervosos: um *Deinonychus*. O predador tinha cerca de dois metros e meio de comprimento e era construído, em linhas gerais, como o animal que perseguia. Mas seus longos braços terminavam em mãos para pegar com garras e o terceiro dedo de cada pé tinha uma perigosa garra de doze centímetros, feita para matar.

O *Deinonychus* perseguiu o hipsilofodonte por uns cem metros adiante de Paula. Alcançou sua vítima sem chance com os fortes pés, seguros longe de seu próprio corpo para que pudesse trazer um pé traseiro para dar o golpe estripador. Seu rabo o equilibrava e o mantinha ereto enquanto estava apoiado em apenas uma perna para o golpe mortal. Quando o hipsilofodonte morreu, seu assassino parou sobre a carcaça e começou a comer avidamente.

Tremendo, Paula bateu na .45 em seu quadril. O *Deinonychus* poderia facilmente tê-la escolhido para atacar, mas um tiro ou dois fariam uma grande diferença na mudança de sua opinião. Ela desejou um lançador de granadas, no caso de um dos grandes carnívoros a notarem. Estava feliz por eles serem raros.

Ela correu atrás do hadrossauro, que conseguira uma boa vantagem. Suava abundantemente quando alcançou o terreno dos ninhos, tanto devido ao exercício quanto ao pesado clima subtropical.

O terreno de procriação a fazia lembrar-se de algo como uma colônia de pássaros marinhos na época dos nascimentos. Isso combinava bem, ela pensou, já que os pássaros não eram os emplumados sobreviventes do clã dos dinossauros?

Aqui, entretanto, a escala era muito maior. Cada ninho ovalado de lama tinha dois metros de largura e mais de um metro de altura. O rançoso odor de vegetação podre sobrepunha-se ao odor dos dinossauros nessa área. Os hadrossauros não sentavam-se sobre o conjunto de seus ovos, mas, como os crocodilos, usavam o calor gerado pelas plantas decompostas que colocavam nos ninhos para incubá-los.

Nem todos os ovos haviam eclodido ainda; alguns ainda tinham pais-dinossauros por perto para protegê-los de predadores, como os pingüins guardavam seus ovos contra as gaivotas-rapeiras. Paula viu um hadrossauro grunhir ameaçadoramente e abaixar a cabeça como se fosse atacar um Troôdon, um pequeno dinossauro comedor de carne de um tipo que freqüentemente atacava ninhos desprotegidos. O Troôdon sibilou mas afastou-se.

Os hadrossauros não são guardiães perfeitos. Um lagarto escorregou para fora de um dos ninhos e afastou-se em disparada, ainda lambendo sobras em suas garras com movimentos metódicos de sua bifurcada língua preta. O pai-dinossauro estava apenas alguns metros distante, mas não fez nenhum movimento. Para um hadrossauro adulto, um lagarto era tão pequeno que nem existia.

O hadrossauro de Paula forçou passagem entre os outros hadrossauros; ela o seguiu mais cautelosamente. Fragmentos de velhas cascas de ovos quebravam-se sob suas botas. Os hadrossauros desse rebanho vinham retomando a esse terreno de procriação por incontáveis gerações. Novamente ela lembrou-se das aves marinhas.

E assim, a despeito de seu minúsculo cérebro, seu animal sabia onde ia. Quando se aproximaram do ninho que ele construía, ela ajustou sua câmara de vídeo para telezoom. Se ela mesma tentasse se aproximar, o hadrossauro poderia afastá-la como o outro fizera com o Troôdon.

Seu hadrossauro inclinou-se para dentro do ninho, deixou cair o carregamento de samambaias que carregara de tão longe. Instantaneamente uma dúzia de recém nascidos jogou-se sobre a comida, comendo como se não houvesse amanhã. Seus guinchos de excitação eram uma imitação em soprano das chamadas em tom profundo dos mais velhos.

Observando os bebês, Paula não podia deixar de sorrir. Um dinossauro de sete metros era um animal calmo e sério, pastando com a intensidade de um só propósito. Um hadrossauro de trinta centímetros, recém saído do ovo, era alguma coisa completamente diferente. Os jovens pulavam por todo lado, caindo uns sobre os outros e afastando-se de perigos imaginários. Eles disputavam folhas e galhos e mordiam os pés e rabos dos outros.

Quando um dos recém nascidos tentou escalar para fora do ninho, um hadrossauro adulto usou seu bico de pato para forçar o pequeno animal de volta. Outro bebê conseguiu sair, e começou a vagar. O animal completamente crescido bufou. O jovem virou obedientemente e subiu de volta no ninho.

Paula desejou saber se o adulto era fêmea ou macho; os sexos não tinham nenhuma diferença óbvia. Uma escola pregava que ambos os pais cuidavam dos jovens, outra dizia que apenas a mãe o fazia. Um dia um grupo ficaria no Cretáceo por todo um ano e descobriria a verdade. Enquanto as verbas para esse tipo de projeto não chegassem, no entanto, valiam apenas as suposições. Não logo, Paula pensou tristemente.

Outro hadrossauro, completamente crescido, estava liderando a ninhada mais velha para fora do ninho, numa expedição de alimentação. Os jovens eram quase tão compridos quanto Paula era alta, e começavam a perder suas manchas juvenis para o sólido marrom esverdeado do couro dos adultos.

Quando seu hadrossauro afastou-se para conseguir mais comida para os jovens, Paula aproximou-se cautelosamente do ninho para descobrir exatamente que plantas ele usava para alimentá-los. Os recém nascidos tropeçaram para trás com medo, enquanto ela remexia as sobras de seu banquete.

Ela ficou surpresa em ver um ovo ainda completamente em pé, sem estar quebrado. Um pouco mais do que a metade de seus vinte centímetros de comprimento estava visível acima da vegetação podre onde fora colocado. A casca verde-acinzentada era encrespada para ter mais superfície para liberar o dióxido de carbono que o embrião em desenvolvimento produzia.

Pensou por um momento que esse ovo fosse infértil, mas ela notou uma quebra correndo ao longo de uma das estrias verticais. O bebê hadrossauro estava para nascer; talvez tivesse atrasado porque esse ovo não estava tão bem coberto quanto o resto da ninhada e por isso incubou mais lentamente.

Ela focalizou a câmara de vídeo no ovo; tanto quanto podia se lembrar, ninguém nunca gravara o nascimento de um hadrossauro. Era uma pena que os pais não estivessem por perto, para que ela pudesse ver como reagiam a uma nova chegada.

O emergir foi uma luta - as cascas dos ovos de dinossauros tinham alguns milímetros de grossura. Enfim o bebê hadrossauro estava deitado no ninho, ainda molhado com o fluído de dentro do ovo. Um de seus irmãos ou irmãs, completamente indiferente, caminhou sobre sua cabeça.

Ele prestou tanta atenção ao parente quanto recebeu. Paula, entretanto, era grande o bastante para ser notada. O bebê hadrossauro abriu a boca e esperou esperançosamente.

Paula caiu na risada. Não pode segurar-se; o pequeno animal parecia-se exatamente com um dos animais de pelúcia que a livraria da universidade vendia.

- Muito bem, amigo, você mereceu, - disse. Encontrou algumas samambaias macias que os outros recém nascidos não perceberam e alimentou o mais jovem com elas. Ele mastigou avidamente.

O grunhido de um dos hadrossauros adultos próximo fez Paula afastar-se do ninho apressadamente. Ela não queria ser confundida com um predador. Ele era muito estúpido para ouvir explicações e muito grandes para se discutir.

Outro grunhido veio das suas costas, esse mais soprano que baixo. O mais novo recém-nascido conseguira alcançar o topo do ninho e estava tentando sair. Quando viu Paula, ele pulou para fora, pousando atabalhoadamente na base do ninho. Cambaleou sobre seus pés e veio atrás dela.

- Oh, pelo amor de Deus, - disse em exasperação. Ela recolheu o pequeno hadrossauro. Ele contorceu-se e enrolou seu rabo no pulso dela. O mais gentilmente que pode, ela o colocou de volta no ninho.

Afastou-se antes que irritasse algum dos adultos de novo. O mesmo grunhido em tom alto soou atrás dela. Ela virou-se e viu o recém nascido pousar mais desajeitadamente que antes.

- Fique onde está, sim, por favor? - disse. - Não sou sua mãe... Ou será que sou? - Acrescentou quando ele apoiou-se em suas pernas traseiras e caminhou até ela.

Seus olhos abriram-se assustados.

- Seu pequeno filho de um lagarto, acho que eu fui o alvo de seu imprinting! - Ela sabia que pássaros funcionavam desse jeito; eles aceitavam a primeira coisa que viam ao sair do ovo como sua mãe, o que algumas vezes gerara espetáculos cômicos como uma longa linha de patinhos seguindo alegremente uma galinha.

A comunidade científica percebera, desde o fim do século vinte, que os pássaros eram a descendência moderna dos dinossauros. Entretanto, Paula não achava que alguém já houvesse registrado o momento do imprinting entre os dinossauros - ou procurado por um, por falar nisso.

- Às vezes é melhor ter sorte do que ser bom, - respirou e começou a falar no gravador.

Ela recolocou o bebê hadrossauro em seu ninho mais uma vez.

- O feitiço pela terceira vez, - murmurou. Ela sentiu vontade de gritar quando o pequeno animal escalou até o topo do ninho e procurou por ela. Para celebrar ela pegou uma samambaia nova muito pequena para um hadrossauro adulto notar e a deu para o bebê. Se muito, a segunda alimentação fortaleceu a ligação que o pequeno dinossauro formara com ela. - Você acha que sou a cornucópia da abundância, não é? - Disse. Quantas vezes o devolveu ao ninho, tantas ele o escalou para segui-la.

Ela surpreendeu-se com quão baixo o sol estava no horizonte oeste. Logo

desaparecia atrás das Rochosas, cumes mais altos e pontiagudos do que seriam dali a oitenta milhões de anos. Ela fez uma careta. O bebê hadrossauro, agora aproximando-se pela enésima vez, desperdiçara a maior parte de um de seus preciosos dias no Cretáceo. Não, desperdício não era o termo justo, decidiu - o que estava aprendendo com ele valia o tempo gasto.

Ela recolheu o bebê e estava para colocá-lo de volta mais uma vez quando ouviu os gritos de perigo vindos do leste: os hadrossauros adultos os ouviram também. Embora não vissem nenhum perigo, os adultos ecoaram a chamada de perigo, alertando toda a manada para a luta.

Um hadrossauro avançou através dos arbustos e grandes samambaias na fronteira leste do terreno de procriação. Seu trote gíngado era desesperadamente urgente. Alarমে percorreu Paula. Não muitos animais eram grandes o bastante para deixar em pânico um dinossauro que pesava tanto quanto um pequeno elefante.

Paula passou o bebê para sua mão esquerda e puxou sua pistola, desejando novamente algo mais poderoso. Certo, grandes carnívoros eram raros, mas ela deveria ter percebido que uma concentração de grandes herbívoros como um terreno de procriação iria atraí-los, se algo o pudesse. Mesmo o lançador de granada em que pensara antes poderia não deter um tiranossauro.

A terra tremeu de novo quando o comedor de carne, na trilha do hadrossauro, avançou violentamente. A boca de Paula ficou seca. Não era um tiranossauro, mas era a segunda pior coisa: o gorgossauro tinha nove metros de comprimento, três de altura e tinha uma enorme boca com dentes de dez centímetros. Paula imaginou, insanamente, se uma zebra se importava em ser comida por um leão ou por um leopardo.

Nenhuma dessas abstrações pesava sobre os hadrossauros no terreno de procriação. Eles fugiram no momento em que puseram os olhos no gorgossauro e pobres dos ninhos ou recém nascidos que ficassem em seu caminho. Paula correu com eles, rezando para não tropeçar. Nenhum de seus treinamentos a prepara para participar de um estouro de dinossauros. A única coisa que tinha certeza era que seguir a corrente era melhor que tentar detê-la. Sempre achara que o Rei Canuto era um maldito tolo.

O rugido do gorgossauro soou como um motor a vapor com uma terrível indigestão. Paula podia ouvir o animal ganhando terreno sobre o rebanho; não se atrevia a olhar para trás para saber o quão rápido. A respiração faltava a seus pulmões, mas ela continuava correndo. Em seus tempos de faculdade, corria uns bons três mil metros até que a pressão dos estudos a fizera sair do time de atletismo. Agora ela desejava ter sido uma maratonista.

Algo pesou em seu pulso esquerdo. Percebeu que ainda segurava o bebê hadrossauro. Ele contorcia-se e sacudia-se tentando se libertar. Ela o segurou bem.

Não estava interferindo com sua corrida e se o deixasse ir, ele seria esmagado num instante.

Um assobio sibilante veio de suas costas à direita, sinalizando a chegada de outro gorgossauro. Isso não era justo, ela pensou - os grandes carnívoros eram matadores solitários. Eles não caçavam em bando como os Deinonychus e outros pequenos comedores de carne normalmente faziam. O bramido furioso do primeiro gorgossauro declarou quão pouco ele acolhia seu companheiro.

Paula ouviu um guincho que a lembrou do grito de um cavalo ferido: um dos monstros matara. Então os assobios de vapor recomeçaram, no dobro do volume, como se o outro gorgossauro disputasse a propriedade do cadáver.

Enquanto os dois carnívoros discutiam entre si, Paula deu um trêmulo suspiro de alívio. Estava acabado; o resto do rebanho estava a salvo. Logo os hadrossauros parariam, e ela poderia sair do meio deles.

Só que eles não pararam. Uma vez começado, um estouro ganha um movimento próprio, um que nada tem haver com o que o causou. Oscilando de exaustão, Paula galopou alguns passos para o lado e encontrou um gordo hadrossauro claudicando. Não havia nada que pudesse fazer, exceto desistir e ser pisoteada. Nas vezes que tentou passar pela corrente para a beira da manada, quase foi atropelada. A mesma coisa aconteceu quando diminuiu. Rangendo os dentes, continuou correndo.

Então os hadrossauros estavam entre as árvores e folhas ao sul do terreno de procriação. A frente, os líderes da manada desviavam o caminho, às vezes por causa do terreno, às vezes por nenhuma razão. Na floresta à meia luz, logo Paula não tinha mais idéia em que direção estava indo.

Ela viu uma árvore - uma magnólia, entre todas as coisas - que parecia grande o bastante para que se escondesse atrás dela enquanto a manada passava. Mas quando se desviou para alcançá-la, um dos hadrossauros a pegou, por acidente, com a ponta de seu rabo. Ela bateu contra o tronco da magnólia e não lembrou de mais nada.

Estava escuro quando voltou a si. Gemeu e sentou-se. Dor pulsava atrás de seus olhos a cada batida do coração, comprimindo suas costelas, queimando como fogo em seu pulso direito. Cautelosamente, inspirou profundamente. A dor em seu peito não piorou. Nenhuma costela quebrada, pensou.

Esse pulso era outra coisa. Podia ouvir ossos rangendo quando o movia. Tão cuidadosamente quanto podia, livrou-se de sua mochila. Remexeu nela com sua mão esquerda atrás da lanterna.

Algo em seu joelho esquerdo remexeu-se surpreso quando ligou a luz.

- Você ainda está aqui? - Ela disse, afastando o fecho de luz do bebê hadrossauro. Após um momento de reflexão, percebeu que o pequeno animal não

tinha nenhum outro lugar para onde ir. Longe de seu ninho, o que mais poderia fazer a não ser ficar com o único ser que representava segurança para ele? Havia perigos nas noites mesozóicas: não apenas os pequenos mamíferos pilhadores, mas também - e mais temidos - primos noturnos do *Deinonychus* que caçavam mamíferos e qualquer outra coisa que pudessem encontrar.

Esse devaneio era apenas uma pequena preocupação enquanto Paula procurava em sua mochila um vidro de pílulas para dor. Engoliu a seco uma delas e então, alguns segundos depois, mais outra. Enquanto esperava que funcionassem, pegou um rolo de bandagem e encontrou um par de galhos para servir de tala.

Sua dor começou a diminuir. Soltou a correia de pulso que segurava sua bússola e o sinalizador para a sonda temporal.

- Oh, Jesus Cristo, - disse. A droga a fazia soar desligada e coloquial, mas ela podia sentir o grito por detrás das palavras. Ambos os equipamentos estavam amassados ao ponto de lixo inútil.

Sentou-se bem quieta, tentando trazê-los de volta à vida com sua vontade. Quando isso não funcionou, ela concordou amargamente, como se a falha fosse uma petição que um diretor rejeitara. Lutou contra o pânico.

- Primeiro as coisas importantes, - disse, e foi entalar seu pulso.

Porém, mesmo enquanto apertava a bandagem, sua mente ficava choramingando para ela. Se não estivesse na sonda temporal quando ela deixasse o Cretáceo, ficaria presa aqui e agora enquanto vivesse, o que não seria muito. Eles haviam enfiado isso nela enquanto treinavam. As isenções que tivera que assinar poderiam formar um pequeno livro.

Talvez fosse o medo de estar perdida, talvez a pancada na cabeça que levara, mas ela cometeu um grande erro. Em vez de esperar até de manhã e voltar usando a trilha que o estouro dos hadrossauros deixara, decidiu que tinha que saber imediatamente onde estava e em que direção deveria seguir. Ficou de pé para procurar por uma clareira em que pudesse ver as estrelas.

O bebê hadrossauro seguiu confiantemente atrás dela, como poderia ter feito com um pai verdadeiro a caminho de um arbustos de frutinhas. Algum tempo depois, ela parou e o pegou no colo.

- Viemos tão longe; podemos muito bem continuar juntos, - disse, como se ele pudesse compreender.

A cobertura da floresta escondia tudo, exceto por uma eventual estrela. Paula continuou andando - tinha que haver uma abertura em algum lugar. O fecho de sua lanterna atraía insetos, exatamente como o faria em seu tempo. Ela encharcou-se de repelente. Os insetos mordedores do Cretáceo tinham bocas como brocas. Tinham que ter, para penetrar o couro de um dinossauro.

Por duas ou três vezes viu pares de olhos refletindo sua luz em amarelo ou

vermelho. Enquanto os olhos estivessem próximos do chão e perto um do outro, ela não permitiu-se preocupação.

- Enfim! - Exclamou algum tempo depois. Uma árvore gigante caíra e com ela várias pequenas árvores foram arrancadas. Samambaias e trepadeiras já estavam preenchendo o espaço, mas ainda não tinham crescido mais alto que os joelhos de Paula.

Ela foi até o meio da clareira e desligou a lanterna para permitir seus olhos se acostumarem com o escuro. Não era grande coisa em astronomia, mas estava confiante que sabia o bastante sobre as grandes constelações para perceber qual era qual e onde estava cada uma.

Ou assim pensou, mas quando olhou para o céu, nenhum dos padrões que viu significavam algo para ela. Uma estrela vermelha ficava quase que diretamente sobre sua cabeça; era tão brilhante quanto Vênus. Várias outras aqui e ali eram claramente seus pares. O agrupamento próximo ao horizonte envergonhavam as Plêiades.

- Merda, - disse, quando a compreensão a alcançou. Para ela, estrelas eram estrelas, praticamente imutáveis. Há oitenta milhões de anos, porém, não era assim; a Terra estava há quase meia galáxia de onde estaria. Havia falado sobre isso no treinamento, mas ela ouvira com apenas metade de sua atenção: o que estavam falando não lhe parecia útil, não quando ela tinha meios mais simples e acurados para encontrar seu caminho. Agora não os tinha.

Aquele velho ditado sobre o musgo sempre crescer no norte das árvores não significava nada aqui, também. Nesse clima, musgo crescia em toda a parte.

Por agora, ela já percebera o que devia ter feito. Se pudesse retroceder seu caminho pela clareira... sua risada demonstrava desespero. Ela estivera tão preocupada em olhar as estrelas que não tinha certeza do caminho que seguiria.

- Estúpida, Paula, estúpida, - disse. Antes, ser estúpida significava perder um seminário ou ter que refazer uma experiência. Agora podia matá-la.

Ela estava grata aos remédios contra dor. Eles tiravam o grosso de seu medo, permitindo que ela pensasse direito, mesmo que devagar. Quando o sol nascesse ela poderia identificar as direções a partir das sombras que ele criasse, bem o bastante para seguir grosseiramente para o norte. Isso deveria levá-la até o rio, e dar-lhe um centavo de chance de seguir até um território familiar.

- A menos que você tenha uma idéia melhor? - Perguntou ao bebê hadrossauro. Se ele tinha, a guardou para si.

Até de manhã, ela decidiu, a melhor coisa a fazer era descansar. Pretendia estar com a cabeça mais fresca possível quando o dia chegasse.

- Mais nenhuma besteira, - disse firmemente, pegando seu saco de dormir. Colocou o bebê no chão ao lado. - Se quiser ir, vá. Se não, o vejo de manhã.

Ela achou que estaria muito excitada para dormir, mas a próxima coisa que soube foi que o sol brilhava forte em seu rosto.

- Leste, - disse: progresso. Procurou a sua volta pelo bebê hadrossauro. Estava exatamente onde o deixara, ainda dormindo com o rabo cobrindo seus olhos.

- Gostaria de poder fazer isso, - disse, e dessa vez seu riso foi um de honesta diversão. A tola pequena criatura fazia bem para sua moral, e ela precisava de toda ajuda que pudesse conseguir. Pegou o bebê - ele soltou um silvo por ser perturbado mas logo acalmou-se - e seguiu em frente.

Saber para que lado devia seguir não tomou a viagem fácil. Paula esborrachou-se em pântanos (e descobriu, da maneira mais difícil, que havia sanguessugas no Cretáceo), arrastou-se a volta de emaranhando de raízes muito grossas para permitir atravessá-los. Algumas vezes as folhas acima encobriam o sol completamente e a impediam de seguir as sombras. Uma vez ela saiu para descobrir que estava indo para leste em vez de norte. Balançando a cabeça, virou a esquerda.

Ela gritou alto quando viu o rio, assustando o bebê hadrossauro, que enrolou o rabo a volta de seu pulso, com uma força dolorosa. Ela sentiu-se como uma dos homens de Xenofonte, avistando o Mar Negro.

Aproximou-se cautelosamente da água e bebeu, sempre mantendo um olho - e parte do outro - atento para problemas. Crocodilos e coisas piores infestavam os rios do Cretáceo.

Perscrutou rio abaixo e acima. Como temera, as duas direções pareciam igualmente desconhecidas. Ela colocou o bebê hadrossauro no chão, alimentou-o com uma folha.

- Você também não sabe em que direção seguir, não é? - Disse acusadora. Parou e olhou-o de novo, uma boa olhada. - Ou sabe? - Os hadrossauros da manada sempre voltavam ao mesmo terreno de procriação para colocar seus ovos. Estariam eles biologicamente programados para fazer isso, como o salmão sempre voltava ao mesmo rio ou os pássaros a mesma ilha?

Ninguém sabia. Mesmo depois de anos de viagens temporais, havia tanto que não se sabia sobre os dinossauros. Se Paula tinha alguma razão para pensar que o recém nascido podia encontrar seu caminho para casa, se sentiria muito melhor sobre escolher uma direção. Como as coisas estavam, escolher que caminho seguir era como brincar de roleta russa com metade das balas na arma.

Sua boca se apertou. Talvez pudesse descobrir. Colocou o bebê hadrossauro no chão. Ele não foi para lugar nenhum. Ficou ali, olhando para ela.

- Gostaria que você não achasse que sou sua mãe, - lhe disse.

Pegou-o no colo de novo enquanto pensava. Um pouco depois, pegou vários

metros de uma corda leve e amarrou-as como arreios a volta das patas e costas do bebê. Amarrou a outra ponta da corda num pesado pedaço de madeira que ancorou firmemente ao chão.

Então ela voltou a floresta, tendo certeza de ficar contra o vento para que o hadrossauro não pudesse nem vê-la nem cheirá-la. A fita cassete que procurava estava marcada como Terreno de Procriação-1. Colocou os fones de ouvido e correu a fita até encontrar o pedaço que precisava.

Tocou o rugido de chamada a todo volume. A cabeça do bebê hadrossauro levantou-se. Ele avançou confiantemente rio acima - em direção de seu ninho, ela esperava, porque era isso que o chamado significava. Os arreios pararam logo o recém nascido. Ele não compreendia cordas e continuou marchando no mesmo lugar esticando ao máximo a corda.

Quando Paula mostrou-se de novo, o hadrossauro virou-se para ela. Ela o pegou, ainda com os arreios, carregou-o e ancorou-o em outro pedaço de madeira alguns metros rio acima. Colocou-o ali, voltou a floresta e repetiu a experiência. A direção que o bebê seguiu da primeira vez, raciocinou, pode muito bem ter sido escolhida a esmo.

Ele avançou rio acima novamente.

Ela caminhou mais alguns metros, e tentou de novo, com resultados idênticos. O bebê hadrossauro fez a mesma coisa nas três repetições. Paula jogou suas mãos para cima. Soltou o animal. - Muito bem, estou convencida. É rio acima.

Menos de uma hora depois, começou a encontrar hadrossauros passeando à beira do rio. Ela deu uma risada tola quando chegou ao terreno que reconhecia, e ficou impressionada em descobrir quão bonitos dois metros de ninhos de lama podiam ser. A partir do terreno de procriação, ela sabia exatamente como voltar à sonda temporal.

Colocou o bebê hadrossauro no chão pela última vez. Tocou novamente o chamado de volta ao ninho, baixo agora para não perturbar os outros dinossauros. Como por todo o tempo, o recém nascido sabia para onde estava indo. Não teve problemas em encontrar seu próprio ninho em meio as centenas que havia. Subir nele foi mais difícil, mas o pequeno dinossauro conseguiu.

Paula nunca duvidou que ele conseguisse. Embora nunca soubesse com certeza, tinha uma irracional certeza de que ele iria escapar de todos os predadores do Cretáceo e crescer grande e gordo e, a longo prazo, a triste confusão do animal sobre seu relacionamento com ela não iria mais importar.

Enquanto deixava o terreno de procriação, ela sentiu-se um tanto triste mesmo assim. Afinal, nunca antes havia sido mãe.

Pulando Fora

Steven Utiey

Sonhar em voar é, talvez, um dos sonhos mais universais. Aqui aprendemos que alguns desses sonhos podem vir de muito tempo atrás...

A ficção de Steven Utiey apareceu na *The Magazine of Fantasy and Science Fiction*, *Universe*, *Galaxy*, *Amazing*, *Vertex*, *Stellar*, *Shayol*, e muitas outras. Ele é co-editor, junto com Geo. E. Proctor, da antologia *Lone Star Universe*, a primeira - e possivelmente a única - antologia de histórias de ficção científica de texanos. Nascido em Smyrna, Tennessee, Utiey vive agora em Austin, Texas.

Havia criaturas de corpo macio em infinita variedade e profusão no fundo, peixes com tentáculos e carapaças, estranhos escorpiões laranjas, trilobitas, larvas grotescas que pareciam centopéias de armadura, um peixe ocasional, todos com uma boca soturna e olhos idiotas observando a partir de buracos sem ossos. Havia grupos de plantas pálidas com caules segmentados, crescendo como colunas a partir da lama para suportar o ondulante e translúcido telhado do tanque. Acima do telhado havia um sol de fronteiras imprecisas.

Sonhos devonianos. Acordei e mergulhei novamente e agora havia cumes de um azul glacial no horizonte. Mais perto, havia o fedor de alcatrão e peixe decomposto. O pôr do sol transformava a água da chuva na superfície das piscinas de alcatrão em prata derretida. Massas disformes estavam em algumas das piscinas. Aqui e ali podia-se ver uma presa curva; uma pata dianteira decomposta não inteiramente irreconhecível com longas garras em gancho, uma corcunda parcialmente consumida de um bisão. Condores e chacais estão em todos os lugares, e eu estou com eles.

Imagens pleistocênicas. Acordei e sai da cama. Era meu dia de fazer o café da manhã.

Esse é meu único luxo real - esse diário, essas preciosas folhas de papel. Semana passada eu me permiti comprar um livro de capa dura com folhas em branco. Duzentas folhas, quatrocentos lados onde registras cada um de meus pensamentos vagantes. Papel para o qual não tenho nenhuma proposta mais nobre em mente do que escrever "Meu Querido Diário".

Bem vindos à página 2 de *O Livro* de Bruce Holt, que provavelmente estará morto antes de chegar perto da página 400.

- Por que sempre dinossauros e coisas assim? - perguntou Carol, a mulher com quem estava vivendo. - E por que sempre poemas sobre "o momento da extinção", como você diz aqui?

Estou mastigando minha torrada e bebendo meu leite de soja. Carol está debruçada sobre a unidade de recolhimento na kitchnette, abanando-se com o quadro de ardósia que usei para meus primeiros desenhos e notas.

- É isso que vejo, - lhe respondi. - Dinossauros e coisas assim. É isso que vem a mim.

- Isso é tão depressivo. Você está ficando assim em suas histórias também.

- É uma reação natural contra a bobagem que escrevo para a televisão.

- Essa bobagem coloca comida na mesa.

Fiz um rápido e curto som de riso - não sou tão velho que não lembre de pão de verdade, café de verdade - e empurrei para baixo o resto do café da manhã, então busquei um cigarro no bolso da minha camisa. Esse último comentário de Carol me acertara, já que era verdade. Minhas histórias eram mercadoria espasmódica. Muito depressivas para a maioria das pessoas. A televisão é que me fazia continuar, e televisão queria otimismo. Ou, pelo menos, puro escapismo. A velha fórmula de ficção comercial de Jack Woodford era atemporal. Rapaz conhece Moça, Moça coloca Rapaz em Apuros, Rapaz coloca Apuros dentro de Moça.

- Estou indo ao centro hoje, - disse um pouco depois. - Quer que pegue alguma coisa para você?

Carol balançou a cabeça lentamente.

- Não posso pensar em nada. Posso tentar entrar no armazém enquanto você estiver lá. Eu poderia fazer o jantar hoje.

- É meu dia de cozinhar.

- Me dará algo para fazer.

- Acabou de ler seu livro?

Ela usou a unha para traçar uma linha na parte de baixo do quadro de ardósia.

- Não me importo muito com ele. Camus me deprime do mesmo jeito que você faz.

- É sempre bom ouvir que entrei para a turma de Camus. - Dei a primeira tragada no cigarro e imaginei que diabos estariam usando para diminuir o tabaco. - Vamos, Carol, sobre o que você gostaria que eu escrevesse poemas? Riachos borbulhantes e céus azuis? Não ficou nenhum, se isso escapou à sua observação.

- Não seja ruim, Bruce. E não restou nenhum dinossauros também, então touché para você.

Deixei o assunto morrer, porque, repentinamente, o poder estava esquentando atrás de meu crânio e eu estava me afastando dela, para a primeiramente disponível: uma mulher chamada Sharon Kraft, que vive no coração do metrocomplexo de Nashville, em um apartamento ainda menor que o nosso.

Está extremamente frio na sala de Sharon Kraft e a única e suja janela está congelada por fora. Eu, suando pelo calor de agosto, fui até ela no auge de algum inverno recente. Não conhecia Sharon Kraft antes desse momento, não sabia dela, e tudo que consegui dela durante os quatro ou cinco segundos que estive em sua cama foram as coisas usuais sobre comida e dinheiro. Encolhida em deprimente ansiedade.

Carol bateu o quadro de ardósia na mesa a minha frente.

- Não faça isso quando estou falando com você!

Eu pulei fora, resgatando o quadro das migalhas da torrada, murmurando uma desculpa.

- Você sempre se afasta de mim assim! - Carol continuou, sua voz subindo na escala. - Isso é tudo para que o usa, não é? As coisas ficam difíceis e você sai voando para seu pequeno mundo.

Estou tentando não deixar sua irritação me infectar. Está muito quente para discussões. Eu lhe ofereço um trago do meu cigarro. Ela balança a cabeça veementemente.

- Olhe, - eu digo, forçando-me a falar calmamente, macio, - eu não pedi por isso. Apenas acontece. Estou preso com isso, Carol.

- Preso com isso! Você faz soar como um pé aleijado!

- Carol, querida, eu tenho que lidar com isso da melhor maneira que posso.

- Então por quê não usa isso para tornar as coisas melhores para nós?

- O que quer que eu faça? Volte e descubra onde o Capitão Kid enterrou seu tesouro?

- Não me importo com o que faça, apenas faça alguma coisa.

Carol começou a andar de um lado para o outro na kitchnette, três passos nessa direção, três de volta. Quando ela percebeu que eu não diria nem mais uma palavra, que eu não tinha intenção de brigar com ela, saiu intempestivamente da kitchnette e vagou em círculos pela sala principal do apartamento, tocando as lombadas de minha pequena biblioteca de brochuras esfarrapadas, olhando as baratas peças de xadrez plástico (ainda paradas no empate mexicano da semana passada). E eu sentei, tentando pensar em algo para dizer que pudesse me devolver a suas boas graças.

Mas o aluguel vence na próxima semana, meu cheque do estúdio estava atrasado, ela estava entediada e sentia-se inútil porque não encontrava emprego, e eu era conveniente para ser culpado porque eu tinha o poder. Eu tenho o Algo extra que a maioria das pessoas não tem. Eu tenho o dom. E não nos está ajudando em nada. Então...

E então desisti e cuidadosamente apaguei o cigarro em um cinzeiro de

barro, depois coloquei o tabaco do fundo em um jarro Mason meio cheio com outros restos. O melhor que posso fazer é ficar fora das vistas de Carol por um tempo.

Ainda assim não posso evitar ficar um pouco irritado. Já passamos por isso antes, e eu achava que por agora Carol já teria aceitado minhas limitações. Quantas vezes eu tenho que lhe dizer que não posso forçar o Algo extra a fazer alguma coisa?

Ele vem. Ele vai. Não tenho controle sobre ele, nenhum mesmo. O tempo me arranca de minha própria cabeça e me leva para onde quer. Nunca posso dizer onde irei parar e, uma vez lá, não posso fazer nada a não ser observar os acontecimentos através de seus olhos, orelhas e/ou outros órgãos sensitivos de qualquer criatura que tenha se tomado disponível para mim. Observar trilobitas através do olhos de um (eu presumo) peixe pulmonado não vai me tornar rico.

Oh, mas eu tentei. Realmente tentei.

Quando comecei a ter essas cronopatias retrospectivas as ignorei como sendo pesadelos e sonhos acordado. Então vieram as dúvidas sobre minha sanidade, as sessões com um psiquiatra, o atordoante terror da loucura. Mas, somente quando o Dr. D. M. Mayes, da Universidade do Texas aqui mesmo em Austin, publicou seu relatório é que a natureza de minha aflição tornou-se óbvia. Deslocamento temporal. Cronopatia. Quão melhor me senti uma vez que sabia o nome de minha doença. Que bom ouvir que havia dúzias como eu.

Da última vez que soube, eles ainda não compreendiam exatamente como a mente humana podia viajar através do tempo. Se os médicos estavam intrigados com a mecânica da telepatia, clarividência e telecinese, eles estavam simplesmente enfurecidos com a cronopatia, que desavergonhadamente refutava muito do que consideravam certo sobre a natureza do Tempo e Espaço. Mas eu tenho minha própria teoria para explicar por quê.

Acho que é disparado pelo desespero. Talvez a cronopatia estivesse sempre latente nas pessoas, manifestando-se ocasionalmente e dando espaço para conjecturas sobre fantasmas e reencarnação. Mas as manifestações tornaram-se muito comuns no último quarto desse século. E acho que é por causa do engolfante senso de desesperança opressão num ambiente em deterioração. As pessoas perderam toda a fé no futuro. Infelizes no presente, eles desejam o passado, anseiam por ele, porque ele sempre parecerá mais rosa, mais simples, mais fácil.

Foi quando as correntes da psique humana foram arrancadas.

Então, de qualquer modo, com a idade de trinta e oito, eu me tomei um cronopata. Aprender a viver com isso não é fácil, mas eu consegui. Acho.

Uma vez eu até mesmo procurei Mayes e ofereci meus serviços. Mas ele já tinha montado um grupo de cronopatas, homens e mulheres cujas habilidades estavam altamente sintonizadas, que tinham os cursos de paleontologia,

arqueologia e antropologia necessários para completar seus talentos. Eu não era treinado. Eu não tinha nenhum controle sobre meu talento.

Eu era, resumindo, um amador meio agraciado, um leigo, um escritor picareta e um poeta de mínimo sucesso para chutar.

Apreciamos que tenha nos procurado sobre este assunto. Senhor Holt, mas...

Não adequando para as necessidades atuais. Ótimo. A história da minha vida.

Noite passada observei em meio a multidão enquanto Luis XVI era colocado sob a guilhotina. Você deveria ter visto a expressão em seu rosto, Querido Diário. Ele realmente não acreditava que iríamos até o fim com aquilo. Até o momento em que o executor soltou a lâmina, ele recusou-se a aceitar a realidade da situação, e então, quando a lâmina começou a cair, eu o vi levantar a cabeça tão alto quanto podia. Eu poderia jurar que vi seus lábios formarem as palavras Mon Dieu.

Ah, bem. Onde eu parei na contínua saga de Bruce e Carol?

No outro dia, enquanto esperava que ela superasse seu mau-humor, coloquei minha velha Olympia portátil na mesa e fui trabalhar no último capítulo de minha novela de TV. Estava no meio da página quando Carol esbarrou em algo e fez um bocado de barulho desnecessário em seu caminho até o banheiro. Ela estava, tenho certeza, deliberadamente tentando me provocar. Mas eu me senti melhor na cadeira, fechei meus olhos e senti-me partindo de novo.

Quando cheguei lá, o céu estava encoberto e uma chuva quente caía. As nuvens baixas tinham um tom levemente esverdeado. Agachei-me num confortável buraco na lateral de um cume que descia direto até o mar. Meu nicho fedia a peixe podre e excrementos, mas o cheiro não era muito forte. O sentido de olfato de meu hospedeiro parecia atrofiado. Entretanto, mesmo nessa escuridão, sua visão era excepcional - a única outra vez que experimentara tal visão incrivelmente clara foi quando viajei junto com o que deveria ser uma das últimas águias.

A chuva parou devagar. Meu hospedeiro - não, eu - agitou-se e esticou suas pateticamente pequenas pernas traseiras para restaurar a circulação, asas sem penas que eram membranosas e cobertas com uma bela penugem. As asas eram circundadas por um dedo enormemente alongado. Agora sei o que era, quando e provavelmente onde estive.

Pterossauro, Período Cretáceo. No mar interior de Kansas, talvez.

Esperei até que a corrente ascendente vinda do mar parecesse certa e então afastei-me gentilmente da face da montanha, afundei, subi e fui transportado pelo ar.

Eu tinha o céu só para mim.

Depois de algum tempo meu hospedeiro nos trouxe para baixo, sobrevoando sobre as ondas, atento às sombras prateadas logo abaixo da superfície. Meu longo

bico sem dentes mergulhou subitamente e trouxe de volta um peixe lutador que desceu pelo buraco de minha goela.

Então meu hospedeiro subiu, ainda a única criatura no céu. O sol começa a escorregar por trás do horizonte. Eu não podia deixar passar o sentimento de que esta poderia ser a última das tardes, que eu estivera com o último dos dragões. Já viera a Era Mesozóica muitas vezes antes, já fora um Gorgossauro e um Plateossauro, conhecia meu caminho pelo Tempo dos Dinossauros. Mas algo estava diferente agora. A terra, o mar e o céu estavam como sempre em minhas outras visitas aos tempos do Baixo Cretáceo, meu hospedeiro voava como se não houvesse nada estranho, mas eu sabia, eu sabia, que um reconhecimento aéreo da terra a leste revelaria a terra vazia de gigantes. Que havia apenas meu hospedeiro, seguindo silenciosamente para o que eu, num poema, chamara de "o momento da extinção". Parecia uma invasão de privacidade ficar e testemunhar a queda desse último pterodátilo, então me afastei e voltei a minha datilografia.

Tinha uma profunda dor de cabeça quando terminei com a máquina de escrever. Carol chegara a um ponto onde caíra no sofá-cama com L'Étranger. Mas ela virava as páginas raivosamente. Ela notara minha atenção desocupada.

Fui até ela, ficando muito gentil e carinhoso e essas coisas, e voltamos a termos mais ou menos amigáveis depois de cerca de trinta minutos. Percebemos que não tínhamos tido nossa última discussão sobre o Algo extra, mas estávamos tão aconchegados e contentes por agora, a tempestade passara, podíamos esperar por um pouco de paz antes que o assunto subisse a cabeça de novo.

E nesses momentos eu realmente, profundamente, lamentava por não ser melhor com as palavras. O Mesozóico sempre faz isso comigo, me faz querer falar com Carol sobre o que era ser um jovem durante os anos sessenta e início dos setenta, quando parecia haver esperança para a humanidade... quando os negros exigiam o direito de serem gente, quando as mulheres exigiam o direito de serem consideradas seres humanos, quando... quando tantas vozes diferentes se elevavam, gritando por sanidade e justiça, quando havia causas boas e nobres, causas válidas, quando ainda havia tempo e o futuro que iria acontecer era apenas uma pequena e cinza nuvem flutuando baixo no horizonte, quando...

Quando o cheiro da extinção não estava no ar.

Mas não posso tornar isso vivo para Carol. Ela é tão jovem. Ela nasceu depois que as coisas já tinham ido para o inferno em uma cesta. Ela mal tinha tirado as fraldas quando a Califórnia partiu-se. (Adeus, Los Angeles. Você sempre me fascinou.) Ela era apenas uma criança quando o Texas fez sua tentativa abortada de dividir-se em cinco estados diferentes e, no que se refere a Carol, o Texas sempre esteve ocupado por tropas inimigas.

Carol veio muito tarde, depois que não havia mais lugar para esperança em nossas vidas. E eu nunca fora capaz de lhe explicar a diferença essencial entre meu

tolo e ansioso otimismo de juventude e o brilho vazio das coisas que escrevia para a TV.

Carol, Carol, dinossauros e todos seus irmãos eram criaturas majestosas. Tanto assim que nunca seremos capazes de compreender, porque não podemos ser informados sobre isso. Temos que sentir o que é ter vinte metros de altura e ser o senhor do mundo. Ou flutuar em asas de seis metros sobre o Mar de Kansas. Os dinossauros foram as coisas mais impressionantes de todos os tempos, montanhas feitas para andar. E, apesar de sua densidade craniana, Carol, eles eram monstros mais nobres que os homens. Quando os dinossauros morreram, eles deixaram um mundo limpo. Eles saíram do mundo e ele ainda estava cheio de coisas vivas. Os dinossauros desapareceram graciosamente.

Quando nós desaparecermos, levaremos todo o mundo conosco, de um jeito ou de outro.

Eu tenho tão boa cabeça para bobagens. Por toda manhã fui perseguido por uma canção que não poderia ter ouvido pelo menos nos últimos vinte anos. É alguma coisa dos anos sessenta, acho, algo de Bob Dylan. Um grito de angústia, de desilusão. "Oh, mama, pode isso ser mesmo o fim, estar preso dentro de Mobile com os blues de Memphis de novo?" E isso, de uma das estrofes: "... as damas me tratam bem, e me encham de compreensão, mas bem no fundo de meu coração, sei que não posso escapar."

Oh, mas posso tentar.

Hoje é sexta-feira. Dia de Comida no armazém e as ruas estão lotadas. Eu tenho que ir ao estúdio. Empurrar e lutar pelo meu caminho até o ponto do transporte de massa na esquina, e então o calorento ônibus estava vinte minutos atrasado. Mas ele chegou e eu consegui um lugar sentado na frente. Foi uma viagem miserável, mesmo assim. Apareceu um vazamento no meu respirador. (Deus, quem pensaria que Austin, Texas, teria algum dia um nevoeiro esfumaçado realmente ruim!) O dia estava um forno, tudo fedia, o ônibus, as ruas, as pessoas, toda a cidade. O cheiro da extinção.

Então eu encostei minha cabeça na cadeira, fechei os olhos e afastei-me deles o melhor que pude. Tudo é calmo, tudo é brilhante.

Os Corredores

Bob Buckley

Dinossauros são freqüentemente retratados como pesados, desajeitados, gigantes lentos mas, como já dissemos, alguns deles eram qualquer coisa menos lentos - na verdade, alguns deles podem ter sido bem ligeiros.

Mas há certas coisas das quais não se pode correr, não importa quão rápido se seja.

A menos que receba uma pequena ajuda.

Nascido em Louisville, Kentucky, Bob Burckley vive agora em Trabuco Canyon, Califórnia. Um autor técnico de tempo integral para a Burroughs Corporation, vendeu sua primeira história de ficção científica em 1969 e desde então tornou-se um colaborador freqüente para a Analog. Seu primeiro romance foi *World in the Clouds*, e atualmente ele trabalha num livro de não-ficção sobre dinossauros chamado *The Terrible Lizards*.

Descobri que não gosto de dinossauros. Os grandes cheiram mal e têm o cérebro de um inseto, enquanto os animais menores, embora mais espertos, podem muito bem lhe arrancar um braço ou sorrir para você. E ainda não vi nenhum deles sorrir. Ainda não.

Mas aqui estamos, bem no meio deles... inferno revisitado. É assim que Rogers chama o lugar.

Parei na margem seca e olhei para o mar. O sol estava quente, mas nenhum de nós usava mais que short, e um chapéu de abas largas mantinha meu cérebro sem cozinhar. Abaixo de mim havia um rio. Um largo espaço de água marrom azulada, sem nome, abrindo-se aqui em sua foz, onde esvaziava-se no mar. As Rochosas deveriam estar aqui, não um corpo d'água de horizonte a horizonte pontilhado de ilhas. Mas não estavam. Elas não apareceriam senão muito mais tarde.

As ondas estavam manchadas de marrom um pouco mais adiante. O canal carregava um bocado de sedimento das áridas terras altas que começavam onde as florestas litorâneas diminuía, e um considerável delta vinha se formando. Árvores parecidas com as de um mangue cobriam os bancos de areia e providenciavam lugar para os ovos das centenas de aves marinhas que apareciam no céu escuro, como torres de fumaça branca onde quer que um pteranodonte navegasse majestosamente. Acho que eram pteranodontes. James discorda. Acho que ele deve saber. É um dos paleontologistas.

Apenas visível acima da curva do horizonte enevado em violeta, estava o cume nevado de um vulcão. Esse era um dos grandes. Rogers o chamou de Topo do Penacho, por causa do penacho de fumaça acumulada que sopra de seu cume leste. É um nome tão bom quanto qualquer outro, e eu o marquei como tal no mapa que estamos preparando.

Além do Topo do Penacho existem mais vulcões, e a encrespada linha da costa das Cordilheiras da América do Norte. Um dia aquilo tudo seria a Califórnia e os estados da Costa Oeste, incluindo o longo e seco dedo de Baja. Nesse tempo, porém, era um gigantesco continente insular.

Atualmente, nosso método de cair na Era Mesozóica é secreto. De qualquer jeito, numa apresentação não oficial como essa, duvido que minhas explicações da física envolvida fariam algum sentido. Direi apenas que nós não usamos uma máquina do tempo. Nosso veículo foi uma nave cargueira resistente a pressão bem comum, com um poderoso motor de empuxo instalado na popa. Uma barcaça de combustível automática nos acompanhou. A deixamos estacionada em órbita sincrônica sobre a América do Norte Cratônica, que é a massa de terra que fica a leste do Mar Sundance e junta-se a Europa.

Voltar, segundo os físicos, seria bem mais complicado que chegar. Mas o pagamento era indecentemente alto, os computadores diziam que era possível, então nós viemos.

A primeira tripulação que foi para trás fez isso por acidente. Eles estiveram desaparecidos por tanto tempo que realmente desenvolveram um gosto por carne de lagarto seca. Mas voltaram. E não tinham a menor idéia sobre o comportamento do Efeito do Desvio Jupiteriano.

Era nossa tarefa mapear o terreno e documentar o intervalo de transferência temporal.

Nossa tripulação era pequena por necessidade. Rogers era o geologista, Jack e James os paleontologistas. Eu era o piloto. Mas antes de buscar uma formação avançada na Academia de Astronáutica, me formei em Comportamento Animal. E tenho outra carapuça. Também sou o astrônomo do acampamento.

Tudo isso só para determinar que ano era esse!

Estávamos completamente por nossa conta. Nenhuma brincadeira calma com o Controle da Missão. Nenhuma mensagem de encorajamento das namoradas. Éramos os únicos primatas em toda a Terra Mesozóica. Acho que devíamos nos sentir orgulhosos, ou assustados se fossemos espertos. Mas, na maior parte do tempo, estávamos muito ocupados para sentir qualquer outra coisa que não cansaço.

Eu pousara a nave em um platô elevado de basalto pré-cambriano que se erguia além da plataforma continental como um gigantesco banco negro. Sessenta milhões de anos mais tarde não estaria ali. Erosão o teria espalhado pelos vales

próximos como uma fina e escura areia.

Não havia muito crescendo nele. Algumas rachaduras haviam capturado um pouco de solo e ali moitas de cicadáceas criaram raízes. Algumas eram enormes, e mesmo as pequenas pareciam antigas.

James nos disse que era relacionada à Dioön, um gênero que vivia apenas no leste do México em nosso tempo.

Logo descobrimos que tinham espinhos que causavam vergões onde quer que atingissem a pele enquanto descarregávamos o helicóptero da carga da nave. Depois que terminamos, e eu examinava o equipamento amortecedor de pouso a ar, a procura de danos, James apareceu com algum tipo de pterodátilo movendo-se molemente em suas mãos. Ele o examinava com uma expressão deliciada e pensativa.

- Bem, - perguntei, - o que é isso?

Durante a longa viagem tínhamos discutido extensivamente sobre quanto as reconstruções do século vinte iriam se enquadrar na realidade. Eu, pessoalmente, duvidava que fossemos reconhecer muita coisa. A própria natureza da fossilização tendia a destruir as várias epidermes ornamentais que tomavam os animais vivos tão únicos.

Agora, vendo James e sua confusão, não podia me impedir de sorrir.

A criatura era levemente bronzeada. Seu corpo, cabeça e asas eram cobertas por um pêlo muito fino, quase como feltro. As mandíbulas eram longas e cheias de dentes, protegidas por um bico de chifre. A asa direita estava quebrada.

Peguei o prêmio de James. O corpo ainda estava quente. Apalpei o corpo e descobri um papo que parecia com o que pequenos lagartos usavam para secretar. Havia outras características também.

- É um macho, - disse.

- Como sabe isso? - Ele exigiu.

Virei as papadas parcialmente infladas, vermelho-brilhantes que pendiam da parte de baixo da garganta.

- É um órgão de demonstração. Já que seu pterodátilo ocupa um nicho como os dos pássaros nesse ambiente, é razoável que emprestemos comportamentos de pássaros a ele. Se procurar por aí, acho que vai descobrir um ninho com uma fêmea cuidando das crianças. Duvido que jovens pterodátiles possam manter o calor do corpo mais do que os pássaros jovens podem.

James pegou de volta seu fóssil antes vivo e me lançou um olhar confuso e um tanto ofendido. Ele não disse nada, mas mais tarde notei que vagava pelo platô, examinando cada porção de rocha. No entanto nunca me disse se achou o ninho.

Nessa tarde, com Jack colocado para nos monitorar a partir da ponte da nave, saímos do platô por trás e seguimos a costa do mar para o norte. Essa foi a primeira de nossas viagens de exploração. Esperávamos compilar informação bastante para datar esse período. As informações consistiam em vida animal.

Rogers pilotou. Eu era o vigia e James sentava-se ao meu lado com um micro-arquivo no colo. Sua memória estava cheia de reconstruções e montagem de esqueletos de cada forma de vida descoberta que houvesse existido no Mesozóico. Mantendo uma contagem sobre cada gênero identificado, iríamos desenvolver uma fauna que poderia ser relacionada a uma unidade sedimentaria. Isso nos daria uma data bruta, um período entre as fronteiras do Jurássico ou do Cretáceo. Mais tarde, eu usaria astronomia para nos conseguir uma precisão maior.

Rogers voou baixo sobre a praia, assustando pequenos plesiossauros, que pularam de volta à água com muitos tombos e escorregões. Eram jovens. James não estava preparado para identificá-los. Acho que estava distraído. Ele estava muito fascinado em observá-los para consultar o arquivo.

A praia curvou-se. Areia branca foi substituída por uma cobertura baixa do solo. Arbustos, pequenas árvores. Aqui e ali víamos animais, mas apenas suas cabeças, costas e pescoços. Não era bom o bastante para fazer as identificações.

James começou a parecer infeliz.

Cruzamos uma baía rasa. Um mosassauro rolou sob nós e soou de novo. Isso nos deu uma pequena pista. Mosassauros eram monitores que se adaptaram para viver no mar aberto. Eles se desenvolveram tarde. Mas esse aí desapareceu antes que James pudesse encontrá-lo no arquivo.

Começou a parecer que o único jeito de fazermos uma identificação positiva seria pegando um dos bichos e fazendo raios-X dele, comparando seu esqueleto com os fósseis no arquivo.

Quando disse isso alto, James ficou com um estranho brilho no olhar. Soube na hora que cometera um grave erro. Eu não queria ver nós três lutando com seis toneladas de um dinossauro furioso. Expliquei as dificuldades de tal luta em grandes detalhes.

- Temos nossas armas, - James contra-atacou.

Por "armas", James queria dizer tranqüilizantes. Tínhamos que evitar matar algo. Isso era senso comum. É claro, os dinossauros estavam com os dias contatos, sem descendentes. E se o Grande Tio Harry fosse desaparecer? E assim por diante.

As armas Tranquil eram pesadas e mal balanceadas. Mas usavam uma mira eletrônica que não podia errar e um microcomputador que calculava opticamente peso e tipo, selecionando a dosagem certa e a fórmula do tranqüilizante para o alvo.

Sabendo disso, James estava todo pronto para começar a caçar, Rogers veio

nos salvar dizendo que a capacidade de carga do nosso helicóptero era limitada. O ponto final foi quando ele disse que estava virando para o interior. O ambiente das terras altas era conhecido como hábitat dos ceratopsianos. Esses gigantes que pastavam eram bem documentados através do Alto Mesozóico.

Rogers ganhou altitude e partimos para o que um dia seria Montana.

Após algum tempo, o mar terminou à nossa esquerda, dando espaço a terras planas e ruins. Elas eram interrompidas por pântanos em meio a vales, e muitos ossos brilhando brancamente nas ilhas. Mas afora alguns juncos doentios e amarelos, nada crescia ali. Era uma terra morta. Mesmo assim James quis pousar para uma rápida exploração.

Rogers recusou e apontou para uma esquelética massa disforme protegendo-se atrás de um platô de calcário erodido.

Era um carnossauro. Jovem, ligeiramente maior que o helicóptero, magro como a morte e dormindo. Os tempos tinham sido ruins para o animal. Seu couro tinha uma cor marrom bronzeado com listras verdes. Poderia ser pigmentação ou alguma doença exótica. Ele não tinha as cristas engraçadas em sua espinha que os monstros de filmes mostravam. Mas tinha uma papada brilhantemente colorida enrolada sob sua garganta.

- Provavelmente um macho, - eu disse para James.

Ele suspirou. Imagens voavam pela tela do micro-arquivo.

Nessa hora o dinossauro comedor de carne acordou. Ele levantou sua cabeça lentamente e examinou a paisagem vazia com olhos vermelhos e remelentos. Parecia que todas as ressacas do mundo haviam se juntado em uma única dor de cabeça trovejante.

Imaginei que sua boa vida tinha acabado há muito tempo, e agora, mesmo os restos tinham acabado. Se tivéssemos passado por ali uma semana mais tarde, os carniceiros estariam explorando seus ossos.

Desajeitadamente, usando suas patas dianteiras como propulsoras, ele se empurrou para uma posição em pé, seu longo rabo jogado esticado para trás, como uma trave de equilíbrio de um acrobata do arame. Bufando, deu alguns passos trôpegos em direção ao helicóptero. Nossas hélices estavam criando uma ventania em miniatura. Jogavam poeira e balançavam os juncos em suas camas de lama seca. Nada como nós havia aparecido antes nesse mundo. Mas movimento sempre se igualara a comida e ele estava com fome bastante para comer qualquer coisa ao alcance de suas mandíbulas.

Enquanto isso, James parará de mexer nos controles do micro-arquivo.

- Vou dizer que é uma variedade de driptossauro. Certamente não é um alossauro ou um ceratossauro. E claro, as características jovens confundem um pouco. Temos apenas adultos nos registros.

- Driptossauros são do Alto Cretáceo, não é?

- Esse pode ser do ramo. Ele é bem generalizado. Pode preceder o Tiranossauro.

Quando o carnoossauro se aproximou, Rogers levou o helicóptero mais para o alto.

- Porque não tentamos tirá-lo dessa armadilha mortal? - Perguntou.

- Isso é manipulação e nós temos que deixar o ambiente intocado tanto quanto possível. Se esse animal morreu de fome nesse pântano, não podemos mudar isso.

- Soa tão duro, - Rogers respondeu. Então riu suavemente. - É claro que esse rapaz não parece muito com um santo. Talvez isso seja justiça.

Assim dizendo, virou o helicóptero e levou-nos em direção de algumas colinas baixas que apareciam no horizonte.

Tirei algumas fotos holográficas do carnoossauro intrigado e imediatamente o esqueci.

Porém ele não nos esqueceu.

As colinas eram cobertas por uma densa camada de coníferas. Podíamos ver carvalhos nos vales, algumas palmeiras e loureiros. Aqui e ali haviam clareiras cheias de viburnos e envolvidas nas escarrapachadas vinhas de uma videira selvagem. Era tudo muito convidativo. Parecia o lar, de maneira meio exótica. O homem nunca tocara essa terra, seja com um arado ou com os pés. Estava completamente intacta.

Rogers pousou em um prado acarpetado por algo que parecia grama mas não era.

Abri a porta. A brisa que soprava estava gelada. Trazia o cheiro de cornisos e o murmúrio de pinheiros.

James falou abruptamente.

- Alto Cretáceo. Sem dúvida nenhuma agora. Ali está um hadrossauro.

Olhamos para onde ele apontava.

O dinossauro era um dos grandes, mais de quinze metros de comprimento.

Hadrossauros eram bípedes vegetarianos. Enquanto observávamos, esse aí moveu sua vagarosa massa cinzenta para espaço aberto. A cabeça era achatada e essa variedade não tinha a crista característica. Estava mastigando folhas de pinheiro. As pernas traseiras eram grandes e musculosas, assim como o rabo que era chato como a lâmina de um remo. Olhávamos, fascinados, enquanto ele arrancava outro galho e corria-o lentamente por seu grande e largo bico, tirando as agulhas. A pele era macia, mas granulada em pequenas camadas. Embora a cor predominante fosse cinza, a barriga era levemente bronzeada. Mas poderia ser

lama.

James estivera ocupado com o arquivo.

- Isso é um Anatossauro. Eles eram muito comuns no oeste da América. Este é um adulto.

Ele jogou o arquivo sobre o ombro preso com a alça e pegou a arma tranqüilizante.

- Vamos lá.

- Pode não ser seguro, - eu disse duvidoso.

- Você não viajou um bilhão de quilômetros e setenta milhões de anos para se esconder num helicóptero, não é, Bill?

Ele me pegara com isso.

Deixamos Rogers no helicóptero. Alguém tinha que guardar nossa única rota de fuga rápida. Peguei outra arma e saímos para o prado.

Esse iria ser nosso primeiro encontro cara a cara. O comportamento do dinossauro era um mistério para nós. Tudo que sabíamos era o que tínhamos visto até agora, e o que as antigas trilhas nos deram, o que era muito pouco. Porém, considerando os pequenos cérebros e os corpos maciços, deveria haver um imenso componente de instinto em tudo que fizessem. Isso significava padrões rígidos de comportamento. Eles não tinham cérebro bastante para "razão" ou muita informação armazenada.

Mandei James ficar atrás de mim e avançamos em direção à floresta e ao hadrossauro. A "grama" emanava um cheiro doce enquanto a atravessávamos. Algumas moitas chegavam a altura do joelho, com espirais com pequenas cápsulas de sementes. Algumas vezes víamos movimento em meio ao campo como se habitantes invisíveis do mar gramíneo passassem apressadamente por nós.

O hadrossauro nos observara descer com um grande olho. Estava também cheirando o ar, mas estávamos contra o vento. Ele manteve uma atitude calma até que chegamos a uns cento e cinquenta metros. Então ele parou de mastigar. Não era preciso ser um Lorenzo para perceber que ele ia reagir à nossa presença.

Peguei o ombro de James e o segurei. Ele parou.

Por um longo momento o único movimento foi o vento soprando por entre as árvores.

Então, bem repentinamente, o dinossauro fugiu. Ele corria com incrível rapidez, considerando a floresta super crescida. Mais que isso, ele "abriu" seu caminho como um trator de duas pernas. Nós o perdemos de vista mas podíamos ouvi-lo amassando os arbustos. Então houve uma pancada n'água e silêncio.

- Deve haver um lago depois da próxima elevação, - James especulou. - Hadrossauros usam rios e lagos como esconderijo contra carrossauros. Bem, essa

é a teoria. Talvez tenhamos acabado de prová-la. Acha que ele nos tomou por um carnoçsauro bebê?

- Espero que não, - murmurei. Achei que era uma comparação bem depressiva.

James correu os olhos pela clareira. O sol estava baixo e começando a colorir os topos das árvores com os tons rubros do pôr-do-sol.

- É melhor encontrarmos um lugar seguro para acampar. Está ficando tarde.
- Não discuti o assunto.

No caminho de volta ao helicóptero, tropecei em algo embutido numa raiz do solo. Era o fêmur de um dinossauro de tamanho médio, muito comprido e delicado, quase como um pássaro.

James ficou deliciado com meu achado. Ele arrancou a grama em grandes montes e encontrou mais ossos. Nós estávamos sobre um lugar de descanso de um esqueleto desarticulado. A maior parte dos restos estava completamente mordido. Mas eu encontrei um crânio em bom estado de preservação. Infelizmente a caixa craniana estava quebrada, mas os restos eram altamente encurvados e com os buracos dos olhos diretamente a frente. Isso, e os dentes, diziam que seu dono fora um caçador.

James carregou tudo que valia a pena salvar de volta ao helicóptero em triunfo. Era como se ele carregasse as jóias da coroa da antiga Inglaterra. Estava em glória. Em meio a todas as manifestações de dinossauros vivos, ele encontrara alguns ossos. Ele era o paleontologista dos paleontologistas. Acho que alguns hábitos nunca morrem.

Ele examinou os ossos enquanto Rogers levava o helicóptero até um "porto seguro".

James consultou brevemente o arquivo. Parecia saber exatamente o que estava procurando. Pronunciou que os ossos pertenciam a um gênero de Stenonychossauo. Esse era um pequeno terópode relacionado ao gigantesco Tiranossauo, mas distantemente. Eles tinham parentes próximos na Ásia Central. Suponha-se que fossem carniceiros noturnos, provavelmente alimentando-se de pequenos mamíferos e dinossauros recém-nascidos. Previamente eram conhecidos apenas pela formação Oldman de Alberta. Restos eram raros. Provavelmente porque não fossilizavam bem. Os ossos descobertos não estariam preservados. Eventualmente se tornariam um com o solo.

Havia um lago depois da colina, como James imaginara. Era largo, de forma irregular, e quebrado por várias pequenas ilhas de areia. Rogers selecionou um bem no meio como nosso lugar de descida e acampamento. A água não era tão profunda que um carnoçsauro não pudesse atravessar, mas eu duvidava que qualquer um tentasse. Os hadrossauos pareciam achar que essa área era segura, e isso era razão suficiente para nós. Eles deveriam saber.

Os grandes dinossauros ficaram na floresta até bem depois do pôr-do-sol. Podíamos ouvi-los se alimentando ruidosamente pela noite adentro, enquanto abríamos nossos pacotes de ração e os colocávamos para esquentar. Quando terminamos, estabelecemos turnos de guarda. Escolhi o terceiro. O helicóptero tinha uma ligação via rádio e eu poderia usar o motor adicional na nave para interrogar o computador astronômico a bordo da barcaça em órbita. Era trabalhoso mapear o Armamento Cretáceo para nós.

Depois que James me acordou, passei algum tempo passeando pela areia macia da ilha para ter certeza que nada perigoso estava se esgueirando sobre nós. Não havia, então comecei meu trabalho.

Um pouco antes da aurora algo aconteceu na floresta. Eu estava ocupado examinando um mapa estelar e não prestei muita atenção. Depois de algum tempo, no entanto, percebi abruptamente que não havia um hadrossauro para ser ouvido na floresta. Eles haviam abandonado sua área de alimentação.

Olhando através do lago, vi um número de fracas sombras passando sobre a superfície da água como estátuas egípcias. Os hadrossauros tinham se juntado a nós na água.

Um frio, não relacionado com o vento gelado que soprava vindo do norte, correu minha espinha, indo parar próximo ao meu pescoço.

Lutei com a lanterna presa ao meu cinto e joguei seu raio através da água. O fecho era como uma lança de luz. Tudo que tocava brilhava no escuro, silenciosamente aliviado quando eu o movia pela margem.

Os olhos do carnoossauro brilharam vermelhos quando a luz o atingiu. Era nosso velho amigo faminto do pântano seco. Ele deveria estar meio morto depois de viajar todo esse caminho em um único dia, mas era um demônio persistente, com certeza. E ele encontrara um jovem hadrossauro para si.

Levantou seu focinho pingando sangue de sua presa. Ele tinha que estar aturdido com o brilho de minha luz, mas parecia que sorria para mim. Então, com um único pensamento nascido da fome, voltou a comer. Havia muito tempo a recuperar.

À primeira luz do dia ele ainda estava lá. Barriga cheia para variar, acocorava-se na margem com suas mãos dobradas contentemente sobre seu bucho inchado e nos encarava como um velho basilisco sábio. No entanto eu já vira olhares endocranianos do seu tipo, e sabia que seu brilho era de ignorância, não de sabedoria dos tempos.

Nós o deixamos mais tarde de manhã, acororado na areia com um lago cheio de medrosos hadrossauros. Sua despensa estaria abastecida por muitos anos.

Passamos um rádio para Jack e continuamos para o norte, em direção ao

Canadá. Houvera uma considerável população de dinossauros lá. James queria saber o porquê. Ele também estava convencido agora que havíamos chegado no Final, ou Alto Cretáceo. Tudo que faltava era clarear sua identificação de certas unidades sedimentares. Poderíamos estar na Campânia ou Maestrichtian. Dos dois, Maestrichtian fora a última. Então os dinossauros desapareceram bem abruptamente e a diversificação dos mamíferos começara. Chegar nesse período de tempo seria a mais bizarra jogada da sorte.

A pressão estava começando a atingir James. Ele estava permanentemente inquieto, agora.

Enquanto voávamos para o norte, as palmeiras sumiam da floresta. Coníferas e carvalhos predominavam. As cicadáceas permaneciam teimosamente. Mas pareciam perdidas.

Jack nos chamou por volta do meio dia. Ele tinha pego um saurópode com sua arma tranqüilizante. A maioria desses gigantes estava extinto nesta época. Aparentemente alguém esquecera de informar isso a esse indivíduo em particular. De qualquer jeito, não era um dos grandes saurópodes.

Jack identificou seu prêmio como sendo um Tentontossauro. Um surpreendente sobrevivente do Baixo Cretáceo. Herbívoro, parcialmente bípede, com uma grande cabeça, esse não tinha mais que sete metros e meio de comprimento. E completamente estúpido, Jack reportou. Ele quase fora pisoteado quando o animal correria para liberdade depois de receber o antídoto.

James congratulou seu parceiro alegremente. Mas a conversa foi encurtada quando vimos nosso primeiro dinossauro de chifre.

Esses ceratopsianos estavam reunidos em uma grande manada, provando que o comportamento social não depende apenas do tamanho do cérebro. Já fora dito que os triceratopes e outros de seu tipo eram muito estúpidos para andar em manada. Agora sabíamos que não.

Eles estavam no lado de uma colina, comendo arbustos, pequenas árvores e qualquer outra coisa que estivesse em seu caminho. Eram imensas máquinas comedoras surpreendentemente ágeis que faziam os bodes parecerem exigentes.

Eles também tinham uma dupla de carnossauros espectadores.

James decidiu que eram gorgossauros. Não discuti. Eu nunca fui capaz de ver tanta diferença assim entre o velho Gorgo e o Lagarto Tirano. Os dois tinham bocas obscenamente grandes e dentes bastante para fazer um dentista pular de alegria.

Os ceratopsianos, mesmo burros como eram, não perderam isso.

Esses eram alguns dos maiores do gênero: Pachyrhinossauros. Eles não tinham chifres. Não eram empaladores. Eram equipados com uma saliente protuberância que lembrava uma aríete gigantesco que nascia no topo do crânio

como um matacão de granito. O babado enrugado no pescoço que protegia a espinha de ser atingida era curto e coberto por dois espinhos também curtos. Uma enganchada desses dois ainda poderia abrir a barriga de um predador incauto.

Esses eram animais formidáveis. E isso era por quê, indubitavelmente, os carnossauros mantinham distância.

Mas a manada não era composta só de adultos crescidos. Havia jovens no centro. Não pude decidir se isso era instinto ou pura sorte. Eles pareciam macios e indefesos. O aríete era apenas um calombo em suas testas.

Tanto a manada quanto os carnossauros estavam ignorando o helicóptero. Pedi a Rogers que mantivesse a distância de qualquer jeito e comecei a filmar. Nada interessante aconteceu por algum tempo. Seguimos a manada em sua marcha longa e sem destino.

Então um dos mais jovens decidiu que estava com sede. Saiu do meio da manada e vagou até um pequeno riacho que cortava a planície. Os adultos não fizeram qualquer movimento para impedi-lo. Nem sequer tenho certeza de que tenham notado.

Mas os carnossauros notaram. O maior deu um rápido e poderoso mergulho e quebrou as costas do jovem com um movimento da sua grande mandíbula. Não era muita competição.

A manada ignorou a matança. Aparentemente os adultos só ficavam nervosos com uma confrontação direta. Um pouco de seleção natural era apenas parte do jogo.

Rogers circulou enquanto o carnossauro comia sua presa. Depois que ele se foi. Número Dois avançou e acabou com o que sobrara. Tudo que deixou foi um pouco de ossos do crânio; fazendo James especular que isso podia ser o motivo por quê tão poucos fósseis juvenis eram encontrados. Pelo jeito, os carnossauros eram eficientes lixeiros.

Seguimos a manada por quase toda a tarde, aprendendo as reações dos animais. Eles me lembravam os rinocerontes em sua maneira de mover e comer. Certamente eram irritáveis o bastante para passar por rinocerontes.

Mais tarde, viramos para oeste para examinar um conjunto de colinas que pareciam seguir até a costa distante. Rogers achava que poderia ser uma ponte terrestre para as Cordilheiras. Os registros fósseis sugeriam a existência de tal ponte.

Finalmente, antes de escurecer, pousamos em um luxuriante vale em meio a essas mesmas colinas. Passamos os dois dias seguintes explorando. James e Rogers estavam impressionados. Tanto que ordenaram a Jack, por cima de minha objeções, que trouxesse a nave ao norte para nos encontrar.

Um acampamento permanente foi montado. O helicóptero e a nave estacionada no topo de um monte de pedra de areia que partia de uma escarpa em declive da grande mesa. Os grandes dinossauros não podiam nos alcançar aqui, e os pequenos não iriam querer. Todo mundo estava feliz.

O grupo se dividiu, com cada um se concentrando em seu próprio campo particular de trabalho. Jack e James pareceram desaparecer, mas eu via Rogers pela manhã no café. Ele estava mapeando estratos que não iriam existir em nosso tempo. E eu brincava de etnólogo durante o dia e astrônomo à noite.

Também encontrei uma malta de dromeossauros.

Malta era o termo correto. Eles eram mais corretamente uma malta que o ceratopsianos era uma manada. Eram caçadores ativos, extremamente eficientes e sedentos de sangue. Eram espertos também. Seus cérebros eram altamente desenvolvidos, provavelmente no nível de pássaros como o emu, ou outros grandes pássaros terrestres.

Ligeiramente menor que um homem, eram corredores bípedes que caçavam os jovens hadrossauros que populavam o vale. As vezes caçavam em conjunto e derrubavam os adultos.

Seu método favorito de ataque era empurrar um pobre animal para um arbusto, encurralá-lo e então matá-lo com garras e presas. Eram bem equipados para isso. Cada um dos matadores tinha uma garra alargada no segundo dedo do pé. Eles a usavam com uma grande faca e ela era um instrumento efetivo de estripação.

Filmei várias caçadas, embora não fossem nada que servisse de diversão de domingo para os amantes de animais. Fora o sibilar alto e excitado, cada matança era levada a termo em um silêncio soturno. Minha natureza civilizada foi tanto repelida quanto fascinada pela completa sanguinolência do ato.

Talvez fosse isso que me fez concentrar meus estudos neles.

Um dia, enquanto esperava poder filmar alguns duelos de acasalamento, encontrei um rastro solitário cruzando uma das passagens principais que levavam até o riacho na parte mais baixa do vale. Havia um denso conjunto de cicadáceas em cada lado da trilha nesse ponto. Eu achava que eram intransponíveis. Aparentemente não eram. As marcas na poeira recentemente perturbada diziam isso.

Os troncos secos estavam grossos com os remanescentes de velhas e murchas copas. Uma gorda e grande aranha moveu-se preguiçosamente em meu caminho enquanto eu farfalhava entre os restos. A abertura mostrou ser uma estreita passagem entre os dois conjuntos. Copas caídas de outras plantas a tinham protegido de minha olhada casual.

Espremi-me para passar. A minha frente estava um conjunto de pequenas

paredes de pedra de areia. A vermelhidão da rocha contrastava fortemente com o verde profundo das vinhas que cresciam tão cheias por todo lugar. Estavam entrelaçadas no chão de pedra, e galhos cruzavam-se sobre o corte. Mas alguma coisa passava por ali regularmente. A trilha era fraca mas estava ali.

A inclinação da fenda era para cima, em direção as costas da mesa. Depois abria-se em uma larga prateleira, que era parte do contraforte erodido. As vinhas desapareceram e foram substituídas por viçosas plantas resistentes ao sol. O contraforte tinha uma caverna baixa em sua base. Um riacho corria para fora dela e espalhava-se pela prateleira como uma piscina baixa antes de escorrer pela rochedo em direção ao vale abaixo. Havia pegadas por toda a parte. A lama pálida estava cheia delas, e muitas levavam até a caverna.

Eu deixara minha arma tranqüilizante para trás para poder carregar outra câmara. Não havia nenhum grande carnossauro no vale e os dromeossauros tinham se acostumado com minha presença. Parecera um estorvo desnecessário. Agora, desejei que a tivesse trazido comigo quando me encontrava enfrentando o desconhecido desarmado.

As pegadas me disseram que eu era maior e mais pesado que seu dono. Então, sem mais nada a mão, peguei um galho morto e antigo que parecia forte o bastante para servir de clava e entrei no recesso sombrio da caverna.

Não tinha nenhuma luz, então fiquei em um dos lados bem na entrada para deixar que minha visão se ajustasse a escuridão.

Era uma caverna larga. O riacho corria pela rocha, e havia aberto uma grande gruta. Havia formações grotescas penduradas no teto baixo e pontas crescendo do chão lamacento. O riacho gorgolejava no fundo negro da caverna. Mas não era o riacho que me interessava. Quase imediatamente tomei consciência de que era observado. Gradualmente, meus olhos perceberam uma forma indistinta em meio as sombras no lado oposto da caverna.

Era um esbelto e gracioso dinossauro acorado numa saliência coberta de areia. Por sua atitude presumi que era uma fêmea choca, embora não pudesse ver qualquer ovo, nem mesmo um ninho.

Mas havia um ninho. Um pequeno, formado de cascalho, a seus pés.

Ela estava apavorada comigo, mas não deixou seus ovos. Isso me impressionou.

Desde que chegamos, vínhamos tratando as formas de vidas que encontrávamos como exposições de museu exumadas, não realmente como seres vivos mesmo que nós fossemos os alienígenas nesse tempo. Agora, abruptamente, percebi que ali estava um ser que, como eu, conhecia e apreciava a vida. É preciso cérebro para temer por outra coisa que não si mesmo.

Dinossauros não tem muito com o que se apavorar. Mesmo os

dromeossauros, espertos como eram, não podia superar um avestruz ou um emu em genialidade. E pássaros eram apenas máquinas instintivas.

E ainda assim ela estava apavorada por seus ovos.

Dei um passo para trás para lhe transmitir segurança, e depois de um momento ela pareceu mais calma. Mas manteve um olhar atento sobre mim.

O interior da caverna estava muito escuro para permitir filmagens. Tudo que podia fazer era pescar alguns detalhes de sua anatomia e então mantê-los na memória.

A um primeiro olhar ela era apenas outro dromeossauro. Então se notava que a parte de trás do crânio era redonda e os olhos fitavam à frente. As mandíbulas, embora grandes, eram menores que em outros terópodes. Talvez as mandíbulas fossem usadas menos como arma ofensiva e mais como aparelho de mastigação. As mãos, já extremamente ágeis nos dromeossauros, haviam desenvolvido um dedo opositor ao alargado dedo mínimo. As patas eram menores. Eu tive que lutar contra a impressão de que estava olhando para o dinossauro equivalente do Australopitecos. Nenhum dinossauro era tão inteligente.

Mas, mesmo assim, isso era um achado. James ficaria fora de si quando eu lhe mostrasse esse novo gênero.

Comecei a sair da caverna bem devagar.

Então algo me atingiu por trás como um relâmpago sibilante. Senti minha jaqueta ser rasgada e desfiada antes que o rápido pé que eu sabia que tinha que estar ali, pudesse arrebentar algo vital. Cai, e meu atacante foi forçada a dar a volta até minha frente. Eu bati... senti meu punho acertar algo quente, duro e escamado, e de repente estava livre.

Precipitadamente lutei para ficar em pé. A minha frente, no chão da caverna, estava o companheiro de meu dinossauro. Entre nós, manchando o rio com o vermelho de seu sangue, estava a carcaça sem cabeça de um jovem hadrossauro. Bem, pensei, pássaros traziam suas presas para suas fêmeas chocas. Por que alguns dinossauros não podiam fazer o mesmo?

É fácil dar crédito a um animal por mais inteligência do que ele realmente tem.

A criatura estava apenas tonta. Saltou em pé antes que eu pudesse virar e escapar. E destruiu todos meus preconceitos contra dinossauros com uma simples ação. Ele pegou a clava que eu largara e balançou sobre minha cabeça.

Recuei precipitadamente da caverna para a luz do sol.

O dinossauro me seguiu, mas parou na boca da caverna.

- Não tenho nenhuma intenção de machucar você ou sua companheira. -
Minha palavras eram suaves e tinham a intenção de acalmar a criatura.

Ele respondeu com um silvo alto para mostrar que ainda estava zangado. A sua lógica era do tipo básico: Mexa com minha companheira e eu quebro sua cabeça. Não havia argumentos para esse tipo de raciocínio. Minha única opção era recuar. Se ele permitisse.

Minha sorte se manteve. Ele permitiu.

Por todo o caminho de volta ao acampamento fiquei perdido em pensamento, e quase fui atropelado por um anquilossauro sedento, parecido com um antigo Volkswagen com espinhos.

Sabia que não podia contar a James. Ele nunca me acreditaria. Jack também não. Ambos estavam enterrados nos dogmas aceitos da paleontologia. Dogmas mudam, mas não facilmente, e não com o salto quântico que isso exigia. Conseguir que qualquer um deles aceitasse a idéia de um dinossauro inteligente era quase tão fácil quanto convencer ao Papa que Deus estava morto. Rogers também não seria fácil. Mas eu tinha que dividir esse segredo com alguém, e Rogers, sendo um geólogo, poderia ter uma mente mais aberta quanto a vida.

Na manhã seguinte, com o pretexto de examinar um afloramento curioso de pedras, levei Rogers comigo quando retomei à fenda. Lutamos para passar pelas vinhas e subir na prateleira.

Eu o parei bem antes da caverna. Não queria que fossemos atacados.

- Onde está esse afloramento? - Rogers indagou duvidosos, observando a colina a nossa frente.

Não respondi. Estava correndo o raio da lanterna por dentro da caverna. Estava vazia. A saliência estava nua. Nenhum ovo, nenhuma clava, nenhum osso. Eles tinham se mudado durante a noite.

Sabiamente, não disse nada a Rogers. Em vez disso, lhe mostrei um calcário bem comum suspenso nas pedras sobre nossas cabeças.

Ele não estava impressionado. Saiu, murmurando coisas pouco agradáveis sobre o julgamento de leigos.

Uma semana passou. Estávamos todo ocupados, e minha visão do dromeossauro inteligente começou a parecer um sonho. Não tinha mais certeza de que o tinha visto realmente.

Voltei aos meus estudos sobre os matadores com garras.

Entretanto, um dia, enquanto filmava uma caçada, algo aconteceu para restaurar minhas convicções.

Um dos corredores afastou-se da malta principal, que corria em perseguição de um velho hadrossauro. Aparentemente havia detectado outra presa. Quando ele caminhou por uma trilha estreita através da floresta escura e sombria, eu o segui.

Um hadrossauro estava caído na pequena clareira coberta por raios de sol.

Era um bem grande. Outro dinossauro estava no processo de desmembrar o corpo. Era o macho. Soube na hora, mesmo antes de ver a primitiva faca de pedra que segurava em uma das mãos.

O dromeossauro "selvagem" atacou imediatamente, saltando sobre a carcaça contra o outro com um silvo como uma válvula aberta de uma máquina à vapor.

O dono da faca pulou de lado e esfaqueou. A ferramenta de pedra tinha uma ponta que era muito bruta para fazer muito mais do que causar danos a pele. Mas o impacto derrubou o atacante. Ele continuou caído porque eu usei minha arma tranqüilizante.

Fiquei fora de vista atrás de uma árvore enquanto o outro terminava seu trabalho de cortar o hadrossauro. Então começou com o dromeossauro. Entre as duas carcaças, havia mais carne que ele e sua companheira podiam consumir em uma semana. Quando ele partiu com o peso ensangüentado, os carniceiros começaram a chegar em grupos de dois ou três.

Novamente eu o segui, usando binóculos para mantê-lo a vista sem eu mesmo ser visto.

O novo local do ninho era uma caverna três quilômetros dentro do vale, onde as paredes eram mais altas. Fiquei por perto, observando, até pouco antes do cair da noite. Então retomei ao acampamento. Ninguém estava por perto. Comi e fui para cama. Mas não dormi muito. Estava muito excitando para isso.

Na manhã seguinte voltei às proximidades da caverna para continuar meus estudos.

Fascinação tem muitos significados. James não teriam caracterizado esses dinossauros como tendo muitas das virtudes humanas. O macho, e provavelmente a fêmea quando estava fora do ninho, matava sempre que necessário sem o menor remorso. E eram matadores eficientes. Mas eles não eram seres humanos, e viviam num mundo muito diferente do nosso. Eu não os julgava, apenas observava.

Sendo impossível trabalhar diretamente com eles, eu não era capaz de fazer uma estimativa da inteligência do macho. Não duvidava que, com exceção de nós, seu tipo era o animal mais inteligente no planeta. Mas eram raros. Uma busca cuidadosa mostrou que eles estavam sozinhos no vale, e em toda a área próxima que fui capaz de examinar.

Com a passagem do tempo, comecei a sentir uma certa inclinação protetora para com esses corredores.

Então já sabíamos em que tempo estávamos.

Naquela tarde, James e Jack fizeram uma pequena reunião. A proximidade do Maestrichtian era uma arbitrariedade porque o limite não é a mudança de sedimentação mas a repentina ausência de ossos de dinossauros. Por sorte, nossa

viagem nos trouxera a esse período. Uma era estava terminando. Aceitávamos isso, mas trouxe uma mudança em nossas ações. Começamos a ver as coisas com olhos nostálgicos. Muita especulação foi feita para descobrir a causa da extinção próxima.

Jack e James estavam convencidos que isso estava acontecendo há algum tempo. Havia estações no ano Mesozóico. Mas elas eram suaves. Mesmo os invernos eram brandos. Mas agora inverno significava uma época de frio crescente.

O mar no meio do continente estava encolhendo regularmente enquanto a Elevação Laramide continuava, forçada pela lenta compressão das Cordilheiras Americanas na costa oeste da América Cratônica, impelida pela placa reprimida do Pacífico. Enquanto a terra subia, o clima e o ambiente eram mudados. Mesmo sendo de sangue-quente, os grandes dinossauros não tinham isolamento. Eram muito grandes para tocas, não podiam hibernar durante os períodos de frio, então alguns tinham imigrado. Nós já tínhamos vistos vastas manadas movendo-se para o sul, pelas margens dos rios.

Gradualmente nosso grupo aproximou-se, quase como se começássemos a necessitar da companhia uns dos outros. A tarde sentávamos a volta do fogo, ouvindo os ruídos da mastigação dos hadrossauros enquanto discutíamos sua extinção.

Rogers divertia-se em colocar-se no papel do advogado do diabo. Duvidava que os dinossauros podiam se tomar extintos apenas por causa de mudanças climáticas. Não importa quão frio ficasse, os trópicos continuariam um domínio confortável. Não havia nenhuma razão por quê os dinossauros já vivendo lá não poderiam sobreviver a uma idade de gelo. E por quê eles não poderia produzir isolamento? A deterioração levaria milhões de anos, tempo bastante para adaptação. Cabelo era apenas uma modificação das escamas de répteis. Se isso acontecera uma vez, poderia acontecer de novo. Os mastodontes e mamutes não adquiriram densas coberturas de cabelo durante as eras glaciais e as perderam assim que o tempo ficou moderado?

Jack agarrou-se a isso. Elefantes tinham cabelos rudimentares mesmo no nosso tempo. E embora nós parecêssemos nus, possuíamos o mesmo número de folículos de cabelos que qualquer outro primata. A diferença estava na densidade individual do fio de cabelo. Fora uma tarefa fácil para o mastodonte nu fazer crescer um pequeno tapete felpudo. O dinossauro precisaria de mais tempo. Eles não o encontraram.

- Talvez eles devessem ter inventado roupas, - Rogers brincou levemente.
- Isso também não teria ajudado, - eu lhes disse sem emoção.

Eu estivera de mau humor todo o dia. Os outros não deixaram de perceber. James olhou-me incerto enquanto eu jogava um mapa de radiação estelar no meio da mesa de jantar. Os padrões normais de traços estavam cobertos em canto por

uma inchada bolha branca cancerosa.

- Essa é G0538, - contei. - Não podem ver nada de errado a olho nu, mas ela entrou em supernova.

Meus companheiros olharam juntos para a escuridão brilhante de estrelas do céu noturno acima.

- Estamos a salvo por algum tempo, - admoestei. - A tempestade de radiação não chegará até aqui por pelo menos um ano.

- Quão longe? - James quis saber.

- Não tenho certeza. Talvez uns dois anos luz. Não sobrou nada em nosso tempo, apenas uma anã negra cujas pesadas radiações foram descobertas por acaso durante um estudo solar. A concha de radiação da explosão desapareceu no espaço profundo milhões de anos atrás.

Rogers foi o primeiro a alcançar.

- A radiação fará horrores com a atmosfera superior. Imagino o que fará com a vida animal.

- Apenas as pequenas formas de vida sobreviverão, - sugeri. - Tartarugas, cobras, lagartos, mamíferos crepusculares, peixes. Criaturas que tendem a esconder-se no chão durante o dia, ou a noite, ou estiverem protegidos pela água. Qualquer coisa maior que um cachorro que fique continuamente em campo aberto irá se encontrar lutando contra o frio e doença de radiação.

- Deus, - Jack respirou alto. - É como apagar um quadro negro. Vai ser todo um novo jogo.

James, provavelmente porque era o mais prático entre nós, pensara em outro aspecto.

- Não podemos ficar até que a onda chegue. Os escudos de radiação na nave não foram desenhados para bloquear esse tipo de energia. E os cintos de radiação a volta de Júpiter vão queimar como tubos de neon quando a tempestade começar a passar. Vamos ter que concluir essa viagem mais cedo. Quando pode acabar seu estudo, Billy?

- Em uma semana. A maior parte dos mapas estelares estão feitos. O computador pode correlacioná-los no espaço tão bem quanto aqui.

- Certo. Vamos usá-lo como prazo final. O resto de nós vai arrumar as coisas e preparar-se para partir.

Nunca vi uma semana passar mais rápido.

O humor estava melancólico, como que a espera de uma execução. Era impossível fugir da idéia de que de algum modo uma classe de vida inteira fora examinada e considerada ineficiente. Talvez isso fosse apenas preconceito mamífero, mas como Jack dissera, o quadro estava para ser apagado.

Mas estávamos muito ocupados para nos preocupar.

Só tive tempo para mais uma visita a caverna antes de pegarmos a nave e começarmos a reabastecer a partir da barcaça. Não posso dizer que meus corredores ficaram alegres em me ver. Fui forçado a dopar os dois antes que pudesse sair livre.

Mas havia algo que eu sabia que tinha que fazer. Não sou sentimental de verdade, portanto não sei o que me levou a fazer isso. Mas parecia haver uma necessidade. Certamente era contra os regulamentos.

Nossas últimas horas no Mesozóico foram passadas observando o olho coberto de nuvens de Júpiter enquanto rodopiávamos no salto para casa. Não havia dúvidas em minha mente sobre o porquê dele ser chamado de Rei dos Planetas. Jack foi mais longe ao ponto de chamá-lo de deus, mas ele é impressionável.

Nenhum deus seria insignificante ao ponto de prender-se dentro de um mero planeta.

Rogers disse isso, e eu concordava.

Nem um deus se negaria o direito de mudar de idéia.

Não acho mais que nossa volta dependa da sorte.

Chegamos todos inteiros. A volta trouxe reações variadas. Mas os ovos devem chocar em um ou dois dias. Há cinco deles. Espero que haja uma boa proporção entre machos e fêmeas. Nossos corredores merecem uma chance.

James e Jack já se declararam tios.

O Último Cavalo-Trovão a Oeste do Mississippi

Sharon N. Farber

Sharon N. Farber vendeu seu primeiro conto em 1978, e desde então publicou 15 contos em Isaac Asimov's Science Fiction Magazine, e também para Omni, Amazing e muitas outras revistas. Nascida em San Francisco, vive agora em Chattanooga, Tennessee.

Aqui ela nos conta uma história de Cowboys e Dinossauros no velho estilo... O quê, nunca ouviu falar de histórias de Cowboys e Dinossauros antes? Bem, então você vai ter uma surpresa com uma história que nos levará a um rápido e divertido passeio pelo Velho Oeste, na companhia de um bizarro e eclético time de caçadores de fósseis - a maioria dos quais são personagens históricos reais - e que encontram mais do que esperavam.

O homem, trajando smoking, entrou no saguão.

- Não tenho visto publicações recentes suas sobre fósseis, Professor Leidy - disse uma voz com sotaque alemão. - Irá participar de outra expedição de coleta no Oeste este ano?

- Ha! - comentou outro homem. - Leidy largou a paleontologia e voltou aos estudos microscópicos: são mais seguros.

- Seguros? Ah, sim. Refere-se aos seus selvagens hostis...

- Não, os índios não. Estou falando de nossos ousados paleontólogos.

O alemão olhou espantado o companheiro sorridente. Um senhor distinto disse:

- Por favor, cavalheiros. Não desejo citar personalidades...

- Vamos, Leidy, todos sabemos quem o tirou de seu campo. Os caçadores de fósseis. Marsh com a fortuna do seu tio Peabody... ele passaria a perna em você pela caveira de sua avó.

- Conhece a piada? Marsh não se casou porque não seria feliz com uma esposa. Iria querer uma coleção.

O grupo riu. O cientista zangado continuou.

- E há Cope, Absolutamente brilhante. Pode olhar de relance um osso, guardar na memória os traços salientes, então correr para publicar uma descrição do fóssil que você descobriu.

Leidy sorriu faceiro para o alemão.

- Agora o senhor ouviu duas razões pelas quais abandonei a paleontologia

vertebrada.

Mais cientistas adentravam o saguão ao final da reunião da Academia. Leidy retirou um envelope do bolso do colete.

- Antigamente, todo fóssil descoberto nos Estados Unidos era enviado para mim. Agora as pessoas enviam a Marsh e Cope e os deixam pedir. Mas ainda recebo uma carta ou outra. - Leu: "Caro Professor Leidy." A ortografia, cavalheiros, é fantástica. Minha leitura não lhe rende justiça. "Caro Professor Leidy. Ouvi dizer que gosta de animais estranhos. Bom Johnny e Dave pegaram todos os grandões mas eu e Sairie pegamos um filhote lá em baixo da Garganta Watson. Dr. Watson diz que parece um vertebrado" Aqui acho que ele quer dizer vertebrado; a grafia é tão criativa que não posso ter certeza "mas ele nunca viu um lagarto alto feito um cavalo antes e disse que a gente devia lhe escrever. Se quiser ver ele venha a Coyote perto de Zak City e pergunte. Todo mundo me conhece." Está assinado "Charley Doppler".

A sala ficou em silêncio enquanto Leidy leu a estranha missiva; as conversas continuaram depois num murmúrio.

- Doppler. Certamente não tem relação com Christian Doppler, de Praga?

- Provavelmente não - disse um homem calvo. - Já ouviu como sua fórmula pode ser usada para computar a distância de várias estrelas através do...

Leidy voltou a ler seu livro de bolso.

Dois homens em lados opostos do saguão conferiram separadamente seus relógios de bolso, despediram-se apressados dos amigos e correram para verificar horários de trens.

Naquela mesma noite, uma ocasião social menos elegante aconteceu a três mil quilômetros a oeste, no rancho dos Dopplers, às margens do rio Água Suja. O Dr. Watson, homeopata local, havia acabado de completar seu exame semanal regular de Mãe Doppler.

- Ela vai viver? - pergunto solícito o filho mais velho. Johnny Doppler merecia ter seu retrato na parede de cada delegacia e posto dos correios da fronteira, mas em devoção filial não havia ninguém como ele.

- A mãe tá bem, não tá, Doutor.? - A pergunta do jovem Charley vinha de atrás do mais velho. Os dois irmãos tinham cabelos pretos e rostos brancos que nunca ficavam queimados de sol, o que provocava em Johnny um branco-prisão e em Charley um vermelho-camarão.

- Hummm - disse o médico, sentando-se na mesa caiada e servindo-se de uma bebida misturada - metade uísque e metade Essência de Frankincenso. Tomou um gole e adicionou outra dose do remédio. - Bem, vou lhes dizer, rapazes, acho que ela ainda tem alguns anos no mundo dos vivos. Sabe como são as viúvas,

ficam cheias de coisas, mas é só isso.

- Claro, que nem a mulher do Dave.

- Ela não é tecnicamente uma viúva, Charley. Dave Olho-Vermelho ainda está vivo, mesmo que costume evitar a companhia de Kate. - O médico deixou cair um pouco de Essência de Frankincenso na mesa e viu a cal dissolver. - Como vai Dave?

- Tá aqui não.

- É? Sua mãe costuma se preocupar quando vocês, rapazes, estão fora.

Johnny assentiu devagar, olhos indo de um lado para outro como se esperasse que o doutor ou seu irmão lhe chamassem a atenção.

- Mãe sempre tinha um ataque quando eu e Dave voltávamos pra guerra.

O Doutor estremeceu. Havia servido com Johnny Doppler e Dave Olho-Vermelho Savage uns bons dez, doze anos antes. Johnny fora o mais temido cortador de arame farpado dos irregulares do Missouri. Mas seu primo nunca estivera sóbrio o bastante para o trabalho preciso de corte. A especialidade de Dave fora demolições. Seu entusiasmo para explodir coisas era auxiliado por sua vontade de trabalhar com pavios curtos.

Lembranças de guerra sempre deixavam o Doutor desconfortável. Levantou-se, dizendo: - Obrigado pelo drinque, amigos. Vou mandar mais remédio amanhã, mas enquanto isso façam ela tomar sua Essência de Frankincenso direitinho. - Apontou o rótulo com a princesa índia sorridente e os elogios em letra pequena, um da própria senhora Joseph Doppler. Então foi embora.

Charley gritou para ele:

- Ei, Doutor, eu pego o remédio. Amanhã vou treinar meu lagartão de novo.

Johnny fez uma careta.

- Você é um bobo perdendo tempo aqui, garoto.

- Vou ensiná-lo a puxar o arado, você vai ver - Charley disse.

Seu irmão suspirou. Charley queria ser fazendeiro. Charley podia ser muito teimoso, às vezes.

Os trilhos que levavam a Zak City corriam paralelos aos ossos esbranquiçados de búfalos vistos em disparada das janelas do trem por passageiros entediados. Nem um único búfalo vivo havia sido visto desde o tempo em que o trem deixara a civilização até entrar em Zak City e vomitar seus passageiros.

Dois desses passageiros avistaram um ao outro em lados opostos da plataforma da estação, e torceram os narizes. Pareciam muito diferentes das imagens metidas em smokings que haviam exibido no encontro científico na semana anterior. Ambos tinham um metro e oitenta, mas o atarracado devia isso aos saltos em suas botas altas de caça (a prova de picada de cobra). Acima dos

caríssimos calçados ele apresentava uma aparência intencionalmente desclassificada, com chapéu mole, terno de sarja e uma jaqueta de caça com o botão de cima fechado e as fraldas da camisa escapando para cada lado de sua barriga substancial. Um exemplar bem surrado do The Prairie Traveller apontava para fora de um grande bolso. Levava consigo um par de revólveres de Marinha, uma carabina de cavalaria Sharps calibre .50 e uma faca de caça, e seus pequenos olhos azuis arregalados estavam estreitados, alertando para seu jeito de mau. Tinha uma grande barba ruiva, meia careca e um rosto sem estrutura óssea aparente.

O outro homem apresentava uma aparência menos rural, menos marcial. Era uma década mais novo, com cerca de trinta anos, e estava desarmado, seu traje conservador trazia a imagem de um estudioso estrangeiro. Tinha um rosto ovalado, barba bem feita e sobrancelhas grossas.

Um olhou para o outro, a distância diluindo suas expressões de maldade, e então apanharam suas respectivas malas e partiram em diferentes direções.

O atarracado foi para um saloon bastante freqüentado. Os clientes haviam ido para a rua e estavam conversando animados com alguma mulher no segundo andar do prédio oposto. O homem parou na frente de um pequeno soldado de cavalaria.

- Sou o Professor O. C. Marsh, da Universidade de Yale, autorizado pela Secretaria do Exército a buscar suprimentos e homens em qualquer posto do governo. - Deu uma palmadinha no bolso onde trazia cartas de apresentação a militares, funcionários de ferrovias, políticos e outros luminares da fronteira. - Como localizo o Exército?

- Aliste-se.

- Onde está seu oficial comandante?

- Não sei. Desertei.

- Quero contratar um guia para me levar a Coyote. - Pronunciou a palavra cuidadosamente, com duas sílabas, para mostrar que não era um almofadinha.

A multidão animada fez silêncio. Finalmente alguém disse:

- Está louco? Coyote? Tem maneiras mais fáceis de cavar uma sepultura.

- Preciso de um guia para Coyote, onde devo encontrar um Sr. Doppler.

O silêncio tornou-se um murmúrio aterrorizado, e a multidão se desmanchou até que somente Marsh e outro homem ficaram ali. O estranho tinha mais de um metro e noventa, fedia a uísque e estava vestido como um ranger do Texas: botas de saltos altos com grandes esporas, um lenço vermelho brilhante com um emblema de pistolas e um chapéu de abas largas.

- Quem é que o senhor quer ver? - perguntou ele.

- Um Senhor Charles Doppler.
- Charley? - Balançou a cabeça incrédulo. - Charley? Pô.
- Conhece ele?
- Se conheço? É meu primo! Roubei as primeiras pantalonas para ele.
- Me levaria até ele? - Marsh ergueu um dólar reluzente. - São três dólares por dia. Senhor...?
- Savage. Dave Olho-Vermelho Savage. Talvez tenha lido um livro sobre mim? Pode me chamar de Olho-Vermelho. - Agarrou a moeda.
- Ótimo, Olho Vermelho. Agora vamos procurar suprimentos. - Começaram a descer a rua com Marsh falando: - Sabe, sou amigo pessoal de Búffalo Bill Cody...

Seguindo as trilhas para o norte, o cavalheiro bem-vestido foi apresentado a uma vista de casas de madeiras bem cuidadas e ruas vazias. Dois cavalos selados mordiscavam a grama que crescia atrás de uma igreja. Um batedor de cabelos compridos e pele escura com chapéu tapando a cara estava recostado num poste. Uma mulher índia estava sentada ao seu lado, nos braços um bebê gorducho que mais parecia o Presidente Grant sem barba. O homem parou para admirar a cena antropológica interessante.

Sem levantar a cabeça, a mulher índia perguntou:

- Posso ajudar em algo?

Ele recuou, surpreso.

- Ah, sim. Conhece o caminho para Coyote? - Sua pronúncia tinha as três sílabas usadas no Sudoeste e na Costa do Pacífico.

- Claro que conheço.

Ele suspirou.

- Qual o caminho para Coyote?

A mulher sorriu doce.

- O caminho para fora de Coyote é num caixão. Cavalo para entrar, caixão para sair.

Ele disse:

- Madame, um cientista está preparado para enfrentar os perigos do desconhecido para adquirir conhecimento.

O batedor saiu de sua imobilidade e murmurou uma pergunta em Lakota. A mulher índia ouviu e perguntou:

- Quer dizer que é um Filósofo Natural?
- Fui eleito membro da Academia de Ciências Naturais da Filadélfia, da

Sociedade Filosófica Americana, da Academia Nacional de Ciências e da Associação Americana para o Progresso da Ciência. Edward Drinker Cope, madame, a seu serviço. - Curvou-se, congelando o momento em sua mente para que pudesse enviar uma descrição bem-humorada dele à sua filha.

O batedor tornou a falar Lakota dentro do chapéu. A mulher traduziu.

- Conhece o Homem que Apanha Ossos Correndo?

- Frederick Hayden? Eu participei de sua pesquisa.

Mais resmungos.

- Conhece o 'fessor, Leidy?

- Estudei com ele. Na verdade, estou aqui devido a uma carta que ele recebeu.

O batedor pulou ereto, revelando um rosto queimado e cheio de cicatrizes com delicados traços femininos.

- Eu fui batedora do Homem que Apanha Ossos Correndo em '68. - Esticou uma mão para um vigoroso cumprimento.

Cope disse deliciado.

- Então deve ser Chokecherry Sairie, a Filósofa das Pradarias - Ele havia lido livrinhos vagabundos dedicados às aventuras dela. A pequena mulher bem-vestida das ilustrações não tinha a menor semelhança com ela.

A índia também se apresentou.

- Eu sou Jessie Faca-Torta. meu marido também é professor: Professor Lancelot D'arcy Daid, fabricante e proprietário da Essência de Frankicenso, a Autêntica Cura Milagrosa da Velha Princesa Índia para Seus Tormentos e Problemas Femininos Também. Eu sou a Princesa Índia.

Cope tomou a se curvar.

Sairie brincava de torcer as franjas de sua manga esquerda.

- Veio ver o lagarto do Charley? - ela falou rapidamente para Jessie em Lakota, e então colocou a mala de Cope na sela de um cavalo baio de focinho romano.

Jessie disse:

- Sairie ia pro sul, visitar Frisco Flush e o Goodenough Kid, mas mudou os planos. Sempre gostou de servir de batedora para expedições científicas. O senhor está levando emprestado minha égua Boadicéia; cuidado, ela dá coice quando você força ela. Sairie não fala inglês muito bem; ela foi criada por lobos, sabia?

Com essa revelação surpreendente, Sairie pulou sobre sua selinha, fez um gesto para Cope montar na égua e saiu trotando. Jessie Faca-Torta passou o bebê para o braço direito e deu adeus.

Enquanto trotavam pela pradaria. Cope ouviu a história do lagarto gigante, monossílabo por monossílabo. A Gangue Doppler havia encontrado um rebanho dos lagartos, ou "cavalos tropejantes", como Sairie os batizara, pastando calmos numa área deserta perto do Água Suja. Johnny e Dave deixaram todos para os abutres, menos um.

Sairie tentou descrever os animais.

- Pés grandes. Olhos como pássaro. Pula feito pássaro, mas tem quatro perna. - Fez uma pausa, frustrada, e sacudiu os braços.

- Acho que entendi - Cope disse, encorajando-a. Não entendeu nada.

- Grandes mesmo. Dentes como de cavalo, não de lobo.

- Um herbívoro - vegetariano - come capim?

- É. Como osso grande por toda parte, só que menor.

- Grande...?

Ela ergueu a mão uns bons três metros do chão.

- Ossos, grandes mesmo. Por toda parte. No caminho.

Os olhos de Cope se acenderam com algo entre avareza e ganância. Acamparam ao escurecer, e fizeram uma refeição de carne seca. Cope olhou para o espetacular crepúsculo e começou a falar de seu rival.

- Marsh é curador do museu de Yale só porque seu tio o construiu e paga seu salário. O homem não entra em território índio sem uma escolta do exército.

- Você?

- Sim, eu já fiz isso. Sou Quaker; não uso armas. Uma vez pacifiquei uma guerra com meus dentes falsos...

Sairie levantou-se contente:

- Dente Mágico!

Feliz por sua reputação tê-lo precedido. Cope continuou.

- Marsh comprou tantos fósseis que alguns não foram sequer desencanaixotados. Ele não entende anatomia: um exército de empregados estuda seus espécimes e escreve seus artigos. São mal pagos e proibidos de levar adiante suas próprias pesquisas... - Não incluiu o fato de que havia tentado levá-los à revolta.

- Marsh não lê os jornais, o que o leva a duplicar os trabalhos dos outros, mesmo assim, com tudo isso, ainda o chamam de cientista! Em 72, Mudge quis me enviar o "pássaro com dentes" que fizera a reputação de Marsh. Marsh ouvira falar dos fósseis e convenceu Mudge a dá-los a ele. Na bacia do Bridger, seus homens tomaram meus ossos. E instruiu seus colecionadores a esmagar duplicatas e outros ossos - para na verdade destruir fósseis para tirá-los de mim!

Sairie, ouvindo essa tirada à luz mortíça da fogueira quase em brasas, resmungou um "enforquem ele". Como consequência desse comentário, depois de um sono pontuado de pesadelos nos quais os originais de seus fósseis o atormentavam. Cope saudou Sairie com

- Desejo-lhe uma linda manhã. Devo batizar o lagarto gigante em vossa honra, Senhorita Choke-cherry?

- Já chamei de Joe. Para Joe. - Ela deu palmadinhas no pescoço de seu cavalo.

Cope disse.

- Hmmm. Jossauro. Por que não? Isso vai mandá-los correndo aos seus léxicos gregos. Uma vez batizei uma espécie de Odeiácope, e um amigo, desesperado, perguntou-me o que queria dizer. Respondi que era em homenagem aos que odeiam Cope.

E foram para Coyote, comparando conhecimentos quanto aos animais que viam. Cope fornecia seus genótipos e espécies e detalhes de suas adaptações evolucionárias; Sairie dizia seus hábitos pessoais, e um julgamento sobre qual o gosto deles.

Vinte e cinco milhas mais próximo de Zak City, Marsh também estava aproveitando sua manhã. O dia anterior fora passado na compra de suprimentos: um grande carroção e quatro cavalos, 520 dólares; provisões e utensílios de acampamento, 175; cavalo de montaria, 75. O cavalo novo foi amarrado atrás do carroção, juntamente com Relâmpago, o cavalo de Dave Olho-Vermelho Savage. Olho-Vermelho conduzia o carroção e seu empregador montava guarda.

Marsh era um exímio contador de histórias, com um estoque de excitantes anedotas acumuladas em suas expedições anteriores ao oeste. Olho-Vermelho, no entanto, havia gasto seu adiantamento na noite anterior, e não era a melhor das platéias. Toda hora tomava um gole da Essência de Frankincenso, não tanto pelas ervas quanto pelo seu teor alcoólico.

- ... O coronel e seus oficiais cumprimentaram-me todos pelo meu feito. E agora sou uma lenda do exército, o único homem a matar três búfalos de dentro de uma ambulância. Isso aconteceu em 70, mas ainda é motivo de... Pare!

Olho-Vermelho puxou as rédeas e agarrou uma pistola.

- Índios?

- Psss. - Marsh apontou para um búfalo, que pastava a alguma distância. Levantando a carabina, mirou cuidadosamente e disparou. O animal caiu de joelhos, soltou um mugido e morreu.

- Macacos me mordam se o senhor não atira igual a um vaqueiro do Missouri! - Olho-Vermelho gritou.

Marsh retirou a língua do búfalo e embrulhou-a num pano. Comeram-na no jantar naquela noite, enquanto Marsh fazia um inventário de seus amigos.

- Darwin, já ouviu falar nele? Bem, ele é muito importante. Parabenizou-me num artigo. Huxley também admira grandemente minha obra, especialmente meus estudos sobre a evolução dos cavalos.

Dave Olho Vermelho ficou chocado com a frase. Olhou para Relâmpago, amarrado perto do carroção, suspeitando que a qualquer momento o animal pudesse evoluir, fosse lá para o que fosse. Agradecia pela segurança da garrafa da Essência de Frankincenso que sua mão agarrava com força.

- Na verdade, minha elucidação da evolução eqüina valeu-me elogios de todas as partes, a maior parte deles inusitados. Brigham Young...

- Já ouvi falar nele - murmurou Olho Vermelho.

- ... declarou-me Defensor da Fé. Parece que O Livro do Mórmon mencionava cavalos na América antiga, e meus estudos de fósseis inadvertidamente confirmaram sua religião. Tive uma acolhida um tanto amigável em Salt Lake City...

Olho Vermelho estremeceu. Salt Lake o fazia pensar em poligamia, poligamia o fazia pensar em esposas, e esposas o faziam pensar em Kate, que aguardava em seu desuno e que, sem dúvida, teria coisas a lhe dizer. Engoliu mais um pouco da bebida curativa.

Esse crepúsculo achou Cope e Sairie no rancho Doppler, a umas duas milhas de Coyote. A cabana de troncos, o abrigo de pau-a-pique de Kate Savage e o celeiro enorme eram cercados por uma paliçada de madeira em moderado estado de abandono. O portão havia caído e estava posto de lado.

Charley estava sentado à mesa. Nunca ficara tão excitado na vida; nem mesmo matar seu primeiro (a até o momento, o único) homem durante a Tocaia de Hoedown não fora tão emocionante quanto aquela conversa com um verdadeiro Filósofo Natural. Cope estava discutindo o carroção que precisariam para transportar o lagarto até a ferrovia. Charley interrompeu:

- Posso ir, não posso. Mãe?

Mãe Doppler, levantando os olhos de seu exemplar amarfanhado de Beachs Home Eclectic Doctor, disse: - Sei não, Charley. Você é muito novo pra sair assim de trem a Filadélfia.

- Mas alguém tem que tomar conta do Joe, e o Doutor aqui diz que vai me apresentar à Academia e eu vou poder ir à faculdade.

- Não discuta com a Mãe, Charley. - A voz de Johnny era como metal raspando em metal.

- Não foi por mal - Charley reclamou.

Cope terminou um esboço da criatura pré-histórica que estava descrevendo, e passou-o ao rapaz. Desenhara Charley, reconhecível até mesmo sem a legenda na ilegível letra de Cope, ao lado do bicho para mostrar a escala. Charley passou-o adiante.

- Eu queria caçar isso - disse Johnny. - Onde é que eu encontro?

- Receio que o último tenha morrido há muitos e muitos anos.

- Não coube na Arca de Noé - disse Mãe Doppler. - lembra-se da Bíblia, filho.

- Cope sorriu. Suas próprias convicções religiosas o havia levado a desacreditar em Darwin, trocando-o pela evolução lamarckiana ou "mecânica".

A porta se abriu e Johnny sacou uma pistola para cobri-la. Sairie entrou trazendo uma criança, idade e sexo indeterminados. Ela segurou-a alto para inspeção deles.

- É o pequeno Johnny, ou talvez Sue - brincou Mãe.

- Sou a Kitty - a criança gemeu em protesto.

Sairie disse:

- Não mexa com os cavalos. - Largou Kitty, que saiu correndo da casa. Charley deu um pulo para a frente e assustou Cope. - Essa aí é um dos filhos do Dave Olho Vermelho e da Kate. São uns doze filhos.

- Dinopados - murmurou o estudioso. Sairie caiu na gargalhada, o que espantou Cope. - Vós entendeis grego, Senhorita Chokecherry?

- Um pouco.

Charley disse com admiração:

- Sairie fez dois anos de Ginásial em Prisco, logo antes deles proibirem garotas lá.

Cope balançou a cabeça. A fronteira era uma caixinha de surpresas.

Assim que raiou o dia, galoparam até a casa do Doutor Watson. O homeopata perguntou:

- Enquanto estiver por aqui, precisa de algum remédio?

- Não, obrigado - respondeu Cope. - Nunca viajo sem isto. - E mostrou uma garrafinha de beladona, quinino e ópio.

- Bem, se você se sentir mal... - O médico tomou um grande gole de Essência de Frankincenso.

Charley liderou o caminho ao longo do Desfiladeiro Watson até um pequeno vale, repleto de enormes ossos fossilizados que haviam sido usados para construir

uma cerca e uma cabana. Charley passou por baixo de um mourão de cerca - um úmero suspenso sobre vértebras alinhadas - e foi até a entrada da cabana.

- Aqui, Joe - chamou. - Aqui, Joe...

Uma cabeça triangular espiou para fora da porta, acompanhada por um longo pescoço cilíndrico. Fixou um olho sem piscar em Charley, virou a cabeça e olhou com o outro. Então Joe saiu da cabana, revelando um corpo tipo barril, patas grossas com pés achatados e uma longa cauda, e arrastou-se na direção do garoto. Um atônito Cope viu o garoto dar uma cenoura para o animal comer.

- Eu mesmo as cultivo - disse orgulhoso.

- É...alto.

- Alto que nem eu. Os crescidos eram duas, três vezes maiores. Aqui, dê uma pra ele. Cuidado com os dedos.

Cope segurou a cenoura preocupado. A cabeça de Joe esticou-se, arrancou a cenoura dos dedos do homem e mastigou contente enquanto Charley amarrava uma corda.

Sairie recostou-se num mourão da cerca.

- Está ficando magro - ela disse.

Charley passou uma das mãos pela penugem marrom

- Tem razão. Dá pra sentir as costelas. Vou dar mais comida.

Cope examinava os ossos da cabana.

- Estes fósseis são claramente de criaturas como Joe, só que maiores. Talvez seus ancestrais.

Cope estudou os ossos o resto da manhã, identificando-os, apontando ossos similares na construção humana, demonstrando inserções de músculos e tendões, e então referindo-se a Joe para confirmação. Finalmente, cheio de especulações anatômicas, os três voltaram para Coyote, para beber alguma coisa gelada.

Enquanto isso, de volta ao rancho Doppler, o carroção havia chegado. Enquanto Dave Olho Vermelho e sua esposa tinham um barulhento e acrimonioso encontro dentro de sua tapera, Marsh falava com os cerca de doze filhos dos Savage.

- Os índios acreditam que os ossos fossilizados sejam os restos de uma antiga raça de gigantes. Consideram-me homem de grande sabedoria, e me chamam de "Homem da Medicina dos Ossos", e "Chefe do Grande Osso". O Chefe Nuvem Vermelha é meu amigo, e Buffalo Bill também. - Fez uma pausa, esperando.

A filha mais velha dos Savage falou:

- Primo Johnny diz que Buffalo Bill é uma mulherzinha de cabelo comprido e rosto de neném.

- Mesmo? Ora...

- Eu disse - retrucou Johnny, confirmando o arrepio que sua voz trouxera.

- Claro que ele só nos serviu de batedor por um dia - apressou-se a responde o Chefe Grande Osso. - Eu realmente não cheguei a conhecê-lo muito bem, e as primeiras impressões podem enganar. - O Prairie Traveller avisava para se levar na esportiva as grosserias do povo da fronteira.

Dave Savage emergiu, trêmulo, de dentro da casa. Seu esposa, grávida como de costume, ficou na porta e fez cara feia.

- Oi, Johnny. Já viu o professor Marsh aqui? Ele atira feito um soldado. A gente podia ter usado ele na guerra. Ele quer aquele bicho do Charley.

- Estou de saco cheio do bicho do Charley.

- Estou pronto para comprá-lo.

Johnny sorriu um sorriso estreito, de lábios finos, que fez o cientistas se sentir um ganso na vitrine de uma loja.

- Assim fica melhor. O outro camarada não ofereceu nada.

- Outro...? Da minha altura, com barba... Aquele desgraçado! Diabos o carreguem! (Com seu perdão, madame.) Queria que o Senhor o levasse! Ele é maluco, sabiam? Duvidei de sua sanidade da primeira vez em que o vi. Berlim, '63 ele estava na Europa para fugir do alistamento. - Depois de descarregar sua raiva, Marsh e Dave Olho Vermelho foram para o vale, parando na cabana do Doutor Watson para obter informações. Enquanto cavalgava, Marsh derramava uma torrente de comentários e instruções para o cavalo, hábito que lhe ganhara outro apelido índio, "Homem que Fala com Cavalo".

O Doutor Watson ofereceu um pouco de remédio. Marsh replicou:

- O Prairie Traveller diz que o ar fresco do Oeste é o melhor remédio.

- Não posso vender ar fresco.

- Por outro lado - decidiu Marsh - Seria uma ótima adição à minha coleção de lembranças do Oeste - e comprou duas garrafas a um preço extorsivo. O médico satisfeito então apontou o caminho descendo o desfiladeiro, até o riacho.

Joe estava em sua cabana, mas Dave o expulsou de lá com pedras. Marsh esfregou as mãos.

- Melhor do que eu esperava. Uma classe de animal desconhecida para o homem moderno.

- Não parece muito para mim - Olho Vermelho suspeitava que a educação destruía o senso de valor de um homem.

Depois de uma rápida olhada, Marsh e Olho Vermelho tomaram a montar.

- Acredito que uma comemoração viria bem a calhar, Olho Vermelho.

Olho Vermelho sacou uma garrafa quase cheia de Essência de Frankincenso.

- Não, obrigado.

- Tem o hotel em Coyote. - Olho Vermelho o levou até lá.

A vila de Coyote era basicamente o hotel. Cope e Charley já estavam no bar de Lowland Larry, aliviando a sede com cerveja gelada. Chokecherry Sairie brindava com o uísque local. Johnny Doppler estava sentado sozinho, encostado na parede sua mão perto do coldre até que identificou os recém-chegados como seu primo e o almofadinha atarracado.

- Cope! - grunhiu Marsh.

Cope virou-se e saudou o outro com um sorriso de vencedor.

- Ah, o culto Professor de Copeologia de Yale, Othniel Charles Marsh. - Pelo esgar do outro, era evidente que não gostava de seus nomes cristãos. - Junte-se a nós num brinde ao Josauros dakotae, Othniel.

- Nunca!

Cope olhou de esguelha para seus amigos.

- Viram? Ele é tudo o que eu lhes disse.

Marsh disse:

- Ele contou a vocês também como espionou minhas escavações em '72? Meus homens fizeram uma caveira falsa com partes de uma dezena de espécies, enterraram-na e a desencavaram enquanto ele espionava. Então ele se esgueirou lá dentro naquela noite, examinou-a e escreveu um artigo sobre a importância do fóssil. O brilhante gênio, Dr. Cope!

O acusado deu de ombros.

- Errar é humano. Claro que o homem do telégrafo estava na sua folha de pagamentos.

Marsh sibilou.

- E ele lhes contou isto? - Meteu a mão no bolso do paletó e puxou um exemplar fino e amassado do Transações da Sociedade Filosófica Americana, Vol. XIV. Cope, de olhos e boca arregalados, estava transfigurado. Marsh avançou, brandindo o jornal à sua frente como um caçador de vampiros brandindo uma cruz. Cope recuou, parando apenas ao esbarrar no balcão do bar. O outro parou à sua frente, o opúsculo na mão esticada, perto o bastante para que Cope pudesse ler a data.

-“Relato de um Novo Eralissauro”, por Edward Drinker Cope - vociferou Marsh. - A descrição de uma fascinante criatura que ele batizou de Elasmossauro por seu pescoço flexível e cauda dura. Teve de formar toda uma nova ordem de

criaturas para acomodá-la. Quando mostrou-me sua restauração, que havia colocado no Museu da Academia, reparei que as articulações das vértebras estavam invertidas.

- Seu demônio - Cope disse rilhando os dentes.

- Sugeri gentilmente que ele tinha feito tudo errado. Mas foi preciso que o Professor Leidy provasse a ele que havia feito do pescoço a cauda, e da cauda o pescoço. Mas eleja havia feito a descrição à Associação Americana, restaurado a criatura no Naturalista Americano - não a mais particular publicação - e nos Procedimentos, e havia acabado de publicar uma longa descrição nas Transações.

-Tentei pedir-lhes que corrigissem o erro.

- Sim, e devolvi-lhe um de meus exemplares. Mas ainda tenho outros dois. - Quase jogou a revista no rosto pálido do homem. Mais para o lado, Johnny Doppler sorria, antecipando uma briga.

Chokecherry Sairie interpôs-se entre os cientistas.

- Muita palavra, muita barriga.

Dave Savage Olho Vermelho disse:

- Eu não mexeria com ela, professor. Sairie é durona.

- Chokecherry Sairie? - Marsh fazia um grande esforço para manter seu costumeiro tom cavalheiresco e pomposo com uma mulher daquelas. - Ah, creio que trabalhou com o General George Armstrong Custer? Ele é um grande amigo meu.

- Meu não é.

O homem ficou vermelho.

- Por favor, madame - a senhora é uma dama - uma mulher...

Ela arrancou a revista das mãos dele e rasgou-a, espalhou os pedaços no chão, pegou Cope pelo braço e saiu. Charley engoliu o resto das duas cervejas e correu atrás deles.

Marsh disse:

- Se ela não tivesse interferido, acho que ele teria, como vocês aqui do oeste dizem, partido para cima de mim.

Olho Vermelho olhou para o armamento do cientista.

- E o senhor teria partido para cima dele?

- Por que não? Já fiz isso muitas vezes. Aqui, por que não deveríamos fazer disso um duelo com punhos, ou até com pistolas? Diabos, eu quero aquele lagarto!

Os olhos de Johnny Doppler estreitaram-se numa expressão de pensamento furtivo - na verdade, se Aristóteles tivesse escolhido visualizar uma forma perfeita para pensamento furtivo, não poderia ter sido mais furtiva ou pensativa do que a

expressão de Johnny Doppler.

Uns sessenta e seis anos depois, no penúltimo capítulo do um seriado da Republic Studios intitulado A Gangue Doppler na Grande Guerra dos Ranchos, o Xerife John Doppler desce a Rua Principal para um tiroteio com os bandidos de aluguel que estavam molestando os pastores bascos. A postura de olhos claros e maxilar firme do ator é a própria personificação da nobreza, determinação e auto-sacrifício. A melhor maneira de visualizar como Johnny parecia, enquanto pensava no desejo de Marsh em comprar Joe, é lembrando-se daquele ator em seu melhor momento na tela, e então virando-a em 180 graus.

Johnny levantou-se e desceu os três metros até onde estavam Marsh e Olho Vermelho.

- Quanto quer pagar pelo lagarto?

- Muito. Estou preparado para pagar 350 dólares.

Johnny respondeu:

- Que pena. Aquele Quaker fez a primeira oferta. Um negócio duro. - Deu uma palmada no ombro carnudo de Marsh, piscou para Olho Vermelho e saiu do saloon.

O homem atarracado disse:

- Diabos, danação! Já é muito ruim eu não poder levar o animal. Mas Cope levá-lo... Eu faria tudo para evitar que ele o pegasse!

- Mesmo? - perguntou Olho Vermelho. - Ora, ora. Vou lhe dizer, professor, o senhor fica aqui no Lowlife Larry esta noite, eles têm acomo -acomoda - camas melhores do que lá no rancho, e amanhã de manhã eu volto com boas notícias. Hei, Larry, serve bem meu amigo aqui, hein?

Um Marsh atônito viu seu contratado sair do saloon. Então pediu um copo do uísque importado do Missouri e começou a conversar com o homem do balcão sobre seu conhecido mútuo, o General Custer.

Charley e Cope voltaram a cavalo para o Água Suja.

- Por que a Senhorita Chokecherry foi embora? Será que eu a ofendi?

- O que é isso. Doutor. É que a Sairie... Bom, ela se cansa das pessoas muito rápido e vai embora ficar sozinha. Não está muito acostumada com gente, foi criada por lobos, esse negócio.

- Ah, ficou feliz por ter mencionado isso. Estive me perguntando...

Hesitou enquanto Charley girava o cavalo e tirava o rifle do coldre da sela.

- Pegue sua arma - ele sibilou.

- Não tenho arma.

O garoto deu-lhe um olhar espantado, e então apontou o rifle para uma nuvem de poeira que vinha rápida da direção de Coyote.

Quase ao alcance do rifle, via-se que a nuvem de poeira envolvia um único cavalo e um cavaleiro que gritava:

- Ei, Charley! - O garoto relaxou. - É o meu irmão.

Johnny alcançou-os, e foram juntos trotando na direção do rancho Doppler.

- Bom garoto, Charley. Tinha um tempo em que você não puxaria o rifle tão rápido. Está aprendendo. - Enquanto Charley deleitava-se com os elogios do mais velho, Johnny virou-se para Cope. - Belas roupas o senhor tem aí. Professor.

- Obrigado.

- Caras como... Tenho más notícias para o senhor. Sei que chegou aqui primeiro, coisa e tal, mas vendi o bicho para o gordinho. Por 500 dólares.

- Mas, Johnny!

- Nem uma palavra, garoto. Tenho sido como um pai pra você, e espero respeito e obediência como na Bíblia da Mãe. Quinhentos paus vão comprar sapatos para os meninos do Dave e remédio para a Mãe. Quer que sua Mãe pegue lumbago? Então não me provoque. - Deu-lhe as costas, bem satisfeito consigo mesmo.

- Desculpe, Doutor Cope...

- Não se preocupe, Charley. Sei o que está acontecendo. Marsh citou a autoridade que conhece melhor, o dinheiro vivo. Seu irmão espera que eu faça uma oferta melhor, e farei. Na verdade, aumentarei tanto o preço que Marsh não será capaz de resistir a me ultrapassar. - Ficou num silêncio sombrio, o único pensamento alegre o plano de fazer com que seu inimigo - ou melhor, o tio rico de seu inimigo - pagasse o mais possível. Naquela noite, informou a Johnny que estava preparado para oferecer 700 dólares. Johnny aceitou, e foi para a cama com expectativas de um bom leilão no dia seguinte.

Por volta da meia-noite. Cope foi despertado por um pesadelo. Ficou deitado na cama algum tempo, vendo a lua quase cheia através de uma fresta entre dois troncos, e então inclinou-se para baixo e tocou Charley, enrolado num cobertor no chão. O rapaz deu um pulo para cima, e logo depois agarrou sua Smith & Wesson 45.

- Calma, sou eu, Charley! Tem duas lanternas?

Cope encilhou seus cavalos à luz da lua. Charley encontrou-se com ele no estábulo.

- Não consegui achar outra lanterna. Serve uma?

A outra lanterna estava sobre uma pelve fossilizada, enquanto Dave Olho

Vermelho Savage trabalhava rápido.

- É, aquele tal do Cope não vai ter é nada. - Cantarolava baixinho, visões de uma gorda recompensa de Marsh dançando como ameixas doces em sua cabeça.

Johnny Doppler ouviu Cope e Charley afastarem-se e acordou com o rifle na mão. O fato de que os cães não estavam latindo e as batidas dos cascos iam sumindo aos poucos o acalmaram, mas não conseguiu dormir mais.

- Bem que eu podia ir à cidade agora e falar ao gordo da oferta do Cope. - Pegou as botas.

Marsh tirou os óculos de leitura e descansou a revista. Estivera folheando uma discussão intensa sobre a anatomia das focas: seu desprezo por conhecimentos que não se aplicassem diretamente às suas necessidades tomou o artigo desinteressante. O pianista lá embaixo ainda tocava. Fuzilamento parecia um castigo leve demais para o músico. Pensar numa ação tão corajosa, vigorosa e decisiva estimulou a mente de Marsh a ponto de fazer um salto imaginativo ao qual não estava acostumado.

Deu uma risadinha, então levantou-se e se vestiu.

Olho Vermelho meteu a mão no bolso para apanhar um fósforo, e achou um buraco ao invés disso. Murmurou uns comentários nada lisonjeiros a respeito da esposa, e suspirou. Pulando sobre a sela de Relâmpago, subiu o desfiladeiro até a cabana do doutor. O Doutor Watson detestava ser acordado por menos que um bendito caso de morte lenta, mas aquela também era uma espécie de emergência...

Olho Vermelho estava chegando perto da cabana do homeopata quando uma figura silenciosa parou no seu caminho. Relâmpago resfolegou e parou.

- Precisa do Doutor? - A sombra perguntou com a voz de Chokecherry Sairie.

- Não, tudo bem, Sairie. Tem fósforo?

Sairie lhe deu uma caixa e voltou a desaparecer entre os arbustos. Olho Vermelho virou Relâmpago de volta e partiu cantarolando uma canção de seus dias de soldado. Afinal, fora naquele tempo da guerra que ele aprendera a lidar com explosivos.

Encontrando o quarto de hotel de Marsh vazio, Johnny Doppler desceu correndo e partiu para o pianista. O músico havia sobrevivido até agora desenvolvendo instintos sobrenaturais: assim que o homem de preto deu o primeiro passo, o pianista pulou e escondeu-se atrás do piano.

- Sou eu - disse Johnny.

O pianista olhou sobre o tampo, decidiu que era seguro e voltou. Era um

magricela de doze anos e dono de um bigode passável, e olhos injetados exatamente iguais aos de seu pai, Dave Olho Vermelho Selvagem.

- Oi, Primo Johnny.

- Viu o almofadinho gordo? Saiu com alguma garota?

- Pegou o cavalo. Norte. Há mais ou menos cinco músicas.

Johnny assentiu e deu ao filho de seu primo um sorriso sem dentes. O garoto sentiu-se orgulhoso. Nunca tinha visto Johnny sorrir antes.

Charley segurava a lanterna enquanto Cope media Joe. Escreveu os números ao lado de seu desenho da fera. Charley bocejou.

- Não dá pra fazer isso amanhã não?

Cope balançou a cabeça.

- Já vos falei, Charley, que Marsh não pode me superar, e jamais deixará que eu, ou qualquer outro cientista, vejamos Joe novamente. Mas riremos por último. Enquanto Marsh ainda estiver transportando Joe para New Haven, estarei lendo meu relatório à Academia, e meu artigo estará na imprensa.

- O senhor me manda uma cópia?

- Mandar... Charley, eu vou inscrever como assinante do Naturalist. Dar-vos-ei duas assinaturas se segurar essa lanterna firme... o quê?

Charley apagara a luz.

- Cavalo. Shhh. - Fez um gesto para que o cientista se abaixasse para trás de uma imensa omoplata. Libertado, Joe correu para sua pilha de feno.

Uma silhueta corpulenta parou à entrada do vale, virando-se lentamente para inspecionar o local.

- Vês o estômago? - sussurrou Cope. - É Marsh.

De pé sobre a borda do vale, Marsh observou as feições salientes da entrada para o vale, e calculou que um grupo determinado de homens bem pagos poderia entrar correndo e arrancar o lagarto dali.

- Uma operação de guerrilha - murmurou. Afinal, seria capaz de evitar que Cope ficasse com o prêmio.

- Está aqui para se gabar de sua aquisição - Cope sussurrou para Charley.

Marsh havia acabado de perceber que o lagarto poderia ser novo demais para andar todo o caminho até a estrada de ferro em Zak City. Teriam de construir um enorme carroção para carregá-lo. Um carroção não poderia ser levado até o vale sem um pessoal para cavar uma estrada, e não havia tempo para isso. Portanto, o lagarto teria de ser puxado para a estrada. Marsh começou a medir em passos a distância até a cabana de ossos, que brilhava cinzenta à luz do luar.

Cope pulou à frente de seu inimigo distraído.

- Admirando a lua? - perguntou irônico. Marsh bufou.

- Não pôde esperar para examinar melhor a fera? Trabalho apressado e julgamentos ruins apressados são sua especialidade Cope.

O magro balançou o punho.

- Meus sentimentos com relação a você não foram desenvolvidos com rapidez. Foram alimentados lentamente por suas traições.

- Por Deus, já chega - disse Marsh. - Você é um chacal de mente distorcida e...

Cope plantou uma direita no olho do outro, e então olhou a própria mão espantado. Marsh cambaleou para trás, e começou a procurar seus revólveres da marinha.

- Já suportei bastante de você - sibilou.

Um dedo de aço espetou suas costas. Charley Doppler esticou a mão esquerda e apanhou os revólveres e faca. Então enfiou no coldre sua própria arma e recuou.

Urrando de frustração, Marsh atacou seu rival. Por fim ele tinha a chance de usar as dicas do The Prairie Traveller em combate mano-a-mano. Logo os cientistas rolavam na poeira, como garotos brigando no pátio da escola. Charley ficou ali, atônito, de lado.

Durante toda a conversa, Joe ficara ali mastigando. Quando a luta começou ele enrijeceu-se, virou a cauda e voltou ao abrigo confortável de sua cabana.

Johnny Doppler encontrou Sairie quando ele desmontou ao lado do cavalo de Marsh. O branco trazia no rosto seu sorriso mais alegre: estava feliz por sua marca não ter saído do mercado. Era um bom presságio para a venda.

- Noite, Sairie, ou seja lá o que for.

- Hã - ela se sentia estranhamente preocupada enquanto levava Shaggy Joe para amarrar, o pônei apenas ligeiramente mais alto que ela. Suas preocupações centraram-se nos fósforos que dera ao Olho Vermelho, e ia além do fato óbvio de que, em sua costumeira condição ébria, Dave Savage era provavelmente inflamável.

Os dois pararam no caminho que dava para o vale, e arregalaram os olhos. A superfície estava atulhada com as massas sombreadas da cerca e da cabana, e entre esses objetos indistintos estava uma forma negra que rolava emitindo grunhidos e pragas.

Johnny retirou a arma.

- É o senhor. Professor?

Duas vozes responderam arfantes:

- Sou.

Em cima de uma enorme vértebra lombar para enxergar melhor, Charley gritou:

- Ei, Johnny, é uma briga. - O tato natural impediu-o de acrescentar que era mais engraçado que a banda militar de Custer.

Sairie gritou um "Dave?" experimental. Lá ao longe, além da borda oposta do vale, ouviram:

- Só um minuto, Sairie. - Dave Olho Vermelho, celebrando seu plano brilhante com uísque olho-vermelho, finalmente conseguiu acender o pavio.

O vale entrou em erupção à medida que a trilha de pólvora acendeu montes e mais montes de explosivos alinhados na cerca, com uma última explosão quando a cabana - com Joe dentro - foi feita em pedacinhos. Uma nuvem de poeira quase obscureceu a pedra, solo, fósseis e pedaços de lagarto gigante que voavam para todos os lados. O cavalo de Marsh, cujas rédeas estavam apenas enroladas sobre um pequeno arbusto, disparou na direção das Colinas Negras com arbusto e tudo.

Marsh e Cope, já no chão, cobriram as cabeças contra o pó e os destroços. Charley teve menos sorte; havia ficado sobre um mourão minado. Sairie pulou de sua cavalo e correu para o garoto, jogado contra o leito do desfiladeiro.

Olho Vermelho desceu cambaleante ao vale, balançando uma garrafa e gritando:

- lahuu! Ei, Johnny, como nos velhos tempos!

- Que diabos você fez?

Olho Vermelho parou ao lado do primo, ansioso como um perdigueiro mostrando uma carcaça fresquinha ao dono.

- O gordo disse que daria tudo para manter o outro camarada longe da criatura de Charley. Então eu explodi o bicho, ora. Não foi esperto?

- Seu bêbado filho da puta, eu só estava fazendo com que pedissem mais grana. Agora você estragou tudo. - Fez uma careta e mirou a arma na direção do vale. - Agora vamos ter que pegar o dinheiro que iam dar nele.

Foi um tiro longo com pouca luz. A bala bateu no chão à esquerda de Marsh.

Os cientistas, que haviam se levantado tontos e começavam a fazer o inventário de danos pessoais, caíram no chão.

- Não se ofendam: é negócio - gritou Olho Vermelho. Sentou-se e recuperou a confiança com um gole do elixir reconstituente da Princesa Índia.

Sairie gritou:

- Dente Mágico! Se abaixa! - Cope obedeceu quase engolindo a poeira do

chão.

- Tirem-me disso - gritou Marsh. - Eu pago! Não atirem!

- Aqui, seu idiota - sibilou Cope, e começou a procurar abrigo. O mais famoso especialista em répteis da nação fez uma bela imitação de cobra. Marsh era menos dotado, mas aprendeu rápido.

Por trás do abrigo mínimo permitido por uma escapula fossilizada. Cope sussurrou:

- Apenas um deles está atirando. Se esperarmos até logo depois de um disparo, e ambos correremos em direções opostas, um de nós pode escapar. - Marsh concordou com um aceno de cabeça.

Enquanto isso, a explosão havia acordado o Doutor Watson. Ele chegou de camisolão e botas, carregando a carabina e a maleta médica.

- Por aqui. Doutor - chamou Sairie. O homem examinou Charley. - Concussão, uns ossos quebrados... Doppler, já acabou de praticar tiro ao alvo?

- Não, senhor. Eles ainda não morreram.

- Olhe o seu irmão. Ele não está muito bem.

Johnny disse alto:

- Não saiam daí não, camaradas - e ajeitou Olho Vermelho para ficar em pé. Sairie esgueirou-se até onde os cavalos de Cope e Charley estavam pastando - era preciso mais que uma explosão para interromper a refeição de um cavalo da Gangue Doppler - e assoviou. Seu pônei veio correndo.

O homeopata estava dizendo a Johnny para correr até em casa e apanhar um carroção.

- Assim que eu acabar - prometeu Johnny. - Ele vai ficar bem, não vai? - Olhou para o irmão mais novo. - Mãe vai ter um ataque - murmurou, o rosto pálido ficando ainda mais branco.

Cope observou Olho Vermelho balançando com a brisa.

- É agora ou nunca. Corra - ele disse a Marsh, que lhe deu uma vantagem de vinte segundos, ou por reação lenta ou para dar a Cope mais oportunidades de brilhar como um alvo solitário. Sairie esporeou Shaggy Joe num galope, levando os outros cavalos. Deixou um perto de Marsh, e o outro perto de Cope. Em segundos todos os três galopavam para leste, tiros de revólver voando ineficazes em sua direção.

Foi uma cavalgada dura e silenciosa até Zak City, mas Sairie os fez chegar lá um pouco antes do entardecer, quando um trem estava chegando à estação.

Sairie pegou as rédeas dos cavalos depauperados e começou a fazer um círculo lento com eles.

- Trem para Denver. Vão agora.

Marsh atirou um punhado de moedas e notas na mão dela - uma conta posterior revelou que era menos de 50 dólares - e correu para o trem.

- Não tenho como lhe agradecer, Senhorita Chokecherry - disse Cope. - Vou rezar pela recuperação de Charley; diga a ele que vou arrumar-lhe o emprego de coletor de fosséis se ele ainda quiser. Se algum dia fores à Filadélfia, por favor, visite-me. - Chokecherry Sairie não era exatamente a pessoa ideal para se apresentar à esposa e filha, mas Nuvem Vermelha e Buffalo Bill já haviam visitado a casa de Marsh em New Haven.

Sairie olhou para o cientista, sujo de pó, sangue e em farrapos. Deu de ombros, largou as rédeas, agarrou Cope e o beijou. Então pegou as rédeas de volta. O homem começou a recuar na direção do trem.

- Ah... Só queria que tivéssemos conseguido levar o Josaurus conosco. Eu perdi, Senhorita Chokecherry, mas pelo menos Marsh perdeu também.

Sairie balançou a cabeça.

- Quando Dave explodiu Joe, você perdeu. Chefe Grande Osso perdeu, a ciência, todos perderam. - Cope enrubesceu, levou a mão ao chapéu, reparou que havia perdido o chapéu há muito tempo, e correu para o trem.

Sairie levou os cavalos para o sul dos trilhos, e achou Jessie Faca Torta. Os sons do show de medicina da Essência de Frankincenso cobriam o apito do trem que partia para Denver.

Estratos

Edward Bryant

Em certas partes do Oeste Norte-Americano, há lugares onde a rocha viva foi profundamente desgastada pela erosão, ou serrilhada por rios velozes, ou feita em pedaços pelas atividades de construção de estradas dos humanos, e, em alguns lugares, é possível viajar em apenas alguns momentos por estratos que levaram milhões de anos para serem formados; e, se você souber como, poderá ler um por um os traços de eras de tempos passados que deixaram seu único registro na rocha.

Como a evocativa história adiante sugere, o tempo também deposita estratos no coração humano, e talvez no próprio tecido do Universo; estratos que podem ser perigosos de ler...

Edward Bryant começou a escrever em tempo integral em 1969, e ao longo dos anos estabeleceu-se como um dos mais populares e respeitados autores de sua geração. Ganhou dois prêmios Nebula por sua ficção curta, que apareceu em quase todas as revistas e antologias conhecidas, assim como nos mercados de fora do gênero, como Penthouse e National Lampoon. Bryant é também conhecido como crítico, e suas resenhas aparecem regularmente em Mile-High Futures, The Twilight Zone Magazine e Locus. Entre seus livros estão as aclamadas coletâneas de contos Particle Theory, Cinnabar, Among the Dead; Wyoming Sun, novelização de um roteiro de TV de Harlan Ellison; Phoenix Without Ashes; e, como editor, da antologia 2076: o Tricentenário Americano.

Seiscentos milhões de anos em sessenta quilômetros. Seiscentos milhões de anos em cinquenta e um minutos. Steve Mavrakis viajava no tempo: cortesia do Departamento de estradas do Wyoming. As épocas iam das cidade de Thermopolis a Shoshoni. O Rio do Vento descia seu desfiladeiro com os trilhos da Burlington Northern cortados nas paredes a oeste, e a rodovia asfaltada de mão dupla, a U. S. 20, cortava o leste. Placas oficiais postas à beira da estrada proclamavam o avanço do viajante:

FORMAÇÃO DINWOODY

TRIÁSSICO

185-225 MILHÕES DE ANOS

FORMAÇÃO BIG HORN

ORDOVICIANO

440-500 MILHÕES DE ANOS

FORMAÇÃO FLATHEAD

CÂMBRIANO

500-600 MILHÕES DE ANOS

As placas bem podiam ter sido enfiadas na rocha do desfiladeiro sob a pressão dos milênios. Eram para aqueles que não sabiam ler a rocha.

Naquela noite Steve ignorou os sinais. Já tinha feito aquela viagem muitas vezes. A escuridão o envolvia. Novembro arranhou-o com suas garras quando abriu uma fresta da janela para deixar sair da cabine do Chevy a fumaça de seu Camel. O rádio dava uns estalidos de quando em quando, mas não pegava absolutamente nada.

O vento soprava: isso não era nada de incomum. Steve sentia-se hipnotizado pelo esquife de neve que deslizava pelo pavimento ao brilho de seus faróis. A neve rodopiava a apenas centímetros sobre o asfalto, deslizando como espuma sobre a areia negra de uma praia.

O predador do tempo caça.

Anos se descortinam à frente dela como um cardume de peixinhos. A velocidade de sua passagem faz com que as eras geológicas abram caminho. O vento varre o desfiladeiro com o rugido de ondas que se quebram na areia. A lua, cheia e quase toda no céu, exerce sua força de maré.

A luz da lua se reflete em dentes que reluzem.

E Steve acordou de repente, percebendo que havia atravessado os sessenta quilômetros, cruzado as planícies que levavam a Shoshoni, e aproximava-se do cruzamento com a US. 26. Hipnose de estrada?, pensou ele. Estava a salvo em Shoshoni, mas isso era assustador. Não se lembrava de um maldito minuto da viagem pelo desfiladeiro. Steve esfregou os olhos com a mão esquerda e começou a procurar uma lanchonete aberta que servisse café.

Não havia sido a primeira vez.

Há tantos anos atrás, os quatro haviam pensado que estavam desafiando as probabilidades. Numa noite fria de junho, no alto de uma montanha da Wind River Range, altos não só pelo ar da montanha, os quatro comemoraram sua formatura. Eram jovens e de mentes abertas: prontos para o mundo. Naquela noite, sabiam que não havia outra pessoa em quilômetros e quilômetros. Tendo aprendido na sala de aula que havia 3,8 seres humanos por quilômetro quadrado no Wyoming, e como eram quatro, acharam as chances ínfimas.

Paul Onoda, dezoito anos. Era sansei: terceira geração de japoneses americanos. Em 1942, antes que fosse concebido, seus pais foram removidos com outros onze mil nipo-americanos para o Centro de Realocação de Heart Mountain, no norte do Wyoming. Doze membros e três gerações dos Onoda partilharam um dos quatrocentos e sessenta e cinco minúsculos barracos de papelão nos quatro anos seguintes. Dois morreram. Mais três nasceram. Como seus companheiros, os Onodas ajudaram a cultivar mil e oitocentos acres de terra cultivável virgem. Nem todos haviam sido jardineiros ou motoristas de caminhão na Califórnia, e por isso os farmacêuticos, professores e carpinteiros aprenderam agricultura. Usaram irrigação para trazer água. Os campos floresceram. Os nisseis que não estavam envolvidos diretamente com o cultivo eram despachados do acampamento para trabalho sazonal em fazendas de fora. Posteriormente, um historiador observou lacônico que "O Wyoming beneficiou-se com sua presença."

Paul lembrava-se dos acampamentos de Heart Mountain apenas pelas memórias de seus pais, mas as lembranças eram vividas. Após a guerra, a maioria dos Onoda ficou no Wyoming. Com alguma dificuldade, compraram fazendas. A família investiu três vezes mais que seus vizinhos, e prosperou.

Paul Onoda destacou-se com excelência nas salas de aula e estrelou no campo de futebol americano da Fremont High School. Um dia, ouviu o diretor da escola dizer ao técnico: "Meu Deus, como aquele japinha corre!" Pensou a respeito e passou a correr ainda mais rápido.

A maioria de seus colegas de classe pensava que ele estava com tudo. Quando chegou a época do baile de formatura, não passou despercebido o fato de que Paul tinha uma aparência extraordinariamente bonita, que combinava com o cérebro e o corpo de atleta. Por toda Fremont, muitos pais preocupados alertaram as filhas para que encontrassem desculpas muito boas caso Paul as convidasse para o baile.

Carroll Dale, dezoito anos. Desde cedo, acostumou-se a explicar às pessoas, toda vez que se apresentava, que seu prenome tinha dois erres e dois eles. Ambos os lados de sua família remontavam a quatro gerações naquela parte do país, e um de seus frutos fora uma mãe orgulhosa. Cordelia Carroll tinha orgulho, uma filha e o desejo de ver os Hereford Carrolls conservarem algum grau de parentesco com os Angus Dales. Afinal de contas, os Carrolls haviam se instalado às margens do Bad Water Creek antes de John Broderick. Okie iluminara seu castelo em Lost Cabin com luzes de sódio. Isso foi quando Teddy Roosevelt fora presidente dos Estados Unidos e todo o resto dos criadores de gado do Wyoming, incluindo os Dales, fazia suas contas à noite com lampiões de querosene.

Carroll cresceu e tomou-se ótima como laçadora, e melhor ainda como amazona. Seu aprendizado intensificou-se depois que seu irmão mais velho, seu único irmão, feriu-se fatalmente durante a temporada de caça. Ela magoou seus pais por não se casar com um homem que assumisse a chefia do rancho e

tampouco assumi-la por si mesma.

Cresceu magra e alta, com cabelos negros e olhos grandes, escuros, ligeiramente oblíquos. O pai de seu pai, nos jantares de família no Natal, exagerava a dose de whiskey no egnog e começava a fazer piadas sobre índios em fogueiras até que sua avó paterna lhe dissesse para calar a boca antes que ela lhe desse um boa-noite da maneira difícil, com uma foice enferrujada e agulhas de tricô. Carroll levou anos para entender o que a avó queria dizer com aquilo

Nos tempos do ginásio, Carroll tinha certeza de que era uma gigante em Lilliput. As piadas doíam. Mas sua mãe ensinou-a a ser paciente, disse que as outras garotas logo ficariam como ela. A maioria das garotas não ficou; mas no segundo grau os garotos ficaram, embora tivessem tendências a falar pouco perto dela.

Ela fora a primeira garota a ser presidente da Sociedade Nacional de Honra de sua escola. Era chefe de torcida. Foi a oradora da turma na solenidade de formatura e citou John F. Kennedy em seu discurso. A poucas semanas de formatura, fugiu com o capitão do time de futebol americano.

Quase foi linchada.

Steve Mavrakis, dezoito anos. A cortesia permitia que fosse considerado nativo do local, apesar de seu nascimento ter sido a cerca de três mil quilômetros a leste. Seus pais, por outro lado, haviam montado residência no estado depois da guerra, quando tinha menos de um ano de idade. Uma década depois, o jovem nativo pôde aceitar suas raízes adotivas; os pais, nunca.

Os pais de Steve haviam lido Zane Grey e O Homem de Virgínia, e passaram muitos verões em ranchos para turistas no interior de New York. Então encontraram um rancho perfeito no rio Big Horn e começaram uma criação de gado Hereford registrado. Faliram. Conseguiram um financiamento e apostaram numa raça de gado de corte inferior. As nevascas de 49 mataram tudo. O pai de Steve botou na cabeça que as ovelhas eram a saída - com todos os nascimentos duplos e triplos. Um investimento muito eficaz. As ovelhas ficavam doentes, ou tropeçavam e caíam nos riachos, onde se afogavam, ou entravam em pânico feito perus e acabavam mortas enroscadas em cercas de arame farpado. Ocorreu-lhe, então, que o trigo não tinha dessas coisas. Todos os campos foram prontamente destruídos pela geada, antes do que prometia ser uma bela colheita. O pai de Steve desistiu e mudou-se para a cidade, onde pôs seu diploma da Universidade de Columbia para funcionar arrumando um emprego de gerente do escritório distrital da Secretaria do Interior. - Tudo isso ensinou Steve a desconfiar das coisas certas.

E ocasionalmente ele ficava pensando nos sonhos. Era muito novo quando as tempestades de neve mataram o gado. Mas embora não se lembrasse da Guarda Nacional jogando fardos de feno de dentro de caminhões C-47 prateados para o gado com a neve soterrando tudo, ele se recordaria, anos depois, dos

pesadelos com manadas de animais indiferentes vasculhando inutilmente um terreno desolado ante flocos de gelo que caíam ao redor.

Na noite depois que a sementeira aterrorizara as ovelhas e dezessete morreram em paroxismos, Steve sonhara com homens marrons gritando e sacudindo bastões e jogando monstros peludos por um precipício, a centenas de metros, até um riacho raso.

Nas noites de verão Steve acordava suado, depois de sonhar com répteis peçonhentos e ondas quentes batendo numa praia de cascalho no pasto mais baixo. Sentava-se reto, olhando pela janela do quarto, vendo as samambaias gigantes estremecerem e se solidificarem em algodoeiros e sabugueiros.

Os sonhos tomaram-se menos freqüentes e vividos à medida que crescia. Ansiava por isso. Eles mudaram quando a família foi para Fremont. Depois de algum tempo, Steve ainda se lembrava dos sonhos que tivera, mas a maioria dos detalhes havia sido esquecida.

Primeiramente os professores da Fremont High School acharam que ele era estúpido. Steve foi submetido a testes e foi rotulado como abaixo da média. Fez o que teve de fazer para prosseguir. Quase não passou nas qualificações necessárias para a faculdade, mas aí seu normalmente calmo pai fez ameaças. As pessoas lhe perguntavam o que queria fazer, o que queria ser, e ele respondia sinceramente que não sabia. Fez aulas de oratória. O teatro o fascinava, e ele desenvolveu uma paixão pelo teatro que a escola oferecia. Saiu-se bem em Nossa Cidade, Este Mundo é um Hospício e Harvey. O diretor de teatro viu a altura mediana de Steve, sua aparência mediana, seus cabelos castanhos medianos e sugeriu, na frente de um elenco que não parava de rir, que ele se tornasse um ator mediano ou agente do FBI.

Nessa época, os únicos sonhos de que Steve se lembrava eram fantasias sexuais com garotas que não ousava convidar para sair.

Ginger McClelland, dezessete anos. Quem poderia culpá-la por se sentir deslocada? Tendo nascido à margem do estatuto da escola, era quase um ano mais nova que seus colegas de turma. Era baixinha. Pensava em si mesma como uma anã num mundo de Brancas de Neve. O fato de que sua mãe a tratava com palavras estudadas cuidadosamente, tais como "pequenina" e dizia que as roupas mais graciosas eram as feitas para pessoas com menos de um metro e cinquenta de altura não ajudava. Secretamente esperava que numa noite misteriosa ela desabrochasse e crescesse, com pernas longas como as de Carroll Dale. Isso nunca aconteceu.

Ser uma estranha numa terra estranha também não ajudava. Embora Carroll tivesse feito amizade com ela, tinha ouvido a presidente do Clube da Boa Vontade, a rainha das Filhas de Jó e metade das garotas em sua turma de matemática referirem-se a ela como "a aluna de fora". Só que ela nunca seria repatriada; pelo

menos não antes de se formar. Seus pais haviam se cansado de viver em Cupertino, Califórnia, e acharam que gerenciar uma franquía de lojas de ferragens Coast to Coast em Fremont seria uma mudança de ritmo ousada. Adoravam os espaços abertos, as montanhas e os rios que corriam livres pela terra. Ginger não gostava tanto assim. Todos os dias tinha a impressão de que entrara numa máquina do tempo. Todas as músicas que tocavam no rádio eram antigas. Os filmes que passavam no único cinema da cidade... nem pensar. Os bailes eram grotescos.

Ginger McClelland foi a primeira pessoa em Fremont - e talvez em todo o Wyoming - a usar o adjetivo "puto". Isso a fez ser mandada da escola para casa e provocou uma reunião surpresa e confusa entre seus pais e a direção.

Ginger aprendera a não confiar na maioria dos garotos que a convidavam para encontros. Todos pareciam sentir uma espécie de curiosidade perversa quanto a garotas californianas. Mas aceitou o convite de Steve Mavrakis para o baile de formatura, feito em cima da hora. Ele parecia confiável o bastante.

Como Carroll e Ginger eram amigas, os quatro acabaram saindo dois a dois no velho DeSoto marrom do pai de Paul, que costumava ser usado para erguer mourões e cercar os pastos. Depois do baile, quando quase todos estavam indo para as festas marcadas para depois da formatura, Steve conseguiu amigavelmente de um velho intermediário uma caixa inteirinha de cerveja Hamm gelada. Ginger e Carroll haviam levado calças jeans e camisas Pendleton em seus sacos de dormir e trocado de roupas na estação de Chevron. Paul e Steve tiraram os paletós brancos e puseram jaquetas de couro. Então foram de carro até a Wind River Range. Depois de saírem da estrada, seguiram o resto do caminho a pé. Era muito tarde e estava muito escuro. Mas encontraram um lugar no alto da montanha onde se sentaram, beberam cerveja, conversaram e comeram.

Ouviram a voz do vento e nada além disso. Não viram faróis de carros ou cabanas por perto. O isolamento os deixou exultantes. Eles sabiam que não havia mais ninguém por quilômetros.

Estavam certos, até certo ponto.

A espuma saiu num jato quando Paul enfiou a chave da igreja nas latas. Acima e abaixo deles, o vento batia nas rochas como água.

- Mavrakis, você vai para a universidade, certo? - perguntou Paul? Steve fez que sim com a cabeça, iluminada pela fraca luz da lua, e disse: - Acho que sim.

- O que vai fazer? - perguntou Ginger, chegando mais perto e arrotando baixinho com a cerveja.

- Não sei; talvez engenharia. Se você é homem e está no programa para a universidade, acaba fazendo engenharia. Então acho que é isso.

Paul quis saber:

- De que tipo?

- Não sei. Talvez aeroespacial. Vou me mudar para Seattle e construir espaçonaves.

- Legal - disse Ginger. - Como em Quinta Dimensão. Queria que tivéssemos disso aqui.

- Você devia fazer engenharia hidráulica - disse Paul. - Água vai ser um negócio e tanto daqui a bem pouco tempo.

- Acho que não quero ficar no Wyoming.

Carroll estivera em silêncio olhando para o vale. Virou-se para Steve e seus olhos eram poças de escuridão.

- Vai mesmo embora?

- Vou.

- E nunca mais vai voltar?

- Por que deveria? - disse Steve. - Já tive ar fresco e espaços abertos para toda uma vida. Sabe de uma coisa? Nunca vi o mar. - Mas ele já havia sentido o mar. Piscou os olhos. - Vou dar o fora.

- Eu também - comentou Ginger. - Vou ficar com meus tios em Los Angeles. Acho que posso entrar para a Universidade do Sul da Califórnia e fazer jornalismo.

- Tem grana?

- Consigo uma bolsa.

- E você, não vai? - Steve perguntou a Carroll.

- Talvez - ela respondeu. - As vezes acho que vou, e depois já não tenho tanta certeza.

- Você vai voltar, mesmo que saia daqui - disse Paul. - Todos vocês vão voltar.

- Quem disse? - Steve e Ginger falaram quase ao mesmo tempo.

- A terra fica em você - disse Carroll. - O pai de Paul diz isso.

- É o que ele diz. - Todos sentiram a raiva na voz de Paul. Ele abriu outra rodada de latas. Ginger jogou sua lata vazia fora e ela foi bater contra as pedra, um ruído tremendamente deslocado ali.

- Não faça isso - disse Carroll. - Vamos levar as vazias no saco.

- O que tem de errado? - perguntou Ginger. - Ora, eu... - Sua voz foi abaixando, abaixando, e todos ficaram em silêncio por um minuto, dois minutos, três.

- E quanto a você. Paul? - perguntou Carroll. - Para onde quer ir? O que quer fazer?

- Nós falamos de... - Sua voz soava subitamente bem controlada. - Diabos, não sei. Se voltar, será com uma bomba atômica...

- O quê? - Ginger quis saber.

Paul sorriu. Pelo menos Steve podia ver dentes brancos brilhando na noite.

- Quanto ao que quero fazer... - inclinou-se e sussurrou no ouvido de Carroll.

Ela exclamou:

- Meu Deus, Paul. Temos testemunhas.

- O quê? - Ginger tomou a perguntar.

- Nem pergunte, não quer saber. - Ela falou tudo de um fôlego só. Seus dentes também eram visíveis na escuridão quase completa. - Tente isso e vou lhe dar uma boa-noite da forma mais difícil.

- Do que está falando? - perguntou Ginger. Paul soltou uma gargalhada. - Da avó dela.

- Charlie Goodnight era um grande rancheiro daqui da região no fim do século passado - Carroll explicou. - Ele trouxe um bocado de gado do Texas. O problema foi que muitos de seus touros caros não estavam tão bem. Seus testículos...

- Bolas - corrigiu Paul.

- Ficavam arrastando no chão - ela continuou. - Os touros ficavam feridos e apanhavam infecções. Então, Charlie Goodnight começou a preparar seus touros para a viagem com uma cirurgia amadora. Cortava o saco escrotal e enfiava as bolas dentro do touro. Então costurava o saco e não havia mais problemas de equilíbrio. Foi isso o que eu quis dizer com dar uma boa-noite.

- Está vendo? - disse Paul. - Há meios de vencer a terra.

Carroll disse:

- "Você faz o que tem de fazer." Citação do meu pai. Bom sangue de pioneiro.

- Mas não para mim. - Paul puxou-a para perto e beijou-a.

- Talvez devêssemos explorar um pouco a montanha - Ginger disse a Steve.

- Quer vir comigo? - Ela encarou Steve, que estava olhando para o céu quando a luz da lua subitamente desapareceu como uma lâmpada se apagando.

- Oh, meu Deus.

- O que foi? - ela perguntou à figura envolta em sombras.

- Não sei... Quer dizer, nada, eu acho. - A lua tomou a aparecer. - Aquilo era uma nuvem?

- Não vejo nuvem nenhuma - disse Paul, abrangendo com um gesto o largo

cinturão de estrelas. - A noite está clara.

- Talvez tenha visto um OVNI - disse Carroll, a voz suave.

- Tudo bem com você? - Ginger tocou seu rosto. - Jesus, você está tremendo. - Segurou-o com força.

As palavras de Steve saíram tão baixo que quase não ouviram.

- Passou na frente da lua.

- O que foi que passou?

- Também estou com frio - disse Carroll. - Vamos descer. - ninguém discutiu.

Ginger lembrou-se de por as latas de metal num saco de papel e amarrou-o ao cinto com uma fita de cabelo. Steve não disse mais nada por algum tempo, mas os outros podiam ouvir seus dentes batendo. Quando estavam na metade do caminho, a lua finalmente se pôs além da borda do vale. Mais adiante. Paul pisou numa pedra solta, escorregou, soltou um palavrão, começou a deslizar pela encosta de pedra lisa. Carroll agarrou seu braço e puxou-o de volta.

- Obrigado, Irene. - Sua voz tremia ligeiramente, traíndo o tom das palavras.

- Engraçado - ela disse.

- Não entendi - disse Ginger. Paul assoviou um trecho da música.

- Boa noite - disse Carroll. - Você faz o que tem de fazer.

- E acho isso ótimo. - Paul respirou fundo. - Vamos para o carro.

Quando já estavam na estrada tortuosa, voltando para Fremont, Ginger perguntou:

- O que você viu lá em cima, Steve?

- Nada. Acho que só me lembrei de um sonho.

- Que sonho! - Ela tocou seu ombro. - Você ainda está frio.

- Eu também - disse Carroll.

Paul tirou a mão direita do volante e colocou-a sobre a dela.

- Todos estamos - ele disse.

- Eu não - Ginger estranhou.

Steve sentia como se tivesse se afogado.

O Hotel Amble, em Thermopolis, fora construído à sombra da Montanha do Cume Redondo. Na encosta sobre o hotel, letras grandes formadas por pedras caídas proclamavam: A MAIOR FONTE DE ÁGUA QUENTE DO MUNDO. A noite ou de dia, a inscrição invariavelmente lembrava a Steve o letreiro de Hollywood. Logo após sua volta da Califórnia, percebeu a futilidade de pular da segunda letra O. As

pedras eram colocadas paralelamente ao terreno. Suicidas em potencial só conseguiriam rolar colina abaixo até darem de cara com os troncos de madeira do hotel.

Nas noites de sexta e sábado, o estacionamento do Hotel Amble ficava lotado quase exclusivamente de veículos de quatro rodas e caminhonetes convencionais. A maioria delas tinha suportes de armas na janela traseira, atrás do banco. O Chevy de Steve tinha um suporte, mas isso porque ele comprara o caminhão usado. Pensara em comprar um rifle de brinquedo, que atirasse balas de festim ou dardos de borracha, como tinha visto num catálogo de Natal de uma loja. Mas, como tantos outros projetos, parecia que nunca o realizaria.

Aquela era a primeira noite de sábado de junho, e Steve tinha dinheiro no bolso, do cheque que havia trocado no Safeway. Não tinha motivos para comemorar; mas também não tinha motivos para não comemorar. Então, um pouco depois das nove, foi até o Hotel Amble para tomar um pouco de tequila e ouvir música.

O Hotel estava anormalmente cheio para aquela hora da noite, mas Steve conseguiu uma mesinha perto da pista de dança quando um sujeito vomitou e sua garota teve de levá-lo para casa. Casais dançando tomavam o piso, embora a atração da noite, o conjunto Mountain Flyer, só fosse aparecer às onze. O grupo que estava tocando naquela momento era uma banda de Montana, chamada Great Falls Dead. Tinham mais entusiasmo que talento, mas conseguiam fazer a turma dançar.

Steve tomou os drinques, chupou as rodela de lima, lambeu o sal das bordas dos copos, acompanhou as músicas batucando na mesa e sentiu uma vaga melancolia. Tinha uma nuvem de fumaça ao seu redor, quase tão densa quanto os nevoeiros de filmes de terror. A pista de dança do hotel ficava num salão com teto em forma de cúpula, pouco iluminado, feito em pinho.

Subitamente fixou os olhos em algo, com um lampejo de reconhecimento. Estava olhando uma dançarina em especial, uma mulher alta de cabelos pretos encaracolados, que dançara com uma série de cowboys. Quando olhou para o rosto dela, pensou ter visto alguém familiar. Quando olhou para o corpo dela, ficou imaginando se ela usava calcinha por baixo do vestido vermelho de tricô.

Os Great Falls Dead atacaram com Good-hearted Woman, e a pista encheu no ato. Do outro lado do salão, alguém gritou Willieeee! Desta vez, a mulher de vermelho ficou dançando muito perto da mesa de Steve. Suas maçãs altas do rosto pareciam assustadoramente familiares. Seus cabelos, ele pensou. Se fossem mais longos... Ela olhou para ele e sorriu.

Quando a música acabou, o parceiro dela foi na direção do bar, mas ela permaneceu de pé ao lado da mesa dele.

- Carroll? - ele perguntou. - Carroll?

Ela ficou ali de pé, sorrindo, a mão direita na cintura.

- Estava pensando quando você iria descobrir.

Steve empurrou a cadeira para trás e levantou-se. Ela abraçou-o com carinho.

- Faz muito tempo.

- Faz.

- Quatorze anos? Quinze?

- Mais ou menos.

Convidou-a a se sentar com ele, e ela aceitou. Bebericou um Campari com tônica enquanto conversavam. Ele passou para a cerveja. Os anos se desenrolaram. Os Great Falls Dead começaram a tocar um medley de clássicos do country ao fundo.

- ... Eu nunca devia ter me casado, Steve. Não era a mulher certa para Paul. Ele não era o homem certo para mim.

- ... pensei em me casar. Conheci muitas mulheres em Hollywood, mas nada, nunca...

- ... todos os motivos errados...

- ... acabei numa série de filmes para a TV. Coisa ruim. Eu sempre era escalado como gerente auxiliar de banco numa cena de assalto, ou era morto pelo lobisomem logo no início. Acho que noventa por cento dos atores vive desempregado, então pensei...

- Você voltou mesmo para cá? Há quanto tempo?

- ... ao diabo com isso...

- Há quanto tempo?

- ... e acabei voltando para o Wyoming. Não sei. Há vários anos. E por quanto tempo ficou casada?

- Mais ou menos um ano. O que faz aqui?

- ... a cerveja está ficando quente. Acho que vou pedir uma caneca...

- O que faz aqui?

- ... melhor gelada. Não muita coisa. Vou levando? E você...

- ... vivi em Taos por um tempo. Depois, em Santa Fé. Andei muito pelo sudoeste. Um amigo me colocou no ramo da fotografia. Então andei doente por um tempo e foi quando tentei pintura...

- ... paisagens das Montanhas Tetons para vender a turistas?

- Não. Muitas paisagens, mas acampamentos para trailers, poços de petróleo e vistas em perspectiva da 180 cortando o Deserto Vermelho...

- Tentei tirar fotos uma vez... vivia me esquecendo de botar filme na câmera.

- ... e então acabei sócia de uma galeria chamada Good Stuff. Minha sócia faz potes de cerâmica.

- ... deve ser perigoso...

- ... localizada na Main Street, em Lander...

- ... por lá. Acho que já vi...

- O que faz aqui?

O relativo silêncio pareceu ecoar quando a banda terminou seu número.

- Muito pouca coisa - disse Steve. - Trabalhei por um tempo como auxiliar no rancho Two Bar. Passei um tempo como capataz nos campos perto de Búfalo. Tenho uma caminhonete - faço algumas entregas para comerciantes locais que não querem alugar um caminhão. Basicamente, o que consigo encontrar. Você sabe.

- É, eu sei - disse Carroll. - O silêncio aumentou entre os dois. Ele olhou para ela com firmeza. - Pensei nisso um bom tempo. Decidi que podia falhar em qualquer lugar, então voltei para cá. - Deu de ombros. - Amo isso aqui. Adoro este espaço.

- Muitos de nós voltaram - disse Carroll. - Ginger e Paul estão aqui.

Steve levou um susto. Procurou-os entre as mesas.

- Não esta noite - Carroll explicou. - Vamos vê-los amanhã. Querem te ver.

- Você e Paul voltaram... - ele começou a perguntar. Ela fez um gesto de negativa.

- Dificilmente. Não estamos exatamente na mesma sintonia. Essa é uma coisa que não mudou. Ele acabou se tornando o tipo de coisa que você achava que ia se tomar.

Steve não lembrava o que era.

- Paul foi para a Escola de Minas no Colorado. Agora é geólogo-chefe de explorações para a Enerco.

- Nada mal - disse Steve.

- Nada bom - disse Carroll. - Passou uma década na América do Sul e no Oriente Médio. Agora voltou para casa. Quer estripar o estado como se fosse um peixe.

- Carvão?

- E petróleo. E urânio. E gás natural. A Enerco se mete em muitas coisas. - Sua voz estava mais baixa, com raiva. - De qualquer modo, vamos nos encontrar amanhã. E Ginger vai estar também.

Steve tomou o resto da cerveja.

- Tinha certeza de que ela estava na Califórnia.

- Não chegou a ir lá - disse Carroll. - As bolsas acabaram. Seus pais disseram que não lhe dariam dinheiro se voltasse para a Costa Oeste: sabe como são os imigrantes 105 por cento convertidos. Então Ginger foi estudar em Laramie e acabou formada em educação elementar. Casou-se com um estudante de jornalismo recém-formado. Depois do divórcio, cinco ou seis anos depois, ela deixou-o ficar com a criança.

Steve disse:

- Então Ginger nunca veio a ser uma grande repórter.

- Ah, chegou. Agora ela é a melhor repórter da Salt Creek Gazette. Ginger é a queridinha dos grupos ambientalistas e o terror das empresas energéticas.

- Nossa mãe - ele disse. Acidentalmente derrubou o copo com o braço. Tentando pegá-lo, derrubou a garrafa.

- Acho que está cansado - disse Carroll.

- Acho que está certa.

- Devia ir para casa e dormir. - Ele concordou. - Não quero voltar para Lander hoje - ela disse. - Tem um lugar para mim lá?

Quando chegaram à casinha que Steve alugava perto da Rodovia 170, Carroll fez uma careta ao ver as pilhas de roupas suja na sala de estar.

- Vou abrir espaço no sofá - ela disse. - Tenho um saco de dormir no carro.

Steve hesitou longos segundos e tocou de leve os ombros dela.

- Não precisa dormir no sofá se não quiser. Todos esses anos... Na época do segundo grau eu tinha uma queda por você, sabia? Era tímido demais para dizer alguma coisa.

Ela sorriu e deixou que suas mãos ficassem onde estavam.

- Eu também achava você bem bonitinho. Um pouco tímido, mas bonito. Definitivamente abaixo da média.

Continuaram em pé, os rostos a poucos centímetros um do outro, por mais algum tempo.

- E então? - ele perguntou.

- Já faz muito tempo - disse Carroll. - Vou dormir no sofá.

Steve disse, desapontado:

- Nem mesmo por caridade?

- Muito menos por caridade. - Ela sorriu. - Mas não despreze o futuro. - Beijou-o de leve nos lábios.

Steve dormiu bem aquela noite. Sonhou que deslizava eternamente por uma corrente fluida e quente. Não foi um pesadelo. Nem mesmo quando percebeu que tinha barbatanas, ao invés de mãos e pés.

A manhã trouxe a chuva.

Quando acordou, a primeira coisa que Steve ouviu foi o tamborilar constante da chuva sobre o teto. A luz do dia fora da janela era filtrada em tons de cinza pelas cortinas de água que escorriam pela janela. Steve inclinou-se e pegou seu relógio, que estava no chão, mas ele havia parado. Ouvia o ruído de alguém se movendo na sala de estar e chamou:

- Carroll? Está acordada?

- Estou. - A voz dela era um contralto suave.

- Que horas são?

- Oito e pouquinho.

Steve começou a se levantar, mas gemeu e agarrou a cabeça com as mãos. Carroll estava de pé na porta, com uma cara simpática.

- A que horas é a reunião? - ele perguntou.

- Quando chegarmos lá. Liguei para Paul agora há pouco. Ele está preso com alguma reunião em Casper até o fim da tarde. Quer encontrar conosco em Shoshoni.

- E Ginger?

Ambos ouviram as batidas na porta da frente. Carroll virou a cabeça e tomou a olhar para Steve.

- Ela ouviu a deixa - comentou. - Ginger não queria esperar até hoje à noite.

- Foi até a porta, dizendo: - Bem que você podia vestir alguma roupa.

Steve colocou o jeans menos sujo e uma blusa de malha que dizia LIGA DE VOLEIBOL DE AMAX TOWN no peito. Ouvia a porta da frente abrir e fechar, com palavras murmuradas em sua sala. Quando saiu do quarto, achou Carroll sentada no sofá, conversando com uma estranha loura e baixinha que só de longe lembrava a imagem antiga que tinha guardado em sua memória. Seus cabelos eram longos e amarrados atrás. Seu olhar era direto e mais inquisitivo do que ele se lembrava.

Ela olhou para ele e disse:

- Gostei do bigode. Parece muito melhor agora do que naquela época.

- Tirando o bigode - disse Steve - posso dizer o mesmo de você.

As duas mulheres ficaram pasmas quando Steve driblou a área de desastre que era a cozinha e extraiu ovos e legumes chineses da geladeira. Serviu o grande omelete com torradas e café fresco na sala. Comeram com os pratos no colo.

- Costuma ler a Gazu? - disse Ginger.

- Gazu?

- A Salt Creek Gazette - disse Carroll.

- Não leio jornais - respondeu Steve.

- Acabei de escrever um artigo sobre a empresa de Paul - disse Ginger.

- A Enerco? - Steve tornou a encher suas xícaras. Ginger balançou a cabeça.

- Uma subsidiária independente chamada Recursos Americanos Nativos. Espertíssimo, não é? - Steve não entendeu. - Não há um pobre dum índio em toda a operação. O nome é estritamente falso, ao passo que a empresa tem arrendado um número incrível de terras para extração de minério na reserva. Paul tem se concentrado num enorme campo de carvão que suas equipes mapearam. É uma parte substancial das melhores terras da reserva.

- Incluindo alguns locais sagrados - disse Carroll.

- Quase um milhão de acres - disse Ginger. - Isso é mais de um milhão de milhas quadradas.

- A terra nunca é a mesma - disse Carroll. - Não importa o quanto se reclame, não importa o quão seguras a Agência de Proteção Ambiental diga que sejam.

Steve olhava de uma para a outra.

- Posso não ler os jornais - ele disse. - Mas ninguém está apontando uma arma para cabeça de ninguém.

- É como se apontassem - disse Ginger. - Se a Recursos Americanos Nativos fizer valer seu acordo, os pagamentos de royalties pelos minérios para as tribos subirão de forma precipitada.

Steve abriu os braços.

- Mas isso não é bom?

Ginger balançou a cabeça vigorosamente.

- É uma chantagem econômica para impedir as tribos de desenvolverem seus próprios recursos em seu próprio ritmo.

- Clichês - disse Steve. - O país precisa da energia. Se as tribos não tiverem o capital para investimentos...

- Elas teriam se não estivessem sendo compradas com pagamentos individuais de royalties.

- As tribos têm opção...

- ... com a perspectiva de ganho imediato esfregada na cara delas pela empresa.

- Dá pra dizer que é domingo - disse Steve - mesmo sem ir a uma igreja há

mais de quinze anos. Estão me fazendo uma pregação.

- Se levantasse a bunda e pensasse - disse Ginger - ninguém teria de lhe dizer nada.

Steve sorriu.

- Mas eu não penso com a bunda.

- Olhem - disse Carroll. - Parou de chover.

Ginger olhava para Steve. Ele tirou proveito da distração fornecida por Carroll e convidou:

- Vamos dar uma volta?

O ar lá fora era frio e úmido. Acalmava temperamentos. O trio caminhou ao longo do riacho margeado por algodoeiros. Cotovias cantavam. A chuva havia se mudado para leste; o resto do céu era de um azul brilhante.

- Uma terra do cacete, não é? - comentou Steve.

- Não por muito tempo, se... - começou Ginger.

- Gin - Carroll alertou.

Passearam por mais uma hora, desviando-se para o sul, de onde podiam ver os morros macios como cobertores de lã. Os córregos ladeados por árvores serpenteavam como veias verdes nos morros. A terra, pensava Steve, parecia reunida, como se de certa forma esperasse por algo.

- Como está o Danny? - Carroll perguntou a Ginger.

- Um barato. O garoto quer ser astronauta. - Um sorriso espalhou-se pelo rosto. - Bob vai me deixar ficar com ele em agosto.

- Olhem só aquilo - disse Steve, apontando. As mulheres olharam.

- Não vejo nada - disse Ginger.

- A sudeste - disse Steve. - Bem acima do topo do desfiladeiro.

- Ali... Não tenho certeza. - Carroll protegeu os olhos do sol. - Pensei ter visto algo, mas era apenas uma sombra.

- Nada ali - disse Ginger.

- Estão cegas, vocês? - Steve perguntou atônito. - Tinha algo no ar. Era escuro e tinha forma de charuto. Foi ali, onde apontei.

- Desculpe - disse Ginger. - Não vi nada.

- Bem, estava ali - Steve disse inconformado. Carroll continuou a olhar na direção do passo.

- Eu também vi, mas só por um segundo. Não vi para onde foi.

- Merda de coisa. Acho que não era avião. Parecia estar planando, mas de repente sumiu.

- Só vi uma coisa borrada - disse Carroll. - Talvez tenha sido um OVNI.

- Vocês, hein? - Disse Ginger, com cara de quem começava a entender. - Como na noite da formatura, certo? Só uma brincadeira.

Steve balançou a cabeça devagar.

- Eu tinha realmente visto algo na época, e agora vi isto. Desta vez Carroll viu também. - Ela concordou com a cabeça. Ele sentiu gosto de sal. O vento começou a aumentar de intensidade, vindo do norte, chutando plantas de primavera que já tinham morrido e começavam a secar.

- Estou sentindo frio - disse Ginger. - Vamos voltar para a casa.

- Steve - disse Carroll. - Você está tremendo. Correram de volta.

FORMAÇÃO FOSFORICA

PERMIANO

225-270 MILHÕES DE ANOS

Descansaram um pouco na casa; beberam café e falaram do passado, do que havia e do que não havia acontecido. Então Carroll sugeriu que fossem para a reunião. Depois de uma pequena confusão, Ginger levantou as janelas do seu Saab e trancou-o. Carroll fez o mesmo com seu Ford Pinto.

- Odeio ter que fazer isso - disse Carroll.

- Não há mais escolha - disse Steve. - Há muita gente por aqui agora que não conhece as regras.

Os três entraram na caminhonete de Steve. Em quinze minutos cruzaram a US. 20 passando por Thermopolis e atravessaram o rio Big Horn. Passaram pelo estacionamento de casas móveis com seus trailers espalhados, carapaças brilhando.

O sol quente de junho banhou-os enquanto passaram entre as ribanceiras gêmeas, vermelhas de ferro, e desceram para os quilômetros e anos de desfiladeiro.

FORMAÇÃO TENSLEEP

PENSILVANIANO

270-310 MILHÕES DE ANOS

Em ambos os lados do desfiladeiro, as camadas de rocha estavam empilhadas como seções de um grande cortador de carne. Na cabine da caminhonete, os passageiros ouviam as notícias na rádio KTWQ. Quando o

desfiladeiro ficou mais profundo, a recepção foi piorando até que o alto-falante não captava mais que um resto de estática. Carroll desligou o rádio.

- Eles estão fodidos - disse Ginger.

- Não necessariamente - Carroll olhava pela janela as encostas cobertas de flores da mesma cor da ribanceira. - Ainda estão havendo debates. Haverá outro voto tribal.

Ginger tomou a dizer:

- Estão fodidos. O dinheiro não só fala como dá aqueles telefonemas obscenos, sabe? Paul foi quem ligou desta vez. Você conhece Paul; eu também o conheço muito bem. Filho da puta.

- Desculpe, mas não tem música - disse Steve. - O toca-fitas quebrou há algum tempo e nunca mandei consertar.

Elas o ignoraram.

- Merda - disse Ginger. - Levei quase quinze anos, mas aprendi a amar esta terra.

- Sei disso - disse Carroll.

Ninguém disse nada por algum tempo. Steve olhou para a direita e viu lágrimas descendo pelas faces de Ginger. Ela fuzilou-o, desafiadora.

- Tem uma caixa de Kleenex no porta-luvas - ele disse.

FORMAÇÃO MADISON

MISSISSIPPIANO

310-350 MILHÕES DE ANOS

As encostas do desfiladeiro iam se tomando mais cheias de vegetação. As paredes tinham todos os tons de verde, mais escuros onde havia canais. Steve sentia o tempo se aglomerar na grande fenda na terra, fazendo pressão para dentro.

- Não sinto tanto calor - disse Ginger.

- Quer parar um minuto?

Ela fez que sim e pôs a mão na boca.

Steve freou a caminhonete entre as duas passagens. O Chevy deslizou suave antes de parar no retorno cheio de cascalho. Steve desligou o carro, e no súbito silêncio ouviam apenas a brisa suave e os estalidos do motor do Chevy começando a esfriar.

- Com licença - disse Ginger. Saíram da cabine. Ginger correu por entre os

cardos canadenses e os arbustos da região, na direção das árvores mais além. Steve e Carroll ouviram-na vomitar.

- Ela teve um caso com Paul - Carroll disse indiferente. - Há pouco tempo. Ele é um homem extremamente atraente. - Steve não disse nada. - Foi Ginger quem terminou. Ainda sente a tensão. - Carroll deu uns passos até o fim dos cardos e agachou-se. - Veja isto.

Steve percebeu como o terreno era complexo. Assim como as encostas, o chão tinha camadas. Primeiro ele viu, entre os girassóis e dentes-de-leão mortos, apenas as ervilhas do mato, com suas sementes azuis iguais a espadas com as pontas curvadas para dentro.

- Mais de perto - pediu Carroll.

Steve viu as centenas de minúsculas mariposas púrpuras rodopiando e girando a poucos centímetros da terra. As criaturas eram da mesma cor que as sementinhas púrpuras que não conseguia identificar. Misturadas a elas haviam flores brancas, em forma de sino, com folhas que pareciam samambaias primitivas.

- É como voltar no tempo - disse Carroll. - É todo um mundo quase invisível que nunca vemos.

A sombra passou por cima deles num lampejo quase subliminar, mas ambos levantaram a cabeça. Entre eles e o sol, as asas de um enorme pássaro. Ele fez um círculo numa órbita fechada, quase batendo ao aproximar-se da parede do desfiladeiro. A barriga da criatura era de um branco sujo, passando para um quase negro nas costas. Parecia a Steve que o olho do pássaro estava fixo neles. O olho era preto fosco, como obsidiana bruta.

- Nunca vi um desses - disse Carroll. - O que é?

- Não sei. A abertura das asas deve ser de quase três metros. A plumagem é estranha. Será que é um gavião? Uma águia?

O bico do pássaro era pesado e rombudo, levemente curvado. Ao fazer o círculo, asas flexionando-se um pouco para pegar a corrente de ar quente, o pássaro era de um silêncio assustador, liso, como um peixe.

- O que ele está fazendo? - disse Carroll.

- Nos observando? - disse Steve. Deu um pulo quando sentiu uma mão no ombro.

- Desculpe - disse Ginger. - Estou melhor agora. - Levantou a cabeça e olhou o grande pássaro que dava voltas no ar. - Acho que nosso amigo nos quer fora daqui.

Foram embora. A estrada circundava uma cortina maciça de pedra em que o vermelho banhava os estratos como sangue de dinossauro. Fazendo a curva, Steve fez um desvio brusco com o carro para não bater num cervo morto no asfalto... meio cervo, na verdade. O corpo do animal havia sido cortado ao meio, com

precisão.

- Jesus - disse Ginger. - O que foi que fez isso?

- Deve ter sido um caminhão - respondeu Steve. - Um dezoito rodas pode cortar coisas em pedaços quando vem embalado.

Carroll virou-se para ver a carcaça e o céu além.

- Talvez seja isso o que nosso amigo estava protegendo.

FORMAÇÃO GROS VENTRE

CAMBRIANO

500-600 MILHÕES DE ANOS

- Sabem, tudo isto já esteve submerso. - disse Steve. - O silêncio foi a resposta. - Praticamente todo o Wyoming era coberto por um mar antigamente. Muito do carvão daqui é por causa disso. - Ninguém disse nada. - Acho que chamavam-no de Mar de Sundance. Como em Sundance Kid. Um geólogo da Exxon me disse isso num bar.

Virou-se e olhou para as duas mulheres. E ficou olhando. E voltou-se cego para a estrada. E então tornou a olhar para elas. Parecia a Steve que estava olhando uma dupla exposição, ou tripla, ou... não conseguia contar todas as camadas. Começou a dizer algo, mas não conseguiu. Ele existia num silêncio que era também êxtase, a morte de todo movimento. Só conseguia ver.

Carroll e Ginger olhavam direto para a frente. Estavam como Steve as havia visto mais cedo. E também estavam iguais há quinze anos atrás. Steve viu-as em processo, linhas borradas. E Steve viu pele fundir-se com penas, e depois escamas. Viu aberturas de guelras aparecerem, sumirem e reaparecerem em pescoços mais grossos.

E então ambas viraram-se para olhar para ele. Suas cabeças giraram lenta e suavemente. Quatro olhos de réptil o observavam, sem piscar, sem curiosidade.

Steve queria desviar os olhos.

Os pneus do Chevy gemeram no asfalto liso. A placa dizia:

ZONA DE VELOCIDADE ADIANTE 60 KM/H

- Está acordado? - perguntou Ginger.

Steve balançou a cabeça para clareá-la.

- Claro - ele disse. - Sabe quando a gente tem uns devaneios no volante? Quando pode dirigir quilômetros sem pensar conscientemente a respeito, e depois subitamente percebe o que aconteceu?

Ginger fez que sim com a cabeça.

- Foi o que aconteceu.

A estrada passava entre casas modestas, postos de gasolina, motéis. Entraram em Shoshoni.

Havia uma placa nova em folha de BEM-VINDO A SHOSHONI, ainda sem buracos de bala. O número de habitantes havia sido revisado, e subira.

- Quer apostar quando chegarão a dois mil? - perguntou Carroll. Ginger balançou a cabeça em silêncio.

Steve parou perto da placa.

- Pra que lado?

- Esquerda - respondeu Carroll.

- Acho que já sei. - Steve viu o caminhão de meia tonelada com o símbolo da Enerco e os dizeres DIVISÃO DE RECURSOS AMERICANOS NATIVOS na porta. Estava estacionado em frente a Lanchonete Yellowstone. - A casa dos melhores milk shakes e leites maltados - disse Steve. - Vamos lá.

O interior da Yellowstone sempre o fazia lembrar-se da uma velha farmácia misturada com o interior do bar no filme Bad Day at Black Rock. Acharam Paul numa mesa perto do balcão aos fundos. Estava bebendo um chocolate maltado.

Ele levantou a cabeça, sorriu e disse:

- Ganhei uns dois quilos esta tarde. Se demorassem mais, provavelmente ia ficar diabético.

Paul parecia bem mais velho do que Steve havia esperado. Ginger e Carroll pareciam mais velhas do que há uma década e meia atrás, mas Paul parecia ter envelhecido trinta anos em quinze. O físico do grande quarto-zagueiro tinha caído um pouco. Seu rosto estava marcado com rugas reforçadas pelo aspecto curtido de pele exposta por anos ao vento e ao sol. Os cabelos de Paul, negros como carvão, tinham linhas de um branco glacial. Seus olhos, pensou Steve, pareciam tremendamente velhos.

Cumprimentou Steve com um aperto de mão caloroso. Carroll recebeu um abraço carinhoso e um beijo no rosto. Ginger, um sorriso caloroso e um alô. Os quatro sentaram-se e o balconista apareceu.

- Todos vão de chocolate? - perguntou Paul.

- Shake de baunilha - disse Ginger.

Steve sentiu uma tensão na mesa que parecia ir além de casamentos dissolvidos e casos acabados. Não sabia bem o que dizer depois de todos aqueles anos, mas Paul salvou-o do vexame. Sorridente e falando suave, Paul gentilmente o interrogou:

- E então, o que tem feito? Mesmo? Como é que foi isso? Que pena; e depois? Sim, e mais tarde? E você voltou? E desde então? O que faz agora?

Paul recostou-se na cadeira de ferro gradeado do salão, ainda sorrindo, brincando com o canudo de plástico. Fazia e desfazia nós nele.

- Você sabia - disse Paul - que esta reunião complicada dos quatro não é obra do acaso?

Steve estudou o outro homem. O sorriso de Paul desapareceu, deixando impassividade em seu lugar.

- Não sou tão paranóico assim - respondeu Steve. - Isso não havia me ocorrido.

- Foi tudo planejado.

Steve considerou isso em silêncio.

- Isso não foi resolvido até eu mexer os pauzinhos um número considerável de vezes - disse Paul. Sua voz estava amarga. - Não sei qual a política oficial da companhia com relação a esse comportamento irracional, mas parecia correto sob circunstâncias extraordinárias. Disse a Carroll onde ela poderia encontrá-lo e deixei que ela se virasse para fazer contato.

As duas mulheres esperavam, olhando silenciosas. A expressão de Carroll era, pensava Steve, de preocupação. Ginger parecia apreensiva.

- Então, o que é? - ele perguntou. - Em que tipo de jogo estou?

- Não é nenhum jogo - Carroll apressou-se em dizer. - Precisamos de você.

- Sabe o que eu sempre achei, desde que te conheci na aula da Srta. Gorman? - disse Paul. - Você não é um fracassado. Só precisava de alguma... orientação.

- Continue - Steve disse impaciente.

- É verdade - Paul largou o canudo. - Precisamos de você porque parece ver coisas que a maioria das outras pessoas não pode ver.

O predador do tempo caça.

Anos se descortinam à frente dela como um cardume de peixinhos. A velocidade de sua passagem faz com que as eras geológicas abram caminho. O vento varre o desfiladeiro com o rugido de ondas que se quebram na areia. A lua, cheia e quase toda no céu, exerce sua força de maré.

A luz da lua se reflete em dentes que reluzem.

Ela segue para a superfície sem decisão racional. Todo o poder bruto incorporado em movimento suave, ela simplesmente é o que é.

Steve ficou ali sentado, sem falar. Por fim disse vagamente:

- Coisas.

- Isso mesmo. Você vê coisas. É uma habilidade.

- Eu não sei...

- Nós achamos que sabemos. Todos nos lembramos daquela noite, depois da formatura. E houve outros momentos, ainda na escola. Nenhum de nós viu você desde que nos separamos, mas tive os recursos, através da corporação, para fazer algumas consultas. O assunto não veio à baila até recentemente. No mês passado, eu li seus registros escolares, Steve. Li seu histórico psiquiátrico.

- Então devo ter algum problema - disse Steve. - Devo me sentir lisonjeado?

- Conte a ele - disse Ginger. - Conte a ele o motivo disso tudo.

- É - disse Steve. - Me conte.

Pela primeira vez na conversa. Paul hesitou.

- Ok - ele disse finalmente. - Estamos caçando um fantasma no Wind River Range.

- Como é?

- Talvez seja uma terminologia pobre - Paul não parecia à vontade. - Mas estamos procurando uma presença, um tipo de fenômeno extranatural.

- "Fantasma" é uma palavra perfeitamente boa - disse Carroll.

- É melhor começar do começo - disse Steve.

Como Paul não respondeu imediatamente, Carroll disse:

- Eu sei que não lê jornais. Nem ouve rádio?

Steve balançou a cabeça.

- Não muito.

- Há cerca de um mês, uma equipe de exploração mineral da Enerco no Wind River quase morreu de pavor.

- Tirando o que viram - disse Paul - Gostaria de incluir um fator de controle.

- Não foi só o pessoal da Enerco. Outros também viram, índios e ingleses. A consistência dos testemunhos é fantástica. Se não ouviu falar disso nos bares, Steve, deve ter estado dormindo.

- Já faz um tempo que não tenho sido social - disse Steve. - Ovi dizer que alguém está tentando espantar o pessoal do petróleo e da mineração da reserva.

- Alguém não - corrigiu Paul. - Alguma coisa. Estou convencido disso agora.

- Um fantasma - disse Steve.

- Uma presença.

- Há rumores - disse Carroll - de que as tribos reviveram a Dança dos Fantasmas...

- Só alguns extremistas - disse Paul.

- ... para conjurar de volta um vingador do passado que expulsará todos os brancos desta região.

Steve conhecia a Dança dos Fantasmas, já havia lido sobre o místico Paiute Wovoka que, em 1888, afirmara ter tido uma visão de que os espíritos prometiam a volta do búfalo e a devolução aos índios de suas terras ancestrais. As tribos das planícies haviam dançado a Dança dos Fantasmas com frequência para assegurar-se disso. Então, em 1890, o governo dos EUA reprimiu o último levante Sioux e, exceto por uns poucos incidentes isolados, foi o fim. Desacreditado, Wovoka sobreviveu para morrer no meio da Grande Depressão.

- Sei de fonte limpa - disse Paul - que a Dança dos Fantasmas foi revitalizada depois que a presença assustou a equipe de reconhecimento.

- Isso não vem ao caso - disse Carroll. - Lembra-se da noite do baile? Chequei os arquivos-mortos de jornais em Fremont, Lander e Riverton. Há mais de um século estranhas aparições têm sido relatadas.

- Isso foi antes - disse Paul. - O problema agora é que as tribos estão infinitamente mais inquietas, e meu pessoal está ficando com muito medo de sair em campo. - Sua voz assumiu um tom divertido. - Terroristas árabes não fariam isso, guerras civis não os incomodam, mas um maldito fantasma os está fazendo se borrar de medo... literalmente.

- Que pena - disse Ginger. Ela não parecia lamentar.

Steve olhou para os três reunidos à mesa. Sabia que não entendia todos os detalhes e nuances do amor e do ódio e dos laços rompidos.

- Posso entender a preocupação de Paul - ele disse. - Mas por que vocês duas?

As mulheres trocaram olhares.

- De uma forma ou outra - disse Carroll - estamos todos ligados uns aos outros. Acho que isso inclui você, Steve.

- Talvez - disse Ginger, sóbria. - Talvez não. Ela é artista. Eu sou jornalista. Todos temos nossos motivos para querer saber mais sobre o que está havendo lá em cima.

- Nos últimos anos - disse Carroll - capturei uma imensa quantidade de imagens do Wyoming nas minhas pinturas. Agora quero pegar esta também.

A conversa se prolongava. O balconista parecia não saber se devia solicitar uma nova rodada de maltados.

- E agora? - perguntou Steve.

- Se concordar - disse Paul - vamos voltar ao Wind River Range para fazer uma busca.

- E o que eu sou? Uma espécie de contador Geiger paranormal?
- Um termo melhor do que "isca" - disse Ginger.
- Meu Jesus - disse Steve. - Isso não me deixa muito tranquilo. - Olhou os outros, um por um. - Fator de controle ou não, dê-me alguma pista do que estamos procurando.

Todos olharam para Paul, que acabou dando de ombros e dizendo:

- Conhece as placas do Departamento de Estradas no desfiladeiro? O mapa de eras geológicas pelo qual viaja quando pega a US. 20?

Steve fez que sim.

- Estamos procurando por uma relíquia do antigo mar interior.

Depois que o sol mergulhou em sangue a oeste, foram para o norte e viram o crepúsculo se desenrolar no esplendor do céu noturno.

- Sempre ficarei maravilhado com isso - disse Paul. - Sabe que pode ver três vezes mais estrelas no céu aqui do que em qualquer cidade?

- Isso às vezes amedronta os turistas - disse Carroll.

Ginger rebateu:

- Não amedrontará depois que mais algumas das usinas movidas a carvão forem construídas.

Paul deu uma risada mal-humorada.

- Pensei que elas fossem melhor do que suas inimigas, as nucleares.

Ginger estava sentada com Steve no banco de trás do caminhão da Enerco. Suas palavras saíram calmas e controladas.

- Existem alternativas para ambos os tipos.

- Tente fornecer energia ao resto do país com elas antes do próximo século - disse Paul. Freou subitamente quando uma lebre passou na frente dos cones brilhantes de luz. O animal atravessou a estrada num instante.

- Ninguém precisa de ar condicionado - disse Ginger.

- Isso eu não vou discutir - retrucou Paul. - Você é que tem que discutir com a realidade de todas as pessoas que acham que precisam.

Ginger ficou quieta.

Carroll disse:

- Acho que você devia receber os parabéns pela votação do conselho tribal hoje. Ouvimos no noticiário.

- Não é certo ainda - disse Paul. - Quando finalmente acontecer, esperamos que reduza a taxa de cinquenta por cento de desemprego na reserva.

- Claro que não vai reduzir, merda! - Ginger explodiu. - Royalties mais altos sobre minério significam maiores incentivos para não se ter uma carreira.

Paul deu uma gargalhada.

- Está me culpando por ser o ovo ou a galinha?

Ninguém respondeu.

- Eu não sou um monstro - ele disse.

- Não acho que seja - disse Steve.

- Sei que isso me coloca numa armadilha lógica, mas acho que estou fazendo a coisa certa.

- Tudo bem - disse Ginger. - Não falo mais. Pelo menos, vou tentar.

Do banco traseiro, Steve olhou ao redor de seus improváveis aliados e torcia desesperado que alguém tivesse trazido aspirina. Carroll tinha aspirina em sua frasqueirinha e Steve mandou-a goela abaixo com cerveja do frigobar de Paul.

GRANITO

PRÉ-CAMBRIANO

600 + MILHÕES DE ANOS

A luz já tinha se erguido àquela altura, um disco cheio e gélido. A rodovia curvava-se ao redor de uma formação que parecia um vasto bolo de aniversário de vários andares. Os cedros eram velas fantasmagóricas.

- Nunca acreditei em fantasmas - disse Steve. Captou o lampejo nos olhos de Paul pelo espelho retrovisor e percebeu que o geólogo estava olhando para ele.

- Existem fantasmas - ele retorquiu - e fantasmas. Na espectroscopia, fantasmas são falsas leituras. Na televisão, imagens fantasmas...

- E o tipo que assombra casas?

- Na televisão - continuou Paul - um fantasma é uma imagem eletrônica que chega na antena com um intervalo com relação à onda desejada.

- E eles gemem e arrastam correntes?

- Algumas pessoas são melhores antenas do que outras, Steve.

Steve ficou quieto.

- Existe uma teoria - disse Paul - de que estruturas moleculares, não importa o quanto estejam alteradas pelo processo, ainda retém algum tipo de "memória" de sua forma original.

- Fantasmas.

- Se quiser chamá-los assim. - Olhou para a frente, à rodovia, e disse, como se num devaneio: - Quando um organismo antigo fossiliza-se, até mesmo os padrões de seu DNA que determinam sua estrutura ficam preservados na pedra.

FORMAÇÃO GALLATIN

CAMBRIANO

500-600 MILHÕES DE ANOS

Paul engrenou outra marcha quando o caminhão de meia tonelada começou a subir uma das longas ladeiras. Soltando fumaça negra e arrotando como um grande sáurio prestes a morrer, um dezoito-rodas carregando petróleo passou por eles, forçando Paul a encostar à direita. Buzinando num som distorcido pelo efeito de afastamento, o veículo sumiu no primeiro dos três túneis curtos da rodovia, escavados na rocha.

- Um dos seus? - perguntou Ginger.

- Não.

- Talvez ele bata e pegue fogo.

- Tenho certeza de que ele só está tentando ganhar a vida - Paul disse calmo.

- Violentar a terra é ganhar a vida? - perguntou Ginger. - Canibalizar o passado é ganhar a vida?

- Cale a boca, Gin. - Carroll disse baixinho: - O Wyoming não fez nada com sua família. Paul. O que aconteceu foi obra das pessoas.

- A terra fica nas pessoas - disse Paul.

- Essa não é a única coisa que as define.

- Essa discussão nunca levou a lugar algum - disse Paul. - O passado está morto.

- Se o passado está morto - disse Steve - então por que estamos dirigindo no diabo deste desfiladeiro?

FORMAÇÃO AMSDEN

PENSILVANIANO

270-310 MILHÕES DE ANOS

A Reserva Boysen espriava-se à esquerda deles, a superfície ondulada brilhando à luz da lua. A estrada abraçava a borda leste. Depois que as lanternas traseiras vermelhas do caminhão petroleiro sumiram na distância, não encontraram

qualquer outro veículo.

- Vamos simplesmente subir a descer a Vinte a noite toda? - perguntou Steve. - Quem fez o plano? - Ele não se sentia animado, mas tinha de dizer algo. Sentia o peso do tempo nas costas.

- Vamos aonde a equipe de reconhecimento viu a presença - disse Paul. - Só mais alguns quilômetros.

- E depois?

- Depois a gente anda. Deve ser no mínimo tão interessante quanto nosso passeio de formatura.

Steve sentiu que muitas coisas quase foram ditas por cada um deles naquele momento.

- Eu não sabia naquela época... E não tenho certeza agora. Estou procurando...

- O quê?

- O tempo fluiu. Quero saber para onde agora, finalmente direcioná-lo.

- Quem teria pensado... - disse Ginger.

O que quer que se tivesse pensado, não se disse mais.

Os faróis captaram o verde e branco da placa do departamento de estradas.

- Estamos chegando - disse Paul. - Em algum ponto à direita deve haver uma estrada de terra de acesso.

FORMAÇÃO SHARKTOOTH

CRETÁCEO

100 MILHÕES DE ANOS

- Vamos usar uma rede? - quis saber Steve. - Dardos tranqüilizantes? O quê?

- Acho que não podemos pegar um fantasma com uma rede - disse Caroll. - Podemos pegar um fantasma em nossa alma.

Um sorrisinho curvou os lábios de Paul.

- Pense nisso como o Velho Oeste. Somos apenas uma equipe de batedores. Assim que observarmos o que está havendo aqui, pensaremos em como nos livrarmos disso.

- Isso não será possível - disse Carroll.

- Por que diz isso?

- Não sei - ela respondeu. - Apenas sinto.

- Intuição feminina? - ele perguntou suave.

- Minha intuição.

- Tudo é possível - disse Paul.

- Se realmente achássemos que você podia destruir isso - disse Ginger - duvido que uma de nós estivesse aqui com você.

Paul havia parado o caminhão para acionar a tração nas quatro rodas. Agora o veículo arrastava-se barulhento sobre rochas e buracos erodidos pelas chuvas de primavera. A estrada fazia curvas tortuosas por séries de trechos sem proteção lateral. Já haviam subido centenas de metros acima do chão do desfiladeiro. Não viam luzes em qualquer lugar abaixo deles.

- Bela paisagem - disse Steve. Se tivesse desejado, podia ter esticado a mão pela janela direita e tocado a pedra porosa. Galhos de pinheiros sussurravam ao longo da pintura no lado esquerdo.

- Graças à Recursos Americanos Nativos - disse Ginger. - Este é um país que vai pra frente.

- Pelo amor de Deus - disse Paul, finalmente parecendo zangado. - Eu não sou o Anticristo.

- Eu sei - a voz de Ginger ficou mais suave. - Eu amei você, lembra? Provavelmente ainda amo. Não há outro jeito?

O geólogo não respondeu.

- Paul?

- Estamos quase lá - ele disse. - O caminho amainou e ele passou para uma marcha mais rápida.

- Paul... - Steve não sabia bem se chegara a dizer a palavra ou não. Fechou os olhos e viu fogueiras que brilhavam, tomou a abri-los e não teve certeza do que via. Sentiu o passado, vasto e primitivo, tomá-lo de assalto como uma onda. Encheu seu nariz e boca, seus pulmões, seu cérebro. Ele...

- Oh, meu Deus! - Alguém gritou.

- Cuidado!

Os faróis tremeram feito loucos quando o caminhão derrapou na direção de uma encosta escura. Paul e Carroll lutaram pelo controle do volante. Por um instante, Steve imaginou se ambos ou, na verdade, um dos dois estava tentando realmente tirar o caminhão dali.

Então viu a forma grande, maciça, arrojada cruzando a encosta na direção deles. Teve a impressão de um poder tranqüilo, imenso e inexorável. O olhar morto de olhos pretos foscos, cada um com centímetros de diâmetro, fixos sobre eles como insetos em âmbar.

- Paul! - Steve ouviu a própria voz. Ouviu a palavra ecoar e então ela foi envolvida pelas ondas que se quebravam. Sentiu um terror irracional, mas, mais do que isso, sentiu... assombro. O que ele presenciava estava justaposto sobre aquele desfiladeiro ocidental, mas não estava deslocado. Genius loci, guardião, as palavras, sibilavam como espuma do mar.

A coisa mergulhou sobre eles, planando impossível em poderosas barbatanas pretas e cinzas.

Freios gritaram. Um pneu explodiu como um tiro.

Steve viu as mandíbulas da criatura se abrirem na frente do pára-brisas; a tromba para frente, o maxilar inferior deslocando-se para a frente. A mandíbula podia ter engolido um novilho. Os dentes reluziam brancos na luz refletida, brancos com pontas serrilhadas, agudos como navalhas. Seus dentes eram do tamanho de pás.

O caminhão da Enerco rabeou uma última vez, e caiu de lado na escuridão. Bateu em algo maciço e invisível, e começou a rolar.

Steve teve tempo para um pensamento: Será que vai doer?

O caminhão parou de pé. Steve estendeu o braço para a janela e sentiu casca de árvores ao invés de vidro. Estavam ao lado de um pinheiro.

O silêncio o assustou. O fato de não haver fogo o assustou. O fato de estar vivo...

- Carroll? - ele gritou. - Ginger? Paul? - Por um momento, ninguém respondeu.

- Estou aqui - disse Carroll, abafada, na frente do caminhão. - Paul está em cima de mim. Ou alguém. Não sei dizer.

- Oh, meu Deus, como dói - disse Ginger ao lado de Steve. - Meu ombro dói.

- Pode movê-lo? - Steve perguntou.

- Um pouco, mas dói.

- Ok. - Steve inclinou-se para o banco da frente. Não sentiu em si mesmo nada que lembrasse ossos fraturados. Seus dedos tocaram carne. Uma parte dela estava pegajosa de fluido. Gentilmente afastou de Carroll alguém que supôs ser Paul. Ela gemeu e lutou para se pôr ereta.

- Deve ter uma lanterna no porta-luvas - ele disse.

A escuridão era quase absoluta. Steve só podia ver formas vagas dentro do caminhão. Quando Carroll ligou a lanterna, perceberam que o caminhão estava enterrado num matagal grosso e viscoso. Carroll e Ginger olhavam para ele. Ginger parecia em estado de choque. Paul estava caído no banco da frente. O ângulo do pescoço estava errado.

Seus olhos se abriram e ele tentou fixar os olhos. Então disse algo. Não

conseguiram entendê-lo. Paul tentou novamente. Eles entenderam "Boa noite, Irene". Então disse:

- Faça o que tem que... - Os olhos continuavam abertos, mas toda a vida esvaiu-se dele.

Steve e as mulheres ficaram olhando uns para os outros como se fossem cúmplices. O momento cristalizou-se e se estilhaçou. Ele preparou-se o melhor que pôde e chutou com ambos os pés a porta traseira. Os arbustos permitiram que a porta se abrisse meio metro, depois mais meio. Carroll abriu sua porta quase no mesmo espaço de tempo. Levaram mais alguns minutos para tirar Ginger de dentro. Deixaram Paul no caminhão.

Ficaram abraçados juntos num terraço natural a cerca de meio caminho entre o cume e o chão do desfiladeiro. Ouviram um rugido e luzes brilhantes por alguns minutos quando um trem de carga da Burlington Northwest passou do outro lado do rio. Não teria feito a menor diferença se gritassem e acenassem, então não fizeram nada.

Ninguém parecia ter quebrado osso algum. O ombro de Ginger estava aparentemente deslocado. Carroll tinha um sangramento no nariz. A cabeça de Steve estava como se ele tivesse levado uma pancada terrível.

- Não está frio - ele disse. - Se formos obrigados, podemos ficar no caminhão. Não há como descer à noite. Pela manhã podemos fazer sinais para as pessoas na estrada.

Ginger começou a chorar e ambos a abraçaram.

- Eu vi uma coisa - ela disse. - Não deu pra saber... o que era?

Steve hesitou. Teve muita dificuldade de separar os sonhos das teorias de Paul. As duas coisas agora não pareciam mutuamente excludentes. Ainda ouvia o trovão de golfos antigos ecoando.

- Acho que é algo que viveu aqui há cem milhões de anos - ele disse finalmente. - Viveu no mar interior e morreu aqui. O mar foi embora, mas ela não.

- Um nativo... - Ginger disse, a voz morrendo. Steve tocou a testa dela; parecia febril. - Finalmente vi - ela disse. - Agora sou parte disso. - Com a voz mais baixa: - Paul. - Acordando como uma criança que desperta de um pesadelo: - Paul!

- Ele... está bem agora - disse Carroll, o tom calmo forçado.

- Não está não - disse Ginger. - Não está. - Ficou quieta por algum tempo. - Está morto. - As lágrimas corriam pelo seu rosto. - Isso não vai parar a extração de carvão, vai?

- Provavelmente não.

- Política - Ginger disse fraca. - Política e morte. Que diabos de diferença faz isso agora?

Ninguém respondeu.

Steve virou-se para o caminhão nos arbustos. Subitamente lembrou-se de sua infância como havia esperado que todos que conhecia, todos que amava, fossem viver para sempre. Não queria que nada mudasse. Não havia querido reconhecer a existência do tempo. Lembrou-se da fração de segundo de Paul e Carroll lutando para controlar o volante.

- A terra - ele disse triste - não perdoa.

- Isso não é verdade - Carroll balançou a cabeça devagar. - A terra apenas é. A terra não se importa.

- Eu me importo - disse Steve.

Incrivelmente, Ginger preparou-se para dormir. Colocaram-na gentilmente sobre o precipício e a cobriram com a jaqueta de Steve, aninhando sua cabeça, acariciando seus cabelos.

- Olhe - disse Carroll. - Olhe. - Quando a lua iluminou o mar que brilhava.

Lá embaixo, uma barbatana quebrou a superfície escura da floresta.

Seta do Tempo

Arthur C. Clarke

Arthur C. Clarke talvez seja o mais famoso escritor moderno de ficção científica no mundo, sendo seriamente rivalizado neste título apenas por Isaac Asimov e Robert A. Heinlein. Clarke, provavelmente, é mais amplamente conhecido por seu trabalho no filme de Stanley Kubrick, 2001: A Space Odyssey, mas também é famoso como escritor de contos e autor de não-ficção, normalmente sobre assuntos tecnológicos como vôos espaciais. Ele recebeu três Prêmios Nebula, três Hugo, o British Science Fiction Award, o John W. Campbell Memorial Award e um Grandmaster Nebula for Life Achievement. Seus livros mais conhecidos incluem as novelas Childhood's End, The City and the Stars, The Deep Range, Ren-dezvous with Rama, A Fali of Moondust e The Fountains of Paradise, e as coleções The Nine Billion Names of God, Tales of Ten Worlds e The Sen-tinel. Nascido em Somerset, Inglaterra, Clarke vive hoje em Sri Lanka.

Clarke é mais conhecido por olhar à frente, para homens e mulheres levando o desafio humano para as estrelas, mas aqui ele focaliza um grupo de cientistas preocupados com milenia há muito passada.

O rio estava morto e o lago morria também, quando o monstro apareceu no curso d'água seco e revirou as desoladas poças de lama. Não havia muitos lugares onde fosse seguro andar e, mesmo onde o chão era mais duro, os grandes êmbolos de seus pés afundavam trinta centímetros ou mais sob o peso que carregavam. Algumas vezes parou, observando a paisagem com rápidos movimentos da cabeça que lembravam os dos pássaros. Então afundara ainda mais no solo fofo, tanto que cinquenta milhões de anos mais tarde, os homens poderiam julgar com alguma precisão a duração de suas pausas.

Porque as águas nunca voltaram e o sol escaldante cozinhou a lama em pedra. Mais tarde, o deserto espalhou-se sobre essa terra, selando-a sob protetoras toneladas de areia. E mais tarde - muito mais tarde - veio o Homem.

- Você acha, - gritou Barton acima do barulho, - que o Professor Fowler tornou-se um paleontologista porque gosta de brincar com a perfuratriz? Ou adquiriu esse gosto depois?

- Não posso te ouvir! - Davis gritou, inclinando-se sobre sua pá de maneira muito profissional. Olhou esperançoso para o relógio de pulso.

- Devo dizer a ele que está na hora do jantar? Não pode usar relógio enquanto está perfurando, então não vai saber a verdade mesmo.

- Duvido que funcione, - Barton guinchou. - Ele já nos conhece agora e

sempre acrescenta dez minutos extras. Mas vou fazer uma mudança nessa escavação infernal.

Com notável entusiasmo os dois geologistas largaram suas ferramentas e começaram a andar em direção a seu chefe. Quando se aproximaram, ele desligou a perfuratriz e um relativo silêncio baixou, quebrado apenas pela vibração do compressor ao longe.

- Hora de voltarmos ao acampamento, Professor, - Davis disse, o relógio de parede casualmente a suas costas. - Sabe o que o cozinheiro dirá se nos atrasarmos.

O Professor Fowler, M.A., F.R.S., F.G.S. (Master of Arts, Fellow of the Royal Society e Fellow of the Geographical Society), afastou um pouco, mas de modo algum toda, a poeira ocre de sua testa. Passaria em qualquer lugar por um operário comum e os ocasionais visitantes do sítio raramente reconheciam o Vice-Presidente da Sociedade Geográfica no musculoso trabalhador meio desnudo debruçado sobre sua amada perfuratriz.

Levara quase um mês para tirar a areia de rocha de uma das placas de lama petrificadas. Nesse tempo, vários metros quadrados foram expostos, revelando um instantâneo do passado congelado, que era, provavelmente, o melhor já descoberto pela paleontologia. Alguns traços de pássaros e répteis que vieram aqui a procura de água remanescente e deixaram suas pegadas como um monumento perpétuo eons depois que seus corpos pereceram. A maioria das impressões havia sido identificada, mas uma - a maior de todas - era nova para a ciência. Pertencia a um animal que deve ter pesado entre vinte e trinta toneladas: e o Professor Fowler estava seguindo um rastro de cinquenta milhões de anos com todas as emoções de um grande caçador seguindo sua presa. Havia até a esperança de que ele pudesse alcançá-lo; porque o chão devia ser traiçoeiro quando o monstro desconhecido seguiu este caminho e seus ossos podiam ainda estar por perto; marcando o lugar onde ficara preso como muitas criaturas de seu tempo.

Apesar das ajudas mecânicas disponíveis, o trabalho era muito tedioso. Apenas as camadas superiores podiam ser removidas com ferramentas elétricas e a descoberta final tinha que ser feita com as mãos e o máximo cuidado. O Professor Fowler tinha boas razões para sua insistência de que apenas ele fizesse a perfuração preliminar, porque um simples escorregão poderia causar um mal irreparável.

Os três homens estavam a meio caminho de volta ao acampamento principal, pulando sobre a estrada ruim no gasto jipe da expedição, quando Davis levantou a questão que vinha perturbando os rapazes desde que o trabalho começara.

- Estou com a distinta impressão, - disse, - que nossos vizinhos do vale não gostam de nós, embora não possa imaginar o porquê. Não estamos interferindo

com eles e poderiam, pelo menos, ter a decência de nos convidar até lá.

- A menos, é claro, que seja uma fábrica de pesquisa de armamentos, - acrescentou Barton, colocando em palavras uma teoria já aceita normalmente.

- Acho que não é, - disse o Professor Fowler brandamente. - Porque acontece que eu recebi um convite. Estou indo lá amanhã.

Se sua bomba falhou em ter o resultado esperado foi graças ao eficiente sistema de espionagem de sua equipe. Por um momento Davis ponderou sobre a confirmação de suas suspeitas; então continuou com uma tosse discreta:

- Ninguém mais foi convidado, então?

O Professor sorriu diante de sua óbvia insinuação.

- Não, - respondeu. - É estritamente um convite pessoal. Sei que vocês, rapazes, estão morrendo de curiosidade mas, francamente, não sei mais nada sobre o lugar. Se descobrir alguma coisa amanhã, eu lhes contarei tudo. Mas pelo menos descobrimos quem está dirigindo a empresa.

Seus assistentes levantaram as orelhas.

- Quem é? - Barton perguntou. - Minha aposta vai para o Departamento de Desenvolvimento Atômico.

- Você pode estar certo, - respondeu o Professor. - De qualquer jeito, Henderson e Barnes estão no comando.

Desta vez a bomba explodiu efetivamente; tanto que Davis quase fez o jipe sair da estrada - não que fizesse muita diferença, a estrada do jeito que estava.

- Henderson e Barnes? Nesse buraco esquecido por Deus?

- Isso mesmo, - disse o Professor alegremente. - O convite, na verdade, foi de Barnes. Ele se desculpou por não nos contatar antes, deu as desculpas comuns, e perguntou se eu poderia passar para uma conversa.

- Ele disse o que estavam fazendo?

- Não, nem uma pista.

- Barnes e Henderson, - disse Barton pensativamente. - Não sei muito sobre eles além de que são físicos. Qual é seu ramo específico?

- Eles são os especialistas em física de baixa temperatura, - Davis respondeu. - Henderson foi Diretor da Cavendish por anos. Escreveu vários artigos para a Nature não faz muito tempo. Se me lembro bem, eram todos sobre Hélio II.

Barton, que não gostava de físicos e dizia isso sempre que possível, não estava impressionado.

- Nem mesmo sei o que é Hélio II, - disse presunçosamente. - E mais, não tenho certeza se quero saber.

Isso era direcionado a Davis, que graduara-se em física, num momento de

fraqueza, como explicara. O "momento" durara vários anos antes que se voltasse para a geologia por caminhos bem tortuosos, e estava sempre voltando a seu primeiro amor.

- É uma forma de hélio líquido que existe apenas a alguns graus abaixo do zero absoluto. Tem as mais extraordinárias propriedades, mas, até onde posso ver, nenhuma delas explica a presença de dois importantes físicos nesse canto do globo.

Tinham chegado ao acampamento, e Davis fez a parada violenta normal do jipe no espaço de estacionamento. Ele balançou a cabeça em concordância enquanto esbarrava o caminhão a frente com um pouco mais de violência do que a usual.

- Esses pneus já estão quase no fim. Os novos ainda não chegaram?

- Com o helicóptero dessa manhã, com uma nota desesperada de Andrews, esperando que fizéssemos esses durarem por duas semanas completas dessa vez.

- Bom! Vou colocá-los essa noite.

O Professor estivera andando um pouco a frente; agora voltava para se juntar a seus assistentes.

- Não precisava ter se apressado, Jim, - ele disse melancolicamente. - É apresuntado de novo.

Seria muito injusto dizer que Barton e Davis trabalharam menos porque o Professor não estava. Provavelmente trabalham bem mais duro do que normalmente, já que os trabalhadores nativos precisavam de duas vezes mais supervisão na ausência do Chefe. Mas não há dúvida que eles conseguiram achar tempo para uma considerável conversa extra.

Desde que se juntaram ao Professor Fowler, os dois jovens geólogos estiveram intrigados pela estranha construção a quinze quilômetros dentro do vale. Era claramente uma organização de pesquisa de algum tipo, e Davis identificara as altas chaminés como unidades de energia atômica. Isso, é claro, não deu nenhuma pista do trabalho que era desenvolvido, mas indicava sua importância. Havia ainda algumas poucas turbinas no mundo, e elas eram todas reservadas para grandes projetos.

Havia dúzias de razões pelas quais dois grandes cientistas poderiam estar escondendo-se nesse lugar: a maioria das mais perigosas pesquisas atômicas eram feitas o mais longe possível da civilização, e algumas tinham sido abandonadas completamente até que laboratórios espaciais pudessem ser montados. Ainda assim parecia estranho que esse trabalho, o que quer fosse, devesse ser realizado tão próximo do que agora se tornara o mais importante centro de pesquisa geológica no mundo. Poderia, é claro, não ser mais que uma coincidência; certamente os físicos nunca mostraram qualquer interesse em seus compatriotas

ali perto.

Davis estava escavando cuidadosamente a volta de uma das grandes pegadas, enquanto Barton espalhava o líquido perspex dentro daquelas já descobertas para que fossem preservadas dentro do plástico transparente. Trabalhavam de um maneira um tanto absorta, porque cada um deles estava, inconscientemente, prestando atenção ao barulho do jipe. O Professor Fowler prometera pegá-los quando voltasse de sua visita, porque os outros veículos estavam sendo usados em outros lugares e eles não saboreavam uma caminhada de seis quilômetros sob um sol escaldante. Mais ainda, desejavam notícias o mais cedo possível.

- Quantas pessoas, - disse Barton repentinamente, - você acha que eles têm lá?

Davis endireitou-se.

- Julgando pelos prédios, não mais de uma dúzia.

- Então deve ser um assunto privado, não um projeto do DeDA.

- Talvez, embora deva ter um considerável suporte. E claro, Henderson e Barnes poderiam conseguir isso apenas com suas reputações.

- É onde os físicos marcam, - disse Barton. - Eles só tem que convencer algum departamento de guerra que estão na pista de alguma nova arma e conseguem alguns milhões sem nenhum problema.

Ele falou com alguma amargura; porque, como a maioria dos cientistas, tinha uma opinião formada sobre o assunto. A visão de Barton, na verdade, era bem mais definitiva do que o normal, porque ele era um Quacre e passara o último ano da Guerra discutindo com tribunais nem tão insensíveis.

A conversa foi interrompida com o rugido e bater do jipe, e os dois homens correram para encontrar o Professor.

- Bem? - Gritaram simultaneamente.

O Professor Fowler olhou-os pensativamente, sua expressão não dando qualquer pista sobre o que ia em sua mente.

- Tiveram um bom dia? - Perguntou por fim.

- Vamos lá. Chefe! - Davis protestou. - Conte-nos o que descobriu. O Professor desceu e bateu fora a poeira. - Desculpe, rapazes, - disse com algum embaraço, - não posso lhes contar nada, e isso é final.

Houve dois lamentos de protesto conjuntos, mas ele os ignorou.

- Eu tive um dia muito interessante, mas tive que prometer não falar nada sobre isso. Mesmo agora não sei exatamente o que está acontecendo, mas é algo muito revolucionário - talvez tão revolucionário quando a energia atômica. Mas o Dr. Henderson está vindo aí amanhã; vejam o que conseguem arrancar dele.

Por um momento, tanto Barton quanto Davis ficaram tão dominados pelo sentimento de anticlímax que nenhum deles falou. Barton foi o primeiro a se recuperar.

- Bem, certamente há uma razão para esse súbito interesse em nossas atividades?

O Professor pensou nisso por um momento.

- Sim; não foi um convite inteiramente social, - admitiu. - Eles acham que posso ser capaz de ajudá-los. Agora, sem mais perguntas, a menos que queiram andar de volta ao acampamento!

Dr. Henderson chegou ao sítio no meio da tarde. Ele era um homem idoso e corpulento, incongruentemente vestido com um brilhante guarda-pó branco de laboratório e muito pouco mais. Embora a roupa fosse excêntrica, era extremamente prática nesse clima tão quente.

Davis e Barton foram um tanto distantes quando o Professor Fowler os apresentou; ainda sentiam como se houvessem sido esnobados e estavam determinados a fazer seu visitante compreender isso. Mas Henderson estava tão obviamente interessado em seus trabalhos que logo se abrandaram, e o Professor os deixou para que lhe mostrassem as escavações enquanto ele supervisionava os nativos.

O físico estava enormemente impressionado com a imagem do passado remoto do mundo exposto diante de seus olhos. Por quase uma hora os dois geólogos o levaram pelo campo de trabalho, falando das criaturas que haviam passado por ali e especulando sobre futuras descobertas. A trilha que o Professor Fowler estava seguindo agora estendia-se por uma larga vala, afastando-se da escavação principal, porque ele parará todos os outros trabalhos para investigá-la. No fim, a vala não era mais contínua: para poupar tempo, o Professor começara a perfurar fossos ao longo da linha das pegadas. A última sondagem errara completamente, e mais escavações mostraram que o grande réptil fizera uma repentina mudança de curso.

- Esse é o pedaço mais interessante, - disse Barton para o ligeiramente murcho físico. - Lembra-se dos primeiros lugares que ele parou por um momento para olhar em volta? Bem, aqui parece que ele viu algo e foi em uma nova direção com bastante pressa, como pode ver pelo espaçamento.

- Eu não pensaria que tal bruto pudesse correr.

- Bem, provavelmente era um esforço bem desajeitado, mas você pode cobrir bastante terreno com uma passada de quatro metros. Vamos segui-lo tanto quanto pudermos. Até mesmo podemos encontrar o que estamos caçando. Acho que o Professor espera encontrar um campo de batalha destruído com ossos da

vítima ainda por aqui. Isso faria tudo mundo pular.

Dr. Henderson sorriu.

- Graças a Walt Disney, posso imaginar a cena muito bem.

Davis não foi muito encorajador.

- Provavelmente era apenas a patroa tocando o sino do jantar, - disse. - A mais irritante parte de nosso trabalho é o jeito que tudo pode ir sumindo quando começa a ficar excitante. A camada foi lavada, ou houve um terremoto - ou, pior ainda, algum idiota esmagou a evidência porque não reconheceu seu valor.

Henderson balançou a cabeça em concordância.

- Posso simpatizar com vocês, - disse. - É onde o físico leva vantagem. Ele sabe que conseguirá uma resposta mais cedo ou mais tarde, se houver uma. - Ele fez um pausa tímida, como se pesasse cuidadosamente suas palavras. - Iria lhes poupar muito trabalho, não iria, se vocês pudessem realmente ver o que aconteceu no passado, sem ter que inferir através desses métodos trabalhosos e incertos. Vocês, há alguns meses, seguindo essas pegadas por uns cem metros, e podem não chegar a lugar nenhum depois de tanto trabalho.

Houve um longo silêncio. Então Barton falou em um tom bem pensativo.

- Naturalmente, Doutor, estamos bem curiosos a respeito de seu trabalho, - começou. - Já que o Professor Fowler não nos conta nada, estivemos fazendo muita especulação. O senhor realmente quer dizer que...

O físico o interrompeu apressadamente.

- Não pense mais nisso, - disse. - Eu estava apenas sonhando acordado. E quanto ao nosso trabalho, está muito longe de ser completado, mas vocês saberão tudo sobre ele no tempo certo. Não fazemos segredo mas, como todos trabalhando num campo novo, não queremos falar nada até termos certeza onde pisamos. Ora, se outros paleontologistas chegassem perto daqui, aposto que o Professor Fowler os faria correr com uma picareta!

- Isso não é bem verdade, - Davis sorriu. - É muito mais provável que ele os colocasse para trabalhar. Mas compreendo seu ponto de vista; vamos apenas desejar não ter que esperar demais.

Naquela noite, muito óleo foi queimado no acampamento principal. Barton estava francamente céptico, mas Davis já havia construído uma elaborada teoria superestruturada em cima dos comentários do visitante.

- Explicaria tantas coisas, - disse. - Primeiro de tudo, a presença deles nesse lugar, que de outro modo não faria sentido nenhum. Sabemos que o solo aqui nivelou-se em cerca de dois centímetros nos últimos cem milhões de anos, e podemos datar qualquer evento com uma precisão melhor que um por cento. Não há nenhum lugar na Terra que tem seu passado trabalhado tão detalhadamente - esse é obviamente o lugar para uma experiência como essa!

- Mas você acha que é mesmo teoricamente possível construir uma máquina que possa ver o passado?

- Não posso imaginar como é feito. Mas não ousou dizer que é impossível - especialmente para homens como Henderson e Barnes.

- Hmmm. Não é um argumento muito convincente. Há algum jeito de esperarmos poder testá-la? E quanto aqueles artigos para a Nature?

- Escrevi para a Biblioteca da Faculdade; devemos recebê-los até o fim da semana. Há sempre alguma continuidade no trabalho científico, e eles devem nos dar algumas pistas valiosas.

Mas a princípio ficaram desapontados; na verdade, os artigos de Henderson só aumentaram a confusão. Como Davis lembrava, a maioria deles era sobre as extraordinárias propriedades do Hélio II.

- É mesmo um material fantástico, - Davis disse. - Se um líquido se comportasse assim em temperaturas normais, todo mundo ficaria louco. Em primeiro lugar, não tem nenhuma viscosidade. Sir George Darwin uma vez disse que se houvesse um oceano de Hélio II, barcos poderiam navegar sem qualquer motor. Você lhes daria um empurrão no começo da viagem e os deixaria alcançar amortecedores do outro lado. Há um problema, porém; muito antes que chegasse lá, a coisa teria subido pelo casco e todo o aparelho afundaria - gluglu, gluglu, gluglu...

- Muito engraçado, - disse Barton, - mas que diabos tem isso haver com sua preciosa teoria?

- Não muito, - admitiu Davis. - Entretanto, há mais vindo aí. É possível ter duas correntes de Hélio II fluindo em direções opostas no mesmo tubo - uma corrente passando através da outra, por assim dizer.

- Isso precisa de alguma explicação; é quase tão ruim quanto um objeto se movendo em duas direções ao mesmo tempo. Suponho que haja uma explicação, alguma coisa haver com Relatividade, apostou.

Davis lia cuidadosamente.

- A explicação, - disse lentamente, - é muito complicada e não pretendo fingir que compreendo completamente. Mas isso depende do fato de que o hélio líquido pode ter entropia negativa sob certas circunstâncias.

- Como nunca entendi o que era entropia positiva, não estou mais sábio.

- Entropia é uma medida de distribuição de calor do Universo. No começo dos tempos, quando toda a energia estava concentrada nos sóis, entropia estava no mínimo. Irá alcançar seu máximo quando tudo estiver sob uma temperatura uniforme e o Universo estiver morto. Haverá bastante calor por aí, mas não será aproveitável.

- Por quê não?

- Bem, toda a água de um oceano perfeitamente nivelado não movimentaria uma usina hidroelétrica - mas um lago relativamente pequeno no alto de uma montanha faria o trabalho. Você precisa ter uma diferença de nível.

- Peguei a idéia. Agora, pensando nisso, alguém já não chamou a entropia de "A Seta do Tempo"?

- Sim - Eddington, acho. Qualquer tipo de relógio de que se lembrar - um pêndulo, por exemplo - poderia facilmente funcionar para frente como para trás. Mas entropia é um assunto estritamente de mão única - está sempre aumentando com a passagem do tempo. Daí a expressão "Seta do Tempo".

- Então entropia negativa - meu Deus!

Por um momento os dois homens olharam um para o outro. Então Barton perguntou numa voz bem reprimida:

- O que Henderson disse sobre isso?

- Eu citarei seu último artigo: "Essa descoberta da entropia negativa introduz conceitos bem novos e revolucionários em nosso quadro do mundo físico. Alguns deles serão examinados em um futuro comunicado."

- E foram?

- Aí está o problema: não há um "futuro comunicado". Daí podemos imaginar duas alternativas. Primeiro, o Editor da Nature deve ter recusado a publicação do artigo. Acho que podemos eliminar essa. Segundo, as conseqüências podiam ser tão revolucionárias que Henderson nunca escreveu outro relatório.

- Entropia negativa - tempo negativo, - imaginou Barton. - Parece fantástico; assim seria teoricamente possível construir algum tipo de equipamento que pudesse ver no passado...

- Sei o que vamos fazer, - disse Davis de repente. - Vamos confrontar o Professor com isso e observar suas reações. Agora eu vou pra cama antes que fique com febre cerebral.

Nessa noite Davis não dormiu bem. Sonhou que estava andando por uma estrada que esticava-se nas duas direções até onde sua vista alcançava. Ele estivera andando por quilômetros até chegar a uma placa sinalizadora, e então quando a alcançou, descobriu que estava quebrada e seus dois braços giravam loucamente ao vento. Quando viraram, ele pode ler as palavras que carregavam. Uma dizia simplesmente: Para o Futuro; a outra: Para o Passado.

Não conseguiram nada com o Professor Fowler, o que não era surpreendente; depois do Reitor, ele era o melhor jogador de pôquer da Faculdade. Observou seus ligeiramente irritados assistentes sem nenhum traço de emoção enquanto Davis despejava sua teoria.

Quando o jovem acabou, disse calmamente:

- Estou indo lá amanhã novamente, e falarei com Henderson sobre seu trabalho de detetive. Talvez ele tenha pena de vocês; talvez ele me conte um pouco mais, por falar nisso. Agora vamos trabalhar.

Davis e Barton acharam cada vez mais difícil encontrar interesse em seus próprios trabalhos enquanto suas mentes estavam tão ocupadas com um enigma tão próximo. Mesmo assim, continuaram conscienciosamente, embora de tempos em tempos parassem para ponderar se todos seu trabalho não poderia ser em vão. Se fosse, eles seriam os primeiros a se alegrarem. Supondo que se pudesse ver no passado e observar a história apresentando-se, desde o começo dos tempos! Todos os grandes segredos do passado poderia ser revelados: poderia-se observar o começo da vida na Terra e toda a história da evolução da ameba até o homem.

Não; era muito bom para ser verdade. Tendo decidido isso, eles voltariam a sua escavação e raspagem por mais meia hora até que o pensamento viesse: mas e se fosse verdade? E todo o círculo começaria novamente.

Quando o Professor voltou de sua segunda visita, era um homem subjugado e obviamente trêmulo, A única satisfação que seus assistentes conseguiram dele foi uma declaração de que Henderson ouvira sua teoria e os cumprimentara por seus poderes dedutivos.

Isso foi tudo; mas aos olhos de Davis isso fechava a matéria, embora Barton ainda estivesse em dúvida. Nas semanas que se seguiram, ele também começou a vacilar até que no fim ambos estavam convencidos que a teoria era correta. Pois o Professor Fowler passava mais e mais tempo com Henderson e Barnes; tanto que as vezes eles não o viam por dias. Ele perdera quase todo o interesse nas escavações, e delegara todas as responsabilidades a Barton, que agora podia usar a grande perfuratriz para a alegria de seu coração.

Estavam descobrindo vários metros de pegadas por dia, e o espaçamento mostrava que o monstro agora alcançara sua velocidade máxima e avançava em grandes saltos enquanto se aproximava de sua vítima. Em poucos dias poderiam revelar a evidência de alguma tragédia com eons de idade, preservada por um milagre e trazendo os tempos para a observação do homem. Ainda assim tudo isso parecia tão sem importância agora; porque estava claro pelas pistas do Professor e seu ar geral de abstração que a pesquisa secreta aproximava-se de seu clímax. Ele lhes contara isso, prometendo que em poucos dias, se tudo corresse bem, sua espera terminaria. Mas além disso, ele não dizia nada.

Uma ou duas vezes, Henderson aparecera para uma visita, e puderam ver que ele agora trabalhava sob uma considerável tensão. Obviamente desejava falar sobre seu trabalho, mas não iria fazer isso até que os testes finais estivessem

completos. Podiam apenas admirar seu auto-controle e desejar que se quebrasse. Davis tinha a leve impressão que o evasivo Barnes era o principal responsável por seu segredo; ele tinha uma certa reputação de não publicar seu trabalho até que houvesse sido checado e re-checado. Se essas experiências eram tão importantes quanto acreditavam, sua precaução era compreensível, mesmo que irritante.

Henderson apareceu cedo naquela manhã para buscar o Professor, e como quis a sorte, seu carro quebrou na estrada primitiva. Isso foi triste para Davis e Barton, que teriam que andar até o acampamento para almoçar, já que o Professor Fowler estaria levando Henderson de volta com o jipe. Eles estavam bem preparados para suportar isso se sua espera estava mesmo chegando ao fim, como os outros mais que insinuaram.

Ficaram conversando ao lado do jipe por algum tempo antes que os dois cientistas mais velhos fossem embora. Foi uma conversa bem constrangedora, já que cada lado sabia o que o outro pensava. Finalmente Barton, normalmente o mais franco, comentou:

- Bem, Doutor, se esse é Der Tag, espero que tudo funcione a contento. Eu gostaria de uma fotografia de um brontossauro como souvenir.

Esse tipo de brincadeira era usada tão freqüentemente com Henderson que ele agora a aceitava calmamente. Sorriu sem muita alegria e respondeu:

- Não prometo nada. Pode ser o maior fiasco de todos os tempos.

Soturnamente, Davis testou a pressão do pneu com a ponta de sua bota. Eram novos, notou, com um estranho padrão em zigue-zague que nunca vira antes.

- O que quer que aconteça, esperamos que nos conte. Senão, vamos invadir uma noite e descobrir por nós mesmos o que está havendo.

Henderson riu.

- Vocês serão um par de gênios se conseguirem entender alguma coisa a partir da atual bagunça. Mas, se tudo der certo, podemos ter uma pequena celebração à noite.

- A que hora espera estar de volta, Chefe?

- Por volta das quatro. Não quero que tenham que andar na hora do chá.

- Ok, estamos torcendo!

O carro desapareceu numa nuvem de poeira, deixando os dois geólogos pensativos parados ao lado da estrada. Então Barton sacudiu os ombros.

- Quanto mais duro trabalharmos, - disse, - mais rápido o tempo passará. Vamos indo!

O fim da vala, onde Barton trabalhava com a perfuratriz, estava agora a

mais de cem metros da escavação principal. Davis estava dando os últimos retoques nas últimas pegadas descobertas. Elas estavam muito fundas e bem espaçadas agora, e olhando ao longo delas, podia-se ver bem claramente onde o grande réptil mudara seu curso e começara, primeiro a correr, e então a saltar como um enorme canguru. Barton imaginou como seria ver tal criatura chegando sobre alguém com a velocidade de um expresso; então percebeu que se sua suposição estivesse correta, isso seria exatamente o que logo poderia estar vendo.

Pelo meio da tarde, tinha descoberto um impressionante comprimento da trilha. O chão tornara-se mais macio, e Barton estava avançando tão rápido que quase esqueceu suas outras preocupações. Deixara Davis metros atrás, e os dois homens estavam tão ocupados que apenas as pontadas de fome os lembraram que era hora de parar. Davis foi o primeiro a notar que era mais tarde do que pensavam, e adiantou-se para falar com o amigo.

- São quase quatro e meia! - Disse quando o barulho da perfuratriz morreu. - O Chefe está atrasado - ficarei furioso se foi tomar chá antes de nos pegar.

- Lhe dê mais meia hora, - disse Barton. - Posso imaginar o que aconteceu. Eles explodiram um fusível ou algo assim e isso estragou seus horários.

Davis recusou-se a ser aplacado.

- Ficarei bem chateado se tivermos que andar de volta ao acampamento de novo. De qualquer jeito, vou subir no morro para ver se há algum sinal dele.

Deixou Barton abrindo seu caminho em meio a rocha macia, e subiu a pequena colina ao lado do antigo leito do rio. Dali podia ver bem longe no vale, e as chaminés gemas do laboratório de Henderson-Bames estavam claramente visíveis contra a insípida paisagem. Mas não havia nenhum sinal de uma nuvem móvel de poeira que deveria seguir o jipe: o Professor ainda não estava voltando para casa.

Davis fez um ruído de desgosto. Havia uma caminhada de um quilômetro à frente deles, depois de um dia particularmente estafante, e para piorar as coisas, agora estavam atrasados para o chá. Decidiu não esperar mais, e já estava descendo a colina para reencontrar-se com Barton quando algo chamou sua atenção e ele parou para olhar o vale.

A volta das duas chaminés, que era tudo que podia ver do laboratório, uma curiosa névoa, não diferente de um tremor de calor, flutuava. Elas deviam estar quente, ele sabia, mas não tão quentes. Olhou mais cuidadosamente e viu, para seu assombro, que a névoa cobria uma área de cerca de um quarto de quilômetro.

E, bem repentinamente, ela explodiu. Não houve luz, nenhum brilho cegante; apenas um ondular que espalhou-se abruptamente através do céu e então sumiu. A névoa desaparecera - assim como as duas grandes chaminés da usina de força.

Sentindo como se suas pernas tivesse virando água de repente, Davis caiu no topo na colina e encarou o vale de boca aberta. Um sentimento esmagador de desastre invadiu sua mente; como em um sonho, esperou que a explosão alcançasse seus ouvidos.

Não foi impressionante quando chegou; apenas um abafado e alongado whoooooosh! que desapareceu suavemente no ar parado. Meio inconscientemente, Davis notou que o barulho da perfuratriz também parará; a explosão deve ter sido mais alta que pensara para Barton tê-la ouvido também.

O silêncio era completo. Nada se movia para lugar nenhum até onde podia ver em toda essa vazia e desolada paisagem. Ele esperou até que sua força voltasse; então, meio correndo, desceu desajeitadamente a colina para encontrar-se com seu amigo.

Barton estava meio sentado na vala com a cabeça enterrada em nas mãos. Olhou para cima quando Davis se aproximou; e, embora sua feições estivessem obscurecidas pela poeira e areia, o outro ficou chocado com a expressão de seus olhos.

- Então você também ouviu! - Davis disse. - Acho que todo o laboratório explodiu. Vamos lá, pelo amor de Deus!

- Ouviu o que? - Barton perguntou tolamente.

Davis o encarou assombrado. Então percebeu que Barton não poderia ter ouvido qualquer som enquanto estava trabalhando com a perfuratriz. O sentimento de desastre aprofundou-se numa arremetida; ele sentiu-se como um personagem em uma tragédia grega, impotente diante do destino implacável.

Barton levantou-se. Seu rosto franzia-se estranhamente e Davis viu que ele estava à beira de um colapso. Ainda assim, quando falou, suas palavras eram surpreendentemente calmas.

- Que tolos fomos! - Disse. - Como Henderson deve ter rido de nós quando lhe dissemos que estava tentando ver o passado!

Mecanicamente, Davis moveu-se para a vala e encarou a rocha que via a luz do dia pela primeira vez em cinqüenta milhões de anos. Sem muita emoção, agora, ele acompanhou de novo o padrão em zigue-zague que notara primeiro algumas horas antes. Tinha afundado apenas um pouco na lama, como se quando foi formado o jipe estivesse viajando na velocidade máxima.

Sem dúvida que estivera; porque em um lugar as superficiais marcas de pneu haviam sido obliteradas completamente pelas pegadas do monstro. Elas eram mesmo bem profundas agora, como se o grande réptil estive para dar o último salto sobre sua desesperada presa em fuga.

Mudança de Tempo

Jack Dann e Gardner Dozois

Pensando bem, talvez seja melhor que os dinossauros estejam extintos...

Parecia que estava chovendo novamente, mas Michael saiu para dar sua volta assim mesmo.

O parque estava reluzente e vazio, nada além de uma praça de cimento definida por quatro bancos de metal. Pilhas de lixo ensopado dissolviam-se lentamente sobre o concreto.

Pterodáctilos beliscavam o lixo, as pernas erguendo-se como garfos enquanto eles diligentemente mordiscavam pedaços de refugos a esmo.

Resmungando, o velho espantou um pterodáctilo de cima de seu banco favorito, ainda úmido com a chuva da tarde, sentou-se, e tentou ler o jornal. Mas num instante seu banco foi cercado pelas aves de rapina: elas meio que batiam suas asas de aparência metálica, viravam as cabeças de lado nos seus pescoços de cobra para olhá-lo com olhos verdes oleosos, soltavam gritinhos que imploravam, e finalmente pegaram em suas roupas com os bicos, esperando achar migalhas de pão ou pipocas. Por fim, exasperado, ele subitamente se levantou - os pterodáctilos afastando-se, grunhindo - e tentou assustá-los jogando seu jornal neles. Eles o comeram, e olharam para ele esperando mais. Começou a chover, uma garoa fina que caía do céu cinzento.

Enojado, atravessou o parque, esbarrando e quase sendo derrubado por um rebanho possante de pequenos dromeossauros bípedes que se dirigiam para a barraca de cachorros-quentes na Rua 16. A chuva encharcava suas roupas agora, e apesar do calor da noite ele começava a sentir frio. Esperava que o tempo não fosse ficar frio demais: óleo de aquecimento estava ficando realmente caro, e seu cheque do seguro social estava atrasado novamente. Um anquilossauro parou na frente dele, resmungando e fazendo ruídos com a boca enquanto mastigava garrafas velhas de Coca-Cola e latas de cerveja tiradas de uma lata de lixo de cimento. Deu uma lambada nele com sua bengala, impaciente, e ele lentamente saiu do caminho, arrotando com um som parecido com o de uma corrente de âncora descendo por um buraco.

Havia brontossauros esgueirando-se preguiçosos ao longo da Broadway, como sempre ocupando o meio da rua, com manadas mais ágeis de adrossauros com bico de pato que grasnavam ao se desviar pelos becos, e um ou outro carnoossauro entrando com força ao longo da calçada, balançando a grande cabeça para frente e para trás e silvando pela garganta. Antigamente uma pessoa

conseguia apanhar um ônibus ali, e sem sequer precisar de transferência, saltava a um quarteirão de casa, mas agora, com toda a competição por espaço na rua, eles corriam devagar, quando conseguiam correr - outro bom exemplo de como o mundo estava indo para o inferno. Passou com agilidade entre um braquiossauro e um lento estegossauro, atravessou a Broadway e virou-se na direção da Avenida A.

Os tricerátops batiam cabeças na Avenida A; chocavam-se com um barulho igual à colisão de duas locomotivas, ecoando dos prédios da frente e fazendo estremecer janelas por toda a rua. Ninguém na vizinhança dormiria muito aquela noite. Michael lutou para subir pelos degraus de calcário passando por cima dos dimetrodotes espalhados pelos patamares. Do outro lado da rua, podia ver o carteiro tentando chutar um iguanodonte para que ele acordasse e o homem pudesse passar para outro vestíbulo. Não era de se espantar a demora dos serviços postais.

Lá em cima, sua esposa colocou o prato à frente dele sem uma palavra, e ele parou apenas para tirar o paletó molhado antes de sentar-se para comer. Caçarola de atum de novo, ele reparou sem entusiasmo. Comeram num silêncio sombrio até que a sala foi subitamente iluminada por um alucinante relâmpago, seguido de um terrível estrondo de trovão. Quando os ecos do trovão morreram, puderam ouvir uma cacofonia cada vez maior de batidas, gritos e coisas se quebrando, mesmo sobre o ruído da chuva que agora era torrencial.

- Diabos - disse a mulher de Michael. - Está começando de novo!

O velho levantou-se e olhou pela janela, para uma paisagem de quintais atulhados de ervas daninhas e lixo. Estava literalmente chovendo dinossauros lá fora: enquanto ele olhava, eles caíam do céu aos milhares, contorcendo-se e dando cambalhotas no ar, quicando no chão, cambaleando e gritando na rua.

- Bem - o velho disse cansado, fechando as cortinas e afastando-se da janela. - Pelo menos não está mais chovendo pra cachorro.

Os Falsários

James Tiptree Jr.

Como a maior parte dos leitores provavelmente já sabe, James Tiptree Jr, ganhador várias vezes dos prêmios Hugo e Nebula, era o pseudônimo da Dra. Alice Sheldon, uma psicóloga experimental semi-aposentada que também escrevia ocasionalmente sob o nome de Raccoona Sheldon. A morte trágica da Dra. Sheldon em 1987 pôs um fim a ambas as carreiras, mas não antes que ela tivesse ganho dois Nebulas e dois Hugos como Tiptree, mais um Nebula como Raccoona Sheldon e se estabelecesse, sob qualquer um desses nomes, como uma das melhores escritoras de ficção científica. Como Tiptree, a Dra. Sheldon publicou dois romances, *Up the Walls of the World* e *Brightness Falls From the Air*, e oito coletâneas de contos, *Ten Thousand Light Years From Home*, *Warm Worlds and Other-wise*, *Starsongs of an Old Primate*, *Out of the Everywhere*, *Tales of the Quintana Roo*, *Byte Beautiful*, *The Starry Rift*, e a obra póstuma *Crown of Stars*.

Na história irônica e viciosa que segue, ela oferece provas de que, se forçado, o administrador competente sempre pode sacar de um recursos inesperado numa crise.

Ah, agora podemos relaxar. Nada de salada, nem pensar. E leve essa fruta também, deixe só o queijo. É, Pier, muito tempo. A ferrugem se espalha. São os malditos gastadores de tempo. Como aquele camarada com os coprólitos esta tarde, o Museu realmente não tem uso para essas coisas, mesmo que sejam genuínas. E confesso que elas me dão engulhos.

O quê? Ah, medo não, Pier, não sou covarde. Só para provar isso, que tal mais um pouco daquele aquavit? Maravilhoso você se lembrar. Um brinde ao seu sucesso; sempre achei que conseguiria.

Ciência? Ah, mas você não quer mesmo saber. A maior parte é trabalho de peão de obras. Parece muito bonitinho de fora, como a maioria das coisas. Claro que tive sorte. Para um arqueólogo, ter presenciado o advento da viagem no tempo - um milagre, realmente... Ah, sim, eu estava lá desde o início, quando achavam que era um brinquedo inútil. E os custos! Ninguém sabe com o projeto esteve perto de ser cortado, Pier. Se não fosse por - o que não se faz pela ciência... Minha experiência mais memorável no tempo? Nossa... Sim, só mais um pouquinho, embora na verdade eu não devesse.

Nossa. Coprólitos. Hmf. Muito bem, Pier, amigo velho, se você guardar segredo. Mas não me culpe se você perder a ilusão.

Foi na primeiríssima equipe de salto, sabia? Quando voltamos ao

Desfiladeiro de Olduvai para procurar o homem de Leakey. Não vou mais lhe aborrecer com nossas desventuras iniciais. O homem de Leakey não estava lá, mas outro homínido surpreendente estava. Na verdade, aquele que batizaram com o meu nome. Mas quando o encontramos nosso orçamento estava quase no final. Foi preciso uma soma fantástica na época para nos ficar levando para o passado, através do tecido temporal, e os EUA pagavam a maior parte. E também não foi por altruísmo, mas isso não vem ao caso.

Éramos seis. Os dois MacGregors de que você já ouviu falar, e a delegação russa, Peshkov e Rasmussen. E eu e uma certa Dra. Priscilla Owen. A mulher mais gorda que eu já tinha visto, e o engraçado é que depois foi um dado importante. E também o engenheiro temporal, como o chamavam então, Jerry Fitz. Um tipo do Paleolítico Superior, cheio de entusiasmo. Foi nosso guarda geral e enfermeiro, também, e um sujeito muito legal para um engenheiro. Jovem, claro. Éramos todos tão jovens.

Bom, mal tínhamos acabado de nos instalar e mandamos Fitz de volta com nossos primeiros relatórios quando desceu a marretada. Mensagens tinham de ser levadas pessoalmente na época, por um cronograma previamente calculado. Tudo o que podíamos fazer através de sinais era um simples vá-não-vá. Fitz voltou muito solene e nos disse que a garantia de apropriação não ia ser renovada e no mês seguinte todos seríamos levados de volta em definitivo.

Bem, você pode imaginar que o golpe pegou fundo no nosso peito. Devastador. O jantar naquela noite foi fúnebre. Fitz parecia estar tão triste como nós e a garrafa rodou e rodou - ah, obrigado.

Subitamente vimos Fitz olhando para nós com um brilho no olhar.

- Senhoras e senhores! - ele tinha essa maneira rococó, embora nossa média de idade fosse a mesma. - O desespero é prematuro. Tenho uma confissão a fazer. O primo da mulher do meu tio trabalha para o senador que é o presidente da Comissão de Apropriações. Então fui vê-lo sozinho. O que poderíamos perder? E... - ainda posso ver o sorriso matreiro de Fitz - Enrolei o sujeito. Aquele blá, blá, blá todo. A aurora do homem, os ganhos inestimáveis da ciência. Nada. Nem um tostão, até que descobri que ele era um caçador fanático.

- Bom, vocês sabem que eu mesmo sou um fanático por armas, e a gente acabou se afinando feito corda e caçamba. Aí ele ficou reclamando que lá não há nada para se caçar e que aqui era o paraíso dos caçadores. E, para resumir uma história longa, ele vem nos inspecionar e, se gostar da caça, não há dúvida de que o dinheiro vem atrás. Agora, o que vocês acham?

Alegria geral. Peshkov começou a contar o dinheiro do senador.

- Vários grandes ungulados e, claro, os babuínos e carnívoros que matar, Fitz. E possivelmente uma anta...

- Ah, não - Fitz lhe disse. - Macacos, cervos e porcos, isso não é o negócio

dele. Ele quer algo espetacular.

- Hominídeos tendem a evitar áreas de grande predação - observou McGregor - Mesmo os mamutes ficam bem mais a leste.

- O fato é - disse Fitz - que eu disse a ele que podia matar um dinossauro.

- Um dinossauro! - gritamos.

- Mas, Fitz - disse a pequena Jeanne McGregor. - Não existem dinossauros agora. Estão todos extintos.

- Estão? - Fitz ficou pasmo. - Não sabia. Nem o senador. Certamente podemos encontrar para ele um ou dois perdidos por aí, ou não? Pode ser tudo um erro, como nosso homenzinho aqui.

- Bem, existe uma espécie de iguana - disse Rasmussen. Fitz balançou a cabeça.

- Prometi a ele a maior espécie de fera. Ele está vindo aqui para abater um... como é que é mesmo? Bronco-qualquer coisa.

- Um brontossauro? - todos pulamos no pescoço dele. - Mas estão todos no Cretáceo! Há oitenta milhões de anos...

- Fitz, como você foi capaz disso?

- Eu disse a ele que os rugidos não deixavam a gente dormir.

Bom, a gente ainda estava um caco no dia seguinte. Fitz tinha ido do outro lado do desfiladeiro para mexer com o mecanismo de campo temporal. Antigamente eram uns trambolhos enormes. Construíamos uma cabana para ele e então mudávamos nosso acampamento permanente para o outro lado do desfiladeiro, onde nossos hominídeos estavam. Uma subida íngreme, que atravessava o pântano - era tudo uma vegetação luxuriante naquela época, não a secura que é hoje. É claro que havia pequenos animais de caça e frutas a granel. Perdão, mas acho que vou tomar mais um pouquinho.

Fitz voltou uma vez para fazer uma pergunta sobre dinossauros a Rasmussen e depois voltou de novo. No jantar, ele estava cantarolando para si. Então olhou ao redor solenemente - meu Deus, éramos jovens.

- Senhoras e senhores, a ciência não perecerá. Vou conseguir o dinossauro para o senador.

- Como?

- Tenho um amigo lá atrás - Sempre chamávamos o presente de "lá atrás" - que vai me conseguir um pouco de força extra. O suficiente para me jogar com uma empilhadeira para grandes animais por no mínimo um dia. E eu poderei programar aquele caixote ali para me trazer de volta por sinal.

Todos fomos contra, embora realmente quiséssemos acreditar. Como ele poderia encontrar seu brontossauro? Ou matá-lo? E ele seria morto. Seria grande demais. E assim por diante.

Mas Fitz tinha as suas respostas, e estávamos bêbados no Pleistoceno e no fim das contas todo o plano louco foi engendrado. Fitz mataria o maior réptil que pudesse encontrar e nos sinalizaria para trazê-lo de volta quando o tivesse enfiado no transportador. Então, quando o senador estivesse pronto para atirar, arrancaríamos a carcaça recém-morta por oitenta milhões de anos e a arrumaríamos perto da cabana. Loucura. Mas Fitz nos levou todos com ele, mesmo quando admitiu que a força extra encurtaria nossa estada. E partiu no amanhecer seguinte.

Assim que partiu, começamos a perceber o que nós, seis promissores cientistas, havíamos feito. Estávamos comprometidos com uma armação pra cima de um poderoso senador dos Estados Unidos e fazê-lo crer que ele havia caçado e morto uma criatura que já estava morta há oitenta milhões de anos.

- Não podemos fazer isso!
- Temos que...
- Será o fim das viagens no tempo quando descobrirem.

Rasmussen grunhiu.

- Será o nosso fim.
- Malversação de recursos do Governo - disse McGregor. - Passível de ação penal.
- Onde é que estávamos com a cabeça?
- Sabem - aventurou Jeanne McGregor - Acredito que Fitz está tão ansioso para matar um dinossauro quanto o senador.
- E que aquele arranjo conveniente com seu amigo - Peshkov disse pensativo. - não foi feito daqui. Será que...

- Fomos enganados.

- Ainda resta o fato - disse McGregor - de que esse senador Dogsboddy está vindo para cá, esperando matar um dinossauro. Nossa única esperança é fazer alguns rastros e persuadi-lo de que a criatura se afastou daqui.

Por sorte, havíamos pensado em dizer a Fitz para trazer fotos do que conseguisse matar. E Rasmussen teve a idéia de gravar seus urros.

- São como hipopótamos. Bolos de carne afundados pela água. Podemos tentar um pouco antes que Fitz retorne.

- Mas ele arriscou a vida - disse a pequena Jeanne. - E se o sinal não funcionar?

Bem, apagamos algumas trilhas de rio e então nossos homens-macacos tiveram uma batalha com babuínos e ficamos ocupados demais com marcação de tipos sanguíneos e amostras de tecido. E o sinal soou e ali estava Fitz, todo sujo de lama e com os dentes escancarados feito as teclas de um piano.

- Uma beleza - ele nos disse. - É maior do que o banheiro de Deus. - Na verdade, ele havia atirado num até então desconhecido braquiossauro. - Apertei-o com a cauda cortada em duas; não tem três horas de morto. Tudo pronto para transportar. - Ele puxou um plástico molhado. - Aqui está a pegada. E uma marca da cauda. Podemos arrastar uma sacola de pedras por isso.

Ligou o gravador e o rugido foi o bastante para nos fazer cair para trás.

- Uma coisa como um sapo grande faz isso, só que o nosso faz uma buzina bobinha. O honorável nem vai saber a diferença. Agora vejam!

Ele pulou de lado e mostrou um objeto aos seus pés.

- Sintam só. Um ovo vivo.

- Meu Deus... - nos acotovelamos. - E se ele levá-lo de volta e chocá-lo no hospital geral?

- Eu poderia injetar nele algo de ação lenta - disse McGregor. - Manter o coração batendo um pouquinho. Um equilíbrio de enzimas?

- Agora, as marcas - disse Fitz. Desdobrou uma barbatana que parecia um prate de peixe-espada. - Eles marcam as árvores com isso. E fazem um ninho de algas molhadas... nosso trecho de pântano lá é isso mesmo. Mas tem uma coisa.

Tirou um pouco de lama dos pêlos do peito com as unhas, olhando para Jeanne McGregor.

- As trilhas - ele disse. - Não são apenas pegadas. Eles, bom, eles comem pra caramba e ... já viu uma vaca? As trilhas estão lotadas de estrume.

Houve uma pausa que cresceu até se tornar um silêncio.

- Na verdade, o pensamento havia... - disse Priscila Owens, a gorda.

O pensamento havia passado por todas as nossas cabeças.

- Bom, por uma questão de realismo, tenho certeza de que algo pode ser arranjado - sorriu Peshkov. - Uma oferta à sua sociedade, não é?

- Ele é um caçador - disse Rasmussen. - Cuidará muito bem desses detalhes.

Fitz grunhiu desconfortável.

- Tem outra coisa. Esqueci de lhes falar do sobrinho do senador. Acontece que ele é naturalista amador. Para falar a verdade, ele tentou dizer ao senador que não existiam dinossauros aqui. Foi quando falei dos rugidos à noite.

- Sim, mas...

- E o sobrinho está vindo para cá junto com o senador. Talvez eu devesse ter

mencionado isso. Ele é esperto e tem um olho que vou te contar. Foi por isso que eu trouxe os ovos e tudo o mais. As coisas vão ter que ser bastante realistas.

Houve um silêncio para recuperar o fôlego. Peshkov foi o primeiro a explodir.

- Tem mais alguma coisa que você convenientemente esqueceu de nos contar?

- Você queria caçar dinossauros! - gritou Priscilla Owen. - Você planejou isso! Não importava o quanto custasse à ciência, não importava o que acontecesse conosco! Você usou isso tudo...

- Prisão! - vociferou Rasmussen. - Uso ilegal de...

- Agora esperem um pouco - a voz seca de McGregor nos fez parar. - Essa discussão não vai ajudar. Primeiro de tudo, Jerry Fitz, há um senador vindo ou isso também era parte do jogo?

- Ele está vindo - confirmou Fitz.

- Bem, então - disse Mac. - Estamos nessa. Precisamos agir de acordo. Realismo total!

Rasmussen pegou o touro pelo, hã, chifre.

- Quanto?

- Bom, um bocado - disse Fitz. - Pilhas.

- Pilhas?

Fitz estendeu as mãos.

- Não é coisa ruim - ele tirou mais lama do corpo. - Você se acostuma. Eles são herbívoros.

- Quanto tempo temos?

- Três semanas.

Três semanas... Mais um pouquinho daquele aquavit, Pier. A lembrança daquelas semanas ainda está muito fresca, muito verde... Verde, é claro, todos os tipos de verde. E frutas. Deus, ficamos enjoados.

Os MacGregors foram os primeiros. Cólicas - você nunca viu dores de estômago piores. Eu tive. Todo mundo teve, menos Fitz. Mas nós fizemos com que ele tivesse a sua parte, isso eu lhe garanto. Foi um pesadelo.

Foi aí que começamos a apreciar Priscilla Owen. Comer? Grandes górgonas, como aquela mulher conseguia comer. Estávamos todos morrendo mas ela ia em frente. Mangustins, plantinhas, raiz de mandioca brava, palmitos... tudo de tudo. Como a aplaudíamos! Mal podíamos rastejar, mas chegamos a competir para trazer-lhe comida e escoltá-la até o pântano. Isso tomou-se uma obsessão. Ela estava nos salvando. E à ciência. Uma completa subversão de valores, Pier. Do ponto de vista da produção de estéreo, aquela mulher era uma santa.

Rasmussem a idolatrava.

- Dez mil dinares não pagariam as galinhas que ela comeu - ele dizia. - Os persas é que estava certos.

Então ele vomitava e se arrastava para cavar raízes para ela. Acho que ele chegou a conferir a ela a Ordem de Lênin mais tarde, embora o trabalho científico dela fosse um tanto trivial.

A coisa engraçada foi que ela começou a perder peso. Toda aquela coisa dura, você sabe, ao invés das coisas gordurosas que ela comia normalmente. Ela ficou bem diferente. Na verdade, eu tentei pedi-la em casamento uma vez. No pântano. Por sorte passei mal. Ah, obrigado, Pier... Ela recuperou tudo mais tarde, naturalmente.

Bom, quando o senador e seu sobrinho chegaram, estávamos todos tão doentes de eólica e disenteria e nossa obsessão com as trilhas que mal nos importávamos com o que iria acontecer com nosso projeto.

Eles chegaram à tarde, e Fitz levou-os para dar uma volta pelo pântano e fez com que encontrássemos o ovo. Isso calou a boca do sobrinho, mas pudemos ver que ele tinha ficado muito danado por descobrir que estava errado, e olhava para tudo com dureza. O senador era simplesmente maníaco. A pequena Jeanne conseguiu fazê-los engolir um pouco de bebida, com a desculpa de evitar disenteria. Ha! - obrigado.

Por sorte anoitece às seis no equador.

Umás duas horas antes do amanhecer, Fitz esgueirou-se até a cabana e materializou a carcaça do braquiossauro. Fresquinha do pântano do Cretáceo Superior em que havia estado lá oitenta milhões de anos atrás, pasmé. Até hoje é difícil de acreditar - e nós no Pleistoceno. Então ele voltou no escuro e o urro gravado tocou na hora marcada.

O Senador e o sobrinho vieram pingando de suor, quase nus, com Fitz lhes dizendo onde ficar e o ajudando a apontar a artilharia. E a aquela cabeça enorme surge entre as árvores ao redor da cabana e o Senador deixa as balas voarem.

Essa foi realmente a parte mais perigosa de toda a história. Eu estava debaixo daquela cabeça com o elevador de carga, e ele quase me acertou.

Claro que o senador não estava em forma para ir ao outro lado do desfiladeiro - embora seja surpreendente o que um mesomorfo pode fazer - e então Fitz foi obrigado a trazer a coisa. Assim que o senador tocou aquele focinho horrendo, ficou logo assanhado para levar o bicho para casa. Esse foi o castigo de Fitz; duvido que ele tivesse imaginado que perderia seu troféu. Mas ele salvou as viagens no tempo. Acho que ele conseguiu uma decoração escocesa no fim das contas. De qualquer forma, o sobrinho não teve chance de olhar muito e na hora do almoço tudo tinha acabado. Quase. Incrível mesmo.

Ah, sim, deu-se a apropriação. E o resto veio atrás. Mas ainda tínhamos um problema, sabe? Tem certeza de que não quer um gole? É tão difícil encontrar aquavit de verdade hoje em dia. Pier, amigo velho, é tão bom te ver de novo...

Sabe, o senador gostou tanto que resolveu voltar e trazer seus colegas. Sim. Um negócio muito difícil, Pier, até que nossos fundos finalmente estabilizaram. Agora percebe por que não consigo mais ver salada na minha frente? E coprólitos...

O quê? Ah, isso significa excremento fossilizado. Os paleobotânicos costumavam achar isso o máximo. Agora que podemos ir até lá, não faz sentido... E, de qualquer forma, quem pode dizer se é de verdade ou não?

Dinossauro

Steve Rasnic Tem

Steve Rasnic Tem já vendeu mais de cem contos, e quase o mesmo número de poemas, apareceu em quase todas as revistas e antologias do mercado americano. É especialmente bem recebido no mercado de horror e fantasia negra, e foi indicado por sua ficção curta para o World Fantasy Award e o British Fantasy Award. Seu primeiro romance, *Excavations*, foi publicado há poucos anos, neste momento trabalha em vários outros. Vive com a esposa, a escritora Melanie Tem, e família, em Denver, Colorado.

Na calma, eloqüente e amarga história que se segue, ele examina o velho ditado bíblico que diz que “há um tempo para cada coisa”.

Mas o que acontece quando esse tempo já passou?

Para onde foram os dinossauros? As crianças olhavam para suas carteiras. Uma mudança de clima, era glacial, lagartas comendo sua comida, doenças, mamíferos comendo seus ovos. Freddy Barnhill pensava nessas respostas mas era consciente demais de si mesmo para levantar a mão. O professor aguardava. Mas ninguém estava realmente certo, Freddy pensou. Ninguém sabe.

As vezes ele pensava que podiam estar perdidos em algum lugar. Não conseguiam encontrar o caminho de volta. Não conseguiam manter passo, do jeito que o mundo estava mudando. Então foram deixados para trás. Foram abandonados.

Vinte anos depois, Freddy dirigia os trinta e cinco quilômetros entre Meeker e Rangely duas vezes por dia pensando no pai e nos dinossauros. Só ocasionalmente mudava o assunto, embora esperasse que ambos os tópicos já tivessem se exaurido. As pessoas podiam chamá-lo de obcecado; diabos, as pessoas podiam chamá-lo era de louco.

Ao longo da Colorado Highway 64, intermináveis correntes de grama amarela balançavam ao vento, cada riacho e arrolho ameaçando tirar seu olho de seu canal e atirá-lo na represa. Quase no instante em que entrava com a caminhonete para a estrada, começava a ver as mãos enormes do pai vindo em sua direção do balcão do bar. Ele se sentia subitamente com medo da instabilidade do pai e corria para se esconder debaixo da mesa. Então ouvia o súbito estrondo da cabeça enorme do pai sobre a mesa quando desmaiava. Um estrondo sem fim; a cabeça de seu pai batia forte contra a madeira dura repetidas vezes durante os trinta e cinco quilômetros entre Meeker e Rangely.

Parecia haver pouca vida nos vales e colinas baixas. Terra dura contra a qual

era preciso lutar, que engolia quaisquer tentativas falhas. Os primeiros colonos haviam batizado aquela terra com suas reclamações: Cova do Diabo, Desfiladeiro Amargo, Acampamento da Angústia, Vila dos Besouros, Beco da pobreza. Casas podres ao redor de arbustos de erva inclinavam-se nos lados das colinas como gargantas velhas, as paredes inchadas caindo. Os dedos quebrados de velhos moinhos de vento apontavam para o céu vazio.

Quando chegava a Rangely, a sensação de vazio era ainda mais pronunciada: pedra cinzenta, lunar, em cordilheiras e planícies até onde os olhos podiam ver. Uma paisagem assolada pelo vento, viva apenas por conta dos arbustos, e de pouco mais. A reserva das companhias de petróleo: tubulações velhas e novas, cabanas abandonadas. Seu pai passara a maior parte de sua vida adulta ali, trabalhando para uma ou outra.

Mel Barnhill fora originalmente um cowboy. Um biscateiro. Então, quando as coisas haviam começado a mudar com os poços de petróleo chegando, ele também mudara. Fora mecânico, operário, pau-para-toda-obra. Freddy se lembrava de vê-lo trabalhar com os primeiros equipamentos primitivos, até mesmo algumas das escavadeiras a vapor. Enormes mãos marrons trabalhando com alavancas duras. Sorrindo, cantando - ele sempre fora feliz trabalhando com maquinário. Freddy o ajudara, ou quase, da mesma forma que qualquer garoto muito pequeno poderia ajudar o pai no seu trabalho. Mas aquele tempo havia passado. Assim como a vida do cowboy.

Seu pai gostava de pensar em si mesmo como um fora-da-lei.

- Não preciso de leis, e nem de mulher pra me amarrar. Faço o que quero.

Freddy lembrava-se de seguir seu pai até a rua depois de uma das bebedeiras do homem. O andar gingado, ele pensava agora, lembrava Butch Cassidy ou o matador profissional Tom Horn, que costumava se esconder não muito longe dali. Ainda se criava gado naquela época, e Freddy podia se lembrar de mais de uma ocasião em que seu pai dera a entender que tivera um papel naquilo também. Às vezes piscava para Freddy quando dizia isso, mas Freddy nunca entendia se isso era uma brincadeira ou se realmente fizera aquelas coisas, e Freddy devia se orgulhar mais ainda dele. A primeira vez em que Freddy vira um filme de John Wayne, pensara que era seu pai na tela. O andar era o mesmo. Depois de algum tempo, começou a se perguntar se seu pai não havia praticado.

Gestos dramáticos pareciam ser a marca registrada dos mais velhos na região. Gestos que traduziam um estilo de vida moribundo.

Quando pensava nisso agora, Freddy acreditava que seu pai sabia que a vida estava rapidamente se tornando obsoleta, e o cowboy e o rancheiro eram espécies em extinção. Era o fim de uma era. Não muito depois do tempo de seu pai, construíram aquela usina em Craig, e os mais velhos subitamente passaram a não conhecer todas as caras quando iam à cidade. As pessoas tinham de trancar as

portas.

- Cowboys bestas! Vira bostas de merda! - gritara bêbado o pai de Freddy, num curral do lado de fora de um bar em Rangely. Freddy lembrava-se vagamente do incidente; vira apenas parte dele pela janela do bar. Mas toda vez que esbarrava num velho amigo de seu pai, era lembrado disso.

Seu pai andara bebendo com alguns de seus amigos cowboys; tiveram uma discussão. Acusaram Mel de dar-lhes as costas, tornando-se um garoto da cidade, porque trabalhava para as companhias de petróleo.

O pequeno Freddy estremeceu atrás da janela. Seu pai estava arrastando uma vaca para fora do celeiro. Antes que alguém pudesse fazer qualquer coisa, ele a matou com um tiro. O grande animal marrom caiu em câmera lenta, a cabeça fazendo um barulho chocho no chão duro. Uma das garçonetes segurara Freddy com tanta força que o apavorou, mas o gesto o acalmara. - Aquela era a paisagem que Mel Barnhill prometera ao filho. Era o cenário da maioria dos sonhos de Freddy. Mas era nos arredores de Rangely que, todos os dias, Freddy começava a pensar nos dinossauros.

A uns trinta quilômetros ao norte de Rangely ficava o vilarejo de Dinossauro. E a cinquenta e quatro quilômetros a oeste, logo depois da divisa com Utah e logo acima de Jensen, havia a grande Pedreira dos Dinossauros, do Monumento Nacional aos Dinossauros. Uma das maiores fontes de fósseis de dinossauros do mundo. Terra primitiva, ou a forma como a terra poderia ficar após alguma catástrofe. Freddy não ia mais lá. Parado ali em pé, olhando os desfiladeiros, onde o Platô do Colorado havia se chocado contra a cordilheira de Uinta, era como se toda a sua vida pudesse desaparecer lá algum dia, empurrada para o vazio.

Sobre cada placa de rua na vila de Dinossauro havia o contorno de um pequeno estegossauro cortado em vermelho. As ruas tinham nomes como Brontossauro, Pterodáctilo, Tiranossauro Rex. A cidade parecia velha, quase tão velha quanto a terra que a cercava, com barracos de papelão aqui e acolá e casas de tábuas. Costumava se chamar Atresia, antes do Departamento do Interior inaugurar o parque.

Mas a maioria dos turistas ia para Utah, Jensen e Vernal. Dinossauro era apenas um lugar pelo qual as pessoas passavam em seu caminho para outro lugar; não havia restaurante, nem sequer um posto de serviços meio decente. Somente algumas centenas como população: não havia muitas pessoas mesmo para começar, e a maioria delas havia ido embora há muito tempo. O vermelho dos recortes de dinossauros parecia com ferrugem.

Freddy trabalhava em Rangely, como seu pai antes dele, mas vivia em Meeker. Gostava de Meeker, embora a maior parte dos outros homens de sua idade reclamasse que não havia nada para se fazer. Era uma cidade quieta; não havia muitos cowboys, e ela não tinha os trabalhadores de construção civil e

petroleiros de Rangely. Freddy ficava aliviado.

A caminhonete deslizou no cascalho, e Freddy lutou para endireitá-la. Era preciso tomar cuidado dirigindo nas estradas por ali; elas embalavam-no de tal forma que o tomavam descuidado. O veículo parecia tão fácil de dirigir, tinha tanta potência, mas às vezes ele se esquecia de como um deslize podia ser perigoso. Um dos problemas da tecnologia avançada e da evolução. Fazia você ficar descuidado; tomava-se fácil demais perder o controle sobre a potência. E aquela potência poderia deixá-lo de rodas para o ar à beira da estrada.

Uma vez mais a cabeça enorme de seu pai arrebentou-se contra a mesa. Os copos caíram numa chuva de lascas. A boca disforme de seu pai abriu-se para expor dentes sujos e quebrados.

Dinossauros costumavam andar pelas colinas ali, mas aquela época fora diferente. Freddy pensava muito nisso, como as coisas eram tão diferentes. E como poderiam voltar a ser diferentes, com novos monstros andando pela terra desolada: ratos gigantes e coelhos assassinos, mas talvez coelhos como ninguém jamais vira antes: longas garras e patas traseiras fortes o bastante para rasgar outro animal ao meio. Longo antes dos dinossauros, aquilo era uma baixada desértica, no começo do Período Jurássico. Não havia animais. Grandes e inquietas dunas de areia com trezentos metros de altura, coleando e deslizando como sonhos primitivos. Desaparecendo, morrendo na distância.

A casa mais antiga de que Freddy conseguia se lembrar era uma velha casa de cômodos a poucas centenas de metros de uma das primeiras tubulações de petróleo. Um barraco caiado, na verdade, vários quartos separados por caixotes amarrados. Ele e seu pai moravam num. Não se lembrava da mãe, exceto como uma presença fugidia, mais como um fantasma, algo morto e não morto. Não achava que ela tivesse algum dia vivido com eles naquela casa, mas não tinha certeza. Lembrar-se tão pouco dela - uma imagem difusa em luz, um cheiro, mais nada - o incomodava. Ela havia desaparecido. Ela nos deixou. Ela me deixou, ele se corrigiu. Era o que seu pai sempre lhe dissera, mas ainda era difícil de acreditar.

A terra afundava. Um mar ártico penetrou. Milhões de anos passaram, e no final do Jurássico tudo ergueu-se novamente. Os dinossauros estavam chegando; a terra estava se preparando.

Às vezes se perguntava se havia chegado realmente a conhecer sua mãe. Talvez suas lembranças fossem falsas. Talvez ela tivesse morrido quando ele nasceu. Talvez tivesse se afastado para morrer, seu tempo contado assim que lhe dera à luz.

A terra que acabava de sair do mar era muito mais úmida. Planícies achatadas. Pantanosas. Grandes e lentas correntes carregadas de terra fluíam das terras altas para oeste, para alimentar os pântanos e os lagos. Partículas de pó fluíam dos vulcões para além das terras altas. Pinheiros de araucária erguiam-

se 75 metros acima do chão da floresta, sobrepujando os topos de samambaias e cicadáceas. Gigantescos pterossauros, parecidos com morcegos, batiam asas escamosas contra o céu, mantendo o equilíbrio com suas longas caudas de ponta chata. Crocodilos bronzeavam-se às margens do pântano.

E mesmo assim ele se lembrava de seu pai reclamando dela. De como ela nunca fazia limpeza, nunca os ajudava em nada. Ele tinha uma imagem mental de seu pai botando-a para fora. Ela gritando, chorando, estendendo os braços. "Quero meu bebê, meu bebê!" Freddy não tinha certeza.

Um apatossauro ergue sua grande cabeça acima das plantas. Quarenta toneladas, herbívoro. Olhos frios. Sua cabeça cai num estrondo.

Freddy amava uma mulher em Rangely. Por causa dela, ele sempre se permitia passar as noites de sexta lá. Mas amar alguém assim o amedrontava. Ela podia deixá-lo. Podia sumir. E ele não gostava de acordar em Rangely; a primeira coisa que se via eram aquelas colinas de calcário branco.

Ele a amava. Disso tinha certeza. Seu amor o preenchia, e formava uma das três âncoras de sua vida, juntamente com as lembranças de seu pai e os pensamentos em dinossauros. Mas ultimamente faltava algo. Alguma crise, algum drama. Amá-la não parecia o bastante.

Não sabia bem por que nunca haviam se casado. O tempo certo nunca parecia chegar para nenhum dos dois, mas depois de um tempo ele percebeu que nunca haveria um tempo certo. Certa vez ela ficou esperando um filho seu, mas abortou. Ninguém chegara a saber. Não era o tempo para isso, ele supunha; seu tempo havia passado. Não acreditava em Deus ou no céu, mas às vezes se perguntava se o bebê poderia estar em algum lugar. Escondendo-se dele. Ou esperando por ele.

Por toda parte era a mesma coisa. Tinham amigos - amantes e casados - e todos pareciam estar se separando. Ainda amando uns aos outros, mas incapazes de ficarem juntos.

As vezes sua viagem de Meeker a Rangely era especificamente para ver Melinda, mas quase nunca pensava nela durante a viagem. Pensava em seu pai, e nos dinossauros.

Freddy olhou pela janela lateral da caminhonete. Planícies de arbustos, encostas de calcário, leitos de rios transformados em areia. Ruínas de oleodutos nos campos. Antes das companhias de petróleo havia cowboys, alguns fazendeiros. Antes deles, os foras-da-lei se escondendo.

Antes dos foras-da-lei, mercadores de peles conduzindo suas mulas pelos desfiladeiros.

Antes disso, dinossauros vagando pelas quentes e úmidas terras baixas.

Freddy havia observado seu pai pouco a pouco tomar-se obsoleto, ficando

sem coisas que pudesse fazer, ficando sem lugares para viver. O hábito de viver havia aumentado, seu pai pulava de emprego em emprego, eles se mudavam de barraco para barraco.

A grande cabeça de seu pai, seu corpo enorme caindo, num estrondo sobre a madeira, Freddy correndo para sair do caminho da massa em queda livre...

E depois seu pai saíra. Desaparecera. Freddy tinha dezessete anos. Lembrava-se vagamente de seu pai saindo, atravessando as planícies no ar cheio de poeira. Era de manhã cedo - Freddy havia tentado se levantar, mas não conseguia, e tomara a voltar para baixo dos cobertores. Havia sido abandonado.

Freddy fazia pequenos serviços jurídicos para uma das companhias de petróleo. Serviços fáceis, lidando com proprietários da região sobre direi-

tos de terra, fazendo leasings, as vezes resolvendo as reclamações de um empregado particularmente insatisfeito. A maior parte do tempo, ficava sentado atrás de sua mesa em Rangely, lendo um livro ou sonhando acordado. No escritório, tinha uma biblioteca completa sobre dinossauros e outras raças e espécies misteriosamente desaparecidas. Ficava muitos dias sem ver ninguém, e almoçava na própria mesa.

Hoje era sexta, e ele ficaria na casa de Melinda. Ela dava aulas a uma certa distância de Rangely - filhos de rancheiros, na maior parte - e Freddy muitas vezes se perguntava por que ela não vivia mais perto do trabalho. Mas ela dizia que gostava de Rangely.

No final de semana eles visitavam o túmulo do pai dela na Montanha Douglas. Seu pai morrera de uma doença longa e devastadora. Ficara ao pé de sua cama a maior parte do tempo, esperando que ele se fosse, mas não acreditou quando ele finalmente abandonou-a, os olhos se perdendo em cinza.

Freddy sentia-se um pouco culpado, mas tinha de admitir que gostava de ir lá. Os cavalos selvagens que chamavam de "vassourinhas" habitavam a Montanha Douglas, um dos últimos bandos do gênero no oeste. Era uma terra seca e pedregosa, com cerca de 450 milhas quadradas. O bando estava ali havia mais de cem anos, começando com cavalos que haviam se desgarrado das fazendas e ranchos e virado selvagens. Eram lindos de se ver, selvagens e cheios de vida. O pai de Melinda costumava apanhar alguns, trabalhar com eles. Então morreu.

O velho Dodge de Melinda já estava na casa dela. Alguma coisa estava errada; ela costumava chegar uma hora depois dele. Entrou; ela estava de pé perto do velho lavabo, de costas para ele.

- Estão fechando a escola - ela disse baixinho, sem se incomodar em virar.
- Por quê?

Agora ela se virava, com ar surpreso.

- Como assim, por quê? Podia ter acontecido qualquer dia; você sabe disso.

Muitos rancheiros foram embora... não há o bastante para justificar a escola. Um dos rancheiros comprou-a; ouvi dizer que vai transformá-la num celeiro.

Ele se sentia estúpido.

- Quando isso vai acontecer?

- No final do período. Em três semanas. - Ela olhou para ele. - Vou me mudar, Fred. Passei muito tempo aqui; exauri todas as possibilidades. Eu... - Ela olhou para ele triste. - Não posso mais conseguir aqui o que preciso.

Ele não conseguia olhá-la nos olhos. Lentamente deu a volta pela cozinha, olhando para as coisas. Ele sabia que era um hábito que a deixava furiosa, mas não conseguia evitar.

- Eu... não quero que vá - ele disse finalmente. Então tentou olhar para ela diretamente, para mostrar que falava sério. Não conseguiu, mas pensou que quase havia chegado lá. Talvez ela nem notasse. - Não me deixe - ele disse na direção dela. - Eu te amo.

- Eu também te amo, Fred. De verdade. Mas não é o bastante hoje em dia, não é?

- Deveria ser, mas não é. Não sei por quê.

- Também não sei; as coisas estão mudando. Em toda parte.

Ele a abraçou por algum tempo, mas sabia que era simplesmente um gesto. Um último gesto não tão dramático para alguma espécie de fim.

Foram ver o túmulo do pai dela de qualquer maneira. Era um passeio difícil sobre um solo pedregoso, e por mais que tentasse, Freddy achava impossível pensar em Melinda, na falta que ela faria. Se pegava pensando em dinossauros, imaginando pescoços de serpente elevando-se por sobre as colinas. Tornou a recontar as formas pelas quais poderiam ter morrido.

Havia quem pensasse que as formações de cadeias de montanhas no final do Cretáceo os havia matado. Mas por que os outros animais não haviam sido destruídos? Uma teoria favorita costumava ser a de que doenças, um série de pragas, os haviam exterminado. Ou velhice racial. Algumas pessoas diziam que era a ira de Deus.

A teoria mais popular sustentava que eles foram exterminados porque o mundo havia se tomado um lugar mais frio, talvez quando um gigantesco meteorito chocou-se com a Terra, e a nuvem de poeira resultante do impacto obscureceu o sol.

Mas nenhuma teoria parecia adequada para explicar uma extinção mundial tão completa.

Talvez eles tivessem sabido que a hora deles chegara. Talvez algo em seus corpos ou seu sonho réptil primitivo lhes dissesse que sua era havia chegado ao fim.

Não tinham escolha senão aceitar. Os outros os haviam deixado para trás. Imaginou-os indo morrer em algum lugar específico, os grandes corpos empilhados. E o mundo continuara sem eles.

A cabeça maciça de seu pai atingindo o chão, o grande peso sacudindo o pequeno Freddy onde ele se escondera debaixo da mesa. Os grandes olhos rolando nas órbitas, a boca solta e sem forma, gemendo...

Foram para o túmulo do pai dela de mãos dadas, sem dizer nada. A Montanha Douglas era bonita, a terra pedregosa quase proposital, esteticamente agradável em sua forma através dos campos verde-cinzentos. Não havia ninguém para perturbá-los: aquilo era campo mesmo, afastado. O cafundó do Judas, como diziam os mais velhos.

O túmulo estava bem conservado; eles haviam passado muito tempo de namoro na montanha, e freqüentemente arrumavam o túmulo e sua lápide. Uma árvore velha curvava os galhos sobre a pedra polida, e pendendo deles estavam os velhos apetrechos de seu pai, as esporas, o laço, algumas de suas ferramentas para trabalhar em couro e um ferro de marcar de seu primeiro emprego como peão. Como um pequeno museu. Artefatos já envelhecidos e quase esquecidos.

O vento aumentou e tirou os cabelos amarelados de Melinda de cima de seus ombros. - Vento quebrado - ela murmurou, e riu baixinho. "Vento quebrado" era gíria de cowboys para uma tempestade feia. Freddy pensou ter ouvido um cavalo, vários, relinchando e batendo com as patas no pó atrás deles. Olhou nervoso ao redor e não viu nada além de uma nuvem de poeira cinzenta rodopiando com a brisa. Seu pai costumava dizer que os "sinais" estavam sempre lá para quem soubesse ler. As mensagens secretas da natureza. Era possível dizer o que estava por vir se soubesse o que procurar. Freddy imaginou seu pai lá fora, no crepúsculo, com os cavalos há muito perdidos, todos eles dinossauros, ocultos, observando-o.

- Cadê as vassourinhas? - ele perguntou.

- Aqui em algum lugar. Estão um pouco tímidos esses dias.

Freddy estremeceu e chegou mais perto dela. Olhou para trás. Uma pequena coluna de poeira estava assentando, mas por um momento pareceu-lhe uma pata de cavalo batendo forte no solo. Podia ouvir o ar sendo forçado por narinas largas. Ruídos fantasmas, ele pensou. Então tudo voltou a ficar silencioso, o ar ficou límpido e Freddy foi capaz de enxergar por quilômetros ao redor. Nenhuma poeira, nenhuma perturbação das encostas ou planícies nuas, varridas pelo vento. Nenhuma vida.

- Acho que se foram - ele disse, olhando as encostas desoladas. - Meu Deus, acho que todos finalmente se foram.

Ela olhou para ele, mas não respondeu.

- O amor não vai nos salvar - ele disse. Novamente a cabeça enorme tombou para a inconsciência.

Horas mais tarde, Freddy estava pedindo outra cerveja, olhando para o cowboy adormecido na mesa ao seu lado. Não entrava num bar de Rangely desde que seu pai desaparecera. Não ficava bêbado há anos.

O bar era iluminado por algumas lâmpadas amarelas. Cowboys e petroleiros deslocavam-se na penumbra, um tomando-se o outro, perdendo definição. A escuridão do bar absorvia a maior parte de suas vagas sombras individuais, mas as que Freddy conseguia ver pareciam grandes demais. Eles gritavam, quase uivando, suas bocas enormes, cavernosas, e isso doía os ouvidos dele.

Quando deu por si, estava examinando o tampo da mesa. Quanto mais perto, mais bebia. O que viu lá, finalmente, arranhado na superfície, parecia ser alguma espécie de pictograma. Escrita por símbolos. Kokopeli, o flautista. Os índios Fremont, que viveram... no ano mil d.C? Freddy levantou a cabeça e olhou as sombras, tentando achar alguém que a pudesse ter talhado ali. Pensou ter visto um rosto mais escuro que os demais, um rosto pintado, mas então a área pareceu se fundir novamente, dois cowboys movendo-se no espaço. Passou suavemente os dedos pela figura... velha, gasta. Descendo a área de Cub Creek, Freddy vira uma série delas. Quando adolescentes, ele e alguns colegas costumavam acampar ali, para atirar nas imagens. Agora sentia muito vergonha disso, só de pensar, e mesmo naquela época sentira como se tivesse feito algo de sujo. Os Fremonts haviam partido por volta de 1150. Desapareceram nas colinas. Ninguém sabe por quê.

- Estava na hora deles - ele sussurrou para ninguém. - Seus corações sentiram isso.

As sombras no bar dançavam, subindo pelas paredes. Cavalos trovejando na escuridão. Índios Fremont. Os cowboys e petroleiros pareciam dançar com eles. E por trás de todos, o vulto assustador de um antigo e estrondoso réptil, tropeçando, caindo...

- Ei, garoto, parece que te deram uma coca! - Um cowboy alto dava palmadinhas nas costas de Freddy. Ele piscou e olhou para o homem. O cowboy sorriu. - Quer uma bebida? Eu pago.

- Claro, claro - Freddy concordou sem convicção. Era difícil focalizar o velho.

O cowboy se sentou.

- Estava lá caçando coioite no Rio Branco, aí pensei em vir pra cidade e ficar aqui com o gado velho. - Freddy olhou para ele sem expressão. - Uma noite na cidade, não sabe? - O cowboy olhou ao redor. - Muito tempo longe, calculo. Noite passada sofri o pão que o coisa-ruim amassou, rapaz, bebi demais, e tudo o que arrumei foram umas irmãs velhas... Me deixou tão zangado que tive que puxar briga com um sujeito do local, um rapazote de nada, e dei nele até ele ir parar na

rua me chamando pra briga. Bati feio, escabufei o garoto, mas Meu Deus! Hoje eu estou quebrado! - Olhou para Freddy e piscou.

- O senhor... faz armadilhas pra coiotes? Dá pra ganhar a vida fazendo isso?

- Dá pra não morrer de fome - ele disse. - Que diabos, é uma vida.

- Uma vida... - Freddy disse triste, engolindo a cerveja. - Não restou muito...

- Isso é verdade! Vidinha besta de se viver, mas era uma vida. Depois que eu for embora ninguém vai saber o que aconteceu, ninguém vai saber como eu vivi!

Freddy olhou os dentes manchados de tabaco. O sorriso ficava cada vez maior, expandindo-se, virando do avesso, o enorme rosto enrugado caindo, caindo...

Mas era o rosto de Freddy caindo, com um estrondo sobre o tampo de madeira da mesa.

Freddy acordou na segunda, com o sol queimando seu rosto. Esfregou a pele seca, com medo de abrir os olhos, certo de que alguém o havia simplesmente arrastado para fora do bar em Rangely e o deixado deitado no deserto. Então o chão pareceu ficar mais macio sob seu corpo, ele abriu um olho e estava em sua própria cama em Meeker, todo vestido.

- Como... - murmurou, então percebeu que o velho cowboy devia tê-lo levado de volta no carro.

Freddy saiu cambaleante da cama e olhou pela casa, mas o homem não estava em lugar algum. A caminhonete de Freddy estava estacionada no jardim da frente. O cowboy deve ter conseguido uma carona de volta para Rangely. Ou desaparecido nas montanhas ou na pradaria, de volta ao seu esconderijo. Desaparecendo. Morrendo.

Sentou-se na beira da cama e esfregou a nuca. O relógio de cabeceira marcava duas horas. Mal dava para ir ao trabalho agora, mas achava que devia. Não tinha compromissos hoje, então duvidava que tivessem sentido sua falta.

As casas pareciam anormalmente quietas. Uma brisa suave fazia as cortinas farfalharem à janela aberta, e não havia ruídos de fora. Nenhum motor de carro, nenhuma criança brincando. Sentiu uma ligeira agitação. Um súbito tremor de ansiedade varreu a metade superior de seu corpo. Os pêlos da nuca se eriçaram. Sensação estranha.

Sua gata preta entrou no quarto. Parou subitamente, virou a cabeça e olhou para ele. Ele a viu se tensionar, as costas levantadas. Ela grudou-se nele com os olhos, sem se mover. Ele começou a se aproximar dela, mas ela disparou com um grito agudo. Freddy não entendeu por quê. Era quase como se ela não esperasse vê-lo.

O vento que vinha pela janela pareceu aumentar de intensidade, e a

temperatura caiu, de forma que subitamente ele estava sentindo rajadas agudas e frias penetrando o quarto num padrão quase ritmado. Foi até a janela para fechá-la, mas parou e meteu a cabeça para fora. A posição era estranha demais para se ver muito, mas não importava o quanto esticasse a cabeça para um lado ou outro, não via ninguém, não ouvia ninguém. Alguns cachorros moviam-se rápidos por entre as ruas. Carros estavam estacionados, vazios.

Só levou alguns minutos para jogar um pouco de água no rosto e se aprontar para o trabalho. Não se incomodou em tomar banho. Enfiou-se na caminhonete, ligou o motor e saiu para a rua principal de Meeker, esperando que as imagens do pai lhe viessem novamente.

Parou depois de dois quarteirões. Saiu do caminhão.

Carros e caminhões estavam estacionados de forma estranha em ambos os lados da estrada, tapando vielas, parados na direção errada, sobre o meio-fio, ou bem no meio da rua. Os motores haviam sido desligados, as portas bem fechadas, mas parecia que os motoristas não havia realmente se importado com o lugar onde os deixassem. Talvez não tivesse feito diferença.

Não havia ninguém à vista. Deu a volta pela parte principal da cidade; dois cães correram quando o viram. As portas das lojas e dos bares estavam escancaradas. Comida ainda sobre as mesas, mas as grelhas e as cafeteiras estavam desligadas. Alguém tinha deixado o rádio ligado, mas só havia estática. Em todas as estações.

- Onde vocês estão se escondendo agora? - ele sussurrou.

Freddy correu para a caminhonete e arrancou. Parou, respirou fundo, e seguiu na direção de Rangely.

Lá ao longe, uma figura alta de chapéu batido e jeans desbotados estava caminhando na direção das montanhas.

- Ei! Ei! - Gritou Freddy, mas a figura não se virou.

As rodas faziam as curvas fechadas, os arroios o puxando, as vaus o seduzindo. Por um instante viu seu corpo quebrado, retorcido entre os destroços lá embaixo, num dos desfiladeiros mais profundos, mas ainda assim pressionava o acelerador, girando todo o volante.

Mas a figura que desaparecia sempre estava longe demais, e a estrada não levava até lá.

- Ei! Cowboy! - Freddy gritou.

O cowboy não se virou, mas continuou a se afastar, a desaparecer.

Passou por outros veículos abandonados à beira da estrada. Não viu ninguém nas colinas senão um coelho ou outro.

Pela primeira vez desde que se entendia por gente, a imagem de seu pai

não lhe ocorria.

Quilômetros depois - ele se esquecera do tempo - parou na divisa de Rangely, incapaz de continuar. Um vento frio enchia as ruas de pó. Não havia luzes nos edifícios, mesmo com os céus escurecidos. Uma porta batia repetidas vezes. Na periferia de sua visão, percebia bem as bombas de petróleo bombeando, sem ninguém para tomar conta, para vigiá-las.

Não iria à casa dela só para ver que tinha ido embora. Não olharia as coisas dela, as relíquias deixadas para trás.

Já estava bem escuro quando Freddy alcançou o topo da Montanha Douglas. Não havia visto seres humanos ao longo do caminho. Não havia esperado por isso.

Para onde foram os dinossauros?, perguntava novamente o professor. A maior parte das respostas tradicionais foram lembradas. A garotinha bonitinha na frente de Freddy, aquela pela qual ele tinha uma tremenda atração, dissera que Deus provocara isso, e muitos na classe concordaram. Freddy dera a resposta sobre a praga de lagartas. Ele gostava de lagartas.

Chegara ao túmulo do velho treinador de cavalos. O túmulo do pai dela. Ela não teria túmulo. Nenhum deles teria. Não haveria ninguém para enterrá-los. Mas talvez houvesse uma pedreira cheia de ossos, e o que quer que pudesse existir em tempos vindouros os escavariam e colocariam em vitrines de exposição e dioramas.

As relíquias de metal na árvore batiam umas contra as outras no vento forte. Lá embaixo estava escuro, mas Freddy pensou poder ver sombras movendo-se lá. Reflexos de si mesmo, talvez, sombras invertidas. Tinha certeza de que podia ouvir os cavalos selvagens com seus galopes trovejantes, os índios Fremont chamando-os, os tropeiros, os foras-da-lei... ou quem sabe não era o rosto de seu pai na escuridão? Talvez ele tivesse ido para lá... todos aqueles anos...

- Eu sou mesmo o mais ignorante dos dinossauros - ele murmurou para as sombras. - Já estamos extintos, e aqui estou eu falando com a escuridão. Aqui estou eu, novamente o abandonado.

Agachou-se e inclinou-se para a frente, forçando a vista. Nada.

- Não me deixem para trás! - ele gritou. - Não me abandonem! - Tocou de leve a cabeça, e cocou o rosto. Não ouvira eco algum. - Eu te amo... - ele sussurrou, mas havia esquecido os nomes.

O vento parecia ter aumentado de intensidade, mas ele então já sabia que era um vento dentro dele, e imaginou-o começando em algum lugar perto da base de sua espinha, varrendo os intestinos, o fígado o coração, apanhando células estranhas de carne e osso à medida que avançava, levando velhas memórias para o cérebro...

- Me levem com vocês - ele murmurou.

E sentiu a cabeça começando a cair, como se de uma grande altura.

Puxando-o para algum lugar.

DINOSSAUROS

Geoffrey A. Landis

Esta é outra história que conta como os dinossauros poderiam ter morrido - e talvez da mais estranha forma de todas...

Geoffrey A. Landis tem um Ph.D. em física do estado sólido experimental pela Brown University, e é pesquisador no Lewis Research Center da NASA, em Cleveland, Ohio, onde trabalha no aumento da eficiência das células solares. Seu primeiro conto foi publicado em 1984 na revista Analog, uma história chamada Elemental, finalista do prêmio Hugo daquele ano. Desde então tornou-se colaborador freqüente nas revistas Analog, Isaac Asimov Science Fiction Magazine, Pulphouse e muitas outras publicações. Sua história Ondulações no Mar de Dirac ganhou o prêmio Nebula de 1988.

Quando o telefone tocou às duas da manhã, não me espantei. Timmy havia me avisado. "Hoje ou amanhã, Sr. Sanderson", ele dissera. "Hoje ou amanhã, com certeza". Sua voz era séria, séria demais para sua idade. Apreendi a aceitar seus prognósticos, pelo menos quando ele tinha certeza, e portanto já tinha meu pessoal preparado. Quando o coronel ligou, eu já estava revendo o que podíamos fazer.

Timmy tem um dom para o tempo. Às vezes pode ver no futuro, e também alguns dias no passado. Talvez devido ao seu talento particular, ele tenha paixão por paleontologia. Tem uma coleção e tanto de fósseis: trilobitas e folhas fossilizadas, e até mesmo um crânio quase intacto de dinossauro. Ele se interessa particularmente por dinossauros, mas talvez isso não seja tão incomum. Afinal de contas, Timmy só tinha onze anos.

E também tinha outro talento. Eu esperava que não precisássemos depender dele.

Encontrei Timmy em seu quarto. Já estava acordado, passando o tempo arrumando a coleção de fósseis. Estaremos nos juntando a eles muito em breve, pensei. Talvez em um milhão de anos a próxima espécie esteja desenterrando nossos ossos e se perguntando o que nos extinguiu. Caminhamos em silêncio até a sala de conferências. Sarah e January já estavam lá. Sarah ainda estava de roupão de banho e chinelinhos de pompom, tomando café numa xícara de espuma. Jan conseguira jogar por cima do corpo um par de jeans um tanto apertados e uma blusa de algodão desbotada. Um momento depois, Jason, nosso hipnotizador, chegou. Não havia necessidade de lhes explicar nada. Eles já sabiam.

Sarahera meu talento número dois. Encontramos ela enquanto testávamos

peessoas que diziam ser capazes de localizar submarinos no fundo do mar. Não achamos nenhum, mas encontramos ela. Ela fora uma dos controles. A instrumentação para o grupo de controle havia falhado com muito mais freqüência do que para os testados. Talvez outra equipe de projetos pudesse ter ignorado isso, mas instruí minha equipe para investigar o inexplicável - sob qualquer forma. Então investigamos os controles e finalmente descobrimos a causa: Sarah. Ela era uma dona de casa divorciada típica, quarenta anos de idade, que tinha o talento de Murphy, uma capacidade de fazer equipamento complexo escangalhar. Depois de algum treinamento, ela conseguiu até chegar ao ponto de controlar isso. Em parte.

Meu terceiro talento era January. Ela havia demonstrado uma habilidade de aumentar a taxa de combustão de objetos. Com um pouco mais de treinamento, ela poderia ser a mais perigosa de todos. Agora, entretanto, ela era apenas uma estudante de faculdade com um talento sem treinamento.

Eu tinha um punhado de outras pessoas, com uma quantidade pequena e errática de outros talentos. Nada que pudesse ser de utilidade contra o que estava por vir.

- Como se sente, Sarah?

- Esgotada, Danny, esgotadíssima. Nunca prestei muito depois da meia-noite.

- Isso não é lá muito bom. Vamos ver, você trabalha melhor acordada. Jan, e você?

- Acho melhor ir lá pra baixo, Dan. Estou muito nervosa pra fazer qualquer coisa acordada.

- Tudo bem. - Acenei com a cabeça para Jason, que levou-a para dormir. - E quanto a você, Timmy? Pronto para ir pra baixo?

- Sim, senhor.

- Como se sente?

- Estou me sentindo realmente bem hoje, Sr. Sanderson - ele sorriu para mim. - Realmente bem.

Se isso fosse verdade, ele seria o único.

Antigamente eu achava que ser designado para o Projeto Estalo era a última parada numa viagem só de ida para a obscuridade, um beco sem saída na direção de um projeto cabide-de-empregos. Mas, mesmo que eu estivesse relegado a um projeto sem futuro, eu resolvi fazer dele o melhor projeto sem futuro do governo.

Talvez eu devesse explicar o que é o Projeto Estalo. Estalo é uma pequena agência governamental criada para estudar o que os militares eufemisticamente chamam de projetos "de longo prazo". O que eles querem dizer é "de louco prazo". Assassinos psíquicos, sacerdotes de vudu, astrólogos, quiromantes, gente que afirma ser capaz de contatar OVNI's. Ninguém realmente achava que isso desse

certo, mas cada um deles era cuidadosamente investigados, por via das dúvidas. Cães que podiam prever o futuro, crianças que podiam entortar colheres, jogadores que podiam influenciar a queda dos dados. Sempre havia algum louco novo para investigar assim que um antigo era dispensado. Afinal, com o orçamento da defesa na casa das centenas de bilhões, alguns milhões para checar malucos saem de graça.

Os sensitivos, os cartomantes e os adivinhos, nenhum deles valeu a investigação. Mas aqui e ali, em estranhos fins-de-mundo e cidadezinhas outras ao longo do país, acabei achando alguns talentos de verdade. Eu implorei, subornei, coagi e descaradamente os contratei para virem trabalhar comigo aqui em Alexandria, onde poderíamos estudá-los, treiná-los para usar seus talentos, e talvez até mesmo descobrir para o que é que eles serviam.

Por estranho que pareça, enquanto eu relatava resultados negativos, me recomendavam trabalho rigoroso e procedimentos de teste cuidadosamente controlados. Assim que comecei a relatar algo de valioso, entretanto, fomos acusados de falhas nas pesquisas e até mesmo de falsificação. O comitê de investigação, embora não tivesse chegado ao ponto de endossar nossos resultados, finalmente sugeriu que nossas descobertas poderiam ter "legítimas aplicações na defesa", e recomendou que eu recebesse um escopo limitado para implementar aplicações de curto prazo. Então pedi - e recebi - um a ligação com o centro de avaliação de ameaças no NORAD, o comando de defesa aéreo norte-americano. Vozes, além de imagens de vídeo da tela de radar principal do NORAD, conduzidas por cabos de fibras óticas à prova de pulso eletromagnético.

Agora nós esperávamos, escutando o que vinha por aquela ligação.

"Satélites de observação informam que os silos de mísseis estão se abrindo."

O Presidente deve estar na linha vermelha agora, tentando evitar a catástrofe que se aproxima. Mísseis terra-ar estavam sendo preparados em seus silos para um ataque de retaliação, aguardando a palavra.

Por todos os EUA, esquadrões de caças estavam sendo aprontados e antigas baterias de mísseis antiaéreos armadas para interceptar os bombardeiros que viriam. Mas essas baterias não conseguiriam derrubar mísseis nucleares. A última defesa dos EUA não seria lutada a partir do posto de comando linha-dura em alguma montanha no Colorado, mas bem aqui, num prédio de concreto indescritivelmente feio num subúrbio de Alexandria, ignorado pelo alto comando militar. Uma dona de casa, uma estudante universitária e um garoto de onze anos.

O talento de Sarah, se ela pudesse fazê-lo funcionar, funcionaria melhor sobre mísseis na fase de lançamento, o de January durante a costa, e o de Timmy a qualquer instante.

"Lançamentos. Primeiros avisos de satélites informam lançamentos do setor oriental. Satélites relatam lançamentos do setor sul. Satélites relatam lançamentos

do setor norte.” Uma pausa. “Lançamentos de submarinos no mar do pólo. Lançamentos do mar Báltico. Lançamentos do mar Negro. Lançamentos do Pacífico Norte. Total de lançamentos confirmados, 1419. Prováveis, 214. Falhas na ignição, 151.”

Não era lá um “ataque cirúrgico”, daqueles que se lê nos jornais, ataques a bases militares e silos de mísseis. Era um ataque em escala total, não ia ficar nada de reserva. Não me pergunte por quê. Nunca afirmei entender política de superpotências.

- Tudo bem, Sarah, aí vai. Força com tudo!

- Vou ver o que dá pra fazer. Mas não faço promessas. - Ela fechou os olhos e recostou-se. Olhei para a tela de TV. Ainda era muito cedo para ver qualquer coisa; decidi rezar. Sou ateu, mas talvez tivesse tempo de me converter.

Sarah abriu os olhos.

- E aí?

Olhamos para o monitor.

“Satélites confirmam 1589 lançamentos. Três falhas na ignição do segundo estágio. 26 minutos para as primeiras chegadas.”

- Droga - ela reclamou. - Tem dias que você consegue, tem dias que não. Parece que hoje não deu. - Ela recostou-se para tentar novamente. Sob sua calma aparente, pude ver que ela tremia de leve.

“Confirmação dos radares PARC. Confirmação dos PAVE-PAWS.” Os pontos começavam a aparecer na tela. “Lançamento da segunda onda. Lançamentos do Atlântico Norte. Lançamentos do Mar do Norte. 820 lançamentos confirmados, 19 prováveis, 22 falhas.” A voz na ligação era calma e profissional. Como ele podia permanecer tão calmo?

Era hora de tentar January. Ela estava completamente relaxada, com a respiração profunda e regular.

- Você está muito calma. Está flutuando cada vez mais alto. Está acima das nuvens. Você pode ver um cilindro de metal movendo-se pelo ar. Está vindo na sua direção. Pode imaginar o explosivo dentro do cilindro. Pode estender a mão e tocá-lo. Está ficando quente. Muito, muito quente. Faça ele explodir.

A tela estava repleta de pontinhos, como formigas caminhando pela tela. Formigas furiosas, caminhando direto para nós. “Ignições queimando. 18 minutos para primeiros impactos.”

- Você pode sentir o míssil perto de você. Estique a mão e toque-o, January. Toque o explosivo lá dentro. Você pode senti-lo! Faça-o explodir!

Uma cesta de lixo do outro lado da sala começou a pegar fogo alegremente. Mas nenhum dos pontinhos na tela desapareceu. Hora de tentar Timmy.

“Satélites de reconhecimento relatam primeira onda de ogivas separando-se dos mísseis.”

Timmy tinha mais um talento, além de ser capaz de ver um pouquinho através do tempo. Podia também fazer coisas desaparecerem. Para onde elas iam, ninguém sabia. Nenhuma delas jamais voltou.

- Timmy, pode me ouvir?

- Posso.

- Lá em cima, bem lá em cima de nós tem um bocado de mísseis voando pelo céu. Quero que você focalize sua atenção neles. Eles estão disparando em nossa direção a centenas e centenas de quilômetros por hora. Pode imaginá-los?

- Posso.

- São muitos, Timmy. Por toda parte, vindo para nós. Agora, quando eu contar até três, quero que você se concentre com muita força, e faça todos desaparecerem. Pronto?

- Um...

- Dois...

- Três!

Nenhum som, nada parecia ter acontecido. Os pontos na tela simplesmente sumiram. “Eles desapareceram”. Pela primeira vez, a voz no link de hardware perdeu a frieza. “Eles desapareceram, não posso acreditar ” Ele começou a rir de nervoso. “Todo o ataque russo simplesmente desapareceu.”

Jason parecia atordoado. Sarah deu um pulo e me abraçou.

- Dan, conseguimos! Timmy conseguiu! - Abracei-a também. Ela estava rindo, rindo e chorando ao mesmo tempo.

Não havia acabado ainda. Tínhamos de usar o talento de Timmy mais duas vezes, sobre a segunda onda e no restante. Depois de cerca de uma hora, ouvimos o anúncio de que os bombardeiros estavam voltando à base. Então soubemos que tudo havia acabado.

Talvez pudéssemos ter contra-atacado com nossos próprios mísseis, ou talvez devêssemos ter anunciado que tínhamos uma arma secreta e pedido rendição incondicional. Talvez pudéssemos ter feito uma série de coisas. Mas estava bem claro que a única coisa que não podíamos fazer era anunciar o que realmente havia acontecido. Não, a menos que soubéssemos que poderíamos repetir o fato.

Então o governo dos EUA simplesmente ignorou o ataque. Fingiu que nunca acontecera. Acho que isso os enervou ainda mais do que qualquer coisa que pudéssemos ter feito. Nunca souberam o que aconteceu. Muito tempo se passaria antes que tentassem outro ataque.

Aqui o sigilo também foi mantido. Afinal de contas, tudo havia acontecido e acabado às duas da manhã, e não houve alarme geral. Naturalmente, houve um bocado de rumores de que algo havia acontecido naquela noite, mas quem poderia ter imaginado que um ataque em escala total havia sido lançado? E quem acreditaria nisso?

Fomos todos conhecer o Presidente. Em sigilo, naturalmente. Eu não me espantei, mas também, não tinha votado nele. Timmy ficou muito excitado com a visita.

Alguns dias depois, as coisas estavam de volta ao que chamávamos de normal. Timmy estava sentado à sua mesa, folheando as páginas de um livro, O Fim dos Dinossauros.

- Puxa, Sr. Sanderson - ele disse. - O que será que realmente aconteceu com os dinossauros?

Pensei nas coberturas de irídio sobre as ogivas nucleares, sobre nuvens de terra e cinzas erguendo-se das explosões atômicas, desencadeando um longo inverno nuclear. Pensei nos dois estranhos talentos de Timmy, um que lidava com tempo, e o outro, completamente diferente. Um talento para fazer coisas sumirem. E onde elas reapareciam? Muitas vezes me perguntei isso. Mas acho que agora sei.

Quase pude visualizar as ogivas, seis mil delas, chovendo sobre as florestas do Mesozóico. Pobres dinossauros, eles nunca tiveram uma chance. E em sessenta e cinco milhões de anos, até mesmo os últimos traços fracos de radioatividade teriam decaído a nada.

Sim, acho que sei quem matou os dinossauros. Mas não ia dizer.

- Não sei, Timmy - eu disse. - Duvido que alguém um dia vá saber com certeza.

Dinossauro de Bicicleta

Tim Sullivan

E se os dinossauros não tivessem se extinguido? Após milhões de anos de evolução, eles poderiam ter desenvolvido uma cultura como a da história que segue. Ou talvez não...

A ficção de Tim Sullivan aparece com certa regularidade em Isaac Asimov Science Fiction Magazine, The Twilight Zone Magazine, Chrysalis e New Dimensions. Escreve resenhas regularmente para The Washington Post Book World, U.S.A.Today, Short Form e contribuiu com muitas resenhas de filmes de horror para a recente Penguin Encyclopedia of Horror and the Supernatural. Seus mais recentes livros são o romance *Destiny's End* e, como editor, a bem recebida antologia de horror *Tropical Chills*. No prelo, um novo romance, *The Parasite Wars*. Nascido em Bangor, no Maine, Sullivan vive agora em Los Angeles.

Harry Quince-Pierpoint Fotheringay subiu na enorme bicicleta e começou a pedalar. Suas garras de três dedos calçadas em botinas encaixavam-se desajeitadas sobre os pedais, e seu focinho exalava vapor no frio da manhã. Suas luvas de menino não impediam que o frio metálico do guidão penetrasse em suas garras dianteiras. Nem seu sobretudo, colete e camisa ajudavam muito. Devia ter escolhido um dia mais quente para viajar para o passado.

Mas agora não tinha como voltar atrás. Uma saraivada de aplausos ergueu-se da audiência que cercava o cronocinéticon, quando a corrente afixada à enorme roda da frente da bicicleta começou a mudar as pesadas marchas que Harry havia tão meticulosamente ajudado a projetar e construir nos últimos sete anos. Era o único assistente de seu instruído amigo, Sir Brathwaite Smedley-Groat, M.I.S., Ph.D. (Membro do Império Sáurio, Doutor em Filosofia), pai intelectual do cronocinéticon.

- Francamente, Harry, não pode imprimir um pouco mais de vigor? - gritou Sir Brathwaite, falando de fora do perímetro do cronocinéticon. Estava sentado numa banqueta de tiro, cauda amarrada ao redor do suporte de madeira, observando os movimentos de relógio da máquina e calculando as revoluções da grande roda principal com um cronômetro. Vestia uma boina de boliche, casaco, perneiras e um cachecol colorido. Sua língua bifurcada brincava nervosa para dentro e para fora da boca. - Mais um pouco de músculo, será possível! Isso, bom rapaz! Força! Mais força!

Força era tudo o que Harry podia fazer para não responder irritado. Enquanto Harry resmungava e suava nos pedais, Sir Brathwaite enviava seu criado de libre correndo pela multidão para comprar uma xícara de chá quente para

afastar o frio de seus ossos cansados. Vendedores, a maioria deles pequenos filhotes de urquinos, vendiam não só chá como também castanhas, insetos fritos, vinho, cerveja e uma variedade de outros comestíveis. Havia quase mil almas reunidas naquela campina nos arredores da universidade, ali para ver a primeira viagem do cronocinéticon. A presença daqueles refinados sauralheiros - as damas trajadas com chapéus de plumas, saias-balão, peles e sapatilhas; seus arrojados companheiros masculinos com colarinhos brancos impecáveis, cartolas, caudas, casacos matinais e guarda-chuvas - todos olhando ávidos o cronocinéticon através de seus binóculos de ópera, monóculos e pincenez, fazia com que Harry se calasse apesar da típica insensibilidade de Sir Brathwaite. Aquele dia auspicioso não seria maculado por uma exibição de péssimas maneiras da sua parte. Afinal, ele poderia ter dito a Sir Brathwaite para procurar outra pessoa, mas ele havia querido ser o primeiro piloto do cronocinéticon desde o momento em que ouvira os planos de seu mentor sobre construir a fantástica máquina. Parecia segura o bastante, especialmente considerando os cálculos de Sir Brathwaite indicando que o cronocinéticon só poderia permanecer no passado por seis horas. A Lei de Conversão de Avanço no Tempo, como Sir Brathwaite a chamava de forma um tanto pomposa, forçosamente entraria em cena após isso. Assim, apenas um pequeno vislumbre do passado pré-histórico seria possível, e já era uma perspectiva bastante agradável, pelo menos para Harry. Ele era, afinal, um estudante da remota ancestralidade da espécie sáuria, e queria ver aqueles titãs ancestrais pelo menos uma vez. Sir Brathwaite tinha mencionado algo sobre regressão e desenvolvimento uma ou duas vezes, mas assegurara a Harry que tal possibilidade era improvável ao extremo.

- Mais rápido, Harry, mais rápido! - apressou Sir Brathwaite. Vendo que o serviçal havia retomado, correndo todo o caminho para assegurar que o chá permanecesse quente, Sir Brathwaite aproveitou o tempo que restava desviando os olhos de Harry tempo o bastante para aceitar a xícara. - Bom companheiro - ele disse alheio ao serviçal ofegante, antes de retornar ao assunto em questão. - Ora Harry, velho amigo, preciso dizer, você terá que fazer melhor do que isso, sabia?

Harry viu os vapores que subiam da xícara de chá com inveja, embora seus exercícios estivessem finalmente começando a aquecê-lo um pouco. A bicicleta havia sido construída com três vezes o tamanho normal - para transmitir mais energia ao cronocinéticon - e os músculos em suas pernas tensionavam-se quando ele pedalava mais forte, o coração batendo rápido. Logo suava a valer, mas não pôde parar para sabotar seu sobretudo.

Harry pedalou até começar a imaginar se aquele amontoado de rodas, correntes e alavancas ia fazer alguma coisa além de rodopiar com ele. Os estudos científicos de Sir Brathwaite haviam indicado que uma linha de tempo se abria para o passado daquele exato ponto. Infelizmente, aquela maravilha da natureza só podia ser explorada através do uso de um intrincado mecanismo temporal como aquele em que Harry pedalava naquele exato momento. Isso indicavam os cálculos

de Sir Brathwaite... se estivessem corretos. Não seria a primeira de suas invenções ou teoremas a falhar miseravelmente. Por exemplo, houve aquele caso com a máquina automática de apertar espartilhos...

- Por Júpiter, creio que algo está acontecendo - disse Sir Brathwaite, acordando Harry de seu sonho depressivo. - Muito bom!

Sir Brathwaite estava correto. Houve outra súbita salva de aplausos da multidão, mais entusiásticos desta vez, e Sir Brathwaite teve tempo de gritar "Bom espetáculo!" Então as damas com seus chapéus de plumas bordados começaram a ficar indefinidas, bem como os cavalheiros em suas cartolas e casacos matinais. Os espectadores e Sir Brathwaite, que agitava excitado sua bengala, eram agora tão somente figuras espectrais no campo verde, meros fantasmas, desaparecendo na insubstancialidade. Quando terminaram de desaparecer, o sol subitamente ergueu-se sobre sua cabeça e pôs-se detrás das colinas, a leste da cidade.

O sol tornou a erguer-se, e sumiu por trás das colinas em questão de segundos. O pavilhão de bandeiras, construído para aquela ocasião, rapidamente se desconstruiu. Harry pedalou ainda mais rápido, assombrado pelo espetáculo, mal ousando acreditar. Ele estava realmente viajando pelo tempo! A luz do sol relampejava e se cobria de noite, várias vezes, até que o mundo piscou como uma fraca lâmpada elétrica. Logo o piscar tornou-se rápido como as asas de um beija-flor - uma luz tênue e rodopiante através da qual ele pôde ver o mundo se transformar.

As espirais da universidade desapareceram. A cidade encolheu-se a um pequeno grupo de pequenos prédios, e então a uma simples cabanas. Barracos de pau-a-pique surgiram, mas logo mesmo esses desapareceram. Árvores se multiplicavam, crescendo em florestas que se cerraram espessas ao redor do cronocinéticon.

As árvores desapareceram, e correndo na direção dele sobre uma planície subitamente desolada veio uma imensa geleira. A língua de Harry disparou em terror abjeto quando a colossal parede de gelo rugiu em sua direção. Fechou os olhos e pedalou furiosamente. De algum modo, ele permaneceu intocado quando sua geleira o engoliu. Estava fora do tempo, ele deduziu, invulnerável ao decorrer dos acontecimentos... enquanto continuasse se movendo.

Mas não podia suportar esse ritmo por muito mais tempo. Pedalou pelo que pareceram horas, coberto por gelo, e então, abruptamente, a geleira se moveu, afastando-se lenta na direção do horizonte ao norte. Enquanto ele observava, as colinas à distância mudavam de forma, aumentando, os picos ficando mais aguçados.

Por duas vezes as geleiras vieram e foram, e quando sumiram pela última vez, ele reparou que a vegetação também havia mudado. As sempre-verdes e bétulas haviam sido substituídas pelas samambaias e cicádias.

Vastas selvas onde ele pressentiu o movimento de formas gigantescas, de pescoços sinuosos e reptilianos erguendo cabeças enormes e gotejantes.

Ele havia conseguido!

Harry reduziu as pedaladas e então parou completamente. Não tinha percebido que o cronocinéticon tinha ficado suspenso alguns metros no ar até que ele desceu com um estrondo, e ele foi cuspidado para um monte de flores do campo. Resfolegando, sentou-se e tomou conhecimento do ambiente que o rodeava. Não havia dúvida em sua mente de que ele havia voltado ao Mesozóico. Mais especificamente, ao Cretáceo. As flores coloridas que perfumavam o ar não haviam sequer existido até essa época.

Conteve a respiração ao inalar as fragrâncias doces, o bolsão distensível sob suas mandíbulas inchando como um balão. Removendo suas roupas de inverno. Harry vestiu bermudas, camisa tropical de safári e um capacete, que havia enfiado numa sacola por baixo da bicicleta. Carregando um martelinho para colher amostras geológicas, uma pá, bloco e lápis, e um relógio, desceu da roda principal na base do cronocinéticon e pisou no húmus macio do mundo pré-histórico.

Uma libélula enorme passou zumbindo por sobre sua cabeça. Tirando isso, o lugar estava perfeitamente parado... pelo menos por enquanto. Acertando seu relógio exatamente para as doze horas, Harry deu uma olhada para o cronocinéticon, parcialmente oculto numa moita colorida de flores, antes de partir. Sir Brathwaite tinha desejado reclamar a honra de ser o primeiro a voltar ao Mesozóico por si mesmo - ou era o que dizia, de qualquer forma - mas simplesmente não possuía a juventude e a resistência física de Harry, lhe faltava a disposição de pedalar com força suficiente, por tempo suficiente. Não, era lógico que Harry fosse o escolhido. Então ali estava Harry, setenta milhões de anos ou mais antes de seu próprio nascimento, num mundo primitivo que jamais sonhara ver de fato, até que o brilhante, ainda que errático Sir Brathwaite havia tropeçado no segredo das viagens no tempo. E Harry, com uma esposa e filhotes, também, lá atrás - ou melhor, lá na frente - no século dezenove! Só esperava que a teoria de Sir Brathwaite sobre a linha temporal correndo tanto para o passado quanto para o futuro estivesse correta.

A umidade era aterradora. Harry caminhou lentamente, até dar com uma floresta de sempre-verdes e estranhas árvores cobertas de turfa. Com o facão de mato, fez uma marca numa das últimas para guardar o caminho de volta.

Assim que acabara de cortar, ouviu algo se mover à sua frente.

Talvez, ele raciocinou, fosse apenas o cronocinéticon. Às vezes a roda principal rangia um pouquinho. Mas aquilo não era um mero rangido, nem com a imaginação ajudando. Era mais um som de arrastar... Seu bolsão de garganta inchado de medo, Harry lembrou-se das figuras enormes que vislumbrara antes no pântano. Virou-se lentamente, para que não a perturbasse... fosse ela o que fosse.

Uma grande cabeça com bico piscava os olhos para ele. Pelo peito ossudo e coberto, podia dizer que uma um casmossauro. Nunca havia esperado que um de seus ancestrais fosse cor de rosa, mas aquele era.

Chocantemente suas pernas emplumadas eram grandes como troncos de árvores. Por sorte, era um vegetariano. O único perigo verdadeiro estava em ser atropelado por ele.

Estavam olho no olho, já que o casmossauro era um quadrúpede e o consideravelmente mais avançado Harry ficava ereto nas duas pernas traseiras. Entretanto, a criatura dantesca demonstrou pouco interesse em Harry, apesar de suas posições relativas na escala evolucionária. O casmossauro passou por ele e começou a se alimentar de fetos que cresciam na sombra da floresta.

Aliviado, Harry retirou o bloco do bolso e tomou algumas notas sobre a aparência primitiva e hábitos da criatura. Ao terminar de escrever, foi para a selva escura e rica em cheiros. Não era provável que encontrasse quaisquer grandes carnívoros ali dentro, portanto ele deveria estar razoavelmente seguro. Se a ida ficasse muito arriscada, ele sempre poderia correr para o cronocinéticon e pedalar de volta para o futuro. Não havia planejado ficar no Cretáceo por mais de uma hora, e de qualquer forma não tinha a intenção de deixar o mecanismo muito longe de suas vistas. Se por algum acaso louco algo acontecesse ao cronocinéticon, ele pensou com um pequeno estremecimento nervoso, poderia muito bem estar com um problema terrível nas garras...

Cocando o buraco do ouvido com a ponta de sua cauda, Harry começou a forçar passagem pela folhagem pesada. Pensava ouvir vozes de quando em quando, enquanto abria uma trilha com seu facão, mas as dispensava como um zumbido em seus ouvidos, provocado pelo barulho do facão. Contudo, à medida que foram ficando mais elevadas, ele parou de trabalhar e começou a ouvir com muita atenção.

Sons peculiares de raspagem, abafados pela floresta, eram reais apesar de tudo. Vozes. Eram confusas, mas possuíam os ritmos inegáveis de um padrão de fala. Duas vozes, uma grave, outra aguda. Harry esgueirou-se sorrateiro para mais perto dos sons, e abriu duas folhas de palmeira... e lá estavam eles.

Eram bípedes e se vestiam com trajes prateados colantes. Suas cabeças eram peludas, e seus rostos lisos, a não ser por um traço de cabelos em forma de barra sobre o lábio superior do maior. O outro tinha peitos e quadris inchados, o que sugeria que ela uma fêmea mamífera de alguma espécie. Eram coisas massudas, parecidas com macacos, muito feias... e pareciam ter uma linguagem falada!

Macacos falantes! Era um conceito quase estranho e horrível demais para ser contemplado. De onde poderiam ter vindo criaturas tão bizarras? Certamente não eram habitantes do Cretáceo. Enquanto continuavam a conversar em suas

vozes confusas, Harry concentrou-se na feiúra dura e gutural de sua linguagem, que não possuía uma única sibilante civilizada. No entanto, eram claramente sapientes. Estavam obviamente conversando. Talvez tivessem vindo de outro planeta... Inteligências vastas e frias, antipáticas, considerando este planeta com olhos invejosos, e lenta e precisamente traçando seus planos contra ele...

Mas de alguma forma Harry duvidava disso. Aquelas criaturas pareciam ter evoluído bem aqui na terra. Eram bípedes, afinal, e suas cabeças estavam no lugar certo, com o número requisitado de olhos, narinas e orelhas... embora tivessem uma cobertura um tanto enojante em forma de concha sobre o buraco do ouvido. Será que uma criatura de outro mundo se pareceria tanto com um sáurio?, Harry estremeceu de desgosto. Tão parecidos... e contudo tão apavorantemente diferentes...

Harry pegou o bloco com cuidado, dedos tremendo de excitação. Ao pressionar o lápis, a ponta de grafite quebrou.

As cabeças de ambas as criaturas viraram-se rápidas em sua direção. Foi somente então que Harry percebeu que seus olhos estavam na frente de suas cabeças!

Com a rapidez de um raio, os dois símios removeram dos coldres objetos de metal que eram claramente armas, apontando-os para as cicadáceas por trás das quais Harry se escondia. O maior rugiu, obviamente ordenando que Harry se mostrasse. Apavorado, e desarmado a não ser pelo martelo e pelo facão, Harry não teve escolha senão fazer o que lhe fora ordenado. Se Sir Brathwaite não fosse pacifista, além de vegetariano e espiritualista, Harry poderia ter conseguido trazer um revólver! As penas eriçadas, ele se mostrou.

Aparentemente, as criaturas não haviam esperado ninguém como Harry. Seus olhos momentaneamente dobraram de tamanho, mostrando branco ao redor das íris. Era uma visão verdadeiramente selvagem e aterradora.

- Por favor, não atirem - disse Harry, sua voz trêmula de medo.

Olharam para ele com curiosidade. Será que não entendiam que estava falando com eles? Assim que notassem suas roupas, apetrechos e comportamento cavalheiresco, certamente deporiam as armas e o receberiam como um colega sapiente civilizado. Ao invés disso, começaram a conversar como macacos enquanto ele pisava no luz sarapintada da clareira, acenando suas mãos livres e gritando numa demonstração de emoções um tanto inculta e certamente indigna. Péssimas maneiras, Harry pensou, tentando evitar que o lábio se curvasse desdenhoso.

Assim que se acalmaram um pouco, a fêmea fez um gesto para que Harry se aproximasse. Ele caminhou lentamente na direção deles, cauda tremendo, mãos abertas estendidas à frente.

A criatura menor, cuja voz, embora ainda ríspida, era ao menos um pouco

mais melodiosa que a de seu companheiro, emitiu uma longa torrente de palavras feias e desconexas. O macho grande deu de ombros, e ambos meteram as armas nos coldres. Estavam no mínimo tão nervosos quanto Harry, mas seu comportamento amigável parecia um bom sinal. Por mais revoltantes que fossem fisicamente, eles obviamente possuíam uma inteligência rudimentar, e possivelmente até praticavam alguns primitivos costumes tribais que serviriam como pelo menos uma abordagem remota às maneiras civilizadas; era um ponto de partida, de qualquer forma, e ele teria simplesmente de ser tolerante o bastante para tentar ignorar seus lapsos inevitáveis de comportamento adequado. Não podiam evitar o estado degenerado em que se encontravam, afinal de contas, e pelo menos pareciam estar fazendo o esforço de estar se acomodando.

Fizeram um gesto para que ele os seguisse, e o conduziram através da floresta para um lugar aberto perto de um despenhadeiro. Ali, uma queda d'água derramava cortinas da cor do arco-íris. Um tiranossauro bebia da corrente sob a queda. Curiosamente, os dois macacos não tentaram evitar o olhar do monstro, cujas mandíbulas mergulhavam repetidas vezes na água. Ao se aproximarem, Harry notou que o poderoso carnoossauro não estava realmente engolindo a água. Ele parecia paralisado, a cauda rija apontada para trás, corpo em forma de barril paralelo ao corpo. Somente a cabeça subia e descia mecanicamente, os olhos sem expressão... Tocava a água com o focinho, mas não estava bebendo.

Para Harry, eles estavam chegando perto demais de seu gigantesco ancestral agora. O bruto ainda não os tinha visto, e Harry pretendia que as coisas continuassem assim. Parou e recusou-se a prosseguir.

Seus dois companheiros grotescos faziam sons guturais em staccato, jogando as cabeças para trás e expondo os dentes brancos. Harry não conseguia entender se estavam sofrendo algum ataque ou expressando tristeza. Talvez quisessem comê-lo ou - pior ainda! - sacrificá-lo ao tiranossauro em algum rito pagão bizarro. Estavam por baixo de suas pequenas patas dianteiras agora, na própria sombra do monstro.

- Isto pode ser extremamente perigoso, vocês sabem? - Harry disse pouco à vontade. - Não gosto de levantar a pena branca, mas as coisas realmente poderiam ficar bem ruins se esse bruto resolver notar vocês. - De algum modo, ele sentiu-se na obrigação de tentar salvar essas criaturas temerárias de si mesmas. Degeneradas ou não, eram, afinal de contas, seres mais ou menos inteligentes. - Por gentileza... ele esmagará ambos se não vierem comigo neste exato instante.

Claro que os macacos estúpidos não entenderam uma palavra do que ele estava falando. Ignorando-o, o macaco macho estendeu a mão e pegou um tufo de pêlo cor de malva no estômago do gigante.

Harry encomendou-se ao seu Deus, e aguardou que o grande pé descesse. Nada aconteceu. Até invés de ver os macacos espremidos ou esmagados, ele viu atônito um alçapão se abrir na barriga do tiranossauro.

Era uma máquina! Um Dinossauro de mentira mecânico! Devia ser -tinha de ser - o equivalente do cronocinéticon para aquelas criaturas! Não tinha nada da elegância do cronocinéticon, é claro, mas tinha de ser uma máquina do tempo primitiva de alguma espécie. Mas de que período criaturas tão imperfeitas como aquelas poderiam ter vindo?

O macaco-fêmea puxou uma escadinha de dentro do monstro. Com seus dedos desajeitados, ela fez um gesto para que Harry entrasse com ela e seu macho. Harry os acompanhou.

Havia um pequeno compartimento dentro do tiranossauro. Naquele espaço apertado, o cheiro desagradável e almiscarado dos símios inteligentes, que havia perturbado as narinas de Harry antes, tornou-se quase insuportável, mas Harry tentou ignorá-lo no espírito da investigação científica esclarecida. Duas cadeiras davam para um console com luzes coloridas em seu painel recurvado. Fotografias de criaturas similares a seus dois companheiros decoravam as paredes. Pendurados sobre o console, sapatinhos de bronze em miniatura e dois cubos brancos com pontinhos pretos. Harry fez uma anotação sobre esses objetos, que não pareciam servir a nenhum propósito técnico. Seriam fetiches de alguma espécie? Magia? Seriam aquelas bestas tão tecnologicamente avançadas e ainda assim tão culturalmente primitivas ao mesmo tempo? Talvez a Idade da Razão ainda não tivesse chegado à estranha paragem do tempo em que residissem. Eram apenas macacos, afinal - seria um erro esperar demais deles.

Subitamente, o pequeno bateu em seu amplo peito e pronunciou algo que soava como "Hu-mano!"

Que criaturinha esperta! Estava evidentemente tentando se comunicar com ele, começando muito logicamente por lhe dizer seu nome, mas antes que pudesse responder da mesma forma, toda a máquina do tempo foi sacudida com uma terrível força. Harry foi jogado ao chão. Hu-mano e seu companheiro de cabelo no lábio caíram sobre ele numa confusão de braços e pernas. Mesmo com todo seu terror, Harry franziu o nariz ao contato. Por Godfrey, como eles fediam!

A máquina do tempo foi balouçada uma segunda vez, de forma ainda mais selvagem. Uma das paredes tremeu. Uma sirene começou a uivar. Os dois macacos desajeitados gritavam de terror.

Harry disparou para o alçapão, enquanto a máquina jogava como um navio num oceano tempestuoso. Ele conseguiu pular pela abertura no momento exato em que toda a estrutura do tiranossauro virou para um lado e caiu com um estrondo ao chão.

Harry rolou na grama afiada, o som de metal esmagado alto nos buracos de seus ouvidos. Finalmente descansou num oco de árvore, e agachou-se por trás de uma rocha para ver o desastre que se desenrolava diante de seus olhos.

Um enorme Tiranossaurus Rex púrpura estava se esfregando contra o

traseiro levantado do Dinossauro de Mentira caído, aparentemente tentando copular com ele. O monstro não parecia nem um pouco intimidado pelo ruído assustador da sirene, e talvez até achasse aquilo erótico, se é que seus próprios gemidos de prazer eram algum indicador disso. Ele fazia um movimento particularmente vigoroso de impulso com a pelve, a cauda batendo entusiasmada, e subitamente toda a máquina do tempo caiu sob o peso do bruto, terminando de uma vez por todas com o estrídulo da sirene. O tiranossauro perdeu o equilíbrio e caiu ao chão sobre a estrutura derribada, tornando imediatamente a pôr-se de pé. Parecia confuso pela queda de sua parceira potencial, e talvez pelo silêncio abrupto de sua sirene sedutora. Cocando a cabeça com um membro delicado, olhou ao redor sem entender. Não viu o macaco-fêmea, que havia pulado da estrutura arruinada e fugia se arrastando com pressa para uma moita de samambaias. Ela encolheu-se sob sua fronde até sumir completamente de vista, enquanto o tiranossauro vasculhava os destroços com as garras. Subitamente, emitiu um sibilo de triunfo quando puxou o macho de cabelo no lábio de dentro do entulho. O macaco macho gritou quando presas afiadas como adagas se fecharam sobre ele, e continuou gritando enquanto o dinossauro lentamente - de forma quase contemplativa - o mastigava. Por fim o tiranossauro o engoliu, lambeu os beiços e emitiu um pequeno e delicado arroteo.

Enquanto o tiranossauro vasculhava as ruínas à procura de mais pedacinhos, Harry encolheu-se mais ainda atrás da pedra. Ancestral ou não, aquele carnívoro enorme o comeria também, se tivesse a oportunidade. Será que ele acharia e devoraria o macaco-fêmea também? Apesar da aparência horrenda dela, esperava que não. Por mais primitiva que fosse, a pobre criatura lhe dissera seu nome, e isso o comovera.

Finalmente, quando o tiranossauro não conseguiu mais encontrar carne nos destroços retorcidos, chutou maldoso o que restou da máquina do tempo e saiu pisando, esmigalhando aço sob as patas enormes.

Harry pôs-se de pé, sacudido mas ileso. Caminhou até o arbusto de samambaias onde Hu-mano se escondera.

- Pode sair - ele disse, esquecendo-se de que ela não o entendia. - Está seguro agora.

O tom de sua voz pareceu acalmá-la um pouco. Ela arrastou-se para fora, o uniforme que antes era impecável agora sujo e rasgado. Seus olhos estavam mais brancos do que nunca, e - um tanto nauseante - um fluido claro e salgado começou a correr deles, formando rastros pálidos em suas faces sujas. Não obstante, ela não parecia ter se machucado. Ela deu um pulo e saiu cambaleante, tremendo de choque e horror. Era uma demonstração de emoções particularmente desagradável, mas Harry supôs que teria de lidar com ela até que Hu-mano se acalmasse.

- Calma, calma - ele disse rígido, tentando confortar a fêmea símia. - O tiranossauro já foi. Não precisa ter medo.

Hu-mano por fim secou os olhos, talvez resignada pelo fato de que seu parceiro e a máquina do tempo não existiam mais. Ela olhava triste os destroços do Dinossauro de Mentira enquanto Harry tirava seu relógio do bolso e conferia o tempo. Havia estado no Cretáceo quase duas horas. Depois daquele desastre, talvez ele não devesse mais provocar o Destino e voltar expedito à civilização... mas o que poderia fazer a respeito de Hu-mano?

Ele simplesmente teria de levá-la consigo quando retomasse ao seu próprio tempo. Era a única coisa decente a fazer. Por mais feia que ela fosse, ela possuía uma tênue inteligência, e ele não poderia simplesmente deixá-la perdida ali, para ser comida por dinossauros carnívoros. Claro que não havia jeito dela se encaixar na sociedade civilizada a não ser como uma monstruosidade, uma curiosidade. Talvez Sir Brathwaite fosse capaz de ajudá-la, fazê-la retornar ao próprio tempo. Mesmo que não pudesse, certamente a vida no século dezenove, ainda que como uma curiosidade científica, era preferível a ser dilacerada por feras selvagens. Pelo menos ela seria capaz de viver seu tempo de vida normal, talvez num jardim zoológico...

Harry fez sinal a Hu-mano que o acompanhasse, e começou a voltar ao cronocinéticon. Atravessaram desajeitados a floresta, vigiando o tempo todo em busca de carnívoros. Logo eles chegaram à margem negra da floresta, e depois de alguns minutos Harry achou uma árvore marcada. Seguiram a trilha que ele havia aberto selva adentro. Meia hora depois, tornaram a emergir à luz do sol cegante, e poucos minutos depois disso Harry avistou o cronocinéticon. De onde estavam, parecia intacto. Sua bolsa do pescoço encheu-se de alívio.

Ao se aproximarem do agregado de alavancas e rodas supercrescidas, as expressões de Hu-mano percorreram toda uma escala. Primeiro ela olhou o cronocinéticon com desconfiança, então seus olhos se arregalaram para mostrar os brancos, e finalmente ela fez o mesmo espantoso som em staccato que ela e seu parceiro haviam produzido antes, expondo as presas mais uma vez. O som era tão desagradável quanto fora da primeira vez.

Hu-mano subiu na bicicleta desproporcional com o auxílio de uma escada ligada à roda central. Ela tornou a fazer o som terrível em staccato, convencendo Harry que estava realmente demonstrando prazer. Será que ela entendia que ele havia vindo de um futuro, pelo menos? Hu-mano deve ter vindo de um diferente, um futuro onde macacos de algum modo se tornaram dominantes... por mais improvável que parecesse.

Ela escancarou a boca para ele quando ele começou a gesticular, tentando explicar suas intenções em linguagem de sinais, embora parecesse fútil. Talvez se ele simplesmente falasse alto e devagar...

Um rugido arrepiante o cortou. Ambos voltaram-se ao mesmo tempo para ver um tetrápode pulando em sua direção. Não era tão grande quanto o tiranossauro, mas parecia tão forte e faminto quanto. Era verde brilhante com

listras vermelhas. Harry reconheceu-o como um daspletossauro.

- Por Godfrey, está vindo direto para nós! - ele gritou.

E estava. Em outro momento estaria cm cima deles. Nunca seriam capazes de fugir do bruto à pé. Mas Harry não se permitiu sucumbir ao pânico. Ele pulou no cronocinéticon, tirou a corrente da alavanca menor e tirou a apavorada Hu-mano da cadeira e colocou-a sobre o guidão. Harry ficou de pé pedalando. Ouviu Hu-mano engasgar-se quando caíram de lado sobre a roda central do cronocinéticon, vencendo vários metros e indo ao chão. O impacto foi dolorido, e a bicicleta quicou de forma violenta, mas Harry conseguiu mantê-la reta. Enquanto desciam sacolejantes pela encosta de uma ladeira longa e íngreme, o daspletossauro caiu em cima do mesmo local onde haviam estado um instante antes. Harry apontou a tremelicante roda da frente para baixo, e rapidamente ganharam velocidade enquanto ele pedalava o mais rápido que podia. Um silvo furioso atrás deles convenceu-o de que o daspletossauro não desistiria depois de apenas uma tentativa. Esperava que o animal não destruísse o cronocinéticon em sua fúria.

O chão tremeu, fazendo com que Harry perdesse o controle da bicicleta por um momento. Hu-mano curvou-se para frente, mas de algum modo conseguiu se pendurar. O urro raivoso do daspletossauro estava bem atrás deles agora. Harry pedalou ainda mais forte, ao seu limite.

Hu-mano olhou para trás e gritou algo.

- O quê? - Harty gritou.

Ela gritou uma segunda vez, algum incompreensível palavreado estrangeiro, e então deve ter se lembrado de que Harry não conseguia entender o que ela tentava lhe dizer. Fez gestos furiosos para a esquerda quando uma sombra os cobriu.

Harry virou o guidão naquela direção, quase desalojando Hu-mano. O daspletossauro caiu ao chão precisamente onde eles teriam estado se não continuassem se movendo para a frente. O impacto do enorme corpo atingindo o chão levantou a bicicleta no ar.

Harry mantinha a roda firme, de pé sobre os pedais em sua disparada. Desceram firme e quicaram. A bicicleta tomou a pousar, balançando perigosamente... e ziguezagueou fora de curso. A maldita coisa estava fora de controle!

O pneu da frente bateu num tronco caído. Harry e Hu-mano foram cuspidos por sobre o guidão, caindo de cabeça nas águas lodosas de um pântano.

- Hu-mano! Socorro! Não sei nadar! - grilou Harry, assim que conseguiu chegar à superfície da água enlameada. Afogar-se, ali no Cretáceo, eras antes de seu próprio nascimento! O horror que lhe assaltava!

As presas brancas de Hu-mano apareceram através do limo grudado em sua

face. Harry percebeu que ela eslava com lama pela cintura. Ele também se levantou, percebendo atrasado que havia pouco risco de afogamento. Embaraçado, ele começou a vadear na direção da margem, mas Hu-mano puxou-o pelo membro superior, arrastando-o ainda mais fundo na lama.

O daspletossauro apareceu sobre a margem do pântano, batendo a cauda frustrado. Rugiu e urrou para eles, batendo a pata cheia de garras, mas não entrou no charco.

- Precisamos voltar ao cronocinéticon! - Harry gritou. - É a nossa única esperança!

Hu-mano balançou a cabeça enfaticamente e apertou ainda mais o membro superior de Harry, aprofundando-se no pântano malcheiroso. Os urros e rugidos do daspletossauro caíram de intensidade à medida que foram se aproximando meio nadando, meio andando, até a outra margem. Hu-mano tentou subir, mas escorregou na lama e caiu espadanando água suja. Usando suas garras, Harry conseguiu subir para terreno sólido. Apoiou-se num galho de magnólia, seu doce odor bem-vindo após o charco fétido, e, depois de um momento de hesitação, esticou a cauda para a água, para puxar Hu-mano. Terrivelmente indigno, claro, mas não podia ser evitado. Ignorando as palavras incoerentes dela, Harry deu conta de si mesmo, e descobriu que havia perdido facão, martelo, lápis e bloco. Só restava seu relógio, preso ao bolso do colete por uma corrente de prata.

Hu-mano continuou falando e gesticulando frenética, apontando muitas vezes para o norte. Seu palavreado não significava nada, claro, mas enquanto ela falava Harry foi inspirado pelo repentino pensamento de que podiam tentar uma rota diferente de volta ao cronocinéticon, uma que não fosse atravessada por tantos carnossauros... ou assim esperava. Seu relógio ainda batia, e assim que esfregou a sujeira do cristal do mostrador, viu que já passavam doze minutos das três. Havia muito tempo para dar a volta ao pântano, ao invés de atravessá-lo. O cronocinéticon estava na direção noroeste de onde eles estavam. Se procedessem ao norte até saírem da vista do daspletossauro, e depois virassem para oeste, deveriam chegar em pouco mais de duas horas, calculou Harry. Fez um gesto na direção norte e começaram a marcha forçada de volta ao cronocinéticon.

De vez em quando Hu-mano cocava o pêlo no alto de sua cabeça. Harry temia que ela tivesse piolhos, ou pior, algum parasita pré-histórico. Se essas pestes chegassem a entrar debaixo de suas penas... Estoicamente, tentou ignorar o pensamento, como já estava tentando masculinamente desconsiderar o cheiro pavoroso de Hu-mano, que àquela altura havia crescido a proporções verdadeiramente vis...

A linha de pensamento de Harry foi interrompida quando uma criatura tão grande quanto Hu-mano - ou ele mesmo - saiu bruscamente do mato. Harry e Hu-mano mergulharam para trás de uma árvore de sassafrás e ficaram olhando, Harry esperando que não fosse um pequeno carnossauro. Por Júpiter, e não era! E quando

Harry viu o que era, mal pôde acreditar na sorte.

Tinha forma de ave e se apoiava em suas pernas firmes, e seu pescoço longo suportava uma cabeça pequena. Era um omitomimus, não havia dúvida. A teoria que prevalecia em seu tempo era a de que aquele era o primitivo ancestral da saurianidade moderna... embora também circulasse uma teoria amalucada de que essa honra pertencia ao microvenador, criatura que sobrevivera exclusivamente pela virtude de seu tamanho insignificante e rapidez. Harry concordava com a teoria convencional, e a aparição do omitomimus reforçava seu preconceito. Ao longo das eras, o pescoço encurtaria e engrossaria um pouquinho para suportar a cabeça maior, mas seu ancestral primitivo não era menos magnífico. Penas brancas e azul-cobalto contrastavam estonteantes com uma penugem escarlate. Era onívoro, mesmo naquela forma, mas - embora possuísse polegar oponível - a mão ainda não era prênsil. Era maior que Harry, e sem dúvida muito mais forte. Se os notasse, poderiam haver problemas. O omitomimus desapareceu por detrás de alguns rododentros, e Harry deu um suspiro de alívio.

Por mais primitivo que fosse seu ancestral, o peito de Harry inchou de orgulho assim mesmo. Comparado ao primata desengonçado e fedorento que enfiava o dedo no nariz ao seu lado, o omitomimus era a criatura mais majestosa de toda a natureza!

Logo o pântano ficou para trás, e eles seguiram para oeste até serem engolidos pela grama alta. Pelo menos não seriam facilmente vistos naquela planície como quando o daspletossauro os atacara, pensou Harry. A grama era mais alta que eles. O único empecilho era que o fazia ficar com vontade de espirrar. O que o perturbava ainda mais, conferiu o relógio e viu que quase cinco horas haviam se passado desde que chegara no Cretáceo. Sua jornada por terra estava demorando mais do que havia antecipado... e não estava absolutamente certo de que estava indo na direção correta.

Uma nuvem de aparência peculiar relampejou distante, mas - curiosamente - o sol ainda brilhava sobre Harry e Úi-mano. Uma sombra passou ominosa por cima deles. Harry levantou a cabeça para ver um pteranodonte voando em círculos, sua cabeça crestada apontando uma nuvem de aspecto estranho enquanto voava. Inconseqüente, Harry lembrou-se de que havia perdido o facão no pântano. Teria sido uma arma eficaz contra o pteranodonte, cuja abertura de asas não poderia ter mais do que vinte metros. Lutar contra ele de mãos abanando era uma outra questão, claro. Aquele bico de um metro poderia fazê-lo em pedaços.

O que Harry acreditava ser uma nuvem subitamente começou a entrar e sair de foco. Ouviu um pop bem sonoro, e o contorno das nuvens ficou claramente definido. Algo que parecia muito com uma casinha de madeira havia aparecido subitamente em pleno ar!

O pteranodonte guinchou e fugiu voando. A estranha casa flutuou no ar por um segundo, e então caiu com um estrondo sobre a terra. Havia uma série de

estranhos objetos atulhando uma colina próxima, Harry notou, a grama achatada sob eles, mas a casinha de madeira estava muito mais perto do que qualquer um dos outros.

- Olá! - Harry gritou. - Deve ser outro viajante temporal! Correu na direção dos escombros da casa, Hu-mano logo atrás, bem a tempo de ver o primeiro de seus habitantes emergir. Eram bípedes, cobertos com pêlo cinzento e vestindo saíotes lisos e brilhantes. De seus focinhos pendiam línguas compridas e rosadas. Latiram com emoção ao ajudarem uns aos outros a saírem das ruínas de sua máquina do tempo - toda uma matilha.

- Bom Deus! Caninos inteligentes! - Harry disse maravilhado. - O que teremos em seguida?

Como se em resposta, um aparelho em forma de gaiola surgiu no ar e caiu sobre a terra. Dentro havia uma série intrincada de moinhos e uma série de roedores bípedes tontos usando óculos com lentes iguais a espelhos.

- Ratos! Ratos sapientes! - Harry engasgou. - Por Júpiter, é inacreditável! - Viram a porta da gaiola se abrir e talvez uma dúzia dos Homens-Rato sair, as caudas peladas balançando atrás deles. Passaram correndo pelos caninos tontos e foram para o alto da colina.

Harry aproximou-se das criaturas caninas com toda intenção de educadamente dar uma mãozinha, mas o mais próximo deles virou-se e rosnou para ele, arreganhando os dentes afiados. Harry e Hu-mano mantiveram distância enquanto os caninos puxavam o último de seu povo debaixo dos escombros, lambendo uns aos outros e latindo de alegria.

Mas o que os cachorros fariam agora que o perigo presente havia passado? Harry e Hu-mano começaram a recuar assim que a matilha virou-se na direção deles e começou a latir. Naquele momento, outro objeto indefinido emergiu entre Harry e a matilha de cães. Um objeto dourado, em forma de esfinge, desceu graciosamente ao chão.

Da esfinge surgiu um felino bípede usando uma boina preta. Sibilou para os cachorros, eriçando todo o pêlo. Os cães rosnaram para a criatura felina, mantendo terreno enquanto ela dava a volta por eles.

- Céus! - gritou Harry. - Outra raça viajante do tempo!

Mas como ele poderia se comunicar com quaisquer deles quando todos insistiam em lutar uns contra os outros?

Mais outra máquina do tempo surgiu. Esta era uma construção um tanto informe. Dela emergiram dois mamíferos com caudas peludas que, especulou Harry, podiam descender dos Procyon lotor, ou racuns. Vestiam apenas coletes.

- Extraordinário! - exclamou Harry. - Este deve ser um nexo, um lugar onde todas as linhas de tempo se entrecruzam. Nós dois acabamos de chegar nos limites

dela, Hu-mano!

Em pouco tempo, observaram o aparecimento de cavalos, cetáceos, porcos, cobras, gazelas, abutres, coelhos, doninhas, lobos cinzentos, gerbis e um urso usando sapatilhas e chapéu. Essas criaturas emergiram de dezenas de máquinas do tempo de todo tipo e tamanho, todas as quais caíam da estranha tempestade acima, que devia ser o coração do Nexo Temporal. Assim que Harry e Hu-mano se aproximaram, perceberam que o Nexo era uma mancha negra num céu azul, através do qual as máquinas do tempo caíam constantemente. Abriram caminho por entre as massas de temponautas tontos e subiram até o alto da colina. Daquela ponto de visada, viram milhares de máquinas do tempo, em vários estados de conserto, atulhando a paisagem no vale logo além. Enxameando ao redor delas estavam milhares, talvez dezenas de milhares de criaturas, gritando, guinchando, rugindo e urrando, até perder de vista.

Enquanto todo aquele espetáculo se descortinava diante de seus olhos, um globo de cor verde-marinho caiu quicando sobre o topo da colina e rolou na direção deles. Harry estudou o globo, surpreso por ver seres piscosos olhando de suas profundezas aquáticas com olhos pequenos e espertos. Peixes inteligentes! A mente de Larry dava voltas.

Então, do caos no pé da colina, uma criatura repulsiva emergiu. Bom Deus, era uma... barata de dois metros de altura! O temponauta inseto cambaleou em suas patas traseiras e sua cabeça marrom brilhosa estava entre dois membros superiores. Uma segunda barata saiu aos trancos e barrancos atrás dela, e então emergiram dezenas e dezenas das coisas horrorosas.

- Agora, francamente! - gritou Harry, o nojo finalmente superando o pasmo. - Isto é simplesmente demais! Abominável! Odioso! Maldito!

As criaturas eram tão ofensivas e vis que tornavam Hu-mano decididamente normal - até mesmo atraente - por comparação. Mesmo Hu-mano parecia abalada pela aparência desta última leva de viajantes temporais, pois ficara pálida e balançava de leve. E por que não? Baratas inteligentes! Odioso além da compreensão. Até mesmo um macaco poderia ficar enjoado com aquilo.

As baratas reuniram-se num círculo, as antenas vibrando descontroladas. Atacariam? Suas carapaças quitinosas pareciam sólidas como aço, a sem dúvida suas mandíbulas podiam rasgar carne sáuria como se fosse de papel. Chegaram mais perto, e Hu-mano começou a gritar horrorizada.

Justo quando Harry estava certo de iria morrer, outra máquina do tempo apareceu do nada, um aparato em forma de acordeão fixado em sua base para absorver o choque da queda. Este parecia um cabriolé, com um enorme disco gravado girando na traseira. Metal bem polido brilhava, e o assento do viajante do tempo era forrado de veludo vermelho.

O próprio viajante do tempo estava trajado com colete, gravata e paletó.

Um cachimbo estava preso entre seus dentes, acentuando o traçado determinado de sua mandíbula. Tão civilizado era seu comportamento - tão, tão... sáurio - que era difícil crer que ele era da mesma raça que Hu-mano... e era mesmo um símio!

O recém-chegado olhou ao redor, e seus olhos se arregalaram para mostrar os brancos, numa forma familiar quando viu Hu-mano e as baratas gigantes. Seus olhos estreitaram-se novamente até deixar fendas cinzentas que brilhavam como aço. Aparentemente percebendo uma ameaça a uma fêmea de sua espécie, ele colocou o cachimbo num painel de metal à sua frente, pulou da máquina do tempo e deu um soco com vontade na barata mais próxima.

A pobre criatura caiu de costas, as pernas girando furiosas. Antes que o símio enraivecido pudesse atacá-la novamente, duas das outras baratas viraram a companheira e fugiram todas nas seis patas, buscando abrigo na mesma multidão de onde haviam escapado há tão pouco tempo. O macaco corajoso cuspiu nas palmas das mãos e voltou-se na direção de Harry. Sua mandíbula destacava-se para a frente, e os olhos cinzentos brilhavam como lâminas de espadas.

Encolhido diante dele, Harry encomendou a alma aos céu quando o símio corpulento levantou um punho poderoso para abatê-lo...

O bolsão da garganta de Harry inflou de medo. O que podia fazer? Agarrou o punho de Hu-mano e empurrou-a na direção do macaco macho.

- Leve esta criatura maldita como parceira! - ele gritou. - Ela é bem primitiva, se bem que não pouco inteligente, para um macaco. Talvez você, amigo velho, pudesse até ensinar-lhe maneira adequadas, não é? Vamos, homem! Leve-a!

O macaco macho hesitou quando Hu-mano se agarrou a ele. Ela tagarelou em sua linguagem por um momento e então despachou Harry com um significativo gesto de mão. Os dois mostraram os dentes e cacarejaram em staccato. Finalmente, Hu-mano e o macho, que havia realmente se tornado seu novo parceiro, subiram na máquina do tempo dele. O macho acendeu o cachimbo, deu umas baforadas contemplativas por um momento e então puxou uma alavanca com castão de jóias. A roda de metal fez um clangor e começou a girar. A máquina do tempo símia e seus ocupantes tomaram-se uma mancha.

- Adeus garota! - Harry gritou para Hu-mano, muito aliviado. - Realmente é melhor assim. Você não teria se adaptado na sociedade de onde venho. Será muito mais feliz entre os de sua espécie. - Seu ouvido interno reagiu desconfortável ao efeito de deslocamento de tempo quando os dois macacos desapareceram. Ficou olhando o ponto onde vira Hu-mano pela última vez, descobrindo que, por estranho que parecesse, quase sentia falta dela... até que um aparelho cheio de lagostas inteligentes quase caiu em cima dele. Era melhor afastar-se daquela chuva de máquinas do tempo e retornar ao cronocinéticon, acelerado. Consultando o relógio, viu que faltavam apenas trinta e três minutos para que a Lei de Conversão do

Avanço no Tempo fizesse efeito. Poderia chegar a tempo? Mesmo que alcançasse a bicicleta, ainda tinha de ligá-la ao cronocinéticon. E, ainda que o cronocinéticon permanecesse sem danos, era improvável que a bicicleta estivesse bem. Havia uma chance muito boa de que estivesse condenado a passar o resto da vida no Cretáceo. - Harry começou a correr. As curiosas mas covardes baratas o seguiram por algum tempo, mas quando se aproximou dos Homens-Cães que latiam, aqueles vermes desprezíveis ficaram com medo e tornaram a correr. Deu um último olhar de esguelha à incrível vista da miríade de máquinas do tempo e temponautas, e depois prosseguiu. Só restavam vinte e quatro minutos!

Harry achava que devia viajar para oeste para encontrar o cronocinéticon, se seus cálculos quanto à localização aproximada do Nexo Temporal estivessem corretos. Subiu uma colina e desceu outra, disparando, sentindo os preciosos minutos escorrendo, buscando desesperadamente qualquer sinal da bicicleta ou do cronocinéticon.

Só tinha quatorze minutos quando a paisagem começou a assumir um tom familiar. Sim, havia a floresta na qual primeiro havia encontrado Hu-mano e seu parceiro, e bem ao sul da floresta estava o pântano onde fora forçado a abandonar a bicicleta danificada. Harry rapidamente puxou o relógio e conferiu o tempo. Nove para as seis!

Disparou frenético planície afora, forçando a vista para encontrar a bicicleta. Se não a encontrasse muito rápido, estaria condenado a uma vida curta e terrível no Mesozóico. Os segundos corriam como as batidas de seu coração. Agora havia menos de cinco minutos...

E lá estava ela! A bicicleta preta reluzente era facilmente visível na grama amarela. Harry correu até ela, a cauda alta atrás de si. Não estava a mais de cinquenta metros dela quando um uivo de gelar o sangue cortou o ar. Olhou para trás e viu um bando de deinonicuses de plumas brilhantes correndo em sua direção, emitindo guinchos horríveis. O coração de Harry deu um pulo, aterrorizado.

O líder estava perto o bastante para Harry distinguir as terríveis garras em suas patas traseiras. Embora os deinonicuses não fossem maiores do que ele, eram extremamente ferozes - e eram tantos!

Harry nunca poderia correr mais do que eles. Sua única chance era a bicicleta. Duvidava que ainda funcionasse, mas correu para ela o mais depressa que pôde.

Enquanto corria, sacou do relógio. Restavam menos de dois minutos!

Entrou em desespero quando se aproximou da bicicleta e viu que as rodas estavam tão retorcidas que não conseguiria andar nela. Os deinonicuses estavam chegando perto. O rugido deles preencheu os buracos de seus ouvidos quando ele alcançou a bicicleta.

Naquele momento, algo de espantoso aconteceu. A bicicleta subitamente se

endireitou e voou no ar. Quicou uma vez no chão e pulou de novo, o metal retorcido endireitando-se um pouco em cada pulo.

A bicicleta pulou uma última vez, e estava completamente restaurada quando começou a pedalar de trás para diante. Harry correu na direção dela, o bando selvagem uivando bem atrás dele.

A Lei de Conversão de Avanço no Tempo estava fazendo efeito!

Harry correu pela planície, caçando a bicicleta, até avistar o cronocinéticon: ele repousava no leito de flores exatamente como o havia deixado. Seu coração encheu-se de esperança quando viu que estava ileso.

Um dinossauro do tamanho de uma galinha, um microvenador, que andava por ali comendo borboletas, assustou-se quando a bicicleta sem piloto veio pedalando para trás em sua direção. Soltou um grunhido e correu para cima do que sem dúvida parecia ser o lugar mais seguro à vista: o cronocinéticon.

Num segundo, a bicicleta pulou sobre a roda principal ao lado da pequena criatura. Tomou seu lugar e sua corrente serpenteou sobre o eixo menor do cronocinéticon. O enorme mecanismo já estava girando, pronto para o século dezenove! Harry deu uma olhada para trás e viu mandíbulas quase se fechando em sua cauda! Jogou-a para o lado quando as presas do deinonicus se fecharam, pegando um jato de hálito fétido. O carnossauro tropeçou, seu movimento para a frente detido apenas o suficiente para Harry tomar dianteira nos últimos passos até a máquina do tempo. Era agora ou nunca!

Harry pulou na frente da bicicleta, e três pares de mandíbulas batendo por pouco não o pegaram. Ele caiu na escada, e correu desesperado para o assento. Enquanto mandíbulas famintas se fechavam ao seu redor, o microvenador do tamanho de uma galinha corria por sobre seu corpo e cabeça. A escada, que não fora feita para carregar peso sobre a tremenda força da roda que girava, começou a tremer e caiu em cima do bando de deinonicuses. Harry sentiu-lhes o hálito quente na cauda e traseiro quando pulou. Os deinonicuses guincharam e rangeram os dentes afiados como navalhas quando ele alcançou o assento. Num momento as bestas selvagens haviam desaparecido.

A luz piscou e caiu de intensidade quando o sol começou a passar repetidas vezes por sobre sua cabeça. Harry pedalava para trás. Felizmente, havia menos resistência movendo-se para trás no tempo do que para frente. As geleiras correram em sua direção, recuaram, correram para trás... As montanhas ficaram maiores, e ele viu um lampejo de rudes cabanas neolíticas à distância. As cabanas tomaram-se primeiro uma aldeia, depois um vilarejo, e por fim uma cidade.

Harry aproximava-se de seu próprio adorado século dezenove. O sol ia de leste para oeste um pouco mais devagar agora. As torres da universidade apareceram. As garras de Harry agarraram o guidão firmes. Estava quase em casa! O pavilhão de bandeiras surgiu de repente. A massa apareceu em seguida,

movendo-se comicamente rápido - e lá estava Sir Brathwaite!

O brilhante cientista estava sentado em sua cadeira de tiro, tomando chá, como quando Harry o vira pela última vez. Com um enorme ruído metálico, o cronocinéticon parou abruptamente. O momento linear atirou Harry de cabeça na multidão, o capacete voando de sua cabeça.

Quando o aterrorizado Harry pousou no meio das pessoas, sua queda amaciada pelos corpos de diversos sauralheiros, todos perderam o fôlego... ou quase todos. Sir Brathwaite não vira Harry ser jogado de encontro à massa. Seu focinho estava enfiado numa xícara de chá quando o cronocinéticon apareceu, e ele havia perdido tudo. Agora percebia que a máquina do tempo tinha retomado - e mais do que isso? Estava parcialmente enterrada no solo, um resultado da atividade geológica ao longo das eras. Assim como o terreno era baixo no Cretáceo, era bem alto no século dezenove. Foi isso o que interrompeu o movimento da máquina e jogou Harry para fora.

Sir Brathwaite balançou a bengala para o cronocinéticon. Descansando sobre seu assento estava o capacete de Harry.

- Pobre e bravo Harry! - exclamou o cientista de penas grisalhas. - Tudo o que restou dele foi seu capacete de safári. - Com reverência, Sir Brathwaite ergueu a borda do capacete com a bengala. Debaixo dela, de cócoras no assento, estava o pequeno dinossauro que fugira para o cronocinéticon com medo do bando de deinonicus!

- Oh, mas que tragédia! - disse Sir Brathwaite, quando o capacete caiu até a roda principal e rolou até parar. - O pobre diabo regrediu até um estado pré-histórico...e nem mesmo até um ornitomimus. - O saco de garganta de Sir Brathwaite distendeu-se triste. - Larry, rapaz, você me conhece? Pobre, bravo rapaz!

A criatura piscava os olhos para ele.

- Este bravo companheiro fez o maior sacrifício pela ciência e pelo império... mas pelo menos provou minha teoria de que o sáurio moderno descende do astuto microvenador!

- Sua teoria, Sir Brathwaite? - Harry levantou devagar o corpo dolorido da lama e ficou de pé. - Não me recordo de que o senhor tenha sequer aceito essa teoria, quanto mais inventá-la.

Sir Brathwaite olhou com desgosto um Harry que mancava em sua direção. Por um momento parecia zangado pela aparição inoportuna de Harry, mas logo recobrou a compostura.

- Graças a Deus está vivo - disse Sir Brathwaite, avançando para apertar caloroso a mão de Harry. - Sabia que sobreviveria, meu velho.

Enquanto Harry ainda piscava atônito com a profunda falta de vergonha de

Sir Brathwaite, o cientista voltou-se para a multidão.

- Três vivas para Harry Qunice-Pierpont Fotheringay! - ele gritou. - Hip, hip:
- Hurra! - gritou a audiência.
- Hip, hip:
- Hurra!
- Hip, hip:
- Hurra!

Harry tentava falar, mas o rugido da turba afogou sua voz rouca. Apesar de sua momentânea irritação com Sir Brathwaite, estava profundamente comovido.

Finalmente o barulho morreu, e Sir Brathwaite exigiu sua atenção mais uma vez.

- Meu rapaz, você retornou do Cretáceo, com esta criatura como prova de sua maravilhosa jornada pelo tempo. Um título de cavaleiro logo será seu, não há dúvida. Mas agora, conte-nos como era lá. Pode descrever os cenários fantásticos do mundo pré-histórico para nós?

A felicidade de Harry com a recepção de herói rapidamente acabou, com o pensamento dos macacos inteligentes que havia encontrado no passado, para não falar dos cachorros, baleias e baratas inteligentes. Olhou ao redor, para a multidão de sauralheiros que o cercavam - as grandes damas olhando por seus binóculos de ópera para ele, os cavalheiros inclinando-se ávidos para a frente, descansando em bengalas e guarda-chuvas de pele - e sentiu seu bolsão de garganta inchar de emoção. Ali estava a flor da civilização do século dezenove. Em si mesma o pináculo e a soma de toda a história anterior. Quão serenos, quão despreocupados, quão tranqüilamente refinados - senhores poderosos de um Império sobre o qual o sol nunca se punha, senhores de tudo o que viam, os eleitos de Deus, feitos à Sua imagem, a quem Ele dera o domínio sobre todas as bestas da terra... Como poderia lhes dizer a verdade? Como poderia dizer-lhes que não estavam sozinhos nem eram únicos? Como poderia destroçar sua complacência falando-lhes de todas as outras criaturas que sem dúvida também acreditavam ser os Senhores da Criação... criaturas terríveis, imperfeitas! Estremeceu de horror e nojo ao pensar nelas. Como poderia dizer a esses sauralheiros cultos que parecia fruto do mero acaso - um desejo do universo - que eles tivessem chegado ao topo, e não doninhas, racuns ou macacos?

- Não, Sir Brathwaite - ele disse, a voz embargada, a mandíbula firmando resolução. - Não, pois há certas coisas que a espécie sáuria não deve saber...

Os Autores

Esta antologia, organizada por Gardner Dozois e Jack Dann, com dinossauros como tema central, reúne autores e histórias de vários estilos e tendências.

Alguns relativamente novos, outros célebres veteranos como Arthur C. Clarke, Brian Aldiss e L. Sprague de Camp.

Como é norma da coleção Zenith, apresentamos, a seguir, uma curta análise do perfil literário de cada um deles.

Arthur C. Clarke - Reconhecido como um dos três grandes da FC em todos os tempos (ao lado de Robert A. Heinlein e Isaac Asimov) este autor inglês é responsável por alguns clássicos do gênero: O Fim da Infância (1953), 2007 - Uma Odisséia no Espaço (1968), Encontro com Rama (1974) e A Cidade e as Estrelas (1956), este último constituindo-se num marco da tendência mais notável de Clarke: histórias onde indivíduos especialmente curiosos e determinados, movidos por inquietude íntima, expandem os limites do universo geográfico e cultural de suas comunidades. Encontra-se aí poderosa alegoria do impulso científico e ao espírito inquisidor do ser humano. Após os anos 50, Clarke dedicou-se mais à divulgação científica, e as obras de FC surgidas nos dois decênios seguintes se acomodaram em extrapolações científicas num futuro próximo. Encontro com Rama, romance ganhador dos principais prêmios do gênero, entretanto, é quase que uma retomada da antiga linha, agora com o Homem avançando sobre o desconhecido, mas com o misterioso incursionando sobre o espaço humano.

Os anos 80 testemunharam uma fase irregular. Desgastado pela idade e por problemas físicos, Clarke parece ter se dedicado a lucrativas seqüências de seus sucessos antigos, normalmente em colaboração com outros autores. O Berço dos Super-Humanos, escrito em parceria com o cientista da NASA Gentry Lee, foi uma decepção, mas trabalhos posteriores da dupla. Rama II (1989) e The Gardens of Rama (1990), mereceram melhores críticas. Beyond the Fall of Nighth (1990), com Gregory Benford, um dos autores de FC Hard mais apreciados da atualidade, também obteve boas críticas, enquanto O Fantasma das Grandes Banquisas (1990), romance solo de Clarke, foi considerado um trabalho menor, passando despercebido também aos fãs brasileiros do autor.

As colaborações - artifício comum na FC - sofrem, inevitavelmente, a suspeita de serem outlines feitos por Clarke e desenvolvidos pelos parceiros, o que parece corroborado pela série Arthur Clarkes Venus Prime, um "universo de aluguel" com histórias desenvolvidas por Paul Preuss.

Apesar das críticas, o prestígio de Clarke, dentro e fora da FC, permanece

inabalado, sem dúvida pela força dos trabalhos anteriores, compondo uma obra que, segundo o crítico Russel Letson, "se estende do realismo tecno-futurista a um misticismo cosmológico", muito influente até mesmo entre os escritores brasileiros.

Bob Buckley - Começou como escritor técnico, estreando como ficcionista em 1969. É colaborador assíduo da revista norte-americana Analog Science Fiction/Science Fact, seu primeiro romance chamou-se World in the Clouds, e é também autor de um livro sobre dinossauros, The Terrible Lizards. Embora quem escreva para Analog sofra a pecha de limitar-se a uma fórmula de problem stories (exemplo típico de história onde o suspense se mantém com a pergunta: a tripulação superará a avaria da nave antes que exploda a supernova?) que remonta à Golden Age da FC, nos anos quarenta, o conto de Buckley nesta antologia evidencia um bom estilo, com um trabalho reflexivo e humanizador. Até onde se conhece, é o primeiro trabalho de Buckley visto no Brasil.

Brian Aldiss - Conceituado autor inglês que realizou com sucesso o salto da Ficção Científica para o mainstream literário, merecendo respeito dos críticos europeus nessa área. Foi participante da chamada New Wave da Ficção Científica, e é também importante observador do gênero. Seu levantamento histórico do gênero Trillion Year Spree (expansão, com David Wingrove, de Billion Year Spree), recebeu um Hugo em 1987. Pesquisador de obras que marcam o nascimento da FC, é como o escritor brasileiro Rubens Scavonç, um especialista no Frankenstein, de Mary Shelley. Alguns de seus últimos trabalhos, Frankenstein Unbound (adaptado para o cinema) e Dracula Unbound, são investigações literárias dessas obras. Seu romance The Sallva Tree recebeu o Nebula em 1966 (empatada com uma obra de Roger Zelazny).

Em 1969, Aldiss, juntamente com Arthur Clarke e uma dezena de estrelas internacionais da FC, esteve no Brasil para o Simpósio de FC organizado por José Sanz, no Rio de Janeiro. Batalhador em prol de uma FC internacional, Aldiss chegou a promover a publicação na Europa do conto Escuridão, de André Carneiro, um clássico da FC brasileira. Na década de 70, alguns de seus livros apareceram aqui pelas mãos de José Paulo Paes, na Editora Cultrix: O Planeta de Neanderthal, Os Negros Anos-Luz e Jornada da Esperança.

Dentre seus trabalhos mais conhecidos estão ainda The Malacia Tapestry e a trilogia Helliconia. Um trabalho mais recente é Forgotten Life. Seu Life in the West está incluído em NinetyNine Novels: The Best in English Since 1939, de Anthony Burgess. Autor de mais de oitenta livros e de 250 histórias publicadas, Aldiss é escritor de grande originalidade, erudição, qualidades literárias e polivalência,

Gardner Dozois - Assumindo em 1986 a Asimov's Science Fiction (então,

Isaac Asimov Science Fiction Magazine), Dozois consolidou as intenções literárias da revista, iniciadas antes com Shawna McCarthy. Sob sua direção, a revista se firmou como a mais influente nos EUA, na moderna fase da FC americana. Histórias saídas de suas páginas receberam os prêmios Hugo e Nebula dezenove vezes, e o próprio Dozois foi agraciado com o Hugo para Melhor Editor cinco vezes consecutivas (desde 1988). Ainda como editor, organiza anualmente a The Year's Best Science Fiction, considerada como uma das mais importantes antologias dos melhores do ano. Mas freqüentemente acusada de privilegiar as histórias já escolhidas por Dozois para a Asimovs. O fato é que o material publicado na revista recebe maior atenção dos críticos e amealha mais prêmios. Parte do trabalho de Dozois como editor pôde ser visto no Brasil através da Isaac Asimov Magazine (Record), que traduzia as histórias da revista americana.

Como autor, a atuação de Dozois possui menor vulto. Ele parece ter se especializado em colaborações, reunidas recentemente no volume *Slow Dancing Through Time* (1990), que apresenta parcerias com Jack Dann (co-editor desta antologia) Michael Swanwick, Susan Casper e Jack C. Haldeman III.

Geoffrey A. Landis - Conforme definiu Jay Kay Kline, na coluna "Biografia", n- 21 da IAM brasileira, Landis é "uma espécie de autor ideal de FC Hard: um escritor em tempo parcial que pratica física com o cérebro e engenharia com as mãos". Sua formação inclui bacharelado em Física e Engenharia Elétrica no MIT e Ph.D. em Física, pela Brown University -ainda que o próprio Landis tenha brincado, no conto *True Confessions* (Analog, aug. 1989), afirmando que todo esse currículo seria um belo embuste. Colaborador freqüente da Analog, o baluarte da FC Hard, em revista, sua carreira se projetou quando vendeu seus primeiros contos para Asimov's. A versão brasileira da revista publicou oito contos de sua autoria, incluindo dois premiados: "Ondulações do Mar de Dirac" (IAM n-5), vencedor do Nebula em 1989, também escolhido pelos leitores brasileiros como o melhor conto visto na revista em seu primeiro ano de publicação; e "Um Passeio no Sol" (IAM n-21), ganhador do Hugo 1992. Restrito à atuação como contista, Landis vem se fixando como autor de prestígio. Seus trabalhos têm prosa elegante e precisa, com certo tom reminescente do ambiente cultural dos anos sessenta, por ele muito bem explorado no conto premiado com o Nebula.

Harry Turtledove - Autor constante na área de atuação que escolheu: as histórias de realidade alternativa. Turtledove possui formação de historiador e um Ph. D. em História Bizantina - fartamente explorada na série do "Agente de Bizâncio" e na série de fantasia "Videssos Cycle", que escrevia com o nome de Eric G. Iverson, pseudônimo que abandonou em 1985. Em revistas publicou uma série que redundou no apreciado romance *A Different Flesh* - e a de Basil Argyros, o *Agente de Bizâncio*, cujas aventuras chegaram ao Brasil através da coleção portuguesa Argonauta. Alguns romances de sua autoria são : *Noninterference*,

Kaleidoscope, A World of Different e o recente Guns of the South (1993).

Sua ficção alternativa curta está na coletânea Departures (1993), saída das páginas de revistas como Analog, Asimov's e F&SF, juntos às quais Turtledove é muito ativo. Ele também colaborou com L. Sprague de Camp, dando seqüência a The Wheels of If clássico romance de Terra alternativa assinada por de Camp - que aliás, tem um dedo na escolha de Turtledove pela carreira de historiador (seu romance Lest Darkness Fall "contaminara" Turtledove). Para este, o artifício das realidades alternativas constituem "experiências mentais que abrem canais para a investigação da natureza humana e do processo histórico". Scott Winnet, resenhador da Locus, considera Turtledove como "um dos melhores exploradores de histórias alternativas já surgidos", mas limitações narrativas - estilo truncado, diálogos artificiais e dependência a efeitos anedóticos - aparentemente reduzem sua importância no gênero. O próprio nicho por ele ocupado talvez seja fator mais determinante dessa redução, já que as histórias de realidade alternativa ainda são um tanto marginais em relação ao mainstream da FC americana hoje. The Girl Who Took Lessons, conto do autor visto originalmente na Playboy, foi reproduzido na versão brasileira da revista em 1989.

Howard Waldrop - Outro autor com interesses em História, mas com muito mais prestígio, Waldrop também iniciou sua carreira em 1969 e tem se dedicado basicamente à ficção curta. Seus trabalhos, de excepcional originalidade, tem aparecido em revistas como Analog, Asimov's, Omni, Playboy, que merecem ser lidas. Sua noveleta The Ugly Chickens ganhou o Nebula e o World Fantasy Award em 1981, e ele é freqüentemente finalista dos principais prêmios, sendo que talvez seus enfoques estranhos, audaciosos e bizarros o tenham afastado de novas vitórias e maior popularidade.

Por isso mesmo é favorito das small-press (pequenas editoras fora das grandes corridas comerciais) americana e inglesa. Strange Things in Close Up (1989) reúne dois volumes anteriores de histórias: Howard Who? (1986) e All About Strange Monsters from the Recent Past (1987), mas Night of the Cooters é uma coletânea mais recente (1991) e festejada. Seu romance curto A Dozen Tough Jobs (1989) reconta os trabalhos de Hércules ambientados no Sul rascista dos Estados Unidos, por volta de 1926. Waldrop é econômico, tem uma voz própria, grande erudição e apresenta recorrências da cultura pop; fatores que se combinam em histórias onde tudo pode acontecer.

Enquanto Edward Bryant defende que Waldrop deveria estar nas "páginas mais prestigiosas do mundo literário". Tom Whitmore, também da Locus, não acredita que - conforme defendeu o premiado autor e editor

George R. R. Martin - a FC nunca tenha produzido ninguém como Waldrop

antes, mas o compara a Stanley G. Weinbaum. A comparação pode não dizer muito ao leitor brasileiro, mas Weinbaum é tido nos EUA como um gênio que a FC perdeu cedo demais (morreu aos 35 anos). Do nosso conhecimento, não há nada publicado em português, exceto o crédito pelos roteiros de duas histórias da HQ: Cartas Selvagens (Globo, 1992) -versão em quadrinhos da bem sucedida série de antologias round-robin (onde um autor continua de onde o outro parou) organizada por George Martin, Wild Cards, e cuja primeira história, aliás, foi escrita por Waldrop.

Jack Dann - Dann editou, junto com a esposa, *In the Fields of Fire*, antologia de contos sobre a Guerra do Vietnã que foi finalista do World Fantasy Award. Como autor, escreveu mais de 60 histórias, e algumas colaborações com Gardner Dozois e Jack C. Haldeman III. Com este último: *High Steel* e *Echoes of Thunder* (1991), romance e novela. Esta apresentando temática envolvendo índios americanos, uma moderna recorrência temática da FC do EUA. Histórias solo vistas na Asimov's testemunham um estilo polido e uma perspectiva muito literária de situações marcadas por angústias familiares e crises depressivas, em contos fantásticos, onde a realidade é quebrada por um desvio surreal, ou puramente mainstream com um elemento fantástico bem circunstancial. Imagens marinhas e judaísmo são recorrências. Nada antes publicado no Brasil.

James Tiptree Jr. - O nome curioso é pseudônimo da doutora Alice B. Sheldon, que estabeleceu notável reputação nos anos 70 com histórias como *The Girl Who Was Plugged In* (Hugo, 1974) *Love is the Plan, the Plan is Death* (Nebula, 1974) e *Houston, Houston, do You Read?* (Hugo e Nebula, 1977).

Usando outro pseudônimo, *Raccoona Sheldon* (de *raccon*, uma espécie de guaxinim) venceu o Nebula em 1978 com *The Screwfly Solution*. Seus trabalhos longos também mereceram atenção, e um deles *O Brilho Escorre do Ar*, saiu recentemente pela coleção *Limites*, de Portugal.

Alice Sheldon era casada com um oficial reformado da Força Aérea Americana, com o qual trabalhara durante a 2- Grande Guerra. Juntos ajudaram a montar a seção de fotografia aérea da CIA, após a Guerra. Mais tarde tomou-se uma psicóloga-experimental. Em 1987, deprimida com a doença terminal do marido, suicidou-se após matá-lo com um tiro. O fato causou comoção no mundo da FC. Desde então seus herdeiros vêm liberando material inédito, parte dele reunido em *Crown of Stars* (1989). A noveleta póstuma "A Terra Age Tal Qual uma Serpente Renascida" apareceu na IAM n- 10. Assinado originalmente por *Roccoona Sheldon*, a história foi publicada com o crédito de James Tiptree Jr. Há poucos anos foi criado nos Estados Unidos um prêmio com o nome do seu pseudônimo mais famoso, dedicado a reconhecer os melhores trabalhos de FC ou Fantasia que expandam ou discutam o papel dos sexos hoje e no futuro.

L. Sprague de Camp - Nascido em 1907, de Camp é um veterano da Golden Age. Seu conto de estréia, *The Isolinguals* (1937), já revelava seu interesse por temas históricos. Escreveu muita Fantasia do tipo "espada-e-feitiçaria" e foi um dos responsáveis pelo ressurgimento de Conan, de Robert E. Howard (vários números da revista em quadrinhos *A Espada Selvagem de Conan*, da Abril, trouxeram adaptações de histórias de Camp com o personagem).

Em 1949, após um recesso iniciado com a 2ª Guerra, reaparece com *The Animal Cracker Point*, que inicia a série "Viagens Interplanetárias", onde o Brasil se torna potência espacial no futuro (De Camp visitou o Brasil algumas vezes). Cultivou produtivas colaborações com Peter Schuyler Miller, Horace L. Gold e Fletcher Platt. Mais recentemente, uma colaboração constante tem sido a esposa Catherine Crook de Camp, em romances como *The Pixillated Peeress* (1991). Sozinho, de Camp escreveu o humorístico *The Venom Trees of Sunga* (1992), mas seus trabalhos atuais não têm recebido grande atenção dos críticos. Como ensaísta, de Camp é um pensador incisivo e coerente. Algumas noções básicas de seu pensamento: a concepção de que nenhum processo revolucionário deixa de trazer duras conseqüências, e uma visão que tenta explicar o homem à luz de uma espécie de sociologia que busca raízes do comportamento humano na vida de animais e primatas.

Um ponto de referência é o seu premiado ensaio *The Ape-Man Within Us* (Analog, jun. 1989). Na área acadêmica, possui *H.P. Lovecraft* (1975), considerado pelo pesquisador Sam Moskowitz como o melhor livro sobre Lovecraft; *Literary Swordsmen and Sorceres: The Makers of Heroic Fantasy* (1976) e *Dark Valley Destiny: The Life of Robert E. Howard* (1983). Arqueólogo amador, de Camp tem desenvolvido uma série de histórias sobre viagens no tempo e safaris pré-históricos que vêm aparecendo na *Asimov's*. Seus romances *Lest Darkness Fall* (1939) e *Rogue Queen* (1951) são considerados clássicos da FC.

Sharon N. Farber - sua primeira história publicada foi *Born Again*, na *Asimov's* de maio-junho de 1978, o segundo ano de publicação da revista, então editada por George Scithers. A crítica recente da FC nos Estado Unidos pouco trata de Farber, mas sua noveleta *O Último Cavalo-Trovão ao Oeste do Mississipi* foi história de capa da *Asimov's* (nov. 1988), com sua coleção de tipos incomuns: uma índia versada em grego, cowboys especialistas em demolição e paleontólogos desastrados. Encontrando um apatossauro vivo no velho-oeste. A história é colorida, bem-humorada, escrita com precisão no modo de um folhetim de passo rápido e situações cinematográficas, fazendo assim, uma denúncia perceptível contra a competição entre cientistas.

Steve Rasnic Tem - Autor de dark fantasy publicado regularmente e com boa resposta da crítica especializada, às vezes realiza colaborações com Melanie

Tem, que também possui carreira própria no mesmo campo, obtendo inclusive maior atenção crítica. Alguns dos trabalhos dos dois - em conjunto ou em separado - tem aparecido pela Roadkill Press em forma de opúsculo e com ilustrações e acabamento especial. Exemplos são: Daddy's Side (Melaine, 1991), Beautiful Strangers (ambos, 1992), Fairy-tales (Steve, 1990). O seu Decoded Mirrors: Tree Tales After Lovecraft (1992), tenta, em três histórias, uma homenagem a H.P. Lovecraft, atualizando a temática e se aproximando do estilo desse cult master do horror moderno. Histórias em colaboração do casal têm aparecido na Asimov's e na revista SF Internacional.

Steven Utley - publicou a história Time and Hagakure na quarta edição da Asimov's em 1977, sendo esta uma história de viagem no tempo. Doze anos mais tarde ele reaparece nas páginas da revista com My Wife (fev. 1989), publicada na IAM brasileira (nº 3). Na Asimov's de junho do mesmo ano retoma o tema das viagens no tempo com The Tall Grass - O Matagal, na IAM nº 1 - mostrando um crononauta acidentado no Período Devoniano, em um conto bem narrado, onde o autor manipula bem a dimensão psicológica do protagonista. Utley colaborou em algumas histórias com Howard Waldrop, todas reunidas na coletânea Custers Last Jump & Others Collaborations.

Tim Sullivan - Outro autor também com material publicado na IAM - a noveleta O Pai do Homem nº 9 - Sullivan mostrou ser um autor de idéias originais mas com um desenvolvimento algo deficitário. Não obstante, tem se mantido em intensa atividade: Destinys End (1988) e The Parasite War (1989), um romance de alienígenas invasores, são alguns de seus trabalhos. Editou as antologias temáticas de horror Tropical Chills (1989) e Cold Shocks (1991), participando da segunda com a história Snowhanks. Como deixam claros os títulos, calor e frio polarizam suas histórias. Sullivan também está envolvido com roteiros para cinema.

Roberto S. Causo
Silvio Alexandre

Mikropœdia Scientiæ

A Era dos Dinossauros

Localizar os dinossauros no tempo não é uma tarefa simples para nossa intuição. É óbvio que sempre podemos apelar para nomes e números, falando em "Jurássico" ou em "milhões de anos". Esses termos, porém, estão longe de tudo aquilo que nos é familiar. Não dá pra "sentir" o quão longe eles estão de nós.

Olhar para um passado muito remoto nos induz a cometer erros de perspectiva, misturando num mesmo cenário seres que estão, na verdade, separados por eras. O erro mais crasso (e o mais comum) é o cometido no cinema e nas histórias em quadrinhos, mostrando homens das cavernas lutando ou sendo devorados por dinossauros. E esse erro é tão comum, que existem muitas pessoas que nem se espantam mais, considerando essa mistura ridícula como um fato científico.

Essas mesmas pessoas morreriam de rir com um filme onde se mostrasse, por exemplo, Júlio César com Hitler. No entanto, o erro cometido nesse filme seria 30 mil vezes menor que o de um homem das cavernas lutando com um tiranossauro!

Pelo menos 60 milhões de anos separam o último dinossauro do primeiro ser que, mesmo vagamente, merecesse o nome de "homem".

Para "sentir" esses períodos de tempo tão vastos, temos que cair na já batida (mas sempre útil) analogia do calendário.

Embora haja indícios de que a vida tenha surgido na Terra há pelo menos uns 3 bilhões de anos (outra vez um número difícil de aprender!), as primeiras evidências de registros fósseis remontam a uns 750 milhões de anos.

Podemos, então, montar um "ano geológico" comparando um dia do calendário com 2 milhões de anos reais. Imaginemos um ano em que os primeiros animais marinhos pluricelulares aparecem no início de janeiro (Pré-Cambriano). Na primeira semana de março surgem os primeiros cordados e, a seguir, os peixes (Cambriano).

No final de maio, as plantas vasculares começam a conquistar a terra firme, preparando o ambiente para que os vertebrados saiam do mar.

E, realmente, no fim de junho, começo de julho, os anfíbios começam a rastejar pelos pântanos do Devoniano.

Quase 400 milhões de anos já se passaram desde o começo de nosso "ano" e, somente agora, é que vemos os primeiros animais vertebrados saírem da água para a terra firme.

A água, porém, deve estar sempre por perto, pois é nela que se desenvolvem os ovos e os girinos dos anfíbios.

Uma mudança dramática ocorreu, porém, a seguir, quando a evolução descobriu a casca do ovo! Agora já estamos no fim de julho e sobre a Terra vemos vertebrados que não mais precisam voltar à água para se reproduzir: os primeiros répteis. Faltam, porém, muitos milhões de anos para que cheguemos aos dinossauros.

Durante o mês de agosto os répteis dominantes são os Pelicossauros e, já no fim desse "mês", algo de estranho acontece e há uma dramática extinção de muitas formas de vida marinha.

Outro tipo de réptil se torna dominante. Os Terapsídeos, dos quais descendem os primeiros mamíferos, dominam incontestes no começo de setembro (Triássico).

Em meados de setembro surgem os mamíferos, com consideráveis aperfeiçoamentos em relação aos répteis. Têm tudo para se tornar a forma de animais vertebrados dominante. À beira de uma explosão demográfica e ampla diversificação, a evolução dos mamíferos sofre um duro golpe!

De outro ramo de répteis surgem animais mais velozes, mais eficientes e muito mais bem adaptados ao meio ambiente: os dinossauros!

Termina setembro e começa o Jurássico, período em que os mamíferos sobreviventes a uma quase extinção provocada pelos dinossauros, são obrigados a assumir hábitos noturnos e a forma de ratazanas que se escondem o tempo todo.

Os dinossauros ocupam quase todos os nichos ecológicos disponíveis: há os carnívoros, os herbívoros, os gigantescos, os minúsculos...

Muitos são rápidos, de sangue quente, e alguns têm um volume de cérebro bastante promissor. Já no mês de outubro, em pleno Cretáceo, os dinossauros conhecem seu auge. Falta muito pouco para que alguns tipos, bípedes de cérebro desenvolvido e garras parecidas com mãos, comecem a usar pedras e paus como ferramentas, iniciando uma lenta caminhada rumo à inteligência e à consciência.

Os mamíferos, em contrapartida, jamais terão essa chance, esmagados que estão pelos ferozes e eficientes dinossauros.

Finalmente, porém, em meados de novembro, a grande catástrofe! O que ocorreu? Várias hipóteses: as plantas descobriram as flores (angiospermas) e revolucionaram toda a ecologia; um meteorito gigantesco acertou a península de Yucatan, no México, e levantou uma nuvem de poeira tão grande que criou um inverno de vários anos; ou esse mesmo meteorito acertou num depósito de calcário, colocando tanto gás carbônico na atmosfera que o efeito estufa se acentuou de forma abrupta.

Qual foi a causa? Talvez todas essas coisas tenham acontecido, talvez não. O

que importa é que todos os animais terrestres de porte maior que uns 8 quilos, ao chegar ao fim do Cretáceo, se extinguiram!

Somente um ramo de pequenos dinossauros emplumados sobrevivem: as aves.

Os mamíferos, obrigados a não ultrapassar o porte de uma ratazana pela pressão dos dinossauros, não só sobreviveram, com encontraram um mundo inteiro à sua disposição.

Os nichos ecológicos foram preenchidos pelos mamíferos e o mês de dezembro já nos mostra um mundo completamente diferente. Diferente na vegetação, no clima e na fauna.

Já existem primatas nas árvores, manadas nas pradarias e carnívoros ocupando, timidamente, o papel que outrora coube ao majestoso tiranossauro. Os rinocerontes imitam, sem conseguir, os gigantes tricerátops e as matilhas de lobos redescobrem as técnicas de caça dos velociraptores.

Alguns desses mamíferos, nossos ancestrais, redescobrem a utilidade da inteligência e criam seus filhotes por períodos cada vez mais longos.

No último dia de dezembro já sabem acender o fogo e andam eretos.

Na tarde desse dia já se comunicam com eficiência e, na última hora do dia 31 de dezembro, já estão usando linguagem simbólica. Na última meia hora do último dia de nosso "ano", já assumiram as características do homem moderno.

No último minuto, inventam a escrita e começam a escrever histórias sobre os maravilhosos e assustadores seres que povoaram a Terra há muito, muito tempo atrás.

Pierluigi Piazzi

